

**"A principal riqueza que dali vem":
os têxteis bordados indianos em Portugal nos séculos XVI e XVII**

Inês de Castro Cristóvão

Dissertação Mestrado em História da Arte

Outubro, 2017

Versão corrigida e melhorada após defesa pública

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de
Mestre em História da Arte da Idade Moderna, realizada sob a orientação científica da
Doutora Jessica Hallett e do Professor Doutor Rafael Moreira.

Aos meus avós.

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação de mestrado resultou de um moroso e atribulado percurso, de muitos obstáculos, que coincidiu com um dos mais desafiantes e exigentes períodos da minha vida pessoal e profissional. Ao longo dos últimos anos, contei com o apoio e o contributo de várias pessoas e instituições, às quais gostaria de expressar um profundo agradecimento.

À Doutora Jessica Hallett, pelo apoio e disponibilidade, pela confiança depositada em mim desde que iniciei a aventura da investigação no CHAM (FCSH/NOVA e Uac), ainda licencianda. Obrigada pelo seu imenso contributo para o meu crescimento enquanto jovem investigadora.

Ao meu co-orientador, Professor Doutor Rafael Moreira, por ter prontamente aceiteado este desafio e generosamente partilhado o seu imenso saber. Pela sua paciência perante os necessários adiamentos e os momentos de silêncio.

À Arquitecta Teresa Pacheco Pereira, conservadora de têxteis do Museu Nacional de Arte Antiga aquando o início da presente dissertação, por apoiar o meu trabalho nos últimos anos e por ter tantas vezes possibilitado o acesso à colecção de bordados indianos conservada no MNAA. Este trabalho teria sido impossível sem a sua preciosa colaboração e partilha de conhecimentos.

Deixo também palavras de agradecimento aos conservadores Dr. Pedro Ferrão (Museu Nacional Machado de Castro), Dra. Paula Lino (Museu de Artes Decorativas Portuguesas da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva), Dra. Manuela Santana (Palácio Nacional da Ajuda), Dra. Maria Mayer (Casa-Museu Medeiros e Almeida) e Dr. Maria Cristina Gonçalves (Museu Condes de Castro Guimarães), por terem possibilitado o estudo das colchas indianas e portuguesas conservadas nas colecções têxteis das referidas instituições.

Os resultados alcançados nesta dissertação não teriam sido possíveis sem o contributo do Laboratório HERCULES, da Universidade de Évora, e do Laboratório José de Figueiredo, tutelado pela Direcção Geral do Património Cultural, na pessoa da Doutra Ana Claro, que prontamente se disponibilizou para recolher e analisar, no

âmbito do seu Pós-Doutoramento, as amostras necessárias ao estudo do *corpus* material e possibilitou a divulgação do presente trabalho no estrangeiro.

Ao Professor Doutor Vítor Serrão, com quem tenho o enorme privilégio de trabalhar diariamente no ARTIS – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, por toda a amabilidade, compreensão e apoio demonstrados. Um profundo agradecimento por ter criado as condições necessárias ao encerramento deste projecto.

A Patrícia Milhanas Machado, companheira de trabalho nas reservas do MNAA, por toda a disponibilidade. Pelas subidas e descidas nos frágeis bancos de madeira e pela força braçal no lado oposto dos tubos. O seu sorriso, força e boa disposição foram indispensáveis. À Sónia Brochado, pelo apoio na sua ausência.

Aos meus colegas do CHAM, Ana Serrano, Joana Torres, Raquel Prazeres, Manuel Apóstolo e Raquel Santos, pelo optimismo, pelos sorrisos e pelas gargalhadas.

Aos meus “boys”, André Saraiva, Nuno Malfeito, Tiago Sérgio e Ivo Malfeito, pelos puxões de orelhas e pela amizade de muitos anos.

Um agradecimento muito especial a Catarina Santana Simões, pelo apoio constante em todos os momentos e por nunca ter largado a minha mão.

Ao João, pela presença nos momentos de desânimo e doença. Obrigada pela compreensão e pela força.

Ao Pedro, que tardou a chegar, mas que trouxe o Mundo com ele.

Finalmente, às pessoas sem as quais este projecto teria sido impossível: aos meus avós e aos meus pais, que tudo fizeram para que esta e outras conquistas fossem possíveis. Um sincero pedido de desculpas por nem sempre ter conseguido estar presente quando mais precisaram de mim. Agradeço-vos profundamente o amor incondicional e os valores transmitidos, que tantas vezes me deram força.

**"A principal riqueza que dali vem":
os têxteis bordados indianos em Portugal nos séculos XVI e XVII**

Inês de Castro Cristóvão

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Índia, Europa, Têxteis bordados, Produção, Consumo.

Desde o período em que ocorreram os primeiros contactos entre Portugal e a Ásia, que os têxteis bordados chegaram em quantidades significativas aos portos portugueses, com destino a Portugal e à Europa. Estes objectos foram alvo de maior interesse a partir do século XVII, tendo adquirido uma crescente preeminência no quotidiano português.

Este entusiasmo não só encorajou a chegada de um vasta diversidade de tipologias, no que diz respeito à origem, estilo e técnica, mas também inspirou novos produtos portugueses ao “estilo da Índia”, os quais até agora têm recebido reduzida atenção. A distinção entre estes dois tipos de produções – indianas e portuguesas – é uma tarefa bastante difícil devido à circulação fluida de matérias-primas e corantes, modelos artísticos, conhecimentos técnicos, e até de artesãos, entre estas diversas regiões do globo.

A presente dissertação adopta uma abordagem interdisciplinar, confrontando fontes históricas com evidências técnicas e materiais nunca antes consideradas. Um levantamento exaustivo das técnicas de produção permitir-nos-á identificar e caracterizar novos grupos de objectos, clarificando, deste modo, a complexa realidade da manufactura destes têxteis, o que inclui os métodos e organização do trabalho dos bordadores, bem como características técnicas que se podem relacionar com diferentes centros de produção. Com esta informação, será possível questionar e clarificar a sua proveniência, produção e consumo.

ABSTRACT

KEYWORDS: India, Europe, Embroidery textiles, Production, Consumption.

From the time of the first contacts between Portugal and Asia, embroidered textiles arrived in significant quantities in the Portuguese ports, destined for Portugal and Europe. Interest in these objects increased dramatically in the 17th century and they came to gain increasing prominence in Portuguese daily life.

This enthusiasm not only encouraged the arrival of a wide range of types, in terms of origin, style and technique, but also inspired new Portuguese products in the

“style of India”, which have received little attention until now. Distinguishing these two types of production – India and Portugal – is a very difficult task owing to the fluid circulation of raw materials, diverse dyestuffs, artistic models, technical knowledge, and even artisans, between these vastly disparate regions of the globe.

This dissertation takes an interdisciplinary approach that confronts historical sources with new technical and material evidence never considered before. An exhaustive survey of manufacturing techniques will allow us to identify and characterize new groups of objects, and thus clarify the complex reality of the manufacture of these textiles, including the methods and organization of the embroiderers’ work and technical characteristics that can be related to different production centres. With this information it will be possible to question and clarify their provenance, production and consumption.

ÍNDICE

Introdução	1
1. Os têxteis indianos no contexto da Expansão Portuguesa: produção e circulação	4
2. Os têxteis bordados indianos em Portugal. Problemáticas e metodologias	12
2. 1. Estado da Arte	13
2. 2. Problemáticas no estudo	24
2. 2. 1. Historiografia	26
2. 2. 2. Iconografia	33
2. 2. 3. Ciências Exactas	37
2. 2. 4. Técnicas de produção	39
2. 3. Abordagem proposta	40
3. O corpus material	44
3. 1. Enquadramento, selecção e identificação	44
3. 2. Abordagem e resultados	50
3. 2. 1. Identificação e iconografia	52
3. 2. 2. Suporte	53
3. 2. 3. Bordado	57
3. 2. 4. Corantes e Fibras	63
4. Novas perspectivas para o estudo dos têxteis bordados indianos	65
4. 1. Grupos de objectos: origem, produção e datação	64
4. 1. 1. Grupo A	65
4. 1. 2. Grupo B	68
4. 1. 3. Grupo C	74
4. 2. Consumo	76
4. 2. 1. As matérias-primas	80
4. 2. 2. As colchas	85
Conclusão	98
Bibliografia	101
Anexo A: Referências documentais	111

Anexo B: Fichas Técnicas	114
Anexo C: Resultados obtidos (resumo)	326
Anexo D: Resultados obtidos (análise a fibras e corantes)	332
Anexo E: Resultados obtidos (análise microscópica a fibras)	347

LISTA DE ABREVIATURAS

ACA - Arquivo dos Condes de Alcáçovas

Adq. – Adquiridos.

AHCB - Arquivo Histórico da Casa de Bragança

AMVV - Arquivo da Misericórdia de Vila Viçosa

ANTT - Arquivo Nacional da Torre do Tombo

BDMII – Biblioteca D. Manuel II

BNP - Biblioteca Nacional de Portugal

CC - Corpo Cronológico

CHAM – Centro de Humanidades, FCSH/NOVA e UAc

CJ - Cartório dos Jesuítas

CP - Casa de Povolide

DA - Documentos Antigos

FF - Feitos Findos

FMA - Fundação Medeiros e Almeida

FRESS - Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva

IPM - Inventários *post mortem*

MCCG - Museu Condes de Castro Guimarães

MNAA - Museu Nacional de Arte Antiga

MNMC - Museu Nacional Machado de Castro

Ms. – Manuscritos

PNA - Palácio Nacional da Ajuda

Res. – Reservados

VB - Viscondes de Botelho

INTRODUÇÃO

Na mesma Sofala fazem agora novamente grande soma de algodão e tecem-no, de que se fazem muitos panos brancos, e, porque não sabem tingir ou por não terem tinta, tomam panos azuis ou de outras cores de Cambaia, e desfiam-nos e tornam-nos a juntar, de maneira que fazem um novelo e com este fiado e com outro branco do seu, fazem muitos panos pintados, e deles hão muita soma de ouro”¹.

A observação de Duarte Barbosa a propósito da produção têxtil na região de Sofala, em Moçambique, espelha com grande precisão aquilo que é o maior desafio no estudo da produção e circulação têxtil asiática no contexto da presença portuguesa na Ásia durante os séculos XVI e XVII.

Se por um lado as inúmeras referências documentais a produções e a objetos têxteis asiáticos, antes e após a chegada dos portugueses à Ásia, têm possibilitado aos historiadores caracterizar, de modo geral, os diferentes centros produtores existentes à época, identificar os objetos neles produzidos e compreender os trâmites gerais em que as manufaturas operaram, por outro lado, apresentam algumas condicionantes ao estudo que exigem aos investigadores a procura de novas abordagens ao tema.

Parte do problema decorre, como bem espelha a citação referida, não apenas, do facto dos têxteis, pelas suas características materiais, serem mais susceptíveis de circulação, reprodução ou readaptação, como também, do complexo panorama em que se inscrevem estas produções durante as duas centúrias, fortemente marcado pela dinâmica circulação de objetos, mas sobretudo, de artífices e de matérias-primas (em bruto ou já processadas), muitas vezes integrados em produções no Reino.

O problema adensa-se quando, por questões de gosto decorrentes da integração dos bordados indianos no quotidiano do Reino, os objetos portugueses passaram a assumir algumas das suas características técnicas e estéticas - não raras

¹ Cf. Barbosa, Duarte. 1946. *Livro em que dá relação do que viu e ouviu no Oriente*, ed. Augusto Reis Machado. Lisboa: Agência Geral das Colónias, p. 18.

vezes, pelas mãos de artífices asiáticos - que, em conjunto com a utilização das matérias-primas asiáticas disponíveis no mercado, tornam complexa a sua distinção.

Deste modo, o estudo dos bordados indianos destinados ao mercado português e o seu consumo no Reino requer uma abordagem ampla e interdisciplinar, que atenda simultaneamente às produções habitualmente identificadas como indiana e portuguesa. Apesar dos importantes avanços da investigação nos últimos anos, subsistem ainda dúvidas no que respeita à identificação da origem de alguns bordados que chegaram aos nossos dias, em parte, por ainda não terem sido totalmente identificadas e caracterizadas as diferentes soluções produtivas.

Para o efeito, procuraremos verificar se uma nova abordagem de investigação, caracterizada pela sua interdisciplinaridade - assente, simultaneamente, numa análise documental, técnica e científica de um *corpus* material de objetos bordados classificados como indianos e portugueses -, poderá contribuir com mais informações para o conhecimento da produção destes bordados, nomeadamente, corroborar ou não a possibilidade de identificação de métodos produtivos específicos que possam caracterizar e distinguir as produções portuguesa e indiana, e seus regionalismos.

Deste modo, no primeiro capítulo, faremos uma breve contextualização histórica acerca do papel do comércio têxtil no contexto da presença portuguesa na Ásia, dando a conhecer os trâmites gerais da produção dos bordados indianos – uma das tipologias mais apreciadas e valorizadas durante os séculos XVI e XVII - e a sua recepção no Reino. Tendo: a) a investigação histórica acerca desta realidade conhecido especial desenvolvimento nos últimos anos, constituindo a metodologia dominante acerca do tema; b) sido publicado em 2016 um novo estudo histórico deveras aprofundado; c) a abordagem por nós adoptada assumir uma perspectiva interdisciplinar, atendendo a outras questões ainda por sistematizar, assumimos esta contextualização tão-somente como um breve texto introdutório à discussão, estando portanto ausentes questões que, embora importantes, foram já amplamente analisadas.

No segundo capítulo, discutiremos as diversas abordagens metodológicas ao tema que possibilitaram alcançar, do século XIX à atualidade, conhecimentos acerca da produção dos bordados indianos destinados ao mercado português, definindo assim o

estado da arte. Dadas as dificuldades no seu estudo, pareceu-nos importante identificar e discutir as limitações que resultam da aplicação das referidas abordagens – ou das disciplinas nas quais se inscrevem. Iremos, sobretudo, colocá-las em perspectiva de modo a averiguar a possibilidade de devolver e construir novas vias de investigação.

No terceiro capítulo, apresentaremos o *corpus* material, identificaremos os diferentes tipos e níveis de informação técnica e científica analisados e discutiremos de que forma estes poderão ajudar na procura de novas respostas. Apresentaremos os resultados gerais obtidos da análise técnica e científica (química e microscópica).

No quarto capítulo, apresentaremos os vários grupos e subgrupos constituídos com base na abordagem adoptada, respectivos às produções portuguesa e indiana. Voltaremos a olhar para a documentação coeva adoptando a mesma abordagem de análise, por forma a averiguar se esta espelha os resultados obtidos na análise técnico-científica.

Por fim, serão apresentados em anexo o resumo dos resultados obtidos (em tabela), as fichas técnicas relativas a todos os objetos que compõem o *corpus* material - onde constam os dados recolhidos em bruto, para que possam apoiar eventuais estudos futuros – e os resultados detalhados obtidos nas análises.

1. Os têxteis indianos no contexto da Expansão Portuguesa: produção e circulação

“(...) Saem tambem de Portugal as alcatifas de persia, & colchas lauradas de admirauel obra de Bengala & de canequij. (...) Daqui mesmo se leuão as riquissimas teas de seda de diferentes cores & feições da China, & os mais excellentes panos de Bengalas, canequijs, caças, bofetaas, & de outros infindos nomes. Daquios ricos leitos, catles, mesas cadeiras, & scriptorios dourados da mesma China, & os ricos cobertores de sedas broslados sotilissimamete de ouro, & prata de espãtoso lauor, & quantas delicias se podem imaginar.” – Duarte Nunes Leão².

A chegada da pequena armada de Vasco de Gama a Calecute, a 20 de Maio de 1498, trezentos e doze dias após zarpar de Lisboa, confirmou o sucesso das viagens de exploração ultramarina³ e representou um ponto de viragem na história portuguesa. Daí em diante, o panorama comercial e as relações internacionais estabelecidas iriam sofrer transformações significativas, tendo repercussões nos mais variados domínios, não apenas na esfera social, política e económica, mas igualmente nas expressões culturais e artísticas.

² Leão, Duarte Nunes. 1610. *Descrição do Reino de Portugal*. Lisboa: Iorge Rodriguez, p. 40. <http://purl.pt/12393>

³ Sobre a política expansionista no século XV, destacamos: Thomaz, Luís Filipe. 1994. “A evolução da política expansionista portuguesa na primeira metade de Quatrocentos.” In *De Ceuta a Timor*, 43-147. Lisboa: Difel. Lisboa: Difel.; Thomaz, Luís Filipe. 1994. “O projecto imperial joanino.” In *De Ceuta a Timor*, 149-167. Lisboa: Difel.; Mattoso, José. 1998. “Antecedentes medievais da Expansão Portuguesa.” In *História da Expansão Portuguesa - A Formação do Império (1415-1570)*, editado por Francisco Bethencourt e Kirti N. Chaudhuri, 12-25. Navarra, Espanha: Circulo de Leitores.; Alegria, Maria Ferranda, et alli. “Cartografia e viagens.” In *História da Expansão Portuguesa - A Formação do Império (1415-1570)*, editado por Francisco Bethencourt e Kirti N. Chaudhuri, 26-61. Navarra, Espanha: Circulo de Leitores.; Domingues, Francisco Contente. 1998. “A prática de navegar. Da exploração do Atlântico à demanda do Oriente: caravelas, naus e galeões nas navegações portuguesas.” In *História da Expansão Portuguesa - A Formação do Império (1415-1570)*, editado por Francisco Bethencourt e Kirti N. Chaudhuri, 63-87. Navarra, Espanha: Circulo de Leitores.; Costa, João Paulo Oliveira e. 2007. *D. Manuel I, um príncipe do Renascimento*, Lisboa: Temas & Debates.; Costa, João Paulo Oliveira e. 2009. *Henrique, o Infante*. Lisboa: Esfera dos Livros.; Costa, João Paulo Oliveira e. 2010. “A fundação do Estado da Índia e os desafios europeus de D. Manuel I” In *O Estado da Índia e os Desafios Europeus. Actas do XII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*, editado por João Paulo Oliveira e Costa e Vitor Luís Gaspar Rodrigues, 39-49. Lisboa: CHAM, CEPCEP.

Na Ásia, os portugueses foram confrontados com uma realidade comercial dinâmica que, de resto, não lhes era desconhecida. Havia séculos que a Europa estava ligada a este Continente e a África através de viagens de exploração e rotas comerciais, terrestres e marítimas, que possibilitaram a circulação de pessoas, ideias, religiões e objectos. A partir do século XIV, e até finais do século XV, participaram deste panorama cultural Portugal, Espanha, Itália, Alemanha e França, abrangendo também o Mediterrâneo e Império Otomano⁴.

Da Índia, especialmente via Veneza, chegavam os mais variados produtos, exóticos⁵ e de luxo, altamente valorizados no Velho Continente, que estiveram, em parte, na base do interesse comercial que, entre outros, marcou a política expansionista portuguesa e europeia⁶. Todavia, apesar da sua comercialização na Europa antes da abertura do caminho marítimo para a Índia, existia ainda um desconhecimento generalizado acerca do local exato de origem dos bens - inclusive, dos mais apreciados, tais como a seda, as especiarias e as pedras preciosas – e da sua localização geográfica no Oceano Índico, o que de resto persistiu até ao final do século XV⁷.

A realidade comercial no Índico era complexa e englobava inúmeros mercados, de variada dimensão, do interior às zonas costeiras. Envolvia regiões como a África Oriental, a Índia, o Golfo Pérsico e a Ásia do Sudoeste, e dela participavam as mais variadas comunidades extra europeias⁸. Como tal, os primeiros anos da presença portuguesa nesta região contou com alguns obstáculos que, por motivos práticos e

⁴ Cf. Cattaneo, Angelo. 2009. "Veneza, Florença e Lisboa. Rotas comerciais e redes de conhecimento, 1300-1550." In *Encompassing the Globe. Portugal e o Mundo nos Séculos XVI e XVII*, cat. exp., 15-30. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga.

⁵ Sobre o conceito de exótico, ver: Simões, Catarina Santana. 2012. "Para uma análise do conceito de "exótico". O Interesse Japonês na Cultura Europeia (1549-1598).", Tese de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

⁶ Costa, João Paulo Oliveira e Lacerda, Teresa. 2007. *A Interculturalidade na Expansão Portuguesa (Séculos XV-XVIII)*. Lisboa: Alto Comissariado para a Emigração e as Minorias Étnicas, p. 44.

⁷ Cf. Subrahmanyam, Sanjay. 2017. *Europe's India: words, people, empires, 1500-1800*. England: Harvard University Press., p. 17.

⁸ Cf. Subrahmanyam, Sanjay. 1995. "Of Imarat and Tijarat: Asian Merchants and State Power in the Western Indian Ocean, 1400 to 1750." *Comparative Studies in Society and History* 37, no. 4: 750-80. <http://www.jstor.org/stable/179208>.

intelectuais - saliente-se o desconhecimento generalizado das línguas locais⁹ - dificultaram a sua participação no já bem desenvolvido comércio asiático¹⁰.

Entre os primeiros bens comercializados pelos portugueses, os têxteis destacam-se pela sua quantidade e variedade, amplamente referenciada na cronística, cartas-missivas e outra documentação coeva: canequins, xamatás, çarguças, ardis, borralhos, gandares, chaudéis, fofolis, bertagis, arganizes, ambafits, baftas, beatilhas, bertangis, calicos, sinabafos, panchavalizes, sinhavas, balachos, cotabalachos¹¹, entre outros, oriundos das mais variadas regiões com destino aos mercados nos quais os portugueses participavam.

Parte da sua importância no contexto do comércio intercontinental residia no facto de serem bastante valorizados por culturas onde a produção têxtil não conheceu grande expansão, especialmente a africana, funcionando como moeda de troca para a aquisição de outros bens, entre eles o ouro¹². Por esse motivo, desempenharam um papel central nas relações diplomáticas estabelecidas ainda antes da chegada dos portugueses à Índia¹³, o que possivelmente levou estes a tão frequentemente integrar têxteis nos róis de bens oferecidos aquando o envio de embaixadas a regiões extra europeias.

Ao Reino terão chegado muitos destes têxteis, não raras vezes referidos, a título de exemplo, em cartas de quitação como a seguinte, datada de 1510: *“Mandámos ora tomar conta a André Diaz, cavaleiro de nossa casa e feitor que foi da nossa feitoria de Cochim des fim do anno de 1507, e os annos de 508 e 59; e mostro-se pella arrecadação de sua conta, receber (...) e de pano de algodam crús 7984 peças, e*

⁹ Cf. Subrahmanyam 2017, p. 17.

¹⁰ Cf. Pearson, Michael N.. 1991. “Mercados e Comunidades Mercantis no Oceano Indico: Situar os Portugueses” In *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, Vol. 1, Org. Vitorino Magalhães Godinho: 93-114. Lisboa: Editorial Presença.

¹¹ Cf. Boyajian, James C. 2010. *Portuguese trade in Asia under the Habsburgs, 1580-1640*. Baltimore, Md. [u.a.]: Johns Hopkins University Press. Ver também: Riello, Giorgio, e Tirthankar Roy. 2013. *How India clothed the world: the world of South Asian textiles, 1500-1850*. Leiden: Brill.

¹² *Collecção de noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas: que vivem nos dominios portugueses, ou lhes são visinhas: publicada pela Academia Real das Sciencias*. 1867. Lisboa: Typografia da mesma Academia, p. 247.

¹³ Karl, Barbara. 2016. *Embroidered Histories. Indian Textiles for the Portuguese Market during the Sixteenth and Seventeenth Centuries*. Wien Köln Weimar: Böhlau Verlag, p. 29. Ver também: Dias, Pedro. 1999. *História da Arte Portuguesa no Mundo: O Espaço Índico (séculos XV-XIX)*. Lisboa: Circulo de Leitores, p. 335-339.

de pintados 55094 peças”¹⁴ , que confirma a grande quantidade de peças comercializadas.

Consistiam em panos lisos, listrados ou pintados, maioritariamente de algodão mas também de seda e outras fibras, utilizados *per se* – por exemplo, sobre a mesa - ou como matéria-prima de produções locais. Como veremos adiante, esta prática tornou-se bastante comum, alimentando oficinas têxteis e pequenas produções domésticas, conforme nos mostram os inventários da época. Para além dos panos avulsos, entre as matérias-primas asiáticas mais adquiridas no Reino, destaca-se a seda, abundante na Índia e na China, adquirida em bruto ou já tingida de acordo com os preceitos asiáticos, em retroses grossos, retroses finos ou seda solta, de que é exemplo uma *“Reçeyta pera a India pera trazerem Retros e sedas destas cores que aquy vam pera el Rey noso senhor por estes ytems o qual ha de vyr da chyna”*, assinada por Francisco Rodrigues, tesoureiro do Rei, datada de 1520¹⁵, onde o monarca encomenda *“Retros branco torcydo asy grosso e delgado duas aRouas”*, *“Retros azul vys hũa aRoua grosso e delgado”*, *“Retros verde tambem a metade grosso e a outra metade delgado”*, *“Retros encarnado hũa aroua”*, *“Retros amarelo e laranjado e outras cores hũa aRoua”*, num total de 3136 onças. O mesmo documento refere que o retrós *“ha de ser torcydo deste fyo das amostras e cores que aquy levam”*, e outro, não sendo torcido, *“pera ca se dele fazerem as cores que ouverem mester”*.

De facto, a cromia das matérias-primas e dos objetos asiáticos foram certamente de encontro ao gosto dos portugueses, marcado pelo colorido a que a produção andaluza e marroquina já os havia habituado, como atestam as várias referências a lambéis na documentação da primeira metade do século XVI, de que não é exceção o inventário da guarda-roupa de D. Manuel I¹⁶, datado de 1522, que confirma a sua utilização nos interiores nobres, a par dos têxteis listrados e pintados indianos. Este gosto particular fazia-se sentir também em ambientes religiosos e traduziu-se, por exemplo, na utilização de panos pintados indianos nos interiores dos

¹⁴ Cf. “Cartas de quitação del Rei D. Manuel” In Freire, Anselmo Braamcamp. 1903. “Cartas de quitação del Rei D. Manuel” In *Archivo Historico Portuguez*, Vol. I (1903), p. 278.

¹⁵ ANTT, CC, Parte II, maço 88, N.º 30.

¹⁶ Cf. Freire, Anselmo Braamcamp. 1904. “Inventário da guarda-roupa de D. Manuel I” In *Archivo Historico Portuguez*, Vol. II, pp. 381-417.

conventos de Santa Clara de Coimbra¹⁷ (1510), Madre de Deus¹⁸ (1511), Nossa Senhora da Pena (1512)¹⁹ e Nossa Senhora de Belém²⁰.

Em Portugal, a produção têxtil verificava-se um pouco por todo o território, mas a uma escala relativamente reduzida²¹ e, por isso, propensa à importação de têxteis europeus, muito apreciados²² que - entre veludos, damascos e brocados italianos, a tapeçarias flamengas - decoravam os interiores e conferiam-lhes o forte cromatismo que a pintura coeva espelha. Durante os séculos XVI e XVII, os têxteis destacavam-se enquanto os objetos mais presentes no quotidiano português, dando assim continuidade à tradição que se verificou na Idade Média, durante a qual assumiram um papel de grande relevância. Tal como então, os têxteis assumiam uma dupla utilização: por um lado, uma função utilitária, aquecendo e tornando os espaços mais confortáveis, característica que vem sendo crescentemente valorizada; por outro, uma função meramente estética, conferindo enobrecimento aos interiores.

Os têxteis indianos não eram, assim, exceção. Olhados com fascínio e apreciados pelo seu colorido, qualidade e estética, desde os primeiros contatos estabelecidos pelos portugueses na Ásia que os têxteis indianos rumaram aos portos portugueses com destino a Portugal e à Europa vindos, sobretudo, de Bengala e Guzerate, cuja produção era já conhecida e havia sido descrita em literatura de viagem europeia antes do estabelecimento dos portugueses nessas regiões²³.

A par dos demais preciosos objetos, os bordados indianos cedo despertaram o interesse das elites abastadas portuguesas e europeias, que passaram a adquiri-los e

¹⁷ ANTT, CC, Parte I, maço 10, N.º 10.

¹⁸ ANTT, CC, Parte I, maço 10, N.º 116.

¹⁹ ANTT, CC, Parte I, maço 11, N.º 127.

²⁰ ANTT, CC, Parte II, maço 36, N.º 10.

²¹ Cf. Sequeira, Joana. 2014. *O Pano da Terra: Produção Têxtil em Portugal nos finais da Idade Média*. Porto: U. Porto Edições.

²² Cf. Ferreira, Ana Maria. 1983. *A importação e o comércio têxtil em Portugal no século XV (1385 a 1481)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Ver também: Costa, Manuela Pinto da. 2009. "Tecidos e Têxteis portugueses do século XVII ao século XVIII" In *Actas do IV Congresso Histórico de Guimarães*, 153-180. Guimarães: CEPESE.

²³ Karl 2016, p. 28-30.

integrá-los no seu quotidiano - ainda que não excluindo questões de gosto - enquanto ostentação de poder²⁴.

As primeiras colchas adquiridas pelos portugueses, através de intermediários, seriam as mesmas produzidas para o mercado interno e clientela já firmada, portanto, ao gosto asiático, vindo posteriormente a integrar iconografias europeias inspiradas ou reproduzidas através de gravuras e livros enviados para a Índia²⁵, conferindo-lhes o hibridismo tão mencionado pela historiografia.

Guzerate e Bengala, localizadas em regiões diametralmente opostas do subcontinente indiano, respectivamente, na costa Este e Oeste, apresentavam realidades políticas, sociais e culturais muito distintas. A região de Cambaia, localizada em Guzerate, era a mais próxima do Império Mogol (que controlava a região desde 1572) e albergava os mais importantes centros comerciais e económicos²⁶. Era em Cambaia que se situava a capital, Ahmedabad, e todas as produções de algodão e artes decorativas²⁷. Esta cidade acolhia as manufaturas da corte e seria o centro produtor das colchas oriundas da região – visto que ambas as produções encontram alguns denominadores comuns²⁸ -, localizada não muito longe de Damão e Diu, onde os portugueses se instalaram.

A região de Bengala acolhia as importantes cidades de Dacca e Satagão, conhecidas pela sua produção têxtil, em especial a última, onde eram executados bordados de tipologia semelhante a colchas ainda antes da chegada dos portugueses²⁹ e onde estavam sediados os mais hábeis artesãos. Mais afastada do domínio da corte, nesta região imperava a instabilidade política, dando aos portugueses maior liberdade de participação no mercado local. Só a partir de 1580 os portugueses participariam oficialmente no comércio, por essa altura transferido para a região de Hugli, consolidando assim a sua presença na região³⁰.

²⁴ Cf. Moreira, Rafael e Curvelo, Alexandra. 1998. "A circulação das formas. Artes portáteis, arquitectura e urbanismo" In *Arte da Expansão Portuguesa*, Vol. II, Dir. F. Bettencourt e K. Chauduri, pp. 532-570. Lisboa: Círculo de Leitores.

²⁵ Dias 1999, p. 24-25.

²⁶ Cf. Subrahmanyam 1995.

²⁷ Karl 2016, p. 42.

²⁸ *Ibidem*, p. 42-43.

²⁹ *Ibidem*, p. 44.

³⁰ *Ibidem*, p. 45-46.

As produções têxteis associadas a estas regiões espelhavam, identificamente, características formais distintas. Os bordados da região de Guzerate³¹ são marcados pela policromia e são caracterizados por uma maior variedade nas soluções decorativas, técnicas e materiais aplicadas. Os fundos integram muitas vezes telas de seda colorida bordada a retoses de seda policroma, quase sempre do tipo *bombyx mori* (seda cultivada), mais brilhante e que possibilita o tingimento com uma gama de cores mais diversificada, obtida através de corantes naturais. Por vezes, integra fios metálicos, indo de encontro ao gosto local. De natureza mais heterogénea, evidencia temas europeus mas mantém uma forte influência no gosto associado à produção contemporânea local.

Já a produção de Bengala é tendencialmente monocromática, executada sobre duas telas de algodão a seda *tussah* – com recurso a ponto cadeia, ponto atrás e ponto nó -, de cor amarela pálida natural, ainda que por vezes seja tingida de modo a fazer sobressair o desenho do fundo. Embora, numa primeira fase, evidenciassem temas locais e esquemas decorativos mais simples, as colchas de Bengala passaram a integrar faseadamente as formas e iconografias europeias, adquirindo grande complexidade decorativa e representando cenas do Antigo Testamento, da mitologia grega e romana, e temas cristãos de influência bengalo-islâmica³².

No século XVII estas produções adquirem crescente qualidade técnica e complexidade decorativa rivalizando, assim, com os mais significativos têxteis europeus. A exponencial demanda no Reino pelos bordados indianos durante os séculos XVI e XVII não apenas contribuiu para a ampla variedade de peças indianas disponível no mercado português - de origem, decoração e características morfológico-funcionais distintas -, como veio a suscitar produções locais paralelas, até ao momento, pouco conhecidas, que nela se inspiraram. É disso exemplo um conjunto de bordados portugueses datados do século XVII a partir dos quais se terá desenvolvido a produção de Castelo Branco que, daí em diante, viria a transformar-se numa das mais importantes produções têxteis portuguesas.

³¹ Cf. Irwin, John. 1949. "The Commercial Embroidery of Gujarat in the Seventeenth Century", *Journal of the Indian Society of Oriental Art* (Calcutta), 17: 51-6.

³² Karl 2016, p. 13.

Dado o complexo panorama da circulação de matérias-primas, artesãos e objetos entre Portugal e a Índia durante os séculos XVI e XVII, e a forte miscigenação cultural que dela resultou, e não estando claramente caracterizadas as diferentes produções indianas e portuguesas que se desenvolveram neste contexto, nas próximas páginas procuraremos compreender de que modo uma nova abordagem metodológica poderá contribuir com novos conhecimentos acerca desta realidade.

2. Os têxteis bordados indianos em Portugal. Problemáticas e metodologias.

“Quantos productos, chamados 'indo-portugueses', correm por ahi, que nunca viram a Índia!” - Joaquim de Vasconcelos³³.

Os têxteis bordados indianos encontram-se entre os objetos de origem extra europeia que, desde o século XIX, receberam maior atenção nas exposições de arte dedicadas à cultura material portuguesa e colonial³⁴. Daí em diante, a par dos demais, passariam a ser alvo de estudo por museólogos e historiadores, portugueses e estrangeiros, que em muito contribuíram para o início da discussão crítica em torno da origem, do contexto e das especificidades da sua produção, bem como para o surgimento de uma consciência de necessidade de preservação deste património específico, que viria a consolidar-se na década de 50 do século XX, altura em que foi criada a Comissão de Estudo da Proteção dos Bens Culturais da Nação, e em que surgem os primeiros documentos que atestam a presença de objetos indo-portugueses entre aqueles a acautelar em caso de guerra³⁵.

Quando as primeiras exposições tornaram estas peças acessíveis ao grande público e se vê necessária a construção de um discurso que as apresente e contextualize, os investigadores são confrontados com a dificuldade em identificar com exatidão duas características determinantes a respeito dos bordados asiáticos: a sua origem e a sua datação. Para além de não ser linear a distinção entre as diferentes produções asiáticas – das quais se destacam a indiana e a chinesa, mas que não se esgotam nelas³⁶ –, acresce a dificuldade em distinguir com exactidão estas da

³³ Cf. Gomes, Marques, e Joaquim de Vasconcellos. 1883. *Exposição districtal de Aveiro em 1882. Relíquias da Arte Nacional*. Aveiro: Gremio Moderno, p.12.

³⁴ Cf. Pinto, Carla Alferes. 2014. “A Colecção de Arte Colonial do Patriarcado de Lisboa: Proposta de Estudo e Musealização.”, Tese de doutoramento em História da Arte, especialidade em Museologia e Património Artístico, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

³⁵ Pinto 2014, pp. 231-233.

³⁶ Para uma perspectiva alargada acerca da produção e circulação têxtil durante a presença portuguesa e europeia na Ásia durante a Idade Moderna, vd.: Peck, Amelia, e Amy Elizabeth Bogansky. 2013. *Interwoven Globe: The Worldwide Textile Trade, 1500-1800*. New York: Metropolitan Museum of Art, 2013.

manufatura portuguesa, que desde cedo sofreu influências asiáticas, e absorveu algumas das suas mais principais características.

Foi justamente a propósito de uma destas exposições, que integrava simultaneamente peças classificadas como portuguesas e asiáticas, que Joaquim de Vasconcelos primeiro questionou a verdadeira origem destas peças, interrogando-se acerca de quantas ditas “indo-portuguesas”³⁷ nunca teriam estado sequer na Índia. A observação do historiador é deveras relevante e nela reside o maior problema do estudo dos têxteis produzidos na Índia com destino ao mercado português.

Esta questão constitui o mote do presente trabalho, que tomou como ponto de partida um conjunto de peças até há pouco classificadas como “indo-portuguesas”, para as quais, em alguns casos, ainda subsistem dúvidas acerca da sua classificação. Assim, procuraremos perceber se, através de uma nova abordagem de investigação, se torna possível distinguir com maior exatidão, concretamente: a) a produção portuguesa (ou europeia) da produção indiana; b) as várias produções indianas entre si; c) as especificidades técnicas da sua produção; d) a sua datação e origem.

Nos próximos subcapítulos iremos olhar para os estudos que se ocuparam destes têxteis desde o século XIX à atualidade, por forma a analisar e discutir as diversas abordagens adoptadas, as respostas que possibilitam alcançar e as problemáticas que ainda persistem.

2.1 Estado da Arte

Os primeiros estudos em torno dos têxteis bordados indianos coincidem com a organização das primeiras grandes exposições de arte, nacionais e europeias, que a

³⁷ Decidimos deliberadamente não problematizar nesta dissertação a construção, a evolução e o significado do conceito de “indo-português”. Em primeiro lugar, porque outros historiadores o fizeram muito recentemente (cito os mais importantes: Pinto 2014, 107-246; Sobral, Luís de Moura. 2010. “A Expansão das Artes: Transferências, Contaminações, Inovações.” In *A expansão marítima portuguesa, 1400-1800*, editado por Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto, 403-468. Lisboa: Edições 70.; Vicente, Filipa. 2004. “Exposições coloniais na Índia portuguesa e na Índia britânica: séculos XIX e XX / colonial exhibitions in portuguese India and british India: nineteenth and twentieth centuries.” *Oriente*, no.8 (Abril): 70-89. Moreira e Curvelo, 1998, p. 532-570). Em segundo lugar, por se tratar de uma questão transversal a todas as produções artísticas no contexto da expansão ultramarina europeia, requerendo, por esse motivo, um estudo teórico mais alargado, impossível de concretizar nesta dissertação, onde procurámos analisar e discutir problemáticas relacionadas exclusivamente com a produção têxtil.

partir de finais do século XIX passaram a integrar objetos produzidos no encontro das culturas europeias e extra europeias. Consistiam, assim, em breves textos e entradas de catálogo que procuraram descrever, analisar e contextualizar estes objetos no panorama da produção artística portuguesa e colonial. Embora sucintos, são determinantes, pois a partir deles podemos compreender, não apenas, a evolução da recepção e percepção destes objetos pela sociedade, mas sobretudo, a forma como a historiografia identificou e se ocupou das problemáticas intrínsecas ao seu estudo.

A Exposição Internacional do Porto³⁸, organizada pela Sociedade do Palácio de Cristal Portuense em 1865, é a primeira a integrar as produções³⁹ oriundas de Damão, Diu, Goa, entre outras⁴⁰, no entanto, limitando-se apenas às contemporâneas.

Dois anos depois, Portugal é representado na Exposição Universal de Paris⁴¹, para a qual vários países europeus foram convidados a expor bens representativos das suas produções contemporâneas e passadas. É neste grande evento que o Pavilhão português exibe, pela primeira vez, objetos luso-asiáticos.

A mostra ibérica foi um sucesso⁴² e despoletou interesse no South Kensington Museum, que pouco depois iniciou uma série de viagens a Portugal e a Espanha para conhecimento e aquisição de obras de arte com vista à constituição de uma coleção representativa das artes decorativas e industriais destes países, a integrar no museu britânico⁴³. Dessas viagens resultou, em 1881, a organização de uma exposição dedicada exclusivamente à arte ornamental espanhola e portuguesa (intitulada *A Special Loan Exhibition of Spanish and Portuguese Ornamental Art*), patente no South Kensington Museum, cujo catálogo foi coordenado por John Charles Robinson,

³⁸ Cf. *Catálogo oficial da exposição internacional do Porto em 1865*. 1865. Porto: Typographia do Commercio.

³⁹ Tais como “materias primas e suas transformações imediatas”, “machinas”, “produtos manufacturados e processos correlativos” e “Bellas-Artes”. *Ibidem*, p. IX,

⁴⁰ *Ibidem*, pp. 6-10.

⁴¹ A propósito da presença portuguesa nesta exposição, vd. Pinto 2014, pp. 112-125; Souto, Maria Helena. 2011. *Portugal nas Exposições Universais 1851-1900*. Lisboa: Colibri.

⁴² “On this occasion Spain, and to a greater extend Portugal, were represented by collections got together for the occasion from various sources, and undoubtedly the splendid and most original art objects then exhibited gave a vogue and status to Peninsular art, which speedily had a potential effect in the country itself”. Cf. Robinson, J. C. 1881. *Catalogue of the special loan exhibition of spanish and portuguese ornamental art, South Kensington Museum, 1881*. South Kensington Museum Art Handbooks. London: Chapman & Hall, p. 8-9.

⁴³ Cf. Robinson 1881, pp. 8-9.

responsável pela constituição de coleções do museu, que havia contatado com a arte portuguesa na Exposição Universal de Paris. Embora não tenha integrado bordados indianos, contemplou outras produções artísticas luso-asiáticas, sumariamente descritas, e aí referenciadas pela primeira vez como “*indo-portuguesas*”⁴⁴. Saliente-se que o autor data esta produção dos séculos XVII e XVIII, relacionando-a sobretudo à cidade de Goa, mas assumindo (a propósito do mobiliário) a possibilidade da manufatura de peças nesse estilo em cidades portuguesas⁴⁵.

O ano de 1882 seria, porém, o mais representativo da crescente importância adquirida pelos objetos luso-asiáticos no contexto da arte portuguesa. Nesse ano é organizada, no Palácio Alvor, a Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola⁴⁶, que constitui o ponto de viragem na investigação em torno das peças bordadas indianas, pela primeira vez expostas em significativo número e classificadas pelo historiador Francisco Marques de Sousa Viterbo (responsável pelas Salas A e H⁴⁷) como indianas⁴⁸, “*da Índia*”⁴⁹, “*indo-portuguesas*”⁵⁰ ou cujo local de execução seria a “*Índia Portuguesa*”⁵¹. Salienta-se igualmente, a referência a três colchas “orientais”⁵².

Pese embora as deficiências na sua elaboração, o catálogo foi inovador: passou a integrar ilustrações e a transparecer um maior cuidado na descrição das peças – como referiu Carla Alferes Pinto, exprime “*os valores inerentes à execução de um*

⁴⁴ Cf. Robinson 1881, pp. 55-56 e p. 109. Para o conhecimento mais alargado acerca da utilização do termo “*indo-português*” no âmbito do catálogo desta exposição, vd. Pinto 2014, 136-147.

⁴⁵ Ferreira, Maria João. n.d. “*Indo-portuguesa, arte*”, Enciclopédia Virtual da Expansão Portuguesa. Consultado a 13 de Setembro de 2017.

<http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=744>.

⁴⁶ Cf. *Catálogo ilustrado da Exposição retrospectiva de arte ornamental portuguesa e hespanhola celebrada em Lisboa em 1882. Texto*. 1882. Lisboa [s.n.]: Imprensa Nacional. Vd. também: Ferreira, Maria Emília de Oliveira, “*Lisboa em Festa: A Exposição de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola, 1882. Antecedentes e materialização*”, Tese de doutoramento em História da Arte Contemporânea apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2010.

⁴⁷ *Catálogo ilustrado da Exposição*, p. XVI.

⁴⁸ “15. Colcha indiana (...)”, *Ibidem*, p. 76.

⁴⁹ “45. Colcha da Índia (...)”. Cf. *Ibidem*, p. 79.; “50. Colcha da Índia (...)”, *Ibidem*, p. 80.; “56. Colcha da Índia (...)”, *Ibidem*, p. 80; “62. Colcha da Índia (...)”, *Ibidem*, p. 81; “177. Colcha da Índia (...)”, *Ibidem*, p.91.

⁵⁰ “47. Colcha de linho (...)”. *Industria indo-portuguesa*, *Ibidem*, p. 79; “98. Colcha de linho (...)”. *Industria indo-portuguesa*, p.84.

⁵¹ “20. Colcha de linho (...)”. *Feita provavelmente na Índia Portuguesa*, *Ibidem*, p. 77; “27. Colcha de linho (...)”. *Industria indo-portuguesa*, *Ibidem* p. 77.

⁵² “18. Colcha oriental (...)”, *Ibidem*, p. 76; “53. Colcha oriental (...)”, *Ibidem*, p. 80; “148. Colcha oriental (...)”, *Ibidem*, p. 89.

*inventário*⁵³. As descrições mais detalhadas das peças referem a sua possível origem, a datação aproximada, os materiais empregados (no suporte e bordado), os diferentes tipos de pontos utilizados, a cromia dos fios e, inclusivamente, as iconografias representadas, ainda que de forma muito sucinta.

Para além do recurso a terminologia distinta para a identificação dos locais de produção e/ou de origem - o que poderá ou não remeter, consciente ou inconscientemente, para realidades distintas, como discutiremos no próximo subcapítulo -, reveste-se de importância referir, para o caso de uma peça, a dificuldade de Sousa Viterbo em identificar a sua produção, que considera “indo-portuguesa” ou portuguesa⁵⁴.

No mesmo ano, Joaquim de Vasconcelos organiza a *Exposição Distrital de Aveiro*⁵⁵, que igualmente contemplou têxteis asiáticos. Os textos do historiador para o catálogo demonstram uma abordagem histórica complementada por uma análise das características dos objetos (técnicas, iconografias, etc)⁵⁶, assumindo também, pela primeira vez, a propósito da sua produção, a transferência de saberes entre a Ásia e Portugal. A respeito do conceito de “indo-português”, assume três dinâmicas produtivas distintas: a) objetos executados em Lisboa por artífices orientais; b) objetos executados na Índia por artífices portugueses e seus descendentes indo-portugueses; c) objetos genuínos, fruto da produção local⁵⁷. Pese embora não o referisse a propósito dos têxteis, tem ainda em consideração a utilização de matérias-primas asiáticas nas produções do Reino: “*Os moveis, da mesma sorte que os bordados, foram reproduzidos em Portugal, já por artistas naturaes, já por outros vindos de Diu e outras cidades da India, onde se executavam ha muito tempo primorosos trabalhos em*

⁵³ Pinto 2014, p. 149.

⁵⁴ “167. Colcha de linho bordada a matiz, representando jarras com flores. Ao centro um pavão com a cauda armada, rodeado de um circulo de animaes fantásticos. Industria indo-portugueza ou nacional. Seculo XVIII.”, *Catalogo illustrado da Exposição*, p. 90.

⁵⁵ Cf. Gomes, João Augusto Marques, Joaquim de Vasconcelos, e Emílio Biel. 1883. *Exposição districtal de Aveiro em 1882: reliquias da arte nacional*. Aveiro: Grémio Moderno.

⁵⁶ Veja-se a observação de Carla Alferes Pinto acerca da abordagem do historiador aos objectos luso-asiáticos: “começava por fazer uma narrativa histórica fortemente dominada por informação artística (técnicas, artesãos, objectos), mencionando pela primeira vez a transferência tecnológica e fazendo apreciações de carácter técnico (“mãos menos adestradas”; “desenho incorrecto”; “colcha de linho bordada a retroz”; “bofetes acharoados e doirados”) ou nomeando pela primeira vez os elementos decorativos (“Fong-Hoang”; “cão de Fo”; “chrysanthemas”).”. Pinto 2014, p. 215.

⁵⁷ *Exposição districtal de Aveiro*, p. 12.

madeira e marfim. D’ahi a origem de muitos moveis que, dizendo-se pertencentes à industria indo-portuguesa foram fabricados em Lisboa com madeiras de proveniência oriental, mas pelas mãos de artistas nacionaes devidamente instruidos”.⁵⁸

Deste modo, Joaquim de Vasconcelos passa a integrar neste panorama artístico as reproduções ou inspirações executadas com base em objetos asiáticos; a produção de objetos no Reino com matérias-primas asiáticas; a produção na Ásia de objetos pelas mãos de portugueses e, finalmente, a importação de objetos puramente asiáticos, dando assim um dos maiores contributos para a investigação das artes móveis luso-asiáticas.

No ano seguinte, em 1883, a propósito da Exposição de Arte Ornamental, Sousa Viterbo volta a refletir sobre a questão: *“Uma das salvas pertencentes a Sua Majestade o senhor D. Luiz (...) foi classificada no catálogo da exposição de Londres como indo-portuguesa. Como deve, porém, entender esta phrase? Que os objectos são fabricados na India por artifices indigenas, ou em Portugal segundo a influência indiana? Talvez uma e outra cousa”*⁵⁹. Para o caso das colchas luso-asiáticas, assume novamente a possibilidade de serem oriundas de várias regiões, sobretudo Índia e Oriente (entenda-se, Extremo Oriente), ressaltando de forma clara que algumas delas poderiam ser de origem portuguesa, especialmente as bordadas sobre linho⁶⁰.

Após os importantes contributos dos historiadores oitocentistas, apenas surgiram novas perspectivas de investigação em torno dos bordados indianos, numa segunda abordagem ao tema, entre cerca das décadas de 30 e 70 do século XX, onde para além de ser reforçada a importância da análise técnica dos bordados, a investigação passa a dar maior enfoque ao estudo da arte indiana (e outras artes asiáticas) enquanto fonte para o conhecimento da produção “indo-portuguesa”, ainda que pautando pelo seu carácter lato – no sentido em que abrangia objetos de várias

⁵⁸ *Exposição districtal de Aveiro*, p. 18.

⁵⁹ Cf. Viterbo, Sousa. 1883. *A Exposição de Arte Ornamental. Notas ao Catálogo*. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 42.

⁶⁰ *“São de diversas origens as colchas, mas quasi todas procedem da India e do Oriente. Umas são de setim, ora bordadas a oiro, ora a matiz, e por vezes tão profusamente que não apparece o fundo; outras são de linho, pespontadas a retroz. Em algumas o desenho é caracterisadamente oriental; em outras vê-se qe o assumpto e o desenho são completamente copiados dos modelos europeus, como n’aquellas em que se representa o pelicano e a aguia de duas cabeças. É natural que muitas das colchas expostas sejam feitas em Portugal ou pelo menos na nossa India. As de linho sobretudo estão n’este caso”*. Viterbo 1883, p. 15.

tipologias - e relativamente sucinto. Correspondia ao trabalho de alguns dos mais importantes historiadores, como Reynaldo dos Santos, e conservadores de museus nacionais que tinham a seu cargo coleções de objetos luso-asiáticos, tais como Luis Keil, Maria José de Mendonça e Maria Madalena Cagigal (conservadores do Museu Nacional de Arte Antiga).

Em 1938, Luis Keil apresenta a comunicação “A Arte Portuguesa e a Arte Oriental” no Congresso do Mundo Português, onde analisou as diversas influências artísticas e culturais que considerava estarem na base do “estilo indo-português”, alargando-as a outras culturas, nomeadamente, a chinesa e a japonesa, e distinguindo duas fases na evolução da produção destes objetos: uma primeira, em que a arte indígena se adapta aos temas ocidentais, mantendo porém as decorações locais; e uma segunda, datada já do século XVII, em maior escala, que passa a compreender os processos das técnicas ocidentais, criando assim objetos “híbridos”⁶¹.

Maria José de Mendonça viria a reforçar esta ideia em 1945, quando mencionou no catálogo da 5.^a *Exposição temporária. Colchas bordadas dos séculos XVII e XVIII*⁶² – a primeira exclusivamente dedicada a estas peças -, de que foi responsável, que “O significado do termo [indo-português] apresentou-se vago desde o início e, na generalidade, tem sido aplicado a colchas em que aparecem motivos de carácter oriental e europeu, seja nos elementos ornamentais, seja nos temas e cenas representadas. Supõe-se que tenham sido peças executadas para portugueses no Oriente, ou na metrópole por artífices orientais”. Mendonça reforçava neste trabalho, mesmo que de forma indireta, a importância do objeto enquanto testemunho do seu tempo, ao chamar à atenção para a análise das características técnicas do bordado - como já havia feito Sousa Viterbo, embora sumariamente, nas descrições dos têxteis do catálogo da *Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola* - enquanto meio para a compreensão do contexto da sua produção.

⁶¹ Segundo Pinto 2014, p. 218 e Ferreira, Maria João. n.d. “Indo-portuguesa, arte”. Carla Alferes Pinto chama a atenção para o facto da palavra “híbrido” ter sido anteriormente utilizada, em 1931, por José de Figueiredo no catálogo “L’art portugais de l’époque des grandes découvertes au XX siècle”. Pinto 2014, p. 220.

⁶² Cf. 5.^a *Exposição temporária. Colchas bordadas dos séculos XVII e XVIII. Catálogo*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 1945. Ver também: Mendonça, Maria José de. 1951. “Alguns tipos de colchas indo-portuguesas na colecção do Museu de Arte Antiga”. *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, Vol. II, no. 1: 01-21.

Em 1951, publica *Alguns tipos de colchas indo-portuguesas na colecção do Museu de Arte Antiga*⁶³, nesta data, já atenta ao recente trabalho de Maria Madalena de Cagigal e Silva, dedicado a motivos decorativos orientais na arte “indo-portuguesa”. Neste texto assume uma abordagem de investigação mais abrangente, procurando, pela primeira vez, estabelecer “três agrupamentos [de peças] designados, os dois primeiros, pelo tipo de composição e o último, por um dos motivos da ornamentação”, salientando, porém, que “não se pretende apresentar um sistema de classificação de colchas indo-portuguesas. Fez-se apenas o ensaio de um processo cuja validade só poderá ser demonstrada pelo conhecimento de maior número de espécies. Os diferentes aspectos de técnica e os materiais empregados nos bordados serão, em trabalho futuro, analisados e publicados em pormenor”⁶⁴. Os dois grupos correspondentes ao tipo de composição distinguem: a) padrão de faixas⁶⁵ e b) campo com medalhão central⁶⁶; o terceiro grupo, definido pelo tipo de ornamentação, é formado por: c) padrão de cavaleiro⁶⁷. A abordagem de Mendonça, pese embora importante, não vai tão além quanto poderia. Em primeiro lugar, porque não procura definir e distinguir, numa primeira fase, ainda que de forma pouco aprofundada, os bordados portugueses, indianos e chineses. Em segundo lugar, porque apenas considera os aspectos decorativos e iconográficos, não possibilitando uma maior distinção entre as produções indiana e portuguesa, ou entre as diferentes produções indianas, e não acautelando, consequentemente, a questão da circulação das iconografias e possível reprodução das peças. As legendas das ilustrações, onde sintetiza a informação mais importante acerca dos objectos, como a sua origem e

⁶³ Cf. Mendonça 1951.

⁶⁴ Mendonça 1951, pp. 11-12.

⁶⁵ “(...) o esquema de composição consiste numa série de faixas ou cercaduras dispostas em redor de um painel central rectangular; a ornamentação historiada representa episódios do Antigo Testamento, da mitologia greco-romana, caçadas, cenas marítimas e, por vezes, acontecimentos coevos (...)”. Mendonça 1951, p. 21.

⁶⁶ “(...) o campo tem medalhão central circular, tangente nos lados, e barras largas nas cabeceiras; faixas estreitas dividem as diferentes partes do campo e circundam a cercadura”. Mendonça 1951, p. 14.

⁶⁷ “Numa dezena de peças que examinei as figuras de cavaleiros constituem elemento predominante da composição; por esse motivo se designa este género de colcha por padrão de cavaleiros. (...) Neste tipo de colcha indo-portuguesa o campo apresenta ornamentação de motivos soltos, dispostos no sentido vertical, formando três grupos, um no centro e dois simétricos nos lados; a barra é larga e circundada por duas faixas. (...) Este tipo de colchas indo-portuguesas apresenta diversas variantes de composição, existindo grande número de peças no País e em colecções estrangeiras.”. Mendonça 1951, p. 26-27.

datação, continua a ser maioritariamente dominada pelo lato conceito de “trabalho indo-português”.

Na comunicação “Goa e a Arte Indo-Portuguesa”⁶⁸, em 1962, Reynaldo dos Santos associa diretamente os bordados “indo-portugueses” à região de Goa – apesar de referir os centros de Cambaia e Bengala – que considerou ser “*a região da Índia onde era lógica a criação (que é um facto) da arte indo-portuguesa*”. Neste artigo, face à problemática, procura paralelismos entre a produção indiana e chinesa, focando a sua atenção nos objetos e suas características técnicas como forma de encontrar novas respostas.

Na monografia *A Arte Indo-portuguesa*⁶⁹, Madalena de Cagigal e Silva segue uma abordagem semelhante, procurando um conhecimento aprofundado da arte indiana (e outras artes asiáticas) como fonte para o conhecimento da produção “indo-portuguesa”, que assumia aqui como um “*estilo*” por dela resultarem peças diferentes das obras indianas e das obras portuguesas. Nesta publicação demonstra uma visão alargada, analisando várias tipologias de objetos e procurando um estudo sistemático dos materiais, das formas e das origens dos mesmos. Contudo, a sua análise foca-se maioritariamente nos aspectos decorativos dos objetos e na procura de influências europeias nas produções indianas, não alargando a discussão às problemáticas decorrentes do panorama da circulação dos objetos, dos materiais, das técnicas e dos artífices, que está na base de toda a produção artística da época, quer no Reino, quer nos territórios extra europeus de presença portuguesa.

O trabalho destes investigadores portugueses desenvolve-se em simultâneo com a terceira abordagem de investigação ao tema, com expressão a partir da década de 50, e de que os estudos de John Irwin, conservador do Vitoria & Albert Museum⁷⁰, são o mais importante exemplo. Com uma visão crítica face aos estudos portugueses

⁶⁸ Santos, Reynaldo dos. 1962. “Goa e a Arte Indo-Portuguesa”, *Colóquio: revista de artes e letras* 17 (Fev. 1962), 1-11. <http://coloquio.gulbenkian.pt/al/sirius.exe/artigo?442>.

⁶⁹ Cf. Silva, Maria Madalena de Cagigal e. 1966. *A arte indo-portuguesa*. [Lisboa]: Edições Excelsior.

⁷⁰ Osswald, Maria Cristina Trindade Guerreiro. 1996. “O Bom Pastor na Imaginária Indo-Portuguesa em Marfim”, Dissertação de mestrado em História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol. 1, p. 4.

anteriores⁷¹, e sem deixar de esclarecer o seu ponto de vista acerca do “indo-português”⁷², o autor alicerçou a análise dos têxteis indianos destinados ao mercado europeu na produção interna indiana⁷³, numa perspectiva comparada. Portanto, voltando o olhar para a herança das produções locais e para as suas características, do ponto de vista decorativo, técnico e material⁷⁴, a partir das quais, em parte, identificou e caracterizou dois dos mais importantes centros produtores responsáveis, também, pela produção têxtil destinada aos portugueses entre os séculos XVI e XVII: Bengala⁷⁵ e Guzerate⁷⁶, e suas sub-regiões produtoras.

Também Lotika Varadarajan, a partir da década 80, adopta uma abordagem multidisciplinar ao tema, procurando comparar a produção destinada ao mercado europeu com aquela produzida para o mercado interno, ainda que com um objectivo mais lato: compreender as tradições produtivas indianas e a transmissão de saberes até à actualidade. No artigo “Portuguese Collections: A Problem of Provenance”⁷⁷, chama a atenção para os limites do estudo das técnicas decorativas enquanto fonte para a determinação da origem dos bordados, atendendo que os diversos tipos de pontos utilizados eram comuns a toda a produção asiática (indiana, chinesa e persa) sendo, portanto, muito improvável a sua distinção⁷⁸. Considera assim que apenas as variações na cor (devido às diferentes técnicas de tingimento utilizadas em cada zona), o tipo de fibra utilizado no bordado (seda, algodão ou linho) e o tratamento de motivos individuais, permitiram a identificação de uma origem específica. Salienta igualmente a importância de relacionar estes têxteis com a produção europeia, na qual é possível identificar alguns paralelismos e, também, o estudo de outros possíveis

⁷¹ Carla Alferes Pinto desenvolve na sua dissertação a posição crítica de John Irwin, apesar das pre-concepções que também o seu trabalho espelha. Cf. Pinto 2014, p.230-231

⁷² Irwin, John. 1955. "Reflections on Indo-Portuguese Art." *The Burlington Magazine* 97, no. 633: 386-90. <http://www.jstor.org/stable/871672>.

⁷³ Cf. Irwin, John. 1972. "Art and the East India trade", *Journal of the Royal Society of Arts* 120, no. 5191: 448-63. <http://www.jstor.org/stable/41370884>; Irwin, John, e Margaret Hall. 1973. *Indian embroideries. Ahmedabad: Calico Museum of Textiles*; Irwin, John. 1985. *The Master weavers: an introduction to handcrafted textiles of India*. [n.d]: HHEC.

⁷⁴ Salienta-se o trabalho mais importante a este respeito: Irwin, John, e Babette Hanish. 1970. *Notes on the use of the hook in Indian embroidery*. [Nova Iorque]: Needle and bobbin club.

⁷⁵ Cf. Irwin, John. 1952. *Indo-portuguese Embroideries of Bengal*. London: Royal India, Ceylon and Pakistan Society.

⁷⁶ Cf. Irwin, John. 1949.

⁷⁷ Cf. Varadarajan, Lotika. 1985. "Indian Textiles in Portuguese Collections: A Problem of Provenance" In *Indo-Portuguese history: old issues, new questions*, 133-145. New Delhi: Concept Publ. Co.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 133.

centros produtores que não Bengala e Guzerate (tidos como os principais e mais importantes), aos quais acresce os centros produtores de Jaipur⁷⁹. Neste texto, aquele que consideramos mais representativo do trabalho de Varadarajan especificamente sobre esta problemática, a autora confirma a importância das atribuições de John Irwin para as regiões de Bengala, discordando, porém, com o facto de Irwin basear a sua análise na procura de analogias entre os bordados “indo-portugueses” monocromáticos e as produções das sub-regiões de Kānthā, Kashida e Chikan e a utilização da seda *tussah*⁸⁰. cremos que o contributo mais importante deste estudo reside na chamada de atenção para as peças de origem persa, frequentemente bordadas a seda *bombyx mori* sobre linho⁸¹, que viria a reforçar num artigo de 2005⁸², a propósito da presença na Índia de artífices oriundos desta região.

A quarta abordagem ao tema corresponde, numa fase inicial, ao trabalho de Teresa Alarcão⁸³, Maria Helena Mendes Pinto e Teresa Pacheco Pereira, conservadoras do Museu Nacional de Arte Antiga, em especial durante as décadas de 80 e 90. Ainda que reconhecendo a importância da investigação realizada por Irwin e Varadarajan, focam-se sobretudo no estudo iconográfico e iconológico dos objectos, voltando a olhar novamente para a sua influência europeia. Esta abordagem viria a marcar, numa segunda fase, o trabalho de vários investigadores que se debruçariam sobre as questões da produção, circulação e consumo dos bordados “indo-portugueses” numa perspectiva comparada e global, sublinhando o papel da restante Europa neste contexto. Na sua maioria, estes trabalhos materializaram-se na forma de artigos que procuraram desenvolver casos de estudo, resultando, consequentemente, em investigações breves e com poucos contributos para o desenvolvimento de novas abordagens ao tema. São exemplo os trabalhos de Barbara Karl⁸⁴ e Rosemary Crill⁸⁵,

⁷⁹ *Ibidem*, p. 136.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 137.

⁸¹ *Ibidem*, p. 136.

⁸² Cf. Varadarajan, Lotika. 2005. “Indo-portuguese textiles: new orientations” In *Indo-Portuguese History: global trends, proceedings of XI International Seminar on Indo-Portuguese History*, 251-260. Goa: [s. n.].

⁸³ Cf. Pereira, Teresa Pacheco e Teresa Alarcão. 1988. *Fábulas Bordadas. Uma colcha portuguesa do século XVII*, Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga.

⁸⁴ Cf. Karl, Barbara. 2003. “O encanto da monocromia: Uma colcha da Fundação Medeiros e Almeida em Lisboa.” *Oriente* 6, 56-66; Karl, Barbara. 2004. “Venus and Mars à l’indienne: A Colcha from the Museu do Caramulo.” *Oriente* 9, 3-16; Karl, Barbara. 2006. “The Narrative Scheme of a Bengal Colcha dating from the Early 17th Century Commissioned by the Portuguese.” In *Textile Narratives and Conversations*,

investigadoras e conservadoras de coleções têxteis asiáticas em museus europeus. A única exceção consiste no mais recente livro da primeira autora - elaborado simultaneamente ao nosso estudo -, que trouxe novas perspectivas no que concerne ao consumo destes têxteis em Portugal e na Europa, e procurou definir, caracterizar e datar um conjunto de bordados indianos, produzidos durante a presença europeia na Ásia, a partir das suas características decorativas e iconográficas. Trata-se, até ao momento, do estudo mais exaustivo e sistemático desde a investigação de John Irwin, em meados do século XX.

Outra importante abordagem ao tema consiste na investigação em torno da análise científica dos materiais das colchas. Em 2007, Maria do Carmo Serrano publicava a sua tese de doutoramento⁸⁶ divulgando os resultados de análises microscópicas e químicas realizadas a fibras e a corantes dos fios dos bordados de algumas peças indianas e “indo-portuguesas” da colecção do Museu Nacional de Arte Antiga. Embora tratando-se de um estudo desenvolvido no âmbito das ciências exactas, procurou corroborar ou não as origens e as datações previamente atribuídas a estes bordados. O seu contributo foi importante pois, pela primeira vez, foi possível confirmar de forma mais segura as datações e as origens das matérias-primas de algumas das mais importantes peças, ainda que não possibilitando certezas quanto à origem dos objectos.

Symposium Proceedings Textile Society of America, 438-448. Toronto: [s. n.]; Karl, Barbara. 2010. “The Use of Growing Architecture as Propaganda: The Bengal Colcha from the Isabella Stewart Gardner Museum.” In *O Estado da Índia e os desafios europeus: Actas do seminário internacional de história indo-portuguesa*, 255-268. Lisboa: CHAM; Karl, Barbara. 2011. “Marvellous Things are Made with Needles... Bengal Colchas in European Inventories, c. 1580-1630.” *Journal of the History of Collections*, vol. 23, issue 2: 301-313.

⁸⁵ Cf. Crill, Rosemary. 2004. “Angels and elephants: Rosemary Crill examines two remarkable embroidered Indian textiles at Hardwick Hall, Derbyshire, a Gujarati floorspread, probably dating from the early eighteenth century, and a rare Bengali quilt that may have been made in the late sixteenth century.” *Apollo*, Nov. 2004. Crill, Rosemary. 2006. *Textiles from India: the global trade: papers presented at a conference on the Indian textile trade*, Kolkata, 12-14 October 2003. Calcutá: Seagull Books; Crill, Rosemary, Steven Cohen, e Ruth Barnes. 2002. *Court, temple and trade: Indian textiles from the Tapi collection*. Mumbai: India Book House. Crill, Rosemary, e John Guy. 1990. *Arts of India 1550 - 1900*. Londres: [s.n.].

⁸⁶ Serrano, Maria do Carmo. 2007. *Estudo da origem de bordados indianos e indo-portugueses dos sécs. XVI a XVIII a partir da caracterização de fibras, mordentes e corantes*, Tese de Doutoramento, Universidade da Beira Interior.

2.2. Problemáticas no estudo

Pese embora a considerável relevância dos estudos acima mencionados para a elucidação do contexto da produção, da encomenda e do consumo dos bordados indianos destinados ao mercado português, persistem ainda dúvidas. Por outro lado, embora nem sempre discutido em trabalhos anteriores, o seu estudo entra necessariamente em confronto com uma outra realidade, a da produção portuguesa sua contemporânea, que vários historiadores abordaram, mas ainda não sistematizaram. A distinção mais precisa entre os objetos produzidos na Índia sob as determinações da encomenda portuguesa, daqueles produzidos no Reino inspirados pela produção indiana, tem sido pouco discutida e urge estudar-se.

Durante o período de desenvolvimento do presente trabalho, iniciado em 2012, pouco se avançou na investigação em torno de um conjunto de peças identificadas como “indo-portuguesas”, ou de origem incerta, que permanecem assim como que num limbo, afastadas dos estudos dedicados aos bordados portugueses e aos bordados indianos, ou outros, por não assumirem características técnicas ou iconográficas que se têm vindo a associar ora a uns, ora a outros. Na ausência de uma análise comparativa, alargada e sistemática, que considere outras importantes especificidades que podem ajudar a diferenciar ambas as produções, existem também aquelas peças associadas a um determinado contexto produtivo por assumirem as suas características cardeais.

Uma consulta ao *MatrizNet* - o catálogo coletivo on-line que possibilita a pesquisa simultânea em 34 bases de dados de inventário dos Museus da administração central do Estado Português -, espelha de imediato essa realidade, pois existem ainda peças de atribuição incerta descritas como “indo-portuguesas” - a colcha nº 14408⁸⁷, do Museu Nacional do Traje e da Moda; as colchas nº 2002.2⁸⁸, 2003.1⁸⁹ e 70.7⁹⁰ do

⁸⁷ “Colcha indo-portuguesa”. Consultada a 18/09/2017.

<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=60462>.

⁸⁸ “Colcha indo-portuguesa”. Consultada a 18/09/2017.

<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=219231>.

⁸⁹ “Colcha indo-portuguesa”. Consultada a 18/09/2017.

<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=225595>.

⁹⁰ “Colcha indo-portuguesa”. Consultada a 18/09/2017.

<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=217209>.

Museu Francisco Tavares Proença Júnior; a colcha 4583 Tec⁹¹ do Museu Nacional de Arte Antiga, cuja ficha de inventário refere ambigualmente “Portugal (?)” enquanto “Local de Execução” e “Índia” enquanto “Centro de Fabrico”; a colcha PNS5796⁹², descrita como “oriental” –, entre outras de origem interrogada.

O mais recente estudo sistemático acerca dos bordados indianos destinados ao mercado europeu, publicado por Barbara Karl, é também exemplo disso: pese embora a autora chame a atenção para o facto e refira a existência de peças de origem ainda incerta⁹³ que resultaram do encontro de ambas as culturas, salientando as possíveis ibéricas, acaba por não desenvolver esta questão, cingindo a sua análise àquelas cuja origem indiana é, nos nossos dias, praticamente segura.

Creemos que tal facto resulta, essencialmente, de duas questões. A primeira reside na abordagem isolada das diversas metodologias: veja-se que a investigação até hoje desenvolvida assenta, muitas vezes de forma isolada, em quatro: historiográfica (analisando, através de documentação portuguesa, europeia e asiática coeva, a importância destes objetos nas sociedades, nos seus mais variados aspectos); b) iconográfica (dando primazia à identificação, datação e interpretação simbólica das cenas figuradas, ora com base na arte europeia, ora asiática); c) técnica (focando os aspectos técnicos associados, exclusivamente, ao bordado decorativo); d) científica (identificando os corantes e fibras dos fios dos bordados). No entanto, são inexistentes os estudos de carácter interdisciplinar que relacionem simultaneamente as quatro metodologias ou, alternativamente, que procurem novas vias de investigação através delas.

A segunda, reside nas limitações decorrentes das próprias metodologias de investigação. Esta questão é particularmente importante, pois é transversal a todos os bens artísticos móveis produzidos no contexto da presença europeia na Ásia, fruto da

⁹¹ “Colcha”. Consultada a 18/09/2017.

<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=247555>.

⁹² “Colcha”. Consultada a 18/09/2017.

<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=1005501>.

⁹³ “Other embroidery productions influenced by Asian embroideries seemed to have existed for some time in Portugal and Spain. Several museums possess colchas whose attribution is still in doubt. One example is the group of colchas that have often been attributed to India but are provenly from Iberian manufacture. (...) The style of these colchas was certainly influenced by Indian textiles but the final result differs significantly from Indian solution; they still await further study”. Karl 2016, p. 22.

complexidade do panorama social, político, económico e comercial em que se inscrevem a sua produção, circulação e consumo. Porém, as especificidades intrínsecas aos têxteis adensam o problema da sua investigação: são facilmente transportáveis e acondicionáveis, mais perecíveis e, na sua maioria, assumem funções utilitárias. A menor preciosidade material comparativamente aos demais objetos artísticos disponíveis na Índia (entre eles, os bordados chineses, que por norma integram fios laminados ou de lâmina de ouro ou prata bordados sobre fundo de seda) e, possivelmente, o menor impacto visual decorrente da sua “bidimensionalidade”, são muito provavelmente alguns dos aspectos que resultaram na escassez de referências.

Antes de avançarmos à nossa abordagem ao tema, procuraremos nas próximas páginas identificar e discutir um conjunto de problemáticas e limites metodológicos que este suscita.

2.2.1. Historiografia

Embora as referências a têxteis indianos na documentação quinhentista e seiscentista, das mais variadas tipologias, sejam consideráveis - o que tem vindo a possibilitar a construção de importantes conhecimentos acerca da temática -, como vimos no capítulo anterior, salvo a exceção de algumas tipologias documentais, por norma, mais detalhadas pela função a que se destinam (crónicas, inventários judiciais, orfanológicos e de bens proibidos pela Lei Pragmática), na sua maioria, as descrições são sucintas.

Deste modo, raramente é possível relacionar, simultaneamente, informações tão variadas quanto a sua iconografia, técnica, cromia, dimensão, função, avaliação, origem ou datação, o que inviabiliza em grande medida a distinção dos têxteis asiáticos entre si (ou entre estes e a produção portuguesa), a identificação dos respectivos locais de manufatura, comercialização e aquisição e, acima de tudo, a sua contextualização no tempo, de modo a compreender a sua evolução. Tão pouco permite identificar as características da produção indiana, por forma a distinguir e caracterizar possíveis centros produtores. Salvo algumas exceções, já exploradas por diversos investigadores, sobretudo para o caso da manufatura na região de Bengala e

Guzerate⁹⁴ - bem identificada nas fontes coevas - permanece difícil compreender se cada centro teria uma produção distintiva e exclusiva, ou se, apesar da existência de uma identidade regional vincada, as iconografias e as soluções decorativas circulavam de acordo com a procura ou as exigências do mercado.

Para além do carácter sumário e tendencialmente enumerativo das fontes, acresce a dificuldade em definir o termo “Índia”. Ao contrário do que sucede para o caso africano, árabe ou persa, frequentemente identificado nas fontes, não raras vezes, a palavra “Índia” designa um vasto conjunto dos territórios de presença portuguesa e espanhola além-mar, em boa medida, devido ao desconhecimento geral da população reinol acerca da localização exata do subcontinente indiano e dos territórios circundantes, como vimos nos capítulos anteriores.

A incerteza decorre igualmente da supremacia de alguns portos mercantis no contexto da estratégia portuguesa além-mar, de onde embarcavam e partiam rumo ao Reino, via Carreira da Índia, os mais variados bens asiáticos pouco ou totalmente conhecidos até então. Não raras vezes, a origem dos objetos é conotada não à região onde foram produzidos, mas à região ou porto no qual embarcavam e rumavam ao Reino, na sua maioria, a partir de Goa⁹⁵. Apesar da existência de referências detalhadas - como a observação de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga, num jantar com o Papa Pio IV (1559-65), em 1562, a propósito da porcelana chinesa (“*Chamamos-lhe porcelana. Vem da Índia e é manufaturada na China*”) ⁹⁶, a maioria da documentação não as distingue. Exemplo disso são as “porcelanas da Índia”, sobretudo, para a primeira metade do século XVI, que em muitos casos se crê serem porcelanas chinesas azuis e brancas⁹⁷.

Poderá ser também o caso de algumas das alcatifas constantes do rol de bens pertencentes ao Duque Teodósio I de Bragança, identificadas como alcatifas “da Índia”

⁹⁴ Irwin 1973, pp. 24-42. Cf. Irwin, John 1949.

⁹⁵ Bastos, Celina. 2008. “Da utilidade do tapete: objecto e imagem” In *O tapete oriental em Portugal: tapete e pintura séculos XV-XVIII*, coord. Hallet, Jessica, Maria Heitor, Susana Serras Pereira, e Teresa Pacheco Pereira. Lisboa: Instituto Museus e Conservação, p. 154.

⁹⁶ Cf. Guo, Mo. 2015. “A China em Portugal: a porcelana Blue Canton da Vista Alegre”, Tese de Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas apresentada à Universidade de Aveiro.

⁹⁷ Crespo, Hugo. 2012. “O processo da Inquisição de Lisboa contra Duarte Gomes alias Salomão Usque: móveis, têxteis e livros na reconstituição da casa de um humanista (1542-1544). Em torno da guarda-roupa, mantearia e livraria do rei” *Cadernos de Estudos Sefarditas*, 10-11, 2011 (pub. 2012), p. 603.

com “corações”. Pese embora a associação ao subcontinente indiano, Jessica Hallett veio a confirmar que, pelos motivos decorativos descritos ou pela semelhança fonética da palavra, os mesmos poderão ser originários da região persa de Khurassan⁹⁸. Outro importante exemplo, referido por vários autores, respeita à descrição de uma “*Colcha da Índia também da China*” no inventário dos bens do Conde de Vila Nova de Portimão, D. Luís de Lencastre, datado de 1704⁹⁹, corroborando assim que a dificuldade em distinguir as diferentes origens dos objetos se perpetuou até data muito posterior. A associação da origem “Índia” aos demais têxteis asiáticos não surge, assim, exclusivamente para século XVI - altura em que seria mais expectável, atendendo que a maioria das produções constituía uma novidade no circuito português. Esta referência, parece apontar para a continuidade do emprego da expressão para definir o vasto território luso além-mar, apesar da crescente familiaridade com objetos e pessoas vindos desses espaços.

Menos comuns são as referências a têxteis associados a regiões concretas como Calecute, Cambaia, Sinde ou Chaúl. Embora possibilitem aferir alguns dados acerca das características dos objetos oriundos desses lugares, para além de bastante sumárias, não representam necessariamente origens seguras.

O desconhecimento dos inventariantes acerca das especificidades técnicas e decorativas características dos objetos das várias regiões asiáticas¹⁰⁰, bem como do seu valor de mercado¹⁰¹, importam substancialmente nesta problemática e são, por vezes, difíceis de distinguir face a exemplos mencionados no parágrafo anterior.

⁹⁸ “*Hũa Alcatifa da Índia de Corações (...) Campo azul escuro cheo de Laços amarelos E azues e emcarnados E no meio huma roda grande Campo emcarnado Cercada de Verde perfilada de bramquo Cadilhos de Lam bramqua (...)*”, Inventário dos bens do duque de Bragança D. Teodósio I, Vila Viçosa, 1564. Cópia de 1665. AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, fl. 360v.. Cf. *O tapete oriental em Portugal*.

⁹⁹ Documento disponibilizado no âmbito do projecto “A Casa Senhorial em Portugal nos séculos XV ao XIX”.

http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/curso_casa_senhorial/FCRB_Casa_Senhorial_em_Portugal_2010_O_Barroco_de_D_Jo%C3%A3o_V.pdf

¹⁰⁰ Apesar de poder consistir, também, num lapso do inventariante, importa referir: “Item Tres Esteiras pequenas de Guine diguo da Índia hũa rota que nam Val nada E as duas a saber a melhor em dusemtos reis E a outra somenos em cem reis Vendida huma por dusentos reis a Fermam Dias – 00200 reis”. AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, fl. 190-191.

¹⁰¹ Braga, Isabel Maria Ribeiro Mendes Drumond. 2012. *Bens de hereges inquisição e cultura material, Portugal e Brasil (séculos XVII - XVIII)*. Coimbra: Imprensa da Universidade Coimbra.: “de pessas de ouro tem hum cordão e huma joya de filagrana de laço e huns brincos das orelhas que tudo valerá quarenta mil reis e que tem hum anel de robis e duas memorias de ouro e não sabe o que valerão”, p. 215; “hum justilho de lama gemada que tudo he ainda novo e não sabe o que vale e que em sua caza ficarão os dittos vestidos”, p.200; “humas facas de cabo de prata a que não sabe o valor”, p. 230.

Tomando novamente como exemplo o inventário de D. Teodósio I, salientamos a descrição de um escritório que, embora dito “da China”¹⁰², manifesta tipologia, cromia e decoração que vão de encontro às características dos objetos japoneses nanban. Outro exemplo, já da centúria de setecentos, diz respeito a “*quatro colchas duas brancas pespontadas e as outras duas ordinarias que se fazem no Reyno e tem mais outra pespontada de retros encarnado entende que he da India*”¹⁰³.

A distinção entre os têxteis chineses e indianos é igualmente deveras complexa¹⁰⁴. Os exemplares chineses eram muito apreciados devido à incorporação de materiais preciosos como o ouro e a prata, à exímia qualidade do bordado e aos coloridos e vívidos programas decorativos, dos quais resultavam objetos bastante apelativos. O luxo e o impacto visual que suscitavam conferiram aos têxteis chineses um papel de destaque nas opções decorativas religiosas e privadas, sendo-lhes quase sempre prestados elogios e dedicadas descrições de grande detalhe¹⁰⁵. Pela sua importância e quantidade disponível no Reino ao longo dos séculos XVI e XVII, os têxteis identificados nas fontes como indianos poderiam ser de origem chinesa pois, pese embora as diferenças ao nível técnico e material, ambas as produções observavam decoração idêntica, tendencialmente zoomórfica e vegetalista¹⁰⁶. É disso exemplo um conjunto de cortinas de “*borcadilho da India*” com “*garças e flores vermelhas*”, também descritas no inventário de D. Teodósio I, que em tudo se assemelham à decoração habitual das peças chinesas¹⁰⁷.

¹⁰² “*Item Hum escritorio da China dourado de ouro E preto guarnesido de prata com todos os cantos de baixo e de sima de prata E fechadura E gomsos foi aualiado em trese mil reis – 130 reis*”. AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, fl. 181v..

¹⁰³ Braga 2012, p. 151.

¹⁰⁴ A questão foi recentemente estudada por Maria João Ferreira. Cf. Ferreira, Maria João. 2012 “Os “Panos da Índia” em Portugal: integração e consumo dos artigos têxteis asiáticos na sociedade portuguesa (séculos XVI-XVIII)”, comunicação apresentada no “IV Congresso de História da Arte Portuguesa”, org. Associação Portuguesa de Historiadores da Arte (APHA) em homenagem ao Professor José-Augusto França, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 21-24 Novembro. Ver também: Ferreira, Maria João, 2016. “Os Limites no Gosto: Os Panos da Índia nas Pragmáticas de 1609 e 1677”, in *O Gosto Português na Arte*, editado por Ana Duarte Rodrigues, 22-39. Lisboa: Scribe.

¹⁰⁵ Cf. Ferreira, Maria João. 2011. *Os têxteis chineses em Portugal nas opções decorativas sacras de aparato (séculos XVI-XVIII)*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

¹⁰⁶ Cf. Crill, Rosemary. 2014. “Asia in Europe: Textiles for the West” In *Encounters. The meeting of Asia and Europe 1500-1800*, ed. Anna Jackson e Amin Jaffer. Londres: V&A Publications, p. 265.

¹⁰⁷ “*Item Hũas cortinas de lejto grande de borcadilho da India Verde E uermelho com seus alperauazes no Ceo dous panos delle tem garças E flores Vermelhas framiado costaneira E cabeseira do mesmo framiado de Ouro E uerde O Ceo cabeseira E costaneira bamdado de Cetim auelutado bramquo foram*

Outro problema do estudo reside na dificuldade em distinguir na documentação coeva se as origens indicadas dizem respeito aos objetos ou aos materiais empregados nos mesmos. A disponibilização de matérias-primas e materiais avulsos indianos no mercado português, e o seu consequente emprego nas manufaturas locais, dificultam bastante a distinção entre os têxteis daí originários (ou comercializados), e aqueles executados no Reino com matérias-primas ou materiais asiáticos, não raras vezes, pela mão de artesãos indianos ou chineses. Referências como *“huma colcha de tafeta da Índia”*¹⁰⁸, *“Outra colcha de seda da Índia”*¹⁰⁹, *“um cobertor de damasco azul e branco e carmesim da Índia”*¹¹⁰, *“uma toalha de pano da Índia com renda”*¹¹¹, ou *“hum frontal de brocadilho da Índia”*, são relativamente ambíguas. Ademais, na documentação portuguesa são frequentes as descrições de peças executadas em materiais muito comuns no Reino que, mesmo quando não avaliadas, mencionam as fibras (linho, estopa, etc) ou técnicas dos panos (tafetá cetim, etc), tais como *“pano da ljnho”*¹¹² e até *“pano de guoademesjm”*¹¹³, sendo a última importante para perceber que o termo “pano” seria também aplicado a peças que, não têxteis, assumiam funções idênticas.

A este respeito, salientamos a referência a uma *“vestimenta de fota d’Urmuz, muito fina, com savastro de seda da Jndea de cores com duas barras de veludo preto por cima framjada de retrós de cores, de todo comprida”*¹¹⁴, cuja execução parece ter incorporado materiais asiáticos de duas origens distintas – Irão e Índia - corroborando

aualiados Com framias E as corrediças de tafeta azul que uam na adição adiante tudo Em Vinte e dous mil reis – 22000”. AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, 298 v..

¹⁰⁸ ANTT, FF, IPM, Letra S, maço 21, doc. 16.

¹⁰⁹ Arquivo Histórico da Fundação Eugénio de Almeida (A.H.F.E.A.), *Inventario que se fez de todos os bens que ficarão per falecimento do senhor Conde de Basto dom Lourenso pires de Castro que faleseo em Catalunha no lugar de fraga sem descendentes deixando por sua universal herdeira a senhora Condessa de Basto Dona Violante de Lencastre sua mulher*. Cf. Serrão, Vitor. 2015. *Arte, religião e imagens em Évora no tempo do Arcebispo D. Teotónio de Bragança, 1578-1602*. Óbidos: Sinapsis, p. 277.

¹¹⁰ ANTT, FF, IPM, Letra A, Mç. 3, nr. 10, cx. 5

¹¹¹ ANTT, FF, IPM, Letra A, Maço 3, nr. 2, cx. 4

¹¹² ANTT, Ordem de Santiago / Convento de Palmela, Códice no. 154, fl. 127. Vid. Cunha, Mário Raúl de Sousa. 2012. *“(…) Visitamdo nós ora pessoalmente o dito meestrado de Samtiaguo (…): As Igrejas da Ordem Militar de Santiago. Arquitectura e Materiais”*, (Volume II). Tese de Doutoramento em História da Arte Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património.

¹¹³ AHCB, BDMII, Res. Ms adq 29, fl. 10.

¹¹⁴ ANTT, Ordem de Santiago / Convento de Palmela, Códice no. 154, fl. 137. Vid. Cunha 2012.

o facto dos têxteis asiáticos avulsos serem comuns na produção de peças de tipologia europeia, já no Reino, provavelmente por artesãos portugueses.

A interpretação torna-se menos complexa quando encontramos referências a ambas as realidades no mesmo documento, embora estas sejam raras. É o caso do inventário *post mortem* de Bernardo Gança¹¹⁵, seleiro em Lisboa, datado de 1596, onde são descritas “*uma colcha da Índia de canequim fino*” e outra de “*pano da Índia mais grossa*”, parecendo apontar, efetivamente, para dois casos distintos.

O problema adensa-se, porém, quando nos confrontamos com a utilização do termo “pano da Índia” para descrever o que poderão ser objectos. Num alvará datado de 1562¹¹⁶, são mandadas entregar pela Rainha a diversas pessoas um conjunto de “*peças de pano da India*” entre os quais se destacam várias “*peças de caça*”, que parecem apontar para objetos semelhantes aos bordados de Bengala, conhecidos pela representação de montarias. Dois anos mais tarde, um outro alvará da Rainha¹¹⁷ menciona peças semelhantes (“*duas peças de caça e huã de Bemguala*”), embora neste caso, claramente dissociando ambas. Não excluimos a possibilidade de se tratar de peças de cassa, um tipo de tecido muito fino e transparente de algodão ou linho, ainda que sabendo da existência na documentação de objetos como uma “*mantilha de colcha de montaria avaliada em dous mil reis*”¹¹⁸.

Pelo exposto, cremos que o termo “pano da Índia” seria muito provavelmente utilizado para descrever uma considerável variedade de têxteis, tanto na forma de tecidos avulsos, como de peças de produção indiana, independentemente da sua tipologia, dimensão, técnica ou outros. Cremos igualmente que reporta, de modo geral, a “algodão”.

Outro desafio na análise da documentação no âmbito da produção têxtil luso-asiática, consiste da identificação e distinção das técnicas aplicadas nos objetos e respectivas nomenclaturas, nomeadamente, “pintado”, “bordado”, “lavor” e

¹¹⁵ ANTT, FF, IPM, Letra B, Maço 39, nr. 10

¹¹⁶ ANTT, CC, I, Maço 105, N.º 109.

¹¹⁷ ANTT, CC, I, Maço 107, N.º 28.

¹¹⁸ “*Inventario que se fez de todos os bens que ficarão per falecimento do senhor Conde de Basto dom Lourenso pires de Castro que faleseo em Catalunha no lugar de fraga sem descendentes deixando por sua universal herdeira a senhora Condessa de Basto Dona Violante de Lencastre sua mulher*”. Cf. Serrão 2015, p. 360.

“pespontado”. O termo “lavor”, embora nem sempre seguro, aparenta remeter para desenho ou decoração, tal como os seguintes exemplos: *“Huma colxa da India branca de Benguella toda pespontada, e lavrada de labores de retros branco muito fina franjada de retros amarelo com suas maçanetas”*¹¹⁹ e *“Tiraom desde regno de Peegu (...) e aquy uem cadano muytas náos de Mouros ha tratar e trazer muytos panos de Cambaya pintados, dalgodam e seda, ha que chamaom patolas, que saom pintados com muytos lauores, que ualem aquy muyto dinheiro”*¹²⁰. Por sua vez, “laurado” já pode assumir também o coevo e actual termo “bordado” (*“laurado tudo de seda de cores”*¹²¹), conforme é comum para peças associadas à Índia (*“Item Tres penteadores da India de rebotim Laurados de ponto de cadea com suas cadanetas”*)¹²².

São igualmente comuns referências a vestimentas e frontais de altar de “pano pymtado” que nos levam a interrogar se este termo poderia referir-se também a “bordado”, dado tratar-se da técnica mais aplicada na paramentaria. Neste contexto, é também pertinente referir o exemplo de um *“pano d’estopa pymtado de labores de damasco”*¹²³, que poderá corresponder a uma técnica de tecelagem ou à região de origem do tecido.

A documentação suscita também limites ao estudo iconográfico das colchas indianas, que independentemente do seu carácter geométrico ou figurativo, partilham da mesma problemática. Dedicar-nos-emos às últimas, para as quais existem mais descrições documentais.

São amplamente conhecidas referências a colchas indianas “de montaria”, quase sempre associadas à região de Bengala - como vimos anteriormente, caracterizada pela produção com motivos de caçadas. Porém, há que ter em conta que este tema é amplamente reproduzido na arte portuguesa e europeia sendo,

¹¹⁹ Cf. Sousa, Antonio Caetano de. 1739. *Provas da historia genealogica da casa real portugueza, tiradas dos instrumentos dos archivos da torre do Tombo ... por d. Antonio Caetano de Sousa*. Tomo III, Lisboa occidental: Na officina Sylviana da Academia real, p. 417.

¹²⁰ *Collecção de noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas, que vivem nos dominios portuguezes, ou lhes sao visinhas*. Tomo II, Nos. I e II. 1812. Lisboa: Typografia da mesma Academia, p. 366.

¹²¹ Castanheda, Fernão Lopez de. 1833. *Historia Do Descobrimento, E Conqvista Da India Pelos Portvgueses*, Livro II. Lisboa: Rolland, p. 83.

¹²² AHCB, BDM II, Res. Ms. 18, fl. 68.

¹²³ Basto, Ana Carolina de Domenico de Avilez de. 2003. *A Vila do Torrão: segundo as Visitações de 1510 e 1534 da Ordem de Santiago*, Dissertação de mestrado apresentado à universidade do Porto, p. 161.

inclusivamente, um dos mais apreciados e aplicados em têxteis, especialmente bordados, rendas e tapeçarias, devido à sua importância no quotidiano da nobreza e carga simbólica que assumiam.

Deste modo, como podemos distinguir na documentação peças que em tudo idênticas - no que respeita às iconografias, fibras dos bordados, cromias, função etc -, mas produzidas sob diferentes métodos de manufatura, em Portugal e na Índia? Cremos que tal, em bom rigor, é impossível. Vejamos em que difere a descrição que se segue: *“Huma Colcha de Bengalla fina meam lavrada de aves, e montaria, e boscagem de seda franjada de retros amarelo, e branco, e maçanetas nos cantos”*¹²⁴, das seguintes descrições muito semelhantes: *“Huma colcha de marca grande branca e tostada de montaria fechada com franja de retros branco e amarelo forrada de tafeta gemado que foi vista e avaliada em outenta mil reis com que se sae - Lxxx mil”*¹²⁵, *“Outra colcha grande de montaria fechada e cor tostada com franja de retros gemado forrada de tafeta leonado que foi vista e avaliada em outenta mil reis com que se sae - Lxxx mil”*¹²⁶ e *“Item seis colchas tres de montaria e tres brancas avaliadas per informação em cemto e vinte mil reis - Cto. xx mil”*¹²⁷?

Em suma, no que concerne à leitura de fontes manuscritas como meio de compreensão dos bordados indianos nos séculos XVI e XVII, como vimos, é necessário ter em consideração todos estes aspectos, procurando adoptar abordagens de investigação que possibilitem a produção de novos conhecimentos passíveis de inovação e aplicação às demais realidades luso-asiáticas.

2.2.2. Iconografia

¹²⁴ “O Presente que ElRey Dom Henrique que efè em gloria mandou do Xarife”. Cf. Sousa 1739, p. 417.

¹²⁵ ANTT, Orfanológicos, Letra J, Maço 347, no. 9, fl. 33v. - Inventário dos bens que ficaram por falecimento do Conde de Castelo Melhor, João Rodrigues de Vasconcelos e Sousa (...), 1659. Documento disponibilizado pelo projecto “A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro nos séculos XVII, XVIII e XIX” (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/acasasensorial/index.php>).

¹²⁶ ANTT, Orfanológicos, Letra J, Maço 347, no. 9, fl. 33v.

¹²⁷ ANTT, Arquivos Particulares, Casa de Santa Iria, Caixa 11, Doc. 13, fl. 3v. - “Lembrança da partilha de bens que por morte de D. Luísa de Moura e seu marido D. Manuel de Meneses (...)”, 1614. Documento disponibilizado pelo projecto “A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro nos séculos XVII, XVIII e XIX” (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/acasasensorial/index.php>).

O estudo da iconografia é determinante para a compreensão das dinâmicas artísticas e culturais que estiveram na base de todas as sociedades. Também para o estudo dos bordados indianos, constituiu uma das principais metodologias de investigação. Vimos anteriormente como o estudo iconográfico das colchas bordadas indianas tem ocupado vários historiadores nos últimos anos, dos quais resultaram importantes conhecimentos – vários assentes numa análise comparada –, entre eles, a relação direta de determinados temas ou decorações a centros produtores específicos e a sua evolução no tempo¹²⁸. Mas como sucede para quaisquer produções artísticas, também aqui somos confrontados com os limites da própria metodologia.

No que concerne à datação dos bordados, pese embora seja quase seguro afirmar que a evolução dos mesmos se fez no sentido da uma crescente complexidade decorativa - é difícil traçar a sua evolução no tempo de forma linear e assumir, naturalmente, que um bordado que se enquadra nas características comuns à primeira ou segunda fase produtiva, mais recuadas, não possa ser produzido para o mercado português em data tardia, a par dos objetos mais complexos.

Tal é válido por diversos motivos, como referimos, mas parece-nos especialmente importante atendendo à variedade de mercados para os quais a Índia produzia - da Europa ao Sudeste Asiático e, mais tarde, abrangendo a América, resultando num maior acesso a uma ampla variedade e quantidade de objetos têxteis distintos daqueles produzidos especificamente para o mercado português –, e também ao facto de, muito provavelmente, as peças menos profusas, produzidas fora do contexto de uma encomenda determinada, serem menos dispendiosas (e mais facilmente adquiridas).

Em segundo lugar, há que considerar outra questão aquando da análise iconográfica destes objetos: a sua reprodução, no seu sentido mais lato - o da “cópia” e o da “inspiração”. Aqui importa olhar para duas questões: seria possível - por necessidade de resposta ao mercado privado, gosto, ou outro factor - a reprodução de modelos entre distintos centros produtores indianos? Isto é, poderá, a título de exemplo, uma oficina da região de Bengala ou de Goa (embora a última sem tradição

¹²⁸ Para este último caso, salientamos o importante e recente contributo de Barbara Karl (2016).

têxtil de exportação) reproduzir pontualmente peças em tudo idênticas às aquelas habituais em Guzerate? Ou o inverso?

São conhecidos alguns obstáculos ao mercado têxtil entre a Índia e Portugal que poderão, eventualmente, ter motivado tal solução. Em 1651, a partir de Goa, Jorge de Amaral e Vasconcelos escreve ao seu cunhado dando conta da escassez de matérias-primas e objectos em alguns centros produtores asiáticos¹²⁹: *“Ambos me escreverão [e] eu lhe respondo e se me chegar esta cafilla do Norte huns chamalotes pera vestidos e pera jibões lhos mandarey porque estas encomendas se se não manda vir com tempo se não achão couza que sirva e oje com defficultade vem em rezão da perda de Masquate que o trato da Percia e Arabia consistia nesta fortaleza donde estas drogas vinhão”*, reforçando mais adiante, a propósito das colchas, que *“Pera o anno lhe mandarey colchas pera cama. Não mando a Vossa Merce algũas couzas porque a falta da China e da Percia afas a que se não ache nada mas se Deos melhorar isto logo se acharão as couzas pera se mandarem porque as cedas d'oje vallem mais quaras neste Estado do que no Reino”*¹³⁰.

Jorge de Amaral e Vasconcelos referia-se à instabilidade que marcou a presença portuguesa no Golfo Pérsico após a queda de Ormuz em 1622 e Mascate em 1651, que em muito condicionou as dinâmicas mercantis. Portanto, para além da escassez de matérias-primas e fatores económicos associados, também o tempo de espera necessário entre o pedido, a encomenda, a eventual produção e o envio para o reino, poderia suscitar produções indianas paralelas, de características idênticas às conhecidas (embora em pequena escala), ou produções portuguesas no reino idênticas ou de influência indiana.

No seu mais recente estudo, Barbara Karl procurou estabelecer diferentes agrupamentos de colchas indianas que confirmou coincidirem, no decorrer do exaustivo levantamento documental que realizou, aos dois centros já anteriormente mencionados por John Irwin: Bengala e Guzerate. Para estes dois centros, sugeriu grupos distintos baseados em diferentes abordagens, ambas centradas nos aspectos

¹²⁹ Barros, Amândio Jorge Morais. 2011. *Cartas da Índia: correspondência privada de Jorge de de Amaral e Vasconcelos (1649-1656)*. Porto: Centro de Investigação Transdisciplinar "Cultura Espaço e Memória", p. 64.

¹³⁰ *Ibidem*, p. 64.

visuais das colchas (iconográficos e técnicos). Para Bengala, definiu três grupos que têm em comum a mesma composição de base e o uso das mesmas técnicas e materiais, embora tenham sido bordados em diferentes estilos¹³¹. A estes grupos estilísticos faz corresponder três fases, que se transformam de acordo com o desenvolvimento cronológico da integração das formas e conteúdos. De modo geral, evoluem continuamente no sentido de uma crescente complexidade decorativa, após a integração de elementos europeus. Grosso modo, definem-se as seguintes fases¹³²: a) uma primeira, mais delicada e austera, em que as colchas resultariam da evolução de protótipos (constituídos pelas colchas com cenas de caça mencionadas na documentação portuguesa); b) uma segunda, de estilo mais compacto e decoração densa, em que passaram a constar iconografias europeias mais complexas e mais difíceis de decifrar do ponto de vista visual e intelectual; c) um terceiro, mais eclético, formado por colchas muito distintas dos dois grupos anteriores, onde é utilizada mais cor e as decorações são mais geométricas, sendo a decoração menos compacta e com alguns paralelos na arte islâmica. Difere também dos restantes pela utilização do ponto atrás e maior influência islâmica, enquanto nos dois primeiros prevalece o ponto a cadeia e os temas europeus.

A conclusão que retiramos desta abordagem - embora a autora não a discuta em pormenor -, é o facto de, consequentemente, implicar que as colchas menos profusas sejam potencialmente mais antigas que as suas pares mais complexas. No entanto, a autora refere que não é possível definir uma linha condutora (diga-se estilística, mas, assim, consequentemente temporal), nem entre os grupos individuais, nem entre as várias fases evolutivas que cada um integra, mencionando que *“some colchas bear elements from two different groups, thus illustrating that the pieces were produced in the same region, if not in the same workshops. The step by step integration of what were exotic European features for the producers did not necessarily mean that the production of the local Bengalo-Islamic-style pieces stopped”*¹³³.

Para o caso de Guzerate, a autora tem uma abordagem diferente. Por incluírem, todas elas, temas e influências do vocabulário decorativo europeu – o que

¹³¹ Karl 2016, p.82.

¹³² *Ibidem*, p. 82.

¹³³ Karl 2016, p. 83.

invalidou a sua divisão de acordo com a mesma metodologia aplicada a Bengala - as colchas em análise foram divididas em três grupos, de acordo com a sua fase de desenvolvimento, numa visão comparativa com a arte da corte mogol, a partir da qual também as datou. Pela proximidade de formas e estilos entre as colchas em análise e as colchas e repertórios decorativos mongóis (maioritariamente conhecidos através de fontes visuais), segundo Karl, existe uma possibilidade dos centros produtores serem os mesmos (ou relacionados) que produziam para os portugueses, ressalvando, por esse motivo, apesar das adaptações aos modelos europeus, que a distinção exacta entre ambas as produções é difícil, mesmo num ambiente cultural em que *“their [colchas] mythological content does not necessarily exclude the Mughal luxury market that was constantly thirsting for novelties, just as the European market was”*¹³⁴.

Estes casos espelham, precisamente, o que aqui queremos discutir: pese embora a análise exaustiva de Barbara Karl - assente em vasta documentação e em análises comparativas com a arte local - os agrupamentos de colchas tendo exclusivamente como critério os seus aspectos decorativos e iconográficos não permitem, *per se*, caracterizar grupos produtivos, precisamente, pelas múltiplas influências a que estiveram simultaneamente expostos.

2.2.3. Ciências Exactas

As ciências exatas constituem uma importante ferramenta de apoio à investigação em torno dos bordados indianos destinados ao mercado português. Através da caracterização química e física, respectivamente, dos corantes, mordentes¹³⁵ e fibras dos objetos, é-nos quase sempre possível identificar a sua origem europeia e asiática, salvo algumas exceções acerca das quais falaremos no próximo capítulo.

¹³⁴ Karl 2016, p. 100.

¹³⁵ Os mordentes são compostos químicos utilizados na manufactura têxtil que servem como absorventes e fixantes de cor. São utilizados sempre que não é possível fixar corantes directamente sobre as fibras (vegetais, animais ou minerais). O mordente pode ser aplicado antes, durante ou depois do processo de tingimento. Os processos de mordentagem variam consoante as fibras utilizadas e as cores que se pretende obter. São importantes devido ao facto de permitirem a variação de cores, ou seja, o mesmo corante pode assumir diferentes tons consoante o mordente empregado.

Como vimos, Maria do Carmo Serrano foi a primeira investigadora a olhar para um conjunto de colchas classificadas como “indo-portuguesas”, pertencentes à coleção do Museu Nacional de Arte Antiga, procurando - entre outros aspectos específicos circunscritos apenas à disciplina¹³⁶ -, respostas através da identificação dos componentes químicos dos corantes e das fibras e, a partir destes, estabelecer possíveis origens e datações.

A sua investigação decorreu, precisamente, dos limites dos estudos anteriores, como referiu, *“Ao examinarmos os motivos decorativos e a textura das colchas, procurando estudar as origens e influências recebidas, não conseguimos mais do que hipóteses. Estas colchas, como muitas outras existentes, tanto podem ter sido confeccionadas com tecido fabricado em Portugal como ter vindo de um outro país da Europa ou da Índia”*¹³⁷. Tratou-se, assim, da primeira investigadora que desenvolveu um estudo exaustivo destes objetos com vista à procura de critérios objetivos para a distinção entre as produções portuguesa e indiana.

Como refere no seu estudo, *“a associação de uma obra de arte a uma determinada época deve envolver, para além de considerações puramente históricas, análises dos materiais envolvidos na sua execução, de forma a complementar e/ou facilitar a sua datação”*¹³⁸, porém, também a investigação química oferece as suas limitações. Se por um lado, *“os resultados obtidos, quando comparados com a informação historiográfica já disponível, permitem determinar, com rigor, pela caracterização química dos materiais constituintes (fibras têxteis, mordentes e corantes), o tipo de materiais utilizados na manufatura das colchas indianas e portuguesas dos séculos XVI-XVIII, bem como a sua proveniência”*¹³⁹, por outro, não permite identificar com a mesma segurança, por força da circulação das matérias-primas entre a Europa e a Ásia, a origem dos objetos, pois a origem das matérias-primas não corresponde necessariamente à origem dos objetos.

¹³⁶ Nomeadamente, o ensaio e a identificação de “novos métodos para determinação dos corantes e das suas formas de degradação”. Cf. Serrano 2007, p. 177.

¹³⁷ *Ibidem*, p. 35.

¹³⁸ *Ibidem*, p. 98.

¹³⁹ *Ibidem*, p. 177-178.

A interpretação dos resultados obtidos, contudo, não pode ficar por aqui. Acresce uma outra importante questão: a identificação dos mordentes e as ilações que dela podemos retirar. A caracterização das substâncias utilizadas enquanto mordentes poderia possibilitar a identificação dos métodos de tingimento aplicados em cada centro, nomeadamente, se vários bordados apresentassem as mesmas soluções para a obtenção das mesmas cores. Contudo, as análises efetuadas por Serrano demonstraram que, na maioria das colchas, foi utilizada uma variante comum, até ao séc. XVIII, em praticamente todo o mundo¹⁴⁰, impossibilitando assim a sua distinção.

Conclui-se, como esperado, ser apenas possível obter resultados importantes para uma distinção mais clara entre as colchas indianas e portuguesas através da confrontação destes resultados com aqueles decorrentes de outras áreas do saber.

2.2.4. Técnicas de produção

Tal como a metodologia anterior, a análise técnica dos bordados permite obter algumas respostas no que respeita às características produtivas indianas e portuguesas, embora com limitações.

Vários investigadores já se ocuparam do estudo das características do bordado decorativo, nomeadamente, os tipos de pontos e as técnicas mais utilizados. A identificação de possíveis origens geográficas através do estudo dos primeiros é praticamente impossível, atendendo que o bordado a ponto de cadeia é utilizado em toda a Ásia. Mas através da identificação da técnica utilizada pelos bordadores podemos compreender algo mais. Para o efeito, destacamos o artigo de John Irwin e Babette Hanish¹⁴¹, onde procuraram analisar, com base na produção contemporânea existente, as diferenças entre as duas técnicas de bordado mais comuns: a de agulha e a de gancho (designado na região como *ãrĩ*). A sua utilização, *per se*, não nos permite definir com certeza os locais produtores de origem, precisamente devido à circulação de artesãos e saberes no território indiano.

¹⁴⁰ *Ibidem*, p. 180.

¹⁴¹ Irwin, John, e Babette Hanish. 1970. "Notes on the use of the hook in indian embroidery", *The Bulletin of the Needle and Bobbin Club*, Vol. 53 (1970): 3-15.

No entanto, no contexto de um estudo alargado, poderá ajudar-nos a compreender as dinâmicas do mercado (a produção a agulha era mais demorada do que a de gancho), em que produções se manifestaram com mais frequência, em que tipologias, se seriam utilizadas em conjunto no mesmo objeto ou, ainda, de que modo eram aplicadas sobre o suporte.

Vimos neste subcapítulo como os trabalhos anteriores foram fundamentais para a evolução no estudo desta temática. Mesmo quando circunscritos a certas metodologias ou a estudos de casos, no seu conjunto, possibilitaram-nos compreender o complexo panorama da produção de bordados indianos para o mercado português. No próximo subcapítulo, onde iremos apresentar a abordagem de investigação que esteve na base do nosso estudo, voltaremos a algumas destas problemáticas de forma a discutir possíveis novas vias de investigação.

2.3. Abordagem proposta

Tal como Maria José de Mendonça havia corroborado para o século XVIII¹⁴², não foi apenas o algodão indiano a ser enviado para o Reino, mas também, embora certamente em menor escala (à imagem da sua produção), o linho português para a Índia. Na sua descrição do Reino de Portugal, a respeito da produção de linho da cidade de Guimarães, Duarte Nunes de Leão observa: *"e nela se dar o linho de que se fazem as delgadas e finas linhas e de maior alvura que há em todo o universo. Porque os mesmos indios de Bengalla e de Cambaia onde pespontam suas belissimas colchas e outras obras delicadissimas com o mais delgado retroz que há no mundo, as mandam pedir, e lhas levam de Portugal para fazerem melhor obra. E assi em todas nações é nomeado o fio portugues"*¹⁴³.

A observação de Duarte Nunes de Leão é determinante para o estudo que apresentamos. Esta referência documental, a mais recuada conhecida, vem confirmar a necessidade de refletir sobre a comum concepção de que as peças bordadas sobre

¹⁴² Mendonça 1951, p. 13.

¹⁴³ Cf. Leão, Duarte Nunes. *Descrição do Reino de Portugal*, [3.ª ed.]. Transcrição do texto, aparato crítico e biografia do autor por Orlando Gama; estudos introdutórios de António Borges Coelho, João Carlos Garcia e Suzanne Daveau; tradução e notas dos textos latinos de Amílcar Guerra, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2002, p. 137.

(ou com) linho e que espelham, simultaneamente, influências dos reportórios decorativos indianos e portugueses, são provavelmente portuguesas. Não que tal seja errado, pois sabemos que a produção portuguesa é fortemente marcada pelo recurso a esta fibra, entre outras características que várias das peças ditas “indo-portuguesas” compreendem; mas porque simplesmente não podem ser afastadas dos estudos dos bordados indianos para o mercado português quando também elas foram criadas no mesmo panorama cultural e artístico.

Portanto, tendo claramente a circulação de matérias-primas ocorrido em ambos os sentidos, elaborar um estudo dos bordados executados na Índia com destino a Portugal, implica, necessariamente, olhar para ambas as produções com igual rigor e metodologia, submetendo os objetos, mesmo que esteticamente muito distintos, aos mesmos critérios de análise, mas sobretudo, procurando afastar-se das ilações previamente obtidas em outros estudos e considerando novos aspectos nunca antes explorados.

Até ao momento, tem-se procurado relacionar e agrupar as colchas “indo-portuguesas” de acordo com dois principais critérios: as suas características iconográficas e as especificidades técnicas do seu bordado. cremos, porém, que estes aspectos já se encontram bem estudados e fundamentados, não sendo possível, através destas abordagens, alcançar novos conhecimentos muito significativos. Acresce o facto de, conforme exposto no subcapítulo anterior, entendermos que estas abordagens oferecem limites que podem induzir-nos em erro por se ocuparem, exclusivamente, das particularidades que definem o “aspecto” das peças, ou seja, que as caracterizam visualmente.

Ora, sabendo que as produções portuguesa e indiana sofreram influências mútuas e que existe uma forte possibilidade de inspiração e reprodução de modelos, cremos que a análise deve fundamentar-se, primeiramente, nos aspectos menos susceptíveis de reprodução, ou seja, aqueles que estão resguardados do olhar: as especificidades da sua construção, em especial, aquelas visíveis apenas através do verso da peça. Há que lembrar que, para o caso das colchas e panos de armar bordados, apenas metade da peça se encontra visível. A restante permanece escondida do olhar e é precisamente através dela, no verso, quase sempre coberto por

forro (comum desde a época e, para o caso das peças indianas, muito provavelmente aplicado já em Portugal, tal como as franjas e as borlas), que podemos encontrar importantes vestígios da sua produção, não apenas a respeito da montagem e tratamento do suporte, mas também do trabalho artístico elaborado na frente.

Portanto, o verso constitui um dos mais importantes testemunhos da sua produção, no sentido em que, muito provavelmente: a) os artífices não procuraram deliberadamente “aprimorar” ou “limpar” os vestígios do seu trabalho; b) encontra-se melhor conservado do que a frente, sujeita a grande desgaste, permitindo conhecer, entre outros, as cromias originais e características do bordado mesmo quando este já apresenta desgaste ou lacunas na frente; e sobretudo c) as características construtivas são menos susceptíveis de reprodução ou cópia do que a iconografia.

Potencialmente, e em última instância, as especificidades produtivas encontradas no verso permitir-nos-ão identificar e isolar eventuais novos agrupamentos de objetos, aos quais poderão corresponder possíveis centros produtores (a uma micro e/ou macro escala) e suas respectivas características produtivas. Tal poderá confirmar-nos se peças esteticamente muito distintas poderão ter sido produzidas nos mesmos locais ou se, inversamente, existe uma coerência decorativa e estilística própria a cada região conforme, até ao momento, vários estudos têm vindo a confirmar. Mais, ajudar-nos-á a melhor distinguir: a) a produção portuguesa da produção indiana; b) as diferentes produções portuguesas e indianas entre si.

Por fim, analisaremos as colchas do ponto de vista científico, identificando as fibras e os corantes utilizados na sua produção. Atendendo a que não podemos definir taxativamente a origem das peças com base na origem das suas matérias-primas – como referido, será sempre uma informação complementar a atender no conjunto –, importa-nos mais identificar, para cada grupo, os tipos de fibras utilizados no bordado e as soluções de tingimento adoptadas, por exemplo, para a obtenção da mesma cor.

Com este estudo, não pretendemos propor uma abordagem de investigação independente das restantes, naturalmente. Propomos, tão-somente, verificar a elegibilidade de uma nova via de investigação que constitua um complemento às demais para a produção de novos conhecimentos acerca destes objetos. Como

referido, importa-nos criar um sistema de análise técnica que seja completo e detalhado, acima de tudo, coerente e de critérios fixos, que possa ser confrontado com as características visuais dos objetos, mas que não seja mutável ou influenciado por elas.

3. O *corpus* material

Atendendo à abordagem metodológica proposta, o *corpus* material em análise integra colchas e panos de armar cujas características formais e visuais se enquadram, pelo menos, dentro de um dos seguintes grupos, de acordo com as atribuições que lhes foram associadas até agora: a) origem portuguesa (provável); b) origem portuguesa (duvidosa); c) origem indiana (provável); d) origem indiana (duvidosa).

Nos próximos subcapítulos identificaremos os vários aspectos técnicos analisados, justificaremos os motivos que levaram ao seu registo e, ainda, explicaremos de que forma estes poderão ajudar-nos a retirar mais ilações acerca das especificidades produtivas dos bordados.

3.1. Enquadramento, seleção e identificação

A nossa dissertação apresenta como objeto de estudo um conjunto de bordados indianos, portugueses ou de origem incerta (enquadrada na produção dita “indo-portuguesa”) conservados no Museu Nacional de Arte Antiga, no Museu Nacional Machado de Castro, no Palácio Nacional da Ajuda, no Museu Condes Castro de Guimarães, no Museu de Artes Decorativas Portuguesas da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva e na Casa-Museu Medeiros e Almeida, datados dos séculos XVI a XVIII pelos conservadores e investigadores nacionais e estrangeiros da especialidade. Devido à significativa superioridade numérica destas tipologias nas coleções dos museus nacionais, a nossa análise centrou-se em colchas e panos-de-armar.

Integraram no conjunto 35 objetos bordados: 27 do Museu Nacional de Arte Antiga, 2 do Museu Nacional Machado de Castro, 3 do Museu de Artes Decorativas Portuguesas da FRESS, 1 do Palácio Nacional da Ajuda, 1 do Museu Condes Castro de Guimarães e, por fim, 1 da Casa-Museu Medeiros e Almeida.

Antes de avançarmos com a apresentação dos aspectos técnicos e científicos analisados, importa salientar também as limitações práticas que um estudo desta dimensão implica. Em primeiro lugar, aquelas que decorreram das condições de trabalho oferecidas pelas instituições museológicas, em segundo, os desafios no processamento da informação passível de analisar.

Relativamente às primeiras, importa referir que o trabalho de análise e registo das características dos objetos foi elaborado maioritariamente nas reservas e galerias expositivas dos museus, onde, infelizmente, as condições de trabalho não foram as mais adequadas, apesar da dedicação e do esforço constantes dos seus técnicos e funcionários para que as mesmas fossem possíveis: nas reservas, por falta de espaço para visualizar os objetos no seu todo, na ausência de mesas ou outros suportes de grande dimensão e, também, pela dificuldade de manuseamento dos objetos que, pela sua dimensão, são bastante pesados; nas galerias expositivas, pela sua função, a ausência de condições de iluminação para um trabalho tão detalhado quanto o que propomos e, também, para o caso dos objetos expostos verticalmente, a total impossibilidade de analisar a zona superior.

Em segundo lugar, as dificuldades sentidas na análise, processamento e comparação da informação, pela sua considerável quantidade e variedade passível de registar, o que implicou, não apenas, a necessidade de aquisição de conhecimentos técnicos e científicos específicos para o efeito, mas também, a necessidade de um período de tempo consideravelmente mais lato do que inicialmente esperámos, o que nos obrigou forçosamente a deixar alguns aspectos por analisar (por exemplo, o tipo de torção dos fios do bordado). A impossibilidade de abrir alguns dos forros – por questões de logística ou de conservação preventiva – não nos permitiu registar seguramente, para todos os casos, alguns aspectos da construção dos objetos.

Pese embora as circunstâncias em que a análise foi realizada, foi possível efetuar o levantamento exaustivo de vários dados nunca antes observados e, por isso, até ao momento totalmente desconhecidos. A partir deles, como veremos, será possível melhor definir o panorama da produção dos têxteis em análise.

De forma a convenientemente identificar e registar as características construtivas do bordado e do suporte, bem como efetuar amostragens para análise química e microscópica, viu-se necessário: a) abertura dos forros para expor o verso e assim registar pormenores impossíveis de analisar na face frontal; b) o registo fotográfico dos objetos e seus pormenores técnicos; c) análise e registo das diversas especificidades técnicas contempladas no nosso estudo em fichas-modelo criadas para o efeito (ver Anexo A); d) recolha de amostragens dos fios dos bordados e, em alguns

casos, dos fios do suporte (teias e tramas) para análise química e microscópica; e) reposição do forro.

Dos 35 objetos que integram o nosso estudo - de acordo com as atribuições prévias, disponíveis nas fichas de inventário acessíveis nos museus, nos portais Matriznet¹⁴⁴ e Matrizpix¹⁴⁵ -, 29 foram associados à produção indiana, 4 à produção portuguesa, e 2 permanecem de origem desconhecida ou interrogada.

Tabela 1: Objetos de origem indiana que integram o *corpus* material (atribuição prévia).





			
112 TEC MNAA	635 TEC MNAA	1750 TEC MNAA	2164 TEC MNAA
Colcha Índia, Bengala (?) Séc. XVI - início XVII	Colcha Índia Séc. XVII	Colcha Índia 1630-1660	Colcha Índia Séc. XVII



			
2226 TEC MNAA	2237 TEC MNAA	2281 TEC MNAA	3413 TEC MNAA
Colcha Índia Séc. XVII	Colcha Índia, Bengala Séc. XVI - XVII	Colcha Índia Séc. XVI - XVII	Colcha Índia, Bengala 1580-1600

¹⁴⁴ Matriznet [<http://www.matriznet.dgpc.pt/matriznet/home.aspx>]

¹⁴⁵ Matrizpix [<http://www.matrizpix.dgpc.pt/matrizpix/home.aspx>]

			
3418 TEC MNAA	3692 TEC MNAA	3703 TEC MNAA	3704 TEC MNAA
Colcha Índia Séc. XVII	Colcha Índia, região de Bengala Séc. XVI - XVII	Colcha Índia, trabalho "indo-português" Séc. XVII	Colcha Índia, trabalho "indo-português" Séc. XVII (início)

			
3750 TEC MNAA	4565 TEC MNAA	4574 TEC MNAA	4575 TEC MNAA
Fragmento de Colcha Índia Séc. XVI - XVII	Colcha Índia, região desconhecida Séc. XVII	Pano de armar/Colcha Índia Séc. XVI - XVII	Pano de armar Índia, Guzerate Séc. XVII

			
4581 TEC MNAA	4582 TEC MNAA	4583 TEC MNAA	4588 TEC MNAA
Colcha Índia, região de Bengala (indo-portuguesa) Séc. XVII	Colcha Índia Séc. XVI - XVII	Colcha Índia (é indicado como local de execução: "Portugal (?)") Séc. XVIII	Fragmento de Colcha Índia Séc. XVII

			
4593 TEC MNAA	4597 TEC MNAA	4621 TEC MNAA	T542 MNMC
Colcha Nordeste da Índia Séc. XVII (1ª metade)	Colcha Índia Séc. XVII	Colcha Índia Séc. XVI - XVII	Colcha Índia Séc. XVI (finais) - XVII (início)

			
T548 MNMC	TEX-095 MCCG	Inv. 978 FRESS	Inv. 88 FRESS
Colcha Índia, região de Bengala Séc. XVII	Colcha "indo-portuguesa" Índia Séc. XVII	Colcha Índia Séc. XVI?	Colcha Índia Séc. XVIII


FMA 1363 CMMMA
Colcha Índia, Bengala Séc. XVI - XVII

Os objetos classificados como portugueses assumem menor expressão no *corpus*, compreendendo os objetos dispostos na Tabela 2. Ressalvamos que para estes casos a cronologia encontra-se balizada entre os séculos XVII e XVIII por, até ao momento, ainda não ter sido possível averiguar uma datação mais precisa. Por este motivo, podendo tratar-se de objetos do século XVII, não foram descartadas do nosso estudo.

Tabela 2: Objetos portugueses que integram o *corpus* material (atribuição prévia).





			
2137 TEC MNAA	2138 TEC MFTPJ	2225 TEC MNAA	3719 TEC MNAA
Colcha Portugal Séc. XVII - XVIII	Colcha Portugal Séc. XVII - XVIII	Colcha Portugal Séc. XVII - XVIII	Colcha Portugal Séc. XVII - XVIII

Tabela 3. Objetos sem local de produção definido que integram o *corpus* material.
(atribuição prévia)

	
inv. 130/3 FRESS	Inv. 56787 PNA
Colcha Indo-portuguesa Séc. XVII - XVIII	Colcha Indo-portuguesa Séc. XVII - XVIII

3.2. Abordagem e resultados

Tendo o principal objetivo desta dissertação incidido sobre a análise de aspectos técnicos e científicos do *corpus* material, considerámos importante criar fichas técnicas individuais (ver Anexo A), enquanto ferramenta ao nosso trabalho e de apoio ao leitor, divididas em três partes: a primeira e a segunda, de mera identificação, correspondentes aos campos “Identificação” e “Iconografia”; e uma terceira, onde se registaram os resultados das análises técnicas e científicas que decorreram do nosso estudo. Salienta-se, assim, que os centros de produção e as datações indicadas no campo “Identificação” poderão não coincidir com aquelas que resultaram do nosso estudo e que se encontram devidamente explicadas no próximo capítulo.

Assim, foram registados cinco principais tipos de informação: a) identificação e iconografia; b) técnicas decorativas; c) técnicas construtivas; d) características materiais (fibras dos suportes e dos fios do bordado). Para cada tipo (Nível 1), desenvolvemos posteriormente subtipos temáticos (Níveis 2 e 3), cujo critério de organização decorreu tão simplesmente das necessidades da própria análise, possibilitando assim um levantamento ordenado e sequencial, consequentemente mais seguro, célere e preciso (ver Tabela 4).

Tabela 4. Informações registadas nas fichas técnicas.

NÍVEL 1	NÍVEL 2	NÍVEL 3
IDENTIFICAÇÃO	Designação	Não aplicável
	Número de Inventário	
	Instituição (tutelar)	
	Datação (atribuída)	
	Dimensões	
	Centro de Produção (atribuído)	
	Estado de Conservação	
	Localização no Museu	
ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO	Medalhão e faixas	Não aplicável
	Medalhão e quartos de círculo	

	Campo aberto	
	Faixas	
ICONOGRAFIA	Campo	Não aplicável
	Cercadura	
	Tarjas	
	Outros elementos	
ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA	Suporte	Número de Telas
		Material
		Cromia
		Construção do tecido
		Largura dos panos das telas
		Tipo de costura (frente e verso)
		Esquema de construção
		Enchimento das telas
	Bordado	Técnica (tipo de ponto)
		Cromia
		Material do fio
		Aplicação do fio
		Execução
		Enchimento do bordado
CONSTRUÇÃO	Montagem	Não aplicável
DESENHO SUBJACENTE	Não aplicável	Não aplicável
CORANTES E FIBRAS	Análises anteriores	Não aplicável
	Análises recentes	

Atendendo ao facto dos dados registados serem inovadores, foi igualmente nossa preocupação disponibilizá-los de forma detalhada e sistemática para que possam apoiar eventuais trabalhos futuros de outros investigadores.

A par deste levantamento, e para que a informação pudesse ser facilmente compreendida e corroborada, tanto pelo investigador especializado, quanto pelo leitor

menos conhecedor, foi realizado um registo fotográfico de todos os pormenores determinantes para a formulação do nosso argumento.

Nas próximas páginas identificaremos os diversos tipos e níveis de informação registados, justificaremos os motivos que levaram à sua escolha e a importância que assumiram nosso estudo, e apresentaremos os resultados obtidos, que serão devidamente interpretados e contextualizados no capítulo seguinte.

3.2.1. Identificação e iconografia

Tal como mencionado, a iconografia não constituiu um elemento central no nosso estudo, em parte, por se encontrar já bastante estudada. Não relativizando a sua importância, decidimos registar as temáticas gerais e os esquemas decorativos¹⁴⁶ de forma a verificar, por exemplo, se estes coincidiam em objetos de características técnicas idênticas¹⁴⁷. Pareceu-nos igualmente importante confrontar estes resultados com os padrões de distribuição das figuras no espaço (ao longo dos campos¹⁴⁸, cercaduras¹⁴⁹ e tarjas¹⁵⁰), que possam apoiar estudos futuros acerca da sua funcionalidade. A iconografia é, pois, assumidamente, um entre vários pontos de discussão que aqui apresentamos e procuramos confrontar, atuando, tal como as ciências exatas, como um complemento aos aspetos técnicos analisados.

Desta forma, no que concerne à identificação dos objetos, importa salientar que as informações registadas – relativas a “Designação”, “Datação” e “Centro de Produção” - tiveram como base as classificações atribuídas pelos conservadores e pelos investigadores que se ocuparam do tema. Tais atribuições foram mantidas

¹⁴⁶ Foram assumidos neste estudo padrões/esquemas decorativos distintos, baseados na análise de Maria José de Mendonça, embora tenhamos desdobrado o padrão de “medalhão central”, que geralmente assume duas variantes principais, e considerado um padrão de “campo livre”, ao invés de um “padrão de cavaleiros”, de forma a não condicioná-lo à iconografia que habitualmente lhe surge associada.

¹⁴⁷ Ver campos “ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO” e “ICONOGRAFIA” nas fichas técnicas (Anexo A).

¹⁴⁸ “CAMPO – (de tapetes ou de colchas) Espaço interior delimitado pelas barras ou quebras periféricas, tendo o fundo de cor e decoração diferente das barras.”. Cf. Costa, Manuela Pinto. 2004. “Glossário de termos têxteis e afins” *Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património* III (1ª série): 137-161, p. 142.

¹⁴⁹ “Guarnição à volta de um objeto; orla; bainha” In *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-09-28].

¹⁵⁰ Idêntica à cercadura, mas mais fina. Separa as cercaduras do campo.

(apesar de questionarmos algumas delas com a nossa investigação), para que fossem facilmente identificadas por todos os que se ocupam do seu estudo e têm por referência a bibliografia até agora produzida. O mesmo sucedeu a respeito da iconografia. Estas fichas devem, assim, ser assumidas como um ponto de partida e não como um fim.

3.2.2. Suporte

As especificidades do suporte são de maior relevância no sentido em que revelam informação determinante para a identificação das características da produção dos objetos, tais como os métodos de trabalho dos artífices, de que forma as telas eram construídas, se existia aproveitamento de materiais, etc.

Para o efeito, há que olhar para um conjunto de informações distintas que, em conjunto, nos permitirão circunscrever as diferentes variantes produtivas. Assim, registaram-se: o número de telas¹⁵¹; o tipo de material que integram; as suas cromias; as técnicas de construção dos tecidos; a largura dos panos; os tipos de costuras que unem os panos; o modo como são unidos; o esquema construtivo da tela; e finalmente a existência ou não de enchimento entre as telas.

A maioria dos objetos é formada pela sobreposição de duas telas (Fotografia 1), existindo um exemplar com uma tela (Fotografia 2) e outro com três telas (Fotografia 3). Quanto aos materiais, as amostras microscópicas confirmaram a presença de três tipos de fibras¹⁵²: o linho, o algodão e a seda, tendo-se identificado dois tipos da última, a *Bombyx Mori*¹⁵³ e a *Tussah*¹⁵⁴. Identificou-se apenas uma técnica de tecelagem, o tafetá¹⁵⁵.

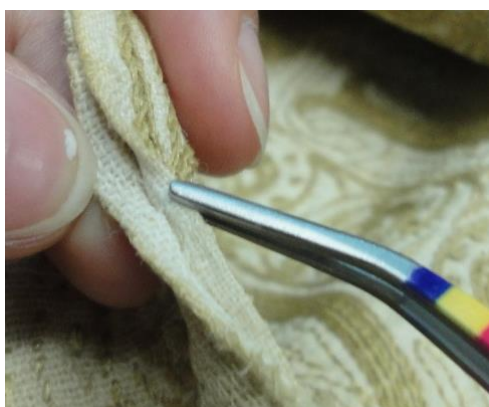
¹⁵¹ Considerámos neste estudo “tela” enquanto estrutura ou base da peça. A tela é formada por vários panos unidos por costura.

¹⁵² “FIBRA – Filamento solto, o qual agrupado com outros resulta em fios, susceptíveis de serem fiados e tecidos.”. Costa 2004, p. 146.

¹⁵³ Também chamada de seda doméstica. “Substância filamentosa, produzida pela larva de um insecto chamado bicho-da-seda (esp. *bombyx mori*). Matéria têxtil extraída de casulos, especialmente dos produzidos por aquele insecto”. *Ibidem*, p. 157. Devido ao facto de ser produzida em todo o Mundo, não pode ser associada a nenhuma origem específica.

¹⁵⁴ “TUSSAH – (ing. *tussore*) Designação genérica dada a um tipo de seda produzida por outros insectos, que não são as borboletas *bombyx-mori*, com utilização pouco frequente. // Seda selvagem produzida pela aranha (esp. *antheraea mylita*), de cor acastanhada. Tem de ser fiada no sistema de fibras

Não tendo sido possível apurar com exatidão, numa perspectiva comparada, as variações na qualidade da tecelagem dos panos (para a qual seria necessária uma análise mais minuciosa, com o apoio de outros equipamentos, que permitissem identificar o número de fios de teias¹⁵⁶ e tramas¹⁵⁷ por cada cm²), registámos as situações em que era claramente notória, a lupa ou olho nu, na mesma peça, as diferenças entre as telas frontais e posteriores (Fotografia 4). Este resultado, em contraste com a existência de objetos compostos por panos de iguais características em ambos os lados, vêm a confirmar a execução de peças de diferentes qualidades, provavelmente destinadas a mercados distintos.



Fotografia 1 – Pormenor (4582 TEC).



Fotografia 2 – Pormenor (2137 TEC).



Fotografia 3 – Pormenor de três telas (MCCG-TEX-095).

cortadas, porque os casulos foram perfurados pela saída dos insectos. // Tipo de seda forte e grosseira". Ibidem, p. 159.

¹⁵⁵ "TAFETÁ – (...) Técnica de produção de tecido. // Técnica mais simples de formação de um tecido, resultante da passagem alternado de um fio de trama por cima ou por baixo de um fio de teia e do qual resultam outras técnicas". Ibidem, p. 158.

¹⁵⁶ "TEIA – Fios longitudinais, fixos, entre os quais passam os fios da trama. Urdidura". Ibidem, p. 158.

¹⁵⁷ "TRAMA – Fio móvel, que num tear, se dispõe, transversalmente, em relação à teia". Ibidem, p. 159.



Fotografia 4 – Pormenor. Diferença na qualidade das telas (3719 tec).

Por sua vez, o número e a largura dos panos é fundamental para identificar as possíveis diferenças entre as dimensões dos teares portugueses e indianos, para a mesma época. É também um importante meio para a datação dos objetos, dado que, por norma, em todas as áreas geográficas, se verificou que a sua dimensão aumentou ao longo do tempo com o decorrer da evolução dos teares. A partir da confrontação destes resultados, poderemos determinar se um conjunto de objetos poderá ser contemporâneo e/ou fabricado na mesma oficina ou região, especialmente, se os panos apresentarem as mesmas características materiais.

A identificação da largura dos panos não foi fácil, uma vez que grande parte das costuras de união são construídas através da dobra dos panos e encontram-se em bom estado de conservação, impossibilitando a visualização das orelas¹⁵⁸. Contudo, foi possível identificar 5 intervalos mais comuns, correspondendo aos seguintes valores: 50-60 cm, 60-70cm, 70-80 cm, 80-90 cm e superior a 90 cm.

Os panos foram unidos de três formas distintas, aplicadas quer na frente quer no verso: a) inteiros e de modo sequencial (resultando em costuras coincidentes para os panos da mesma dimensão); b) inteiros intercalados com retalhos ao centro ou nos limites laterais, para que a frente e o verso assumam a mesma dimensão; c) sem método definido, resultando da união irregular de vários retalhos. Tal sucedeu por três motivos: em primeiro lugar, porque a medida dos panos inteiros nem sempre é regular (a dimensão de um pano pode variar vários centímetros ao longo da sua altura), obrigando à utilização de retalhos para acertar a largura; em segundo, para conferir à

¹⁵⁸ As orelas são formadas pela dobra da trama sobre a teia nos limites laterais do tear e constituindo assim o remate do pano.

peça a medida desejada quando a soma de panos inteiros não é suficiente; em terceiro, porque é claro o aproveitamento de panos cortados, como seria de esperar, de forma a rentabilizar a produção. cremos, portanto, que também estes dados vêm corroborar a existência de manufaturas com características distintas.

Em relação às costuras que unem os panos, foram identificadas quatro soluções técnicas: a) sobrepostas com dobra (Fotografia 5); b) sobrepostas sem dobra (apenas se verificou no verso) (Fotografia 6); justapostas com dobra (Fotografia 7); justapostas através das orelhas (Fotografia 8).



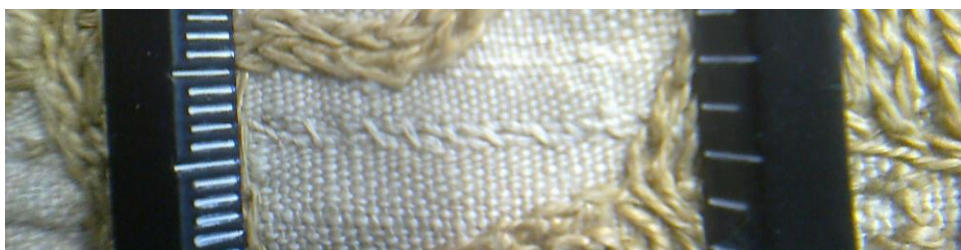
Fotografia 5 – Pormenor. Costuras sobrepostas com dobra. (635 tec).



Fotografia 6 – Pormenor. Costuras sobrepostas sem dobra. (Inv. 978).



Fotografia 7 – Pormenor. Costuras justapostas com dobra. (3413 tec).



Fotografia 8 – Pormenor. Costuras justapostas através das orelhas. (2225 TEC).

Em alguns casos, no verso, verificou-se a junção de ambas as soluções (Fotografia 9). Provavelmente, começam por ser unidas de uma forma, mas devido à diferença nas medidas da largura dos panos, cremos que o artífice, quando confrontado com a falta ou excesso de tecido, uniu as telas através de outra solução.



Fotografia 9 – Pormenor. Costuras justapostas que se transformam em sobrepostas. (FMA 1363).

É sabido que grande parte das tipologias têxteis bordadas produzidas na Índia apresenta enchimento de algodão entre as telas, constituindo uma das suas principais características. Por esse motivo, também esta informação foi registada e fotografada enquanto complemento aos demais dados.

3.2.3. Bordado

As técnicas de execução do bordado são, provavelmente, aquelas que contribuíram com mais informações para o nosso trabalho, nomeadamente, aquelas observadas no verso. Atendendo à existência de estudos prévios acerca de algumas destas características - das quais salientamos os tipos de pontos e interpretação do bordado -, procurámos enfatizar outras igualmente (ou mais) importantes, que serão essenciais às conclusões apresentadas mais à frente. Tal deve-se, como abordado anteriormente, ao facto dos tipos de pontos decorativos, especialmente o ponto em cadeia, serem utilizados em vários territórios asiáticos e europeus, não sendo determinantes para a caracterização das diferentes produções. Por outro lado, são também mais susceptíveis de reprodução, pois são inevitavelmente definidores do

aspecto visual dos objetos. Portanto, embora tendo-os registado em campo próprio, pareceu-nos mais importante proceder a um levantamento exaustivo do modo da sua aplicação sobre as telas que formam os objetos - como John Irwin havia mencionado, mas não sistematizado¹⁵⁹ - procurando identificar padrões e verificar a existência de diferentes abordagens.

A este respeito, há necessariamente que salientar uma questão muito importante: a técnica da sua execução, nomeadamente, para o caso do ponto cadeia, a distinção entre os bordados a agulha e os bordados a gancho (ou *ãrĩ*). John Irwin já havia chamado a atenção para a importância da distinção entre ambos¹⁶⁰, especialmente, porque ao contrário do bordado a agulha, a técnica do gancho seria utilizada especificamente na região Satagão, em Bengala, região de onde eram originários vários dos bordados destinados ao mercado português. Pese embora não tenha sido efetuado um levantamento sistemático, pelos motivos acima expostos, foi possível identificar a sua utilização em alguns objetos, como veremos adiante.

De entre as informações recolhidas mais importantes, salientamos a aplicação do bordado sobre a tela, que possibilita aferir de que modo os objetos foram construídos e quais as diferentes qualidades de produção. Identificaram-se seis métodos que correspondem a soluções técnicas de diferentes complexidades.

O primeiro, corresponde ao bordado aplicado total e simultaneamente sobre ambas as telas, do qual resulta, no verso, a inversão exata do desenho da frente. Esta solução implica a existência de um suporte previamente montado e representa, consequentemente, uma produção menos complexa e mais rápida (Fotografia 10). É especialmente, mas não apenas, para estes casos, que podemos identificar a utilização do *ãrĩ* para bordar a ponto cadeia, uma vez que a técnica apenas pode ser utilizada se o gancho trespassar totalmente as telas do tecido.

¹⁵⁹ Cf. Irwin; Hall 1973.

¹⁶⁰ Cf. Irwin 1970.



Fotografia 10 – Pormenor. Bordado sobre ambas as telas (112 TEC).

O segundo e terceiro métodos, dizem respeito aos bordados aplicados exclusivamente sobre a tela frontal, ocasionalmente visíveis no verso (Fotografia 11), embora não seja seguro afirmar tratarem-se, efetivamente, de dois métodos distintos: um primeiro, bordado a agulha sobre um suporte de duas telas previamente montado, do qual resultam pontos acidentais no verso; um segundo, em que o bordado é aplicado apenas sobre uma tela, sendo esta posteriormente unida a uma segunda através de pontos estruturais ocasionais. A distinção exata entre uma e outra apenas poderá ser confirmada em caso de abertura das costuras, pelo que, por motivos de conservação, não foi possível registar, exceto em caso de lacunas do tecido. Para estes casos, uma vez que a tela do verso se encontra, conseqüentemente, menos fixada à tela frontal, ficando mais lassa, a estrutura destes objetos é menos compacta e resistente face aos exemplares produzidos de acordo com o método anterior.



Fotografia 11 – Pormenor. Bordado sobre a tela frontal com pontos ocasionais no verso (2237 TEC).

O quarto método identificado está seguramente associado a uma produção de maior qualidade e consiste na aplicação simultânea dos métodos anteriores. Neste caso, o bordado principal surge ocasionalmente atrás e o bordado de fundo totalmente no verso (Fotografia 12 e 13). Atendendo que nestes exemplares o bordado de fundo, para além de decorativo, constitui, simultaneamente, uma ferramenta para a união de ambas as telas, cremos que os pontos ocasionais do bordado principal que surgem no verso serão acidentais, o que atesta a utilização de um suporte previamente montado. Também para estes objetos podem ter sido utilizadas ambas as técnicas de ponto cadeia: agulha (bordado principal) e *ãrĩ* (bordado de fundo).

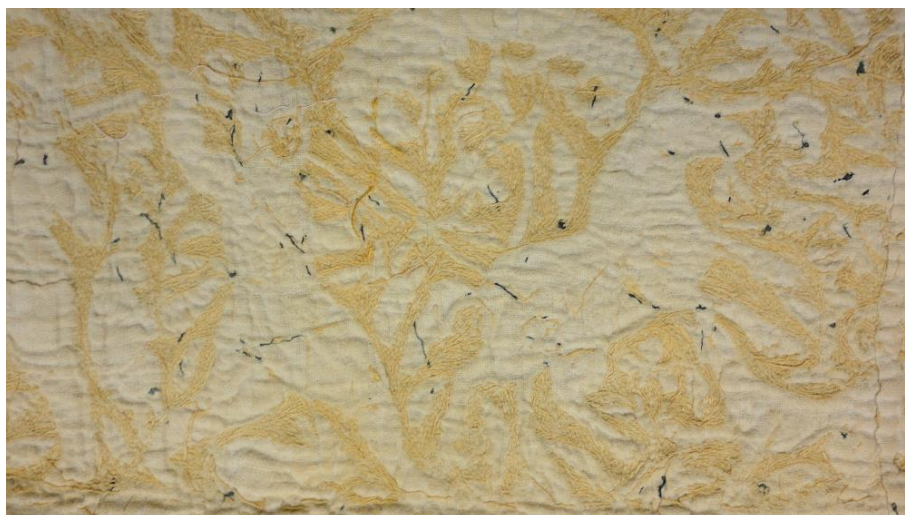


Fotografia 12 – Pormenor. Bordado principal sobre tela frontal e de fundo sobre ambas (4581 TEC).



Fotografia 13 – Pormenor. Bordado principal s/ tela frontal e de fundo s/ ambas (contraluz) (4582 TEC).

O quinto método pode relacionar-se com os anteriores – é de certa maneira uma variação - mas representa aquela que cremos ser a produção de melhor qualidade dentro do *corpus* analisado. Neste caso, o bordado principal e o bordado de contorno destes objetos parecem ser executados exclusivamente sobre a tela frontal, que é posteriormente unida à tela do verso através do bordado de fundo (Fotografia 14). Chamamos a atenção para o facto de os vestígios de retroses azuis identificados no verso destes objetos poderem tratar-se, não do bordado de contorno, mas de pontos de restauro posterior, pela menor representação que têm no verso comparativamente aos exemplares anteriores (Fotografia 15).



Fotografia 14 – Pormenor (3750 TEC).



Fotografia 15 – Pormenor (3750 TEC).

O sexto e último método, com menos expressão dentro do *corpus* material, representa uma solução de trabalho completamente distinta: a aplicação prévia do bordado sobre os panos, que só depois de decorados são unidos entre si para formar a tela, ou o aproveitamento de panos bordados para a produção de novos objetos (Ilustração 16).



Fotografia 16 – Pormenor. Terminação súbita do bordado junto à costura (3719 TEC).

Em relação à execução do bordado, é relevante salientar um outro aspecto identificado através da nossa análise, nomeadamente, o padrão de utilização dos retrós, que cremos ser diferenciador de algumas produções. No *corpus* material observado, foram identificados exemplares em que se denota a utilização do mesmo retrós para bordar figuras ou elementos distintos, visíveis através de linhas traçadas no verso (Fotografia 17). Apesar de tal implicar um maior desperdício de seda, a sua produção seria mais rápida. Esta técnica, bem como a presença de linhas soltas no verso, parecem confirmar a execução do bordado através de agulha.



Fotografia 17 – Pormenor. Utilização do mesmo retrós para partes diferentes do bordado (3719 TEC).

Uma vez que é amplamente conhecida a existência de bordados cujo desenho foi previamente marcado no suporte com recurso a pigmentos, normalmente associados à produção portuguesa, pareceu-nos igualmente relevante registar nas fichas técnicas as situações em que tal ocorreu. O cruzamento desta informação com as demais analisadas permitirá perceber se se trata de uma solução técnica exclusivamente portuguesa ou se poderá ter sido praticada na Índia.

3.2.4. Corantes e fibras

Conforme referido, apenas foi possível amostrar os corantes e as fibras dos objetos do *corpus* material que se encontram conservados no Museu Nacional de Arte Antiga, sempre que o seu estado de conservação o permitiu. Para o efeito, foram retiradas 95 amostras de um total de 19 objetos. As análises foram realizadas através de cromatografia líquida de alta resolução com um detector de díodos acoplado (HPLC-PDA) e o método de extração da cor das fibras foi suave e com recurso a ácido oxálico. Sempre que possível, foram quimicamente identificados os compostos dos corantes detectados, comparando-os com os tempos de retenção e espectros UV-VIS de amostras de referência. Os resultados detalhados podem ser consultados no Anexo C, que consiste no relatório original elaborado pela Doutora Ana Claro, que gentilmente apoiou a nossa investigação no âmbito do seu Pós-Doutoramento FCT.

A análise das fibras foi realizada através de microscopia óptica. Analisaram-se as fibras longitudinalmente e em casos pontuais fizeram-se cortes transversais, usando resina e endurecedor Specifix-40 Kit (Specifix resin + during agent) da Struers para os mesmos. As análises das fibras foram efetuadas pela Doutora Ana Claro e pela Doutora Raquel Santos, a última, no âmbito do seu projeto de Doutoramento (Anexo D).

Como esperado, os resultados obtidos permitem identificar duas origens distintas: a europeia e a asiática, devidamente identificadas no Anexo D. Apesar da origem dos corantes e fibras não corresponder necessariamente ao local de produção das peças, a sua análise química e microscópica é muito importante quando confrontada com as demais informações, pois permitir-nos-á identificar as soluções adoptadas pela mesma produção. Ou seja, importa perceber se, para um conjunto de

objetos que podemos claramente relacionar, as cores seriam obtidas através da utilização das mesmas fibras, corantes e mordentes – indicando que determinado centro ou oficina recorria ao mesmo método de trabalho (independentemente de adquirir ou produzir os seus próprios retroles) – ou, ao invés, que tal não sucedia, e seriam utilizadas várias fibras e aplicados diferentes métodos para a obtenção as mesmas cores, neste caso, possivelmente, fruto das mais variadas condicionantes (disponibilidade de matérias-primas, preço de mercado, conhecimento e experiência dos artífices, etc).

No próximo capítulo veremos de que forma a comparação entre todos estes resultados técnicos e científicos nos poderão auxiliar na definição de grupos de objetos concretos, na identificação dos diferentes métodos de trabalho adoptados na sua manufatura e, conseqüentemente, nas características produtivas que podem caracterizar as oficinas e/ou regiões produtoras indianas e portuguesas. Veremos também de que forma a introdução destes objetos no mercado português transformou o mercado e o consumo têxtil na época.

4. Novas perspectivas para o estudo dos têxteis bordados indianos

Como vimos, nas últimas décadas, têm sido vários os historiadores e cientistas que analisaram os mais variados aspectos técnicos, científicos, iconográficos e historiográficos dos bordados indianos destinados ao mercado português. À exceção de alguns – dos quais se destaca John Irwin – a maioria procurou denominadores comuns nas características estéticas dos objetos (entre as quais, as propriedades decorativas do bordado), cuja comparação e relação constituiu a base para a definição de possíveis origens produtoras e, conseqüentemente, sugestões de agrupamentos de objetos.

Tendo sido o nosso objetivo corroborar ou não os anteriores agrupamentos de objetos no sentido de verificar, não a sua elegibilidade, mas a possível existência de uma abordagem de investigação mais objetiva para a sua classificação, neste subcapítulo iremos primeiramente apresentar as propostas que decorrem da nossa análise e, somente no final, compará-las com os trabalhos anteriores mais sistemáticos e significativos, nomeadamente, o de Barbara Karl.

4.1. Grupos de objectos: origem, produção e datação

4.1.1. Grupo A

O primeiro grupo identificado, Grupo A, é o mais conciso e cremos corresponder à produção portuguesa. É composto por 9 colchas anteriormente classificadas como portuguesas e indianas (2137 TEC, 2138 TEC, 2225 TEC, 2226 TEC, 3418 TEC, Inv. 56787, 4583 TEC, 1750 TEC e inv. 130/3), que apresentam as mesmas características técnicas e científicas.

No que respeita ao suporte, com exceção da peça 2137 TEC – que apresenta apenas uma tela -, os exemplares são compostos por duas telas finas de linho¹⁶¹, de qualidade e textura idênticas na frente e no verso. No que concerne à largura dos panos, foi possível identificar a grande maioria das ourelas, o que permitiu definir três intervalos para este grupo, nunca aplicados na mesma peça: um que varia entre c. 49 e

¹⁶¹ De entre este conjunto, apenas não foi possível amostrar e analisar as fibras dos suportes dos objectos 2226 TEC, 3418 TEC, Inv. 56787 e inv. 130/3. No entanto, a sua qualidade e propriedades físicas em tudo apontam para que se trate de linho.

57 cm, outro entre c. 60 e 67 cm, e um último entre 85 e 94 cm. A única exceção são as colchas inv. 130/3 e 2225 TEC, nas quais foram identificados panos inteiros (portanto, com ourelas de ambos os lados), com cerca de 24 cm. Porém, não cremos que esta dimensão de pano, por ser muito pequena, fosse aplicada com frequência nesta tipologia de peças, mas sim, funcionando como um “retalho” (para perfazer a medida desejada), um vez que tal implicaria a necessidade de um grande número de panos e costuras resultando, conseqüentemente, numa produção mais morosa e, possivelmente, mais dispendiosa.

A maioria dos exemplares apresenta a mesma solução técnica para a construção das telas, nomeadamente, a utilização de panos dispostos sequencialmente, ligados entre si através de costuras justapostas unidas pelas ourelas, resultando assim, nas colchas com medidas mais regulares, costuras frontais e posteriores praticamente coincidentes. Quando apresentam panos de medidas inferiores ao padrão identificado, estes estão situados nos limites direito ou esquerdo das colchas, onde é executado o remate e sobre o qual é quase sempre aplicada franja. Por este motivo - e com exceção das colchas inv. 130/3¹⁶² e 4583 TEC¹⁶³ -, embora não tenha sido possível confirmar, cremos que devido à consistência das medidas que caracteriza este grupo (mesmo considerando as variações que decorrem da sua tecelagem), os panos de dimensão inferior terão sido muito provavelmente cortados, de modo a obter a medida desejada para a colcha. De salientar, é também o facto de nenhum exemplar apresentar enchimento entre as telas, reforçando o facto de obedecerem aos mesmos critérios produtivos.

No que concerne aos pontos decorativos dos bordados, como referimos a propósito da abordagem adoptada, cremos não serem determinantes para a relação dos objetos e constituição dos grupos. No entanto, com exceção da peça 2226 TEC, importa referir que todas as colchas apresentam em comum o ponto cheio, habitualmente associado à produção portuguesa. cremos mais importante identificar o método de trabalho por detrás da sua aplicação sobre o suporte e, também neste

¹⁶² Nesta colcha, não foi possível perceber se a ourela direita do 2º pano está danificada ou se o pano foi originalmente cortado e unido, apesar disso, de forma justaposta tal como as restantes costuras. Neste lado, o pano encontra-se desfiado.

¹⁶³ Apresenta dois panos de c. 23-25 cm nas laterais.

caso, o grupo apresenta os resultados coerentes: o fio do bordado é aplicado, simultaneamente, sobre a frente e o verso, resultando na inversão exata do desenho no lado posterior e implicando uma característica produtiva específica: a existência de um suporte único pré-construído. Algumas colchas apresentam o aproveitamento do mesmo retrós para o bordado de outras figuras ou motivos, que poderá tratar-se de um reflexo do trabalho individual do bordador e não uma característica que possa circunscrever um centro ou uma oficina. Em oposição, cremos que a presença de desenho subjacente (que terá servido de guia ao bordador), de cor ferrosa, em todas as colchas com exceção das 2225 TEC e 2138 TEC, caracteriza esta produção.

Por fim, no que concerne às fibras e corantes identificados nos fios dos bordados deste grupo, destacamos que todas as peças analisadas corroboram a utilização da seda *bombyx mori* (seda doméstica)¹⁶⁴ e de corantes susceptíveis de apontar para a origem portuguesa, entre eles, o fustete (*Cotinus coggyria* Scop.)¹⁶⁵, o lírio-dos-tintureiros (*Reseda luteola* L.)¹⁶⁶, o índigo (*Indigofera* spp., *Isatis* spp., *Wrightia* spp.) com maior percentagem de indigotina do que indirubina¹⁶⁷, a cochinha (*Porphyrophora* spp., *Dactylopius* spp.)¹⁶⁸ e o pau-vermelho ou *sappan wood* (*Caesalpinia* spp., *Caesalpinia sappan* L.)¹⁶⁹. Relativamente ao último, encontra-se presente em todas as peças analisadas com cores variantes de vermelho (bege, castanho, salmão) e aplicado em conjunto com a cochinha para a obtenção do

¹⁶⁴ Como vimos, embora a seda doméstica (*bombyx mori*) tenha uma amplitude geográfica considerável, em conjunto com corantes europeus, pode representar uma produção europeia. Cf. Serrano 2007, pp. 6-8.

¹⁶⁵ Corante introduzindo em Portugal após a descoberta da América, em 1492, em comum na produção portuguesa. Cf. Serrano 2008, p.16. Ver também: Serrano 2007, pp. 38-39.

¹⁶⁶ Corante mais utilizado em Portugal até à época de introdução do fustete. Cf. Serrano 2008, p. 12.

¹⁶⁷ “Até agora, a identificação de qualquer planta produtora de indigo é impossível; os únicos compostos que permitem o seu diagnóstico são a indigotina e a indirubina, o último tem sido encontrado numa quantidade relativamente superior em têxteis históricos indianos e asiáticos, comparando como os europeus”. Vd. Anexo C.

¹⁶⁸ “Cochinha: a espécie de cochinha mais conhecida é a mexicana (*Dactylopius coccus*), introduzida na Europa após na 1ª metade do século XVI e posteriormente nos outros continentes. Outro género de cochinha – *Porphyrophora* – era já usada na Europa e na Ásia. O que permite distinguir as diferentes cochinhas é a proporção de quatro dos seus constituintes: dcII, ácido carmínico, ácido quermésico e o ácido flavoquermésico. No entanto quando se tratam de amostras históricas essa caracterização não é tão fácil devido à possível degradação e por isso diminuição de alguns destes constituintes presentes na amostra.”. Vd. Anexo C.

¹⁶⁹ O pau vermelho (*Redwood*) é extraído de um conjunto de árvores que têm em comum a madeira corada de vermelho, sendo encontrado na Ásia (*Caesalpinia sappan* L.) e no Brasil (*Caesalpinia echinata* Lamarck). Independentemente da sua origem, no contexto deste grupo, reforça a relação entre as várias colchas, por se encontrar presente em todas aquelas que têm fios tingidos a vermelho ou variantes.

vermelho ou carmim. O mesmo sucede para o caso dos verdes, todos obtidos através da mistura de lírio-dos-tintureiros e índigo com mais indigotina que indirubina.

4.1.2. Grupo B

O segundo grupo, designado por Grupo B, diz respeito às peças de origem indiana. Contrariamente ao grupo dos bordados portugueses, em que não foi possível identificar diferentes métodos produtivos que possam corresponder a diferentes oficinas ou regiões -, para o caso indiano, identificamos seis subgrupos aos quais correspondem métodos de trabalho distintos.

O primeiro, designado de subgrupo B1, corresponde a alguns dos bordados monocromáticos habitualmente associados à região de Hugli, em Bengala (T 542, 2281 TEC, 4581 TEC, 4582 TEC, 4593 TEC, 4621 TEC), e integra alguns objetos de produção, até agora, dissociada, uma vez que não espelha uma coerência estética ao nível da decoração e esquema decorativo, que tem estado na base dos agrupamentos de objetos anteriores. Exemplo disso, é o recente trabalho de Barbara Karl que propôs a separação dos objetos que agora apresentamos em dois grupos distintos, ambos associados a Hugli: o grupo de “linhas finas”¹⁷⁰ – correspondente a colchas de pouca densidade decorativa, de linhas finas e elegantes –, e o grupo “compacto”¹⁷¹ - relativo às colchas de decoração profusa e compacta, disposta segundo faixas. Olhemos, então, para os resultados do nosso estudo.

Os cinco objetos que integram este subgrupo apresentam dois esquemas decorativos: o medalhão central rodeado por quartos de círculos nos ângulos do campo e o padrão de faixas, sendo que este último, apenas se verifica numa colcha (T 542). Em relação aos suportes – com exceção da colcha 4582 TEC -, todos os objetos têm em comum a fibra de algodão como material, apresentando as telas frontais e do verso qualidade idêntica, com exceção da 4582 TEC e da 4593 TEC.

No que concerne à dimensão dos panos que formam as telas, foi possível confirmar que esta produção utilizaria panos de diferentes dimensões no mesmo

¹⁷⁰ Karl 2016, p. 83, 130-145.

¹⁷¹ *Ibidem*, p. 83, 145-240.

objeto, uma vez que foram encontrados intervalos com c. 60 cm, c. 70 cm e 85 cm. As soluções adotadas para as costuras são também distintas, tanto para a frente como para o verso, sendo unidas através de três soluções: a justaposição com dobra (presente na maioria dos exemplares), a justaposição direta através das orelhas (também dominante) ou a sobreposição com dobra (verificada apenas na 4582 TEC). Os panos, na sua maioria, foram unidos de forma sequencial (com exceção da 4581 TEC), mas voltam a apresentar diferenças no que respeita à utilização de enchimento entre as telas, apenas ausente em duas colchas, o que poderá decorrer tão simplesmente da sua função.

No que concerne ao bordado, novamente com exceção da 4593 TEC, é utilizado o ponto cadeia, ponto atrás e ponto nó, aplicado sempre da mesma forma: o bordado principal surge ocasionalmente no verso e o bordado de fundo surge sempre no verso, implicando, portanto, duas possíveis soluções mencionadas no capítulo anterior: 1) o bordado principal é aplicado exclusivamente na tela frontal, que seria posteriormente unida à tela do verso - com enchimento de algodão entre ambas -, através da aplicação do bordado de fundo e reforço do bordado principal, preso com pontos ocasionais; 2) a opção que nos parece mais credível, a colcha seria bordada sobre um suporte previamente preparado, com ou sem enchimento de algodão, sendo o bordado principal aplicado apenas sobre a tela frontal (e acidentalmente no verso, quando o bordador exerce mais força e trespasa ambas as telas), que seria consolidada através do ponto atrás, que funcionaria, simultaneamente, como uma solução decorativa e técnica, pois é sobretudo através dele que as telas são fixadas entre si. Para as peças analisadas, confirmou-se o recurso à seda *tussah* não tingida, com exceção da T 542, não analisada, e a 4582 TEC, que apresenta vestígios da aplicação de corantes amarelos para reforçar a sua cor natural, nomeadamente, do cártamo.

Conforme exposto, a característica produtiva que ressalta da análise deste grupo é, contrariamente aos demais grupos, a incoerência das soluções adotadas, que parecem variar de acordo com o bordador ou o centro produtor, visto não ser possível definir a que nível se operam. No entanto, pese embora as diferenças técnicas, este grupo expressa soluções decorativas e iconográficas que aparentam seguir um fio condutor, já identificado por Barbara Karl para alguns exemplares. Em

primeiro lugar, para além da composição em medalhão central, já referida, destaca-se o remate destes com motivos decorativos vegetalistas, no sentido perpendicular, em todo o seu redor, com exceção das peças de medalhão polifacetado. Em segundo, a representação de motivos vegetalistas em forma de gavinha, com terminação em flor de pétalas pontiagudas, sempre em número ímpar, maioritariamente, sete ou nove. Por vezes, assemelham-se a um fruto. Encontram-se igualmente paralelos no recurso a tarjas de motivos geométricos, formados por círculos concêntricos ou diamantes com pontos. Para algumas peças, a delinear os quartos de círculo situados junto aos ângulos do campo, é utilizado o mesmo motivo decorativo, em forma de corpo de dragão ou serpente, por vezes híbrido. É também comum o surgimento de figuras inscritas em círculos ou figuras híbridas com corpo de serpente e corpo humano, por vezes aladas, das quais brotam, simetricamente, dois motivos vegetalistas ou serpentes.

A importância de confrontar as características técnicas com as características decorativas tem neste grupo dois dos mais importantes exemplos: as colchas T 542 e 4582 TEC, aquelas que têm sobressaído nos parágrafos anteriores como exceções. Efetivamente, embora apresentem esquemas decorativos distintos e a interpretação do bordado assuma algumas diferenças, encontram-se muitas semelhanças em alguns motivos decorativos: nos enrolamentos vegetalistas, nos enrolamentos do bordado de fundo, nos motivos circulares concêntricos que definem as tarjas, na figuração dos rostos (as sobrelhas desenvolvem-se no seguimento do nariz), na representação dos animais (por exemplo, as patas dos felinos terminam sempre em garras afiadas), na incorporação de cenas marinhas entre cenas de montarias, numa interpretação ainda livre.

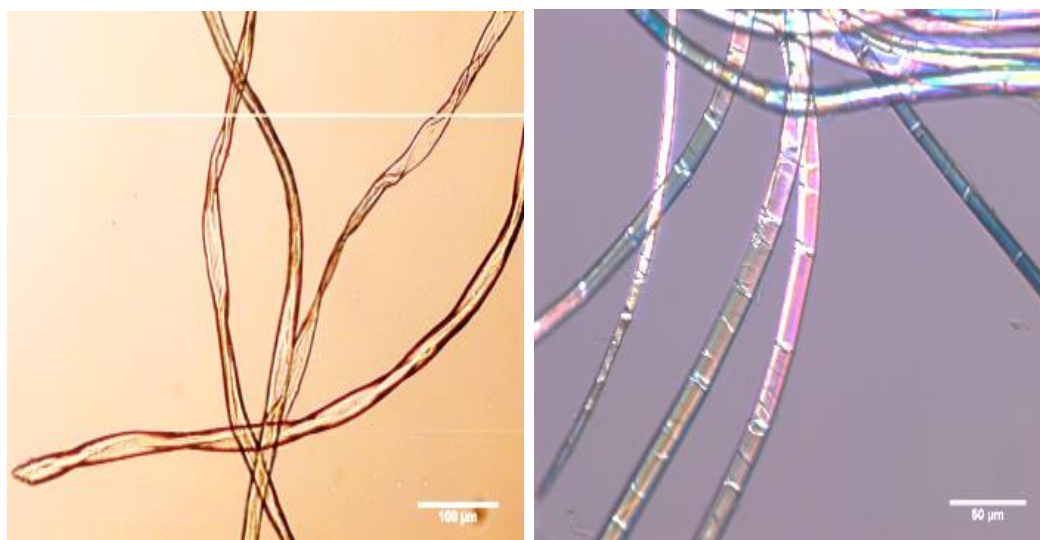
A análise de Barba Karl, assente numa metodologia de agrupamento de objetos de acordo com a sua complexidade decorativa, resultou na separação por diferentes grupos de objetos que ora vimos poderem relacionar-se e que cremos corresponderem, neste caso, a um centro ou oficina produtora. De acordo com a sua análise, as peças serão datadas entre finais do século XVI e a 1ª metade do século XVII, porém, não o conseguimos confirmar através da nossa abordagem. No entanto, parece-nos claro que, apesar das diferenças nas soluções técnicas adoptadas, a sua

evolução segue o sentido de uma crescente normalização de métodos de produção. Para o efeito, consideramos: a) as colchas T 542 e 4582 TEC serão exemplo de uma primeira fase produtiva menos cuidada; b) as 2281 TEC e 4621 TEC, correspondem a uma fase intermédia em que a produção procurou normalizar métodos, correspondente a uma produção ligeiramente mais cuidada; c) o exemplar 4581 TEC correspondente a uma terceira fase, de maior normalização e qualidade, uma vez que, embora bebendo influências das anteriores, assume características técnicas bastante sofisticadas. Em suma, cremos que as transformações técnicas verificadas para este grupo poderão coincidir com a sua evolução no tempo, portanto, sustentar a datação atribuída por Barbara Karl.

O segundo agrupamento de objetos identificado, doravante designado de subgrupo B2, é formado por quatro colchas, também associadas à região de Hugli, a que corresponde a produção mais conhecida e estudada para a região de Bengala, que manifesta esquema de padrão de faixas, grande profusão decorativa e bordado monocromático, tendencialmente executado a amarelo (2237 tec, 3692 TEC, 4588 TEC, FMA 1363). Compostas também por duas telas de algodão sobrepostas, diferenciam-se dos restantes conjuntos por compreenderem apenas um exemplar com enchimento de algodão. As medidas dos panos são igualmente regulares - assumindo dimensões entre os c. 70 e 80 cm -, encontrando-se unidas através de costuras sobrepostas com dobra tanto à frente como no verso, exceto para o caso da colcha FMA 1363. A forma como os panos são unidos entre si é também regular, sendo sequencial à frente e intercalada no verso, com exceção da peça 2237 TEC, onde se verifica o oposto.

Também com exceção da última peça, onde se optou por uma solução decorativa distinta – da qual resultam forçosamente algumas diferenças técnicas -, todas as colchas são decoradas a ponto cadeia e ponto nó no bordado principal, e a ponto atrás no bordado de fundo, como recurso a retrós de seda selvagem (*tussah*), em dois casos, tingido de amarelo, certamente, tratando-se de uma produção monocromática, de modo a destacar a cor natural da fibra (amarela pálida) e a conferir mais brilho ao bordado. Ainda que não tenha sido possível analisá-la, acreditamos que a colcha FMA 1363 integrará também este tipo de seda, atendendo à coerência que este subgrupo manifesta.

Creemos que a solução de aplicação do bordado sobre o suporte (bordado principal ocasional e bordado de fundo totalmente no verso) que caracteriza estes exemplares, possivelmente, de um problema técnico que se coloca com a utilização simultânea do bordado a retrós muito fino sobre suporte de algodão: pela maleabilidade e forma mais irregular da sua fibra (de aspecto mais frisado comparativamente ao linho, redondo e de secção circular) (Fotografia 18), as telas de algodão do suporte, quando bordadas em quase toda a sua superfície com retroses finos e pontos pequenos, começam a adquirir como que deformações, que conferem um aspecto tufado à colcha – dando até ilusão de enchimento. O recurso a esta técnica de bordado sobre o suporte (que o distribui entre as duas telas), evita este problema e confere um aspecto mais leve à peça.



Fotografia 18 – Diferença entre a fibra de algodão (esquerda) e a fibra de linho (direita), quando observadas ao microscópio.

Tal como sucede para o subgrupo anterior, é difícil estabelecer uma cronologia somente com base nos aspectos analisados. No contexto deste agrupamento, a colcha 4588 TEC poderá consistir no exemplar mais recuado, uma vez que exhibe panos de inferior qualidade no verso, característica que não se verifica nas restantes colchas deste subgrupo, cuja produção poderá ter evoluído para a utilização de telas frontais e posteriores de igual e melhor qualidade. O bordado apresenta também ligeiras

diferenças e é menos complexo, uma vez que não preenche todo o fundo. No entanto, e como ressaltávamos de imediato no início do estudo, cremos que estas diferenças não implicam necessariamente uma cronologia mais recuada, mas tão simplesmente significar que existiam produções contemporâneas de diferentes qualidades, assumindo assim apenas algumas das características basilares que caracterizam os subgrupos.

O terceiro agrupamento de colchas identificado, o subgrupo B3, é formado apenas por três colchas que apresentam decoração complexa, disposta em sistema de faixas, com recurso a duas ou mais cores (3750 TEC, 4574 TEC, 4575 TEC). Este conjunto apresenta duas telas de algodão ou tela de seda sobre algodão – com ou sem enchimento - formadas por panos de diferentes dimensões na mesma peça, que varia entre c. de 60 e 80 cm, com exceção dos panos de seda, que em todos os exemplares analisados assumem medidas de tear superiores face aos de algodão. Os panos são unidos entre si através da mesma solução técnica: dispostos de forma sequencial¹⁷² através de costuras sobrepostas com dobra, na frente e no verso. O bordado, de grande precisão técnica, varia consoante a sua solução decorativa (pode ou não integrar bordado de fundo) e introduz aos resultados uma nova técnica de aplicação, decorrente do bordado de contorno que o caracteriza: surgindo ocasionalmente no verso, implica que foi aplicado na tela frontal após a união das telas.

Uma vez que apenas nos foi permitido analisar quimicamente a colcha 4574 TEC, não pudemos verificar se foi utilizada a mesma solução para o tingimento dos retoses. Como seria de esperar, a seda cultivada (*bombyx mori*) foi utilizada na colcha policroma, certamente, devido ao facto de ser a seda mais indicada, pela sua estabilidade, para receber corante. Para as duas colchas bicolores foram utilizadas soluções diferentes – uma tingida e outra não tingida – embora ambas com recurso a seda *tussah*.

Importa salientar que também a nível iconográfico o sub-grupo é consistente, apresentando motivos decorativos, iconografias e interpretações muito semelhantes.

¹⁷² Apesar de consistir num fragmento de colcha, cremos que a 3750 TEC deveria manifestar esta característica, dada a consistência do grupo.

O subgrupo B4, composto por três colchas, parece apontar também para a região de Bengala (112 TEC, 3413 TEC, 4565 TEC). De características decorativas muito distintas, têm em comum a considerável qualidade dos suportes e dos bordados, de telas e retorses muito finos. Com dimensões idênticas, que variam entre os 46 e os 58 cm, apresentam soluções coerentes nas costuras dos panos que, embora distintas (sobrepostas com dobra ou justapostas com dobra), são de grande precisão e quase imperceptíveis ao olhar e ao toque. Em comum, apresentam telas de igual qualidade na fente e no verso, o enchimento de algodão de filaça muito fina (quase imperceptível sem lupa), e o facto de serem bordadas exclusivamente a ponto atrás (duas a algodão e uma a seda *bombyx mori*) de forma idêntica e simultaneamente sobre ambas as telas, previamente unidas entre si. A única cor que manifestam em comum, o vermelho, é obtido através de diferentes soluções de tingimento: uma granza (*Rubia tinctorum* L.)¹⁷³ e outra laca indiana.

4.1.3. Grupo C

Embora predominantes em termos de quantidade de exemplares sobrevividos e, possivelmente, diversidade produtiva, as produções associadas à região de Bengala não são as únicas representadas neste estudo. De ora em diante, ocupar-nos-emos daquelas habitualmente associadas à região do Guzerate, designadas por Grupo C, conhecidas pela sua policromia e inspiração nos temas islâmicos que também, à data, inspiraram a produção artística do império mogol.

O subgrupo C1, é composto por três colchas de medalhão com pelicano ao centro (Inv. 978, 4597 TEC, TEX-095). Embora representem soluções plásticas e materiais distintas – uma é bordada a seda sobre algodão, outra a algodão sobre algodão e a terceira a seda sobre seda e algodão, todas de espessuras variáveis -, apresentam semelhanças na dimensão dos panos (a medida-padrão não vai além dos 50 cm, com exceção da tela de seda, tal como indicado, sempre de maior largura), na solução adoptada para as costuras (sobrepostas com dobra ou com ourela exposta) e

¹⁷³ Corante comum nos países mediterrâneos. “As garanças, geralmente, são consideradas *Rubia tinctorum* L., excepto se a quantidade de purpurina for maior que a de alizarina e o ácido ruberítrico estiver ausente, será a *Rubia peregrina* L.; ou então se a quantidade de munjistina for superior à de alizarina, nesse caso será a *Rubia cordifolia* L.”. Vd. Anexo C.

na forma como os panos são dispostos entre si (com soluções distintas na frente e no verso). Nenhuma evidencia enchimento de algodão.

O bordado apresenta, identicamente, alguns denominadores comuns: é executado exclusivamente a ponto cadeia, sobre ambas as telas da peça (implicando a existência de um suporte previamente construído). A sua interpretação é muito idêntica e, mais ou menos compacta, apresenta o mesmo repertório decorativo, onde predominam as aves do paraíso entre folhagens e flores muito semelhantes, com apontamentos de pássaros mais pequenos, apesar de manifestarem iconografias diferentes.

Não nos foi possível, também para estas colchas, retirar e analisar amostras dos fios do bordado ou das fibras dos suportes. Salientamos, contudo, que no verso da colcha Inv. 978 encontrámos vestígios de fios de retroses coloridos presos pelo bordado original, atestando que a mesma oficina produzia, simultaneamente, colchas com características distintas.

O subgrupo C2 é também formado por quatro peças ainda não relacionadas entre si (2164 TEC, 3704 TEC, 3719 TEC, Inv. 88). À exceção da 2164 TEC, os panos apresentam uma medida regular (entre c. 68 e 76 cm), são unidos através de costuras maioritariamente sobrepostas com dobra – de tratamento mais grosseiro no verso – e dispostos de forma aparentemente incoerente (ora sequencial, ora intercalada, ora ambas). De facto, com exceção das 3704 TEC e Inv. 88 – cujas semelhanças podem justificar inclusivamente a produção na mesma oficina -, estas colchas demonstram tratamento pouco cuidado e telas de menor qualidade face àquelas observadas para a região de Bengala.

No que respeita ao bordado, com exceção da 3719 TEC, mais delicada, os retroses são os mais grosseiros encontrados entre todas as peças analisadas, não por manifestarem qualidade inferior, mas pelo retrós compreender um maior número de fios de seda. As sedas analisadas quimicamente apontam para a utilização da *bombyx mori* no bordado - com corantes de origem asiática - que é distribuído igualmente na frente e verso das colchas.

Apesar dos resultados serem ainda preliminares – pois o estudo requer, necessariamente, a constituição de um *corpus* material mais alargado e detalhadamente analisado –, e do facto da análise não ter possibilitado a associação a centros produtores e datações concretos, podemos concluir que a abordagem adoptada possibilita a abertura de novas vias de investigação, contribuindo assim com novas perspectivas sobre o contexto da produção das colchas bordadas.

A variedade em termos de soluções decorativas, métodos produtivos e qualidade técnica e material, leva-nos a concluir que, muito provavelmente, o contexto em que o consumo das mesmas se efetivava seria, identicamente, alargado e diferenciado. Por esse motivo, reveste-se de importância voltar a olhar para a documentação coeva, adoptando a mesma metodologia de análise, por forma a averiguar se esta espelha a complexidade da realidade que as peças nos testemunham.

4.2. Consumo

Os resultados obtidos na análise técnico-científica apontam claramente para a existência de diferentes centros produtores – regiões ou oficinas – cuja evolução poderá ter-se efetivado no sentido de uma crescente qualidade, integração de formas e complexidade dos objetos, conforme Barbara Karl observa, em especial, para o caso de Bengala. No entanto, parece-nos igualmente possível que, tal como a autora ressalva, na mesma época, diferentes oficinas pudessem produzir colchas para diferentes mercados, implicando, portanto, a existência de manufaturas que aplicassem diferentes métodos e matérias-primas, mais ou menos especializados, de maior ou menor qualidade.

Importa agora questionar: terá esta realidade tido reflexo na documentação coeva? Será possível, através dos registos que chegaram aos nossos dias, corroborar estes resultados? Para o efeito, reveste-se de importância elaborar um levantamento de descrições de colchas, tão exaustivo quanto possível, de forma a verificar qual a variação dos aspectos económicos em torno destes objetos e suas implicações no consumo dos bordados indianos em Portugal durante os séculos XVI e XVII. Terá o seu preço aumentado, fruto da crescente complexidade e qualidade? Existiram, para a

mesma época, valores muito díspares para peças de características idênticas? Mais importante ainda, terão as alterações do custo de vida condicionado o seu consumo?

Até à data do início desta dissertação, eram praticamente inexistentes estudos acerca do consumo dos têxteis indianos no reino, em especial, numa perspectiva alargada (a várias classes sociais) e comparada (que atendessem simultaneamente às demais produções têxteis europeias e/ou asiáticas). Até então, a maioria dedicou-se ao seu consumo no contexto das cortes portuguesa e europeias onde, simultaneamente pelo seu exotismo e grande qualidade técnica, assumiram um lugar de destaque enquanto meio de afirmação de poder e estabelecimento de relações diplomáticas, constituindo objetos de luxo destinados a uma minoria¹⁷⁴.

Os mais recentes estudos acerca dos têxteis indianos no Reino apontam para uma realidade diferente. O últimos trabalhos de Maria João Ferreira¹⁷⁵, que analisou, em termos gerais, a forma como os “panos da Índia” foram apreendidos pela sociedade portuguesa, comparativamente aos têxteis contemporâneos chineses, que sabemos terem sido muito valorizados pela sua estética e sofisticação¹⁷⁶, indicam que, *grosso modo*, os “panos da Índia” estariam acessíveis a classes sociais menos abastadas e assim amplamente presentes nos interiores do Reino, ainda que ressalvando: “embora os artigos indianos se mantenham como opções válidas e apreciadas no domínio têxtil até pleno século XVIII, a partir de meados de Quinhentos estes terão começado a partilhar e, até porventura, a ceder o protagonismo aos seus congéneres persas e chineses, os quais se tornam, entretanto, mais frequentes em Portugal – ainda que aparentemente em menor quantidade quando comparados com aqueles provenientes da Índia, porventura menos dispendiosos”.

Num outro artigo, dedicado aos “panos da Índia” nas Pragmáticas de 1609 e 1677¹⁷⁷, Maria João Ferreira assenta parte da sua análise, entre outro breve *corpus* documental, num extenso e raro documento, elaborado na cidade do Porto, que regista os bens proibidos pela lei pragmática decretada por Filipe II de Portugal em

¹⁷⁴ Karl 2016, p.55-56, 64-68.

¹⁷⁵ Cf. Ferreira 2012. Ver também: Ferreira 2016.

¹⁷⁶ Ferreira 2016, p. 76. Sobre a recepção dos têxteis chineses: vid. Ferreira 2011, vol. I, pp. 327-330.

¹⁷⁷ Ferreira 2016, pp. 22-39.

1609¹⁷⁸. Dando continuidade às leis proibitivas do luxo conhecidas desde 1258¹⁷⁹, neste documento são registados todo o tipo de bens – jóias, vestuário, têxteis interiores, entre outros -, que integravam materiais preciosos proibidos, de que é exemplo a seda, material predominante da produção indiana. Analisaremos agora o mesmo documento.

Entre os bens listados, registam-se 208 têxteis de possível origem indiana. No que concerne às colchas, foram identificadas mais de centena e meia – confirmando que se tratava da tipologia mais apreciada - na sua grande maioria bordadas ou “lavradas”, sendo que cerca de 140 seriam indianas, possivelmente indianas (alguns exemplares poderiam ser oriundos, por exemplo, da China ou da Pérsia, ainda que não identificadas pelos proprietários ou inventariantes) ou executadas com materiais asiáticos, visto que a sua identificação nem sempre é segura, conforme discutido no capítulo anterior. Embora todos identificados, conhecemos a profissão de apenas 20 proprietários de colchas “indianas”: 1 tendeiro, 1 juiz de órfãos, 1 mareante, 2 ourives, 1 sombreireiro, 1 pexim (?), 1 barbeiro (representado pela sua mulher), 2 tabeliães, 1 alfaiate, 1 ferreiro, 1 piloto, 1 cirurgião, 1 botelha (?), 3 mercadores e 2 tanoeiros. Tal parece apontar, efectivamente, como a autora salienta, para a distribuição destes objectos entre as classes sociais menos abastadas¹⁸⁰. Porém, não sendo a sua percentagem muito elevada (cerca de 14%) – e podendo os objetos ter integrado o património de alguns dos declarantes por via de doação, de pagamento de serviços, ou de aquisição direta na Índia pelos próprios ou através, por exemplo, de familiares embarcados -, há que continuar a assumi-los com reserva até estudos mais aprofundados.

Procurando a mesma abordagem ao tema que propomos nesta dissertação, e desenvolvendo-a simultaneamente ao nosso estudo, Barbara Karl¹⁸¹ aprofunda a questão através de uma nova perspectiva de investigação até então por explorar: a

¹⁷⁸ Cf. Sousa, Gonçalo de Vasconcelos e, ed. 2012. *O luxo na região do Porto ao tempo de Filipe II de Portugal (1610)*. Porto: Universidade Católica Portuguesa.

¹⁷⁹ Ferreira 2012. Sobre a Pragmática de 1609, ver também: Crespo, Hugo Miguel. 2012. "Trajar as Aparências, Vestir para Ser: o Testemunho da Pragmática de 1609" In *O Luxo na Região do Porto ao Tempo de Filipe II de Portugal (1610)*, coord. Gonçalo Vasconcelos e Sousa: 93-148. Porto, Universidade Católica Editora.

¹⁸⁰ Ferreira 2016, pp. 28-29.

¹⁸¹ Cf. Karl 2016, pp. 24-26; pp.50-64; pp. 69-73.

evolução do preço de mercado das colchas bordadas indianas durante os séculos XVI e XVII, contribuindo assim com novos conhecimentos acerca da sua recepção e integração no quotidiano do reino. Partindo de um conjunto de inventários portugueses – os mesmos aos quais tivemos acesso, através de Pedro Pinto, e que, por esse motivo, apresentaremos abaixo, apesar de entretanto publicados para o mesmo fim –, Karl corrobora, especificamente para o caso das colchas, as conclusões da investigação de Maria João Ferreira ao confirmar: 1) que existiriam diferentes qualidades de colchas, acessíveis a diferentes classes; 2) que o preço das colchas de qualidade média não aumentou em cem anos, apesar da inflação, sugerindo que as mesmas se tornaram mais baratas ao longo tempo¹⁸².

Mas consideramos importante uma outra abordagem, não necessariamente mais aprofundada, mas que pondere estas questões numa perspectiva comparada. Isto porque ambas as investigadoras analisaram e ponderaram simultaneamente referências a “colchas da Índia”, “colchas de pano da Índia” e “colchas de montaria”, quando a origem asiática das duas últimas não é segura. cremos que apenas comparando objetos idênticos poderemos efetuar um estudo económico mais seguro, que nos possibilitará traçar as peculiaridades associadas ao seu valor de mercado e respetiva variação ou continuidade ao longo dos séculos. Isto é - mesmo que tal nunca seja linear -, sempre que possível, considerar isoladamente as referências documentais que possam apontar para realidades distintas e influenciar a interpretação dos resultados.

Por outro lado, aferir o valor de algo requer, necessariamente, uma abordagem comparativa e a procura da sua contextualização na sociedade. Portanto, perceber o valor das colchas indianas à época requer, não apenas, compreender o valor de outros bens à época, mas sobretudo, o custo de outros objetos da mesma tipologia, ou seja, o seu valor comparativamente às colchas europeias e portuguesas. cremos que apenas percebendo a relação entre os seus valores, conseguiremos retirar ilações.

Consideramos também que o estudo das peças bordadas indianas não pode ser dissociável da análise do impacto económico das matérias-primas que lhe serviram de base, nomeadamente, o algodão, o linho e a seda, bem como os materiais processados

¹⁸² Karl 2016, p. 63.

produzidos a partir destes, a saber, os tecidos avulsos que serviram de base aos suportes das peças e os retorses utilizados nos seus bordados. A sua identificação, sistematização e confrontação, é determinante para a elucidação de várias questões centrais neste estudo, entre elas, se o preço das colchas é proporcional à variação do preço das suas matérias-primas, ou se existem outros sistemas de valorização ou desvalorização direta dos objetos, nomeadamente, quando objetos de dimensão, decoração e matérias-primas idênticas (e diferentes origens) verificam diferenças de valor, apontando assim, possivelmente, para questões de gosto, produção ou transporte.

Mas de que forma olharemos, então, para os valores em causa? Como vimos, para além da necessária comparação entre objetos idênticos, importa contextualizá-los na sociedade, considerando o custo de vida em Portugal durante os séculos XVI e XVII. Para o século XVI, não se registaram significativas alterações dos preços, por deflação ou inflação¹⁸³, pelo que as diferenças nos preços das colchas poderão estar associadas a outras questões. Já para o século XVII, uma época de reconhecida crise económica, verificou-se o aumento dos impostos indiretos (com efeitos nos bens de primeira necessidade) e diretos (décima), a desvalorização da moeda, e simultaneamente, o aumento da oferta monetária, o que resultou num aumento da inflação e decréscimo do nível de vida face aos salários praticados¹⁸⁴.

4.2.1. As matérias-primas

As matérias-primas avulsas encontram-se entre os bens duradouros mais registados nos inventários da época, ora pelo investimento que representavam (caso dos metais e pedras preciosas), ora pela sua aquisição estar muitas vezes associada a pequenas produções domésticas, de que é especial exemplo a produção têxtil. O inventário do duque D. Teodósio I é um dos mais claros testemunhos conhecidos desta prática, da qual terá resultado parte dos têxteis elencados no documento.

¹⁸³ Dados do projecto “De Todas as Partes do Mundo” (PTDC/EAT-HAT/098461/2008), sediado no CHAM (FCSH/NOVA-UAc) no âmbito dos estudos de Leonor Freire Costa.

¹⁸⁴ Cf. Faísca, Carlos Manuel. 2012. “O preço da crise: níveis de vida no Portugal seiscentista”. *ICS Working Papers 4*. URL: http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2012/wp2012_4.pdf.

Referimo-nos não apenas à decoração de peças pré-construídas (através do bordado ou aplicação de guarnições, como contas ou franjas) - prática relativamente comum à época -, mas também, à tecelagem e tingimento de tecidos. Neste documento, para além da descrição detalhada das mais variadas matérias-primas (*“onças de tellas pera tecer”*¹⁸⁵, *“sedas pera se darem pera tecer”*¹⁸⁶, *“meadas de seda”*¹⁸⁷, *“meadas de ouro”*¹⁸⁸) e equipamentos necessários à sua produção (*“dous teares de ueludo”*¹⁸⁹, *“hum tear pera tafeta”*¹⁹⁰, *“dous teares de fitas”*¹⁹¹, *“hũa roda em que fazem as canelas”*¹⁹², *“hũa vrdidura”*¹⁹³, *“hum aparalhador de seda e hum escabelo uelho”*¹⁹⁴), podemos encontrar referências aos escravos tecelões e bordadores (*“Francisco das orelhas Indio serue nos teares”*¹⁹⁵, *“Joane Brosclador imdio”*¹⁹⁶, *“Bastiam Fernandes Indio (...) tecelam de sedas”*), bem como ao seu trabalho (*“dezaseis couados escasos de tafetta azul dobrado que fes Bastiam depois do falecimento do Duque”*¹⁹⁷, *“dezanoue couados e quarta de uelludo preto de pello E meio que outrosim fes Bastiam tecelam que o acabou depois do falecimento do Duque”*¹⁹⁸, *“disse a dita Margaida [sic] Bispa que a Duqueza comprou depois do falecimento do Duque o Linho com o dinheiro do Seu Escritorio E o mandou fiar as suas criadas”*¹⁹⁹). Acresce a importante referência a um *“Manoel Quão do Timte”*, que tinha a seu cargo *“hum caldeira grande de tinta de cobre”* e *“hũa cuba de Taboado que trouxe Gaspar Pinto do tinte”*²⁰⁰, que podem remeter para o tingimento de matérias-primas e objetos têxteis no Paço do duque.

A presença de escravos tecelões e bordadores indianos em Vila Viçosa aos quais aparenta ter sido especificamente incumbida a tarefa de produção têxtil, atesta a dificuldade na investigação em torno dos bordados indianos. Embora não seja clara a

¹⁸⁵ AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, fl. 97v.

¹⁸⁶ AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, fl. 97v.

¹⁸⁷ AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, fl. 97v. - 98. Existem outros exemplos ao longo do documento.

¹⁸⁸ AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, fl. 94.

¹⁸⁹ AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, fl. 505.

¹⁹⁰ AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, fl. 505 v.

¹⁹¹ AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, fl. 505 v.

¹⁹² AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, fl. 505 v.

¹⁹³ AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, fl. 505 v.

¹⁹⁴ AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, fl. 505 v.

¹⁹⁵ AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, fl. 553.

¹⁹⁶ AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, fl. 553 v.

¹⁹⁷ AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, fl. 226 v.

¹⁹⁸ AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, fl. 226v.-226.

¹⁹⁹ AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, fl. 82-82v.

²⁰⁰ AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, fl. 541.

origem das meadas de seda inventariadas – com exceção de um conjunto que se encontra guardado dentro de um caixão de Granada (uma das mais importantes regiões europeias produtoras de seda)²⁰¹ –, sabemos que a probabilidade da existência de retroses tingidos de origem indiana é considerável, ademais, atendendo à estreita relação do duque com Martim Afonso de Sousa e D. Constantino de Bragança, que sabemos terem oferecido objetos indianos ao duque, conforme denota o documento²⁰². Esta realidade corrobora a possibilidade de estes, e tantos outros escravos em semelhante situação, produzirem objetos de possível inspiração indiana com matérias-primas asiáticas, ainda que eventualmente de qualidade inferior às aquelas oriundas da Ásia, que sabemos produzidas por artesãos de grande especialização.

Esta informação reveste-se de importância e levanta questões fundamentais: teriam estes bordadores conhecimentos para a produção, em ambiente doméstico, de objetos “ao gosto da Índia” e espelhado neles algumas das características técnicas que observámos anteriormente para as peças de origem indiana? Poderão estas, dadas as circunstâncias, ter integrado o rol de bens do Duque, sem que lhes fosse atribuída especial atenção no momento da avaliação, conferindo maior “exotismo” do que aparenta aos interiores do Paço?

Não menos importante: terão os valores indicados no inventário sido atribuídos com base meramente no preço das matérias-primas, visto que decorreu de trabalho escravo, observando valores inferiores aos objetos de mercado? Ou os valores teriam sido atribuídos com referência, precisamente, aos objetos disponíveis no mercado, que por norma integravam já o custo do seu feitio? Na realidade, dificilmente o saberemos, visto que os seus materiais, mesmo quando preciosos, não são susceptíveis de medição, como sucede para o ouro ou a prata.

É a partir de outro inventário de bens alentejano datado de 1572, mais modesto, de Joana Pereira, dama da duquesa de Bragança e filha de Fernão Pereira, Alcaide-mor de Arraiolos, que encontramos importantes referências ao preço de algumas matérias-primas que importam ao nosso estudo. A sua relevância prende-se com o facto de nos permitir averiguar valores de forma muito segura – atendendo que

²⁰¹ Cf. *España y Portugal en las rutas de la seda: diez siglos de producción y comercio entre Oriente y Occidente*. 1996. Barcelona: Universitat de Barcelona, Publicacions.

²⁰² AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, fl. 104.

foi elaborado no mesmo dia, pelo mesmo inventariante -, o valor dos tecidos mais comuns na produção de colchas: o “pano da Índia” (“*outo varas de pano da Indja a cruzado a vara são tres mjl e duzentos reais – iij*”²⁰³), o pano de linho (“*corenta varas de pano de lñho mujto delguado he larguo a duzentos reais a vara são outo mjl reais – bñj*”²⁰⁴), a holanda (“*quatro varas d’olanda fina a vara a quatroçentos reais - mjl he seisçentos reais – j*”²⁰⁵), o fustão (“*outo varas de fustão branco ou na verdade são des en dous pedasos a vara a sem reais são mjl reais – j*”²⁰⁶), os panos de “erva da Índia” (“*seis varas d’eruas da Indja de que se fazem giboins Raxada a vara a cruzado são dous mjl he quatrocentos reais – ij*”²⁰⁷) e, finalmente, o “pano da terra” (“*outo couados de pano pardo da terra a sento he vñte ho couado são nouçentos e sesenta reais - icclx*”²⁰⁸).

Tabela 5 - Tipos de tecidos e respetivos preços (1572)

Tipo de tecido	Preço da vara (reais)
“Pano da Índia”	400
Pano de linho (muito fino)	200
Pano de linho (fino) ²⁰⁹	100
“Olanda” (fina)	400
Fustão	100
“Erva da Índia”	400

Tal significa que, para cerca de meados do século XVI, os dois tipos de panos de origem asiática, o “pano da Índia” – que cremos referir-se *grosso modo* ao algodão, e o pano de “erva da Índia” - possivelmente de seda ou fibra vegetal²¹⁰ -, assumiam o

²⁰³ AHCB, BDMII, Res. Ms. Adq. 29, fl. 14.

²⁰⁴ AHCB, BDMII, Res. Ms. Adq. 29, fl. 13v.

²⁰⁵ AHCB, BDMII, Res. Ms. Adq. 29, fl. 14.

²⁰⁶ AHCB, BDMII, Res. Ms. Adq. 29, fl. 14v.

²⁰⁷ AHCB, BDMII, Res. Ms. Adq. 29, fl. 14v.

²⁰⁸ AHCB, BDMII, Res. Ms. Adq. 29, fl. 9v.

²⁰⁹ “*quñze varas de pano de lñho fino larguo a vara ha sen reais que são mjl he quñhentos reais – j [mil] b^c*”. AHCB, BDMII, Res. Ms. Adq. 29, fl. 18v.

²¹⁰ Crê-se que o termo “erva da Índia” referia-se à seda selvagem (*tussah*) pois, durante os séculos XVI e XVII, os europeus pensavam que esta era produzida por uma planta (Karl 2016, 57; 76. Ver também: Costa 2004, p. 145). De facto, no inventário de D. Teodósio I, as colchas de “erva da Índia” são inventariadas dentro do rol de “*Colchas que não são de seda*”, portanto, junto de outras fibras vegetais como o linho, a holanda, o ruão e afins (AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, fl. 340 v. – 341). A qualidade destes

mesmo preço da Holanda, muito comum nas peças europeias e peças portuguesas, não raras vezes bordadas. Tal significa, conseqüentemente, que as colchas de “pano da Índia” poderiam assumir preços de mercado idênticos a algumas colchas portuguesas e europeias de características idênticas (técnicas, dimensão, estado de conservação, etc), ainda que os preços das matérias e dos objetos possam variar de região para região, assumindo valores distintos a Norte, a Sul ou nas Ilhas.

Mas outros documentos quinhentistas apontam para informação importante – e adensam o problema –, nomeadamente, aqueles que confirmam a existência de peças de “acolchoado da Índia”. Embora não tenhamos encontrado descrições detalhadas, cremos corresponderem a peças previamente montadas para o uso na confecção de objetos (em especial, de colchas), ou seja, aos referidos suportes, normalmente com enchimento de algodão. A sua referência surge no inventário *post mortem* de Simão de Melo²¹¹, datado de 1570, e dá conta de:

Tabela 6 - Preço de peças de acolchoado da Índia (1570)

Data	Peças de tecido	Quantidade	Preço material (reais)	Preço total (reais)
1570	acolchoado da Índia	3 varas (5 côvados)	150 reais (côvado)	750
1570	acolchoado da Índia	13 varas (c. 22 côvados)	200 reais (côvado)	2.600
1570	acolchoado da Índia	11 côvados	200 reais (côvado)	2.200
1570	acolchoado da Índia	21 côvados	300 reais (côvado)	6.300
1570	acolchoado da Índia	22 côvados	c.306 reais (côvado)	6.750
1570	acolchoado da Índia	21 côvados	300 reais (côvado)	6.300

Não foi possível confirmar com certeza em que situações estes suportes foram utilizados, nomeadamente, se integraram a produção portuguesa, apesar da sua inexistência no *corpus* material e das poucas referências documentais. De entre os exemplares analisados, apenas encontrámos indicação a um objeto, uma colcha “de

panos era, porém, bastante valorizada, pois as colchas assumem preços relativamente elevados (c. 10.000 a 12.000 reais para peças novas e grandes; c. 2.000 a 3.000 reais para peças mais pequenas).

²¹¹ ANTT, FF, IPM, Letra S, Maço 21, N.º 16, fl. 160 e 163.

*pano da Índia acolchoada de cordão forrada de pano da Índia apassamanada à roda com suas borlas*²¹², portanto, de origem indiana questionável.

Assim, conhecendo a existência de retoses tingidos na Índia e a presença bordadores asiáticos no Reino, e que o suporte das colchas portuguesas identificadas no nosso estudo não apresenta enchimento de algodão, interrogamo-nos se este tipo de pano seria utilizado, precisamente, em eventuais peças “ao modo da Índia”. Uma vez que o preço do côvado apresenta variações, cremos terem existido diferentes qualidades, possivelmente, de acordo com a quantidade de enchimento.

Contrariamente ao levantamento efetuado para as colchas, não nos foi possível averiguar as variações de valor das matérias-primas ao longo das duas centúrias. Porém, para a primeira metade do século XVI, os valores parecem ser inferiores àqueles praticados na segunda metade da centúria.

Tabela 7 - Preço de panos (1ª metade do século XVI)

Data	Tecido	Origem	Preço em reais (vara)
1537 ²¹³	Pano de linho	-	34
1530/1540 ²¹⁴	Pano de linho (curado)	-	70
1530/1540 ²¹⁵	Pano de linho (delgado e curado)	-	80
1550 ²¹⁶	Pano de holanda	-	200

4.3.1. As colchas

De modo a verificarmos os resultados obtidos por Maria João Ferreira e Barbara Karl, considerámos importante efetuar um levantamento sistemático de peças mencionadas na documentação coeva, integrando igualmente as referências documentais utilizadas por ambas as autoras, às quais acrescem, em menor número,

²¹² ANTT, FF, IPM, Letra S, Maço 21, Nº 16, fl. 156.

²¹³ AMVV, Livro de Despesa da Misericórdia (1537-1586), Nº 1548, fl. 21.

²¹⁴ Gregório, Rute Dias. 2005. “Terra e fortuna nos primórdios da Ilha Terceira (1450-1550)”. Tese de Doutoramento defendida da Universidade dos Açores, p. 202.

²¹⁵ *Ibidem*, p. 202.

²¹⁶ *Ibidem*, p. 202.

referências documentais ainda não analisadas e/ou publicadas por estudos circunscritos a este tema.

Portanto, procuraremos não necessariamente um registo mais exaustivo do ponto de vista quantitativo, mas sobretudo, diferente do ponto de vista metodológico, listando referências documentais para ambas as centúrias com intervalos de tempo o mais reduzidos possível – uma vez que raramente podemos identificar com segurança a origem exata das peças –, de modo a minimizar possíveis condicionantes à interpretação dos dados obtidos.

Deste modo, adoptámos enquanto metodologia a distinção de três realidades: a) colchas de origem indiana atribuída na documentação (“colcha da Índia”, “colcha de Bengala”, etc.) (Tabela 8); b) colchas de material de origem indiana atribuída na documentação (“colcha de pano da Índia”, “colcha de seda da Índia”, etc.) (Tabela 9); c) colchas com características formais idênticas sem origem atribuída na documentação (possivelmente europeias e/ou portuguesas) (Tabela 10). Salientamos que, para resultados mais precisos, considerámos apenas objetos com características materiais idênticas, ou seja, constituídos por suportes de pano de algodão, linho ou seda bordados a retrós de seda ou algodão – de acordo com o que se sabe, por norma, caracterizar a produção indiana –, estando portanto excluídas peças com materiais como ouro e prata, que podem assim inflacionar o seu preço.

Considerámos igualmente importante não incluir no presente levantamento as “colchas de montaria” sem indicação clara da sua origem pois, como referido anteriormente, pese embora esta iconografia seja comum nos bordados da região de Bengala, é conhecido o gosto pelo tema na produção têxtil europeia. A mesma solução foi adoptada para as “colchas de erva” cuja origem não seja claramente associada à Índia pois, tal como indicado, este tipo de tecido encontrava-se disponível no mercado português, podendo dar origem a peças muito distintas.

Ressalvamos que apenas foi realizado o levantamento das peças às quais foi atribuída uma avaliação monetária individual e precisa, o que reduz substancialmente o número de registos passíveis de análise.

Tabela 8 - Seriação de “Colchas da Índia”

Data	Tipologia	Características	Origem	Estado	Preço (reais)
1535 ²¹⁷	Colcha	“meaã”	Índia	-	600
1550 ²¹⁸	Colcha	Cetim; amarelo;	Índia	-	8.000
c1550 ²¹⁹	Colcha	Tafetá; azul	Chaul	-	10.000
1565 ²²⁰	Colcha	Pespontada; lavrada; retrós pardo	Índia	-	16.000
1567 ²²¹	Colcha	Acairelada de retrós; borlas; uma roda grande no meio	Índia	nova	5.000
1567 ²²²	Colcha	Acairelada de retrós branco; borlas; quatro rodas nos cantos	Índia	usada	4.500 ²²³
1567 ²²⁴	Colcha	Pequena; pespontada; “sem nenhum lavor”	Índia	velha	1.200
1572 ²²⁵	Colcha	Branca	Índia	velha	1.000
1577 ²²⁶	Colcha	Grande; toda lavrada; ponto cadeia; “uma roda grande quadrada no meio e dentro dela uma redonda”; franjada de retrós amarelo	Índia	-	25.000
1577 ²²⁷	Colcha	Seda branca; cinco rodas no meio	Índia	nova	30.000

²¹⁷ ANTT, CP, Maço 29, Nº 5, fl. 2 - Certidão da legítima Paterna de Violante de Maris filha de Ayres Pinto Fidalgo da Casa do Duque de Bragança. A autora agradece ao Projecto “De Todas as Partes do Mundo” (PTDC/EAT-HAT/098461/2008) pela disponibilização da transcrição.

²¹⁸ BNP, VB, DA, Caixa 8, Nº 18, fl. 63v. – Inventário de D. Francisco de Castelo Branco Valente, camareiro-mor, Janeiro de 1550. Transcrição parcial disponibilizada por Pedro Pinto (24.06.2013).

²¹⁹ ANTT, ACA, Caixa 5 - Rol do enxoval e cousas que se deram a D. Luís da Silva à conta dos 11000 cruzados de seu casamento com D. Isabel de Miranda, filha de Francisco Pereira de Miranda (datado de cerca de meados do século XVI). Transcrição parcial disponibilizada por Pedro Pinto (25.06.2013).

²²⁰ AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, fl. 104.

²²¹ AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, fl. 340v.

²²² AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, fl. 340v.

²²³ Salienta-se que em 1567, apenas dois anos após esta avaliação, a mesma colcha foi avaliada por 5000 reis no rol de bens que ficaram do Duque de Bragança D. Teodósio a seu filho Duque D. João (AHCB, BDMII, Reservados Ms. 17, 1-t-4, fl. 54). A tratar-se de uma actualização do valor da peça – e não de um erro durante a elaboração do rol de bens -, tal poderá sustentar a possibilidade de um aumento de preço destes bens durante a segunda metade da década de sessenta.

²²⁴ AHCB, BDMII, Res. Ms. 18, fl. 341.

²²⁵ ANTT, CJ, Maço 17, Nº 51, fol. 9v - Inventário dos bens de Mem de Sá, Governador do Brasil, realizado após o seu óbito, 02.03.1572. Salienta-se que esta peça foi inventariada em Baía de Todos os Santos, no Brasil, sendo propriedade do governador Mem de Sá. Foi incluída na tabela para efeitos de comparação com as peças de datação e características idênticas encontradas em Portugal. Transcrição parcial disponibilizada por Pedro Pinto (26.06.2013).

²²⁶ ANTT, CP, Caixa 32, fl. 341v.-342v. – Inventário dos bens do dote que deu D. Beatriz Correia para o casamento de Fernão de Sousa, seu filho, com D. Maria de Távora, 17.01.1577. Transcrição parcial disponibilizada por Pedro Pinto (26.06.2013).

		pespontadas com retrós carmesim; sanefas de cores como capa de Chaúl; franja e borlas de retrós carmesim e branco			
1577 ²²⁸	Colcha	Toda pespontada; retrós amarelo; muitos lavores;	Bengala	nova	40.000
1577 ²²⁹	Colcha	Toda pespontada; retrós branco e amarelo; lavrada; franja de retrós amarelo e branco	Bengala	nova	25.000
1582 ²³⁰	Colcha	de alcachofrado de marca grande	Índia	-	6.000
1582 ²³¹	Colcha	lavrada em mandacha (?)	Índia	-	12.000
1587 ²³²	Colcha	Branca; marca grande	Índia	velha	3.000
1587 ²³³	Colcha	De catre; pano branco	Índia	usada	1.500
1591 ²³⁴	Colcha	Catre; seda encarnada; bandas amarelas	Índia	usada	5.000
1596 ²³⁵	Colcha	Fina; “marca grande”; franjada; nódoas	Bengala	usada	8.000
1596 ²³⁶	Colcha	Canequim fino; “marca meã”; franja; borlas	Índia	nova	6.000
1596 ²³⁷	Colcha	Grossa; rota	Índia	velha	1.000
1597 ²³⁸	Colcha	Grande; rota	Índia	velha	2.000
1597 ²³⁹	Colcha	Catre; pequena	Índia	velha	2.000

²²⁷ ANTT, CP, Caixa 32, fl. 341v.-342v.

²²⁸ ANTT, CP, Caixa 32, fl. 341v.-342v.

²²⁹ ANTT, CP, Caixa 32, fl. 341v.-342v.

²³⁰ “Bens que possuía D. Fernando de Castro, 1º Conde de Basto, no seu palácio de Évora”. Serrão 2015, p. 277.

²³¹ *Idem*, p.277.

²³² ANTT, FF, IPM, Letra B, Maço 36, Nº 5, fol. 7 - Inventário dos bens de Bento Vaz de Eça, casado com Luísa de Góis, realizado após o seu óbito, Lisboa, 05/09/1587. Karl 2016, p.62.

²³³ ANTT, FF, IPM, Letra B, Maço 36, Nº 5, fol. 7. Karl 2016, p.62.

²³⁴ ANTT, FF, IPM, Letra C, Maço 47, Nº 2, fl. 12-12v. - Inventário dos bens de Manuel de Sousa, casado com D. Mécia Henriques, realizado após o seu óbito, 31.01.1591. Transcrição parcial disponibilizada por Pedro Pinto (26.06.2013).

²³⁵ ANTT, FF, IPM, Letra B, Maço 36, Nº 13, fl. 4. - Inventário de Branca Rodrigues, casada com o licenciado Cosme Damião, físico de El-Rei, Lisboa, 08.03.1596. Transcrição parcial disponibilizada por Pedro Pinto (26.06.2013).

²³⁶ ANTT, FF, IPM, Letra B, Maço 39, Nº 10, fl. 7v. – Inventário de Bernardo da Gança, seleiro Lisboa, 06.01.1596. Transcrição parcial disponibilizada por Pedro Pinto (26.06.2013).

²³⁷ ANTT, FF, IPM, Letra B, Maço 39, Nº 10, fl. 7v.

²³⁸ ANTT, FF, IPM, Letra B, Maço 39, Nº 11, fl. 7.

²³⁹ ANTT, FF, IPM, Letra B, Maço 39, Nº 11, fl. 7.

1600 ²⁴⁰	Colcha	Branca; “marca meã”	Índia	velha	2.000
1622 ²⁴¹	Colcha	Branca; “marca meã”; franja de retrós	Índia	usada	2.000
1628 ²⁴²	Colcha	Seda; branca; pequena; cercadura de quadrados brancos e verdes; franja	Índia	-	4.000
1635 ²⁴³	Colcha	Branca; fina; feita em Diu	Diu	-	12.000
1643 ²⁴⁴	Colcha	Branca; pespontada; fina	Índia	-	9.000
1643 ²⁴⁵	Colcha	da mesma sorte da anterior	Índia	-	9.000
1643 ²⁴⁶	Colcha	Branca; mesmo tamanho [pequena]	Índia	-	6.000
1643 ²⁴⁷	Colcha	grosseira	Índia	usada	1.500
1656 ²⁴⁸	Colcha	Branca	Índia	muito velha	1.000
1659 ²⁴⁹	Colcha	Branca; marca pequena; pespontada de retrós encarnado; montaria	Índia	usada	5.000
1659 ²⁵⁰	Colcha	Branca; marca meã; pespontada de retrós aleonado; franja amarela	Índia	-	10.000
1659 ²⁵¹	Colcha	Branca;	Índia	velha	4.000
1663 ²⁵²	Colcha	Pespontada de cores	Sinde	-	10.000

²⁴⁰ ANTT, FF, IPM, Letra B, Letra C, Maço 37, Nº 14, fl.6 – Inventário de Belchior Velho, filho de Gaspar Serrão, escrivão dos desembargadores do Paço, casado com Catarina Pimenta, 09.09.1600. Transcrição parcial disponibilizada por Pedro Pinto (25.06.2013).

²⁴¹ ANTT, FF, IPM, Letra B, Maço 40, Nº 11, fl. 3v. - Inventário dos bens de Beatriz Nunes, casada com Vicente Rodrigues de Sousa, ausente no Brasil, realizado após o seu óbito, Lisboa, 22.04.1622. Karl 2016, p.62.

²⁴² ANTT, Orfanológicos, Letra F, Maço 120(B), Nº 2, fl. 14 - Inventário dos bens e fazenda que ficou por falecimento de Dona Maria de Brito, viúva de Dom Francisco de Noronha (...), 1628. Documento disponibilizado pelo projecto “A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro nos séculos XVII, XVIII e XIX” (<http://www.casaruiarbosa.gov.br/acasasensorial/index.php>).

²⁴³ ANTT, FF, IPM, Letra A, Maço 172, Nº 18, fl. 57 - Inventário de bens de D. Ana de Ataíde, filha de D. João da Gama, neta de D. Francisco da Gama, vice-rei da Índia, 1635. Transcrição parcial disponibilizada por Pedro Pinto (02.08.2016).

²⁴⁴ “Inventário dos bens de D. Violante de Castro, viúva do 3º Conde de Basto D. Lourenço Pires de Castro”. Serrão 2015, p. 360.

²⁴⁵ *Ibidem*, p. 360.

²⁴⁶ *Ibidem*, p. 365.

²⁴⁷ *Ibidem*, p. 365.

²⁴⁸ ANTT, FF, IPM, Letra B, Maço 40, Nº 6, fl. 6v.-7 - Inventário dos bens de Brígida Pedrosa, casada com Manuel Moreira, realizado após o seu óbito, Lisboa, 05.04.1656. Karl 2016, p.63.

²⁴⁹ ANTT, Orfanológicos, Letra J, Maço 347, Nº 9, fl. 23v. - Inventário dos bens que ficaram por falecimento do Conde de Castelo Melhor, João Rodrigues de Vasconcelos e Sousa (...), 1659. Documento disponibilizado pelo projecto “A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro nos séculos XVII, XVIII e XIX” (<http://www.casaruiarbosa.gov.br/acasasensorial/index.php>).

²⁵⁰ ANTT, Orfanológicos, Letra J, Maço 347, Nº 9, fl. 33.

²⁵¹ ANTT, Orfanológicos, Letra J, Maço 347, Nº 9, fl. 56.

1669 ²⁵³	Colcha	Branca; “de carregação”; “marca meã”; franja e borlas de retrós gemado	Índia	-	4.000
1669 ²⁵⁴	Colcha	“marca meam”; franja e borlas de retrós gemado	Índia	nódoas	6.000
1671 ²⁵⁵	Colcha	Branca; marca grande; franja e borlas de retrós branco	Índia	-	8.000
1672 ²⁵⁶	Colcha	Branca; marca grande	Índia	-	20.000
1672 ²⁵⁷	Colcha	Marca pequena	Diu	-	10.000
1675 ²⁵⁸	Colcha	Branca; “de carregação”; marca pequena	Índia	-	3.000
1677 ²⁵⁹	Colcha	Branca; marca pequena	Índia	velha	3.000
1677 ²⁶⁰	Colcha	Tafetá nogueirado; pespontada de retrós de várias cores; “marca meam”	Índia	meio uso	8.000
1680 ²⁶¹	Colcha	Branca; “marca meam”; franja e borlas de retrós gemado	Índia	bom uso	10.000
1692 ²⁶²	Colcha	Branca; fina; pespontada de retrós branco; franja de retrós amarelo; borlas	Índia	nova	25.000
1693 ²⁶³	Colcha	Branca; franja e borlas de retrós	Índia	bom uso	7.000

²⁵² ANTT, FF, IPM, Letra B, Maço 39, Nº 6, fl. 8 - Inventário dos bens de Bárbara Antunes, casada com António João, realizado após o seu óbito, Lisboa, 23.04.1663. Karl 2016, p.63.

²⁵³ ANTT, FF, IPM, Letra B, Maço 40, Nº 9 (2º Doc.), fl. 6-6v. - Inventário dos bens de Antónia da Costa, casada com Domingos Ferreira, mestre de alfaiate, realizado após o seu óbito, Lisboa, 29.04.1669. Karl 2016, p.62.

²⁵⁴ ANTT, FF, IPM, Letra C, Maço 47, Nº 13, fl. 5v. - Inventário dos bens de Cesário Bormão, caldeireiro de obra velha, casado com Maria Pedrosa, realizado após o seu óbito, Lisboa, 21.10.1669. Karl 2016, p.62.

²⁵⁵ ANTT, FF, IPM, Letra B, Maço 40, Nº 17, fl. 4v-5 - Inventário dos bens de Baltasar Almeida, confeitiro, casado com Maria da Cruz, realizado após o seu óbito, Lisboa, 19.09.1671. Karl 2016, p.62.

²⁵⁶ ANTT, FF, IPM, Letra B, Maço 40, Nº 18, fl. 6v. - Inventário dos bens de Baltasar Machado, casado com Domingas Mendes, realizado após o seu óbito, Lisboa, 09.09.1672. Karl 2016, p.63.

²⁵⁷ ANTT, FF, IPM, Letra B, Maço 40, Nº 18, fl. 6v.

²⁵⁸ ANTT, FF, IPM, Letra B, Maço 39, Nº 21, fl. 6 - Inventário dos bens de Bernardo de Sepúlveda, casado com Luísa Gonçalves, realizado após o seu óbito, Lisboa, 08.10.1675. Karl 2016, p. 63.

²⁵⁹ ANTT, FF, IPM, Letra C, Maço 52, Nº 1, fl. 7v. - Inventário dos bens de Catarina Carvalha, casada com Gregório Moreira, Contador da Contadoria Geral, realizado após o seu óbito, Lisboa, 16.01.1677. Karl 2016, p.62.

²⁶⁰ ANTT, FF, IPM, Letra C, Maço 48, Nº 7, fl. 5v. - Inventário dos bens do Capitão João do Sal, casado com D. Catarina Ribeira, realizado após o seu óbito, Lisboa, 13.09.1677. Karl 2016, 62.

²⁶¹ ANTT, FF, IPM, Letra B, Maço 39, Nº 9 (Doc.2), fl. 7 - Inventário dos bens de Manuel Gomes, cirieiro, casado com Bárbara Correia, realizado após o seu óbito, Lisboa, 10.04.1680. Karl 2016, p.62.

²⁶² ANTT, Orfanológicos, Letra A, Maço 306, Nº 4, fl. 8v. - Inventário que se fez por falecimento de Aires Teles de Meneses, 1692. Documento disponibilizado pelo projecto “A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro nos séculos XVII, XVIII e XIX” (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/acasasenhorial/index.php>).

		gemado			
1695 ²⁶⁴	Colcha	Branca; franja parda; pespontada de linha	Índia	velha	1.500
1699 ²⁶⁵	Colcha	Marca grande; vermelha; lavrada de retrós de várias cores; forrada de tafetá gemado; franjas e borlas de retrós	Índia	-	20.000

Tabela 9 - Seriação de colchas executadas com tecidos asiáticos ou “Pano da Índia”

Data	Tipologia	Características	Origem	Estado	Preço
1550 ²⁶⁶	Colcha	“Pano da Índia”; branco; grande	-	usada	4.000
1550 ²⁶⁷	Colcha	“Pano da Índia”; branco; “marca grande”	-	nova	6.000
1659 ²⁶⁸	Colcha	Seda da Índia; “marca meã”; pespontada	-	-	8.000
1570 ²⁶⁹	Colcha	“Tafetá da Índia”; vermelha; acatassolado; com buracos	-	-	4.000
1570 ²⁷⁰	Colcha	Branca; “pano da Índia”; acolchoada; franjada; borlas	-	-	8.000
1570 ²⁷¹	Colcha	“Pano da Índia”; “marca pequena”	-	velha	1.500
1570 ²⁷²	Colcha	“Pano da Índia”; buracos	-	velha	800
1570 ²⁷³	Colcha	“Pano da Índia”; “marca meã”	-	velha	800
1570 ²⁷⁴	Colcha	Marca grande; capa de Chaúl; forrada de bertangil nas bordas	-	boa	5000

²⁶³ ANTT, FF, IPM, Letra B, Maço 39, Nº 9, fl. 6 - Inventário dos bens de Bárbara Correia, casada em segundas núpcias com Manuel Simões, realizado após o seu óbito, Lisboa, 07.11.1693. Karl, 2016, p.63.

²⁶⁴ ANTT, FF, IPM, Letra J, Maço 69, Nº 1, fl. 6 - Inventário dos bens de Isabel da Silva e Filipa Ferreira, realizado após o seu óbito, Lisboa, 04.05.1695. Karl 2016, p.63.

²⁶⁵ ANTT, FF, IPM, Letra D, Maço 43, Nº 17, fl. 5 - Inventário dos bens de Domingos Luís, fazendeiro, casado com Luísa Coelho, realizado após o seu óbito, Lisboa, 08.01.1699. Karl 2016, p. 63.

²⁶⁶ BNP, VB, DA, Caixa 8, Nº 18, fl. 65.

²⁶⁷ BNP, VB, DA, Caixa 8, Nº 18, fl.65.

²⁶⁸ ANTT, FF, IPM, Letra C, Maço 48, Nº 7 (2º Doc.), fl. 5v. - Inventário dos bens de António Mendes, sapateiro, casado com Catarina Ribeira, realizado após o seu óbito, 06.08.1659. Karl 2016, p.62.

²⁶⁹ ANTT, FF, IPM, Letra S, Maço 21, Nº 16, fl. 156 – Inventário de Simão de Melo, 02.9.1570. Transcrição parcial disponibilizada por Pedro Pinto (09.07.2013).

²⁷⁰ ANTT, FF, IPM, Letra S, Maço 21, Nº 16, fl. 156.

²⁷¹ ANTT, FF, IPM, Letra S, Maço 21, Nº 16, fl. 156.

²⁷² ANTT, FF, IPM, Letra S, Maço 21, Nº 16, fl. 156.

²⁷³ ANTT, FF, IPM, Letra S, Maço 21, Nº 16, fl. 156.

²⁷⁴ ANTT, FF, IPM, Letra S, Maço 21, Nº 16, fl. 156.

1570 ²⁷⁵	Colcha	Capa de Chaúl; forrada de bertangil	-	buracos	3500
1580 ²⁷⁶	Colcha	“Pano da Índia”; “marca grande”; pespontada de lhana fina; cairel de retrós	-	nova	10.000
1580 ²⁷⁷	Colcha	Cotonia de seda da Índia; branca, forro de tafetá amarelo	-	usada	10.000
1582 ²⁷⁸	Colcha	seda da Índia; forrada de Bertangil; acarelada ao redor	-	-	8.000
1587 ²⁷⁹	Colcha	De catre; capa de Chaúl	-	usada	600
1596 ²⁸⁰	Colcha	“Pano da Índia”; franja	-	quase nova	4.000

Tabela 10 - Seriação de colchas de possível origem portuguesa e/ou Europeia

Data	Tipologia	Características	Origem	Estado	Preço
1542 ²⁸¹	Colcha	Marca grande; de Holanda	?	usada buracos	1.500
1542 ²⁸²	Colcha	Pequena; de roda	-	usada	800
1550 ²⁸³	Colcha	Pequena; de leito de caminha; tafetá amarelo e pardo	-	-	800
1550 ²⁸⁴	Colcha	Do mesmo teor da anterior; “está melhor”	-	-	2.000
1550 ²⁸⁵	Colcha	De Holanda; branca	?	usada	4.000
1550 ²⁸⁶	Colcha	Branca; muito pequena, de leito	-	usada	800

²⁷⁵ ANTT, FF, IPM, Letra S, Maço 21, Nº 16, fl. 191.

²⁷⁶ ANTT, FF, IPM, Letra C, Maço 47, Nº 1, fl. 6 – Inventário de Cristóvão Soares, comendador da Igreja de Loures, Fidalgo da Casa Real, casado com Mécia de Lemos, 14.10.1580. Transcrição parcial disponibilizada por Pedro Pinto (25.06.2013).

²⁷⁷ ANTT, FF, IPM, Letra C, Maço 47, Nº 1, fl. 6.

²⁷⁸ “Bens que possuía D. Fernando de Castro, 1º Conde de Basto, no seu palácio de Évora”. Serrão 2015, p. 277.

²⁷⁹ ANTT, FF, IPM, Letra B, Maço 36, Nº 5, fol. 7.

²⁸⁰ ANTT, FF, IPM, Letra B, Maço 39, Nº 10, fl. 7v.

²⁸¹ ANTT, FF, IPM, Letra L, Maço 42, Nº 1, fl. 10v.

²⁸² ANTT, FF, IPM, Letra L, Maço 42, Nº 1, fl. 10v.

²⁸³ BNP, VB, DA, Caixa 8, Nº 18, fl. 63. - Inventário dos bens de D. Francisco de Castelo Branco Valente, camareiro-mor, Janeiro 1550.

²⁸⁴ BNP, VB, DA, Caixa 8, No. 18, fl. 63.

²⁸⁵ BNP, VB, DA, Caixa 8, No. 18, fl. 63.

²⁸⁶ BNP, VB, DA, Caixa 8, No. 18, fl. 63.

1550 ²⁸⁷	Colcha	De Holanda; “marca meã”	?	-	6.000
1550 ²⁸⁸	Colcha	De Holanda; pequena	?	usada	2.000
1550 ²⁸⁹	Colcha	pequena	-	rota	400
1554 ²⁹⁰	Colcha	Pano de Holanda; grande; lavrada de ambas as faces; verde castela; ao redor uma guarnição de trochado franjado	?	nova	12.000
1554 ²⁹¹	Colcha	De Holanda; lavrada de ambas as faces; maior do que a de cima; franjada ao redor da coroa de rei; franjada de linhas brancas	?	velha	8.000
1554 ²⁹²	Colcha	Pano de Holanda; marca grande; toda branca; por guarnecer ao redor; lavrada de ambas as faces	?	nova	16.000
1570 ²⁹³	Colcha	Tafetá verde e azul; uma barra de lavor bordada de seda sobre tafetá azul	-	maltratada; nódoas	6.000
1580 ²⁹⁴	Colcha	Cotonia de seda; forro de tafetá amarelo	-	usada	8.000
1582 ²⁹⁵	Colcha	Branca; de lavor, com cairel ao redor	Castela	-	4.000
1582 ²⁹⁶	Colcha	Branca; lavrada	-	-	3.000
1582 ²⁹⁷	Colcha	Do mesmo teor da anterior; velha	-	-	3.000
1582 ²⁹⁸	Colcha	De olanda; lavrada; cairel ao redor	-	-	6.000
1582 ²⁹⁹	Colcha	De olanda branca; lavrada; cairel ao redor	-	-	8.000
1582 ³⁰⁰	Colcha	Branca; já rota	-	-	1.500

²⁸⁷ BNP, VB, DA, Caixa 8, No. 18, fl. 63.

²⁸⁸ BNP, VB, DA, Caixa 8, No. 18, fl. 63.

²⁸⁹ BNP, VB, DA, Caixa 8, No. 18, fl. 63.

²⁹⁰ ANTT, FF, IPM, Letra J, Maço 332, Nº 11 – Inventário de Branca do Porto, casada com Miguel Gomes Bravo, Lisboa, 05.11.1554, fl. 4v..

²⁹¹ ANTT, FF, IPM, Letra J, Maço 332, Nº 11, fl. 4v..

²⁹² ANTT, FF, IPM, Letra J, Maço 332, Nº 11, fl. 4v..

²⁹³ ANTT, FF, IPM, Letra S, Maço 21, Nº 16, fl. 156.

²⁹⁴ ANTT, FF, IPM, Letra C, Maço 47, Nº 1, fl. 6.

²⁹⁵ “Bens que possuía D. Fernando de Castro, 1º Conde de Basto, no seu palácio de Évora”. Serrão 2015, p. 277.

²⁹⁶ *Ibidem.* p. 277.

²⁹⁷ *Ibidem.* p. 277.

²⁹⁸ *Ibidem.* p. 277.

²⁹⁹ *Ibidem.* p. 277.

1582 ³⁰¹	Colcha	de holanda; grande; lavrada; caireis ao redor	-	-	16.000
1582 ³⁰²	Colcha	grande de olanda; toda branca; cairel ao redor	-	-	16.000
1582 ³⁰³	Colcha	do mesmo teor da de cima	-	-	16.000
1643 ³⁰⁴	Colcha	Grande; de montaria lavrada de amarelo	-	-	15.000
1643 ³⁰⁵	Colcha	mais pequena do que a anterior; de montaria; lavrada de amarelo	-	-	8.000
1643 ³⁰⁶	Colcha	Branca; fina; sem franja	-	-	4.000
1643 ³⁰⁷	Colcha	Branca; grande; da terra	da terra	-	6.000
1643 ³⁰⁸	Colcha	Branca; marca pequena; da terra	da terra	nódoas	6.000
1643 ³⁰⁹	Colcha	Branca; do mesmo tamanho	-	-	6.000
1656 ³¹⁰	Colcha	Canequim; feita na terra	da terra	-	1.200
1692 ³¹¹	Colcha	Cetim encarnado; pespontada de várias cores; forro de tafetá amarelo; franja de cores	-	-	10.000

Através das referências a “colchas da Índia”, foi possível averiguar a existência de dois tipos de colchas indianas: bordadas e não bordadas. As primeiras são claramente identificadas como peças de “lavors” ou “brosladas” e são avaliadas com valores superiores às demais, como seria de esperar, uma vez que acresce o preço da matéria-prima do bordado e, eventualmente, da mão-de-obra do artesão; as segundas, assumem valores significativamente inferiores e corresponderão a peças

³⁰⁰ *Ibidem*, p. 277.

³⁰¹ *Ibidem*, p. 277.

³⁰² *Ibidem*, p. 277.

³⁰³ *Ibidem*, p. 277.

³⁰⁴ *Ibidem*, p. 360.

³⁰⁵ *Ibidem*, p. 360.

³⁰⁶ *Ibidem*, p. 360.

³⁰⁷ *Ibidem*, p. 360.

³⁰⁸ *Ibidem*, p. 365.

³⁰⁹ *Ibidem*, p. 365.

³¹⁰ ANTT, FF, IPM, Letra B, Maço 40, Nº 6, fl. 6v.-7 - Inventário dos bens de Brígida Pedrosa, casada com Manuel Moreira, realizado após o seu óbito, Lisboa, 05.04.1656. Karl 2016, p.63.

³¹¹ ANTT, Orfanológicos, Letra A, Maço 306, Nº 4, fl. 8v..

não bordadas - atendendo à ausência de referências a técnicas –, muitas vezes descritas como “brancas”.

A documentação parece apontar também, a partir de 1577, para uma crescente complexidade decorativa das colchas, tal como estudos anteriores mencionam. Numa primeira fase, até cerca das décadas de 60 e 70 do século XVI, as referências não mencionam quaisquer decorações ou iconografias. Já numa segunda fase, entre cerca de 1567 e 1582, começam a integrar alguns motivos decorativos geométricos, aparentado já alguma complexidade decorativa (“*toda lavrada*”, “*roda grande quadrada no meio e dentro dela uma redonda*”, “*cinco rodas no meio*”, “*toda pespontada*”, “*muitos lavores*”), apresentando, em alguns casos, valores relativamente superiores. Desta data em diante, porém, as descrições analisadas não espelham a grande profusão decorativa que conhecemos nos nossos dias e que, *grosso modo*, representa o expoente máximo da produção indiana, ainda que algumas assumam valores elevados. Existem, no entanto, algumas exceções a assinalar, para a segunda metade do século XVI, que poderão ser representativas das conhecidas colchas de montarias de Bengala (1659, mas “*usada*”) e das colchas policromas do Guzerate (1663, “*pespontada de cores*”, de “*Sinde*”; 1699, “*vermelha*” e “*lavrada de retrós de várias cores*”).

Portanto, entre finais do século XVI e 3º quartel do século XVII, predominam as colchas “brancas”³¹² e sem referência a bordado, não raras vezes, de estado de conservação “velho” ou “usado”, o que poderá apontar para um eventual decréscimo no consumo de colchas novas, visto tratarem-se de bens de consumo duradouro. A este respeito, importa referir que na documentação analisada as primeiras descrições relativas a peças indianas “usadas” e “velhas” surgem em 1567 – podendo valer menos de metade do valor de uma “nova” - permitindo-nos, não apenas, perceber que ainda estariam em uso, mas sobretudo, definir uma durabilidade de cerca de 60-70 anos para estes objectos, atendendo que entraram no quotidiano do Reino pouco depois da chegada dos portugueses à Índia. É aliás, entre 1567 e 1577, que encontramos referências a peças “novas”.

³¹² Saliente-se que “branco” pode simplesmente referir-se à cor do suporte, o que não invalida a existência de bordados a branco (geralmente em algodão) ou coloridos, simplesmente não identificados com detalhe pelo inventariante.

O conjunto de colchas pertencentes a Branca do Porto, de suposta origem portuguesa ou europeia, datadas de 1554, revela alguns pormenores interessantes no que concerne à relação entre o estado de conservação e o preço da avaliação: estas peças, de características muito idênticas, variam consideravelmente de preço apenas devido à diferença do seu estado de conservação (a colcha velha vale até metade do valor de uma nova).

Relativamente às colchas de “pano da Índia” – de possível material asiático e confecção europeia – estas assumem preços inferiores, apenas comparáveis às colchas não bordadas ou “brancas” de origem indiana (Tabela 11). Apenas uma comparação precisa, que tenha em consideração a dimensão e a profusão decorativa das peças, poderá confirmar qual a sua relação.

Tabela 11 – Preços médios das colchas analisadas.

Colchas	Preço Médio
“Colchas da Índia”	8620 reais
Colchas executadas com tecidos asiáticos ou “Pano da Índia”	4497 reais
Colchas de possível origem portuguesa e/ou Europeia	6387 reais

Ainda a respeito das peças executadas com matérias-primas asiáticas, surgem alguns exemplos que nos parecem interessantes de destacar, a respeito da relação entre a origem dos objetos e a sua avaliação, nomeadamente, as duas colchas de cotonia de seda pertencentes a Cristóvão Soares³¹³. Ambas são executadas em cotonia de seda, apresentando forro em tafetá amarelo; porém, ao material da primeira colcha é associada a origem “Índia” que apresenta um valor superior, em 2000 reis, face à segunda peça, em tudo idêntica, mas sem qualquer origem associada, apontado para uma possível inflação deste objeto devido à sua origem indiana. Este exemplo reveste-se de importância no contexto da nossa análise pois permite-nos comparar duas peças

³¹³ ANTT, FF, IPM, Letra C, Maço 47, N° 1, fl. 6.

idênticas, não apenas para a mesma data, mas pertencentes ao mesmo proprietário e, em especial, suportamente avaliadas e analisadas segundo os mesmos critérios.

No que respeita às diferenças de preços das várias colchas entre os séculos XVI e XVII, importa salientar que, tal como Barbara Karl indicou, o preço médio das colchas indianas não assumiu grandes variações ao longo das duas centúrias, apesar de algumas circunstâncias que poderiam ter influenciado o mercado, nomeadamente, em meados do século XVII, a queda de Mascate e a consequente escassez da seda na Índia, que nessa altura implicou um aumento dos preços praticados nessa região: “*que val nesta Corte hum covado de seda mais que em Portugal e hũa alcatifa de estrado ja com muito val cento e vinte cruzados*”³¹⁴. Assim, e dada a inflação sentida no século XVII, a autora conclui que as colchas passariam a estar mais acessíveis.

Efetivamente, num contexto de inflação, cremos que a observação de Karl é pertinente, pois tal implicaria, de facto, um decréscimo do valor das colchas. No entanto, face ao exposto no nosso estudo, retiramos uma interpretação distinta, ainda que preliminar, pois carece de análise aprofundada: se o preço médio das colchas indianas no Reino se manteve sem grandes alterações até aos finais do século XVII, marcado pela crise e pelo acentuado decréscimo da qualidade de vida dos portugueses, cremos que tal implica que, durante esta centúria, as colchas, embora de preço estável, estariam menos acessíveis a um indivíduo trabalhador.

Apesar destes resultados, há que reforçar que a amostra analisada reporta apenas a colchas avaliadas, pelo que existem inúmeras outras referências documentais devidamente datadas que possibilitarão, num estudo mais alargado, melhor identificar a evolução das colchas e suas especificidades ao longo das duas centúrias.

³¹⁴ Barros, Amândio Jorge Morais. 2011. *Cartas da Índia: correspondência privada de Jorge de de Amaral e Vasconcelos (1649-1656)*. Porto: Centro de Investigação Transdisciplinar "Cultura Espaço e Memória", p. 71.

CONCLUSÃO

A presente dissertação teve como ponto de partida duas questões muito específicas, a partir das quais desenvolvemos toda a investigação: a) existe forma de distinguir, com maior confiança, a produção portuguesa da produção indiana? b) será possível identificar e caracterizar padrões produtivos exclusivos para cada região e, eventualmente, sub-região ou oficina?

Para o efeito, procurámos verificar se uma nova abordagem de investigação, caracterizada pela sua interdisciplinaridade - assente, simultaneamente, numa análise documental, iconográfica, técnica e científica de um *corpus* material de objetos bordados classificados como indianos e portugueses -, poderia contribuir com mais informações para o conhecimento da produção destes bordados, nomeadamente, corroborar ou não a possibilidade de identificação de métodos produtivos específicos que possam caracterizar e distinguir as produções portuguesa e indiana, e seus regionalismos.

Acima de tudo, procurámos testar a possibilidade de construir um sistema de análise lato, isto é, aplicável a todas as peças da mesma tipologia - independente da sua origem - mas, simultaneamente, coerente e de critérios fixos, baseado nos aspectos técnico-construtivos que os objetos nos testemunham, que possa ser confrontado com as características visuais dos objetos, mas que não seja influenciado por elas.

Os resultados obtidos no nosso estudo possibilitaram-nos identificar dois principais grupos de objetos, aos quais correspondem características produtivas específicas, que consideramos caracterizarem, seguramente, duas origens geográficas distintas: a portuguesa e a indiana.

O problema adensa-se, porém, quando tentamos subdividi-los. Para o grupo das peças portuguesas, não foi possível circunscrever diferentes métodos de trabalho que pudessem corresponder a diferentes oficinas ou centros produtores. Para o caso indiano, é clara a existência de manufaturas distintas, com características produtivas próprias, porém, é difícil afirmar com certeza se estes subgrupos e respectivas

características técnicas correspondem a uma produção inscrita numa macro escala – ou seja, à produção habitualmente associada aos dois grandes centros têxteis indianos, Bengala e Guzerate), a uma escala intermédia, correspondente a centros produtores das suas sub-regiões (Hugli e Ahmedabad) ou, eventualmente, a uma microescala, correspondente a pequenas localidades ou oficinas.

É igualmente difícil compreender com clareza, para ambos os casos, a forma como se processa a produção ao longo do tempo, ou seja, se a mesma obedece a algum padrão que implique uma evolução, regressão ou constância da sua qualidade, da introdução e adaptação das iconografias, das decorações e das soluções técnicas adoptadas. Em especial, conforme cremos, quando na mesma época se produziam colchas de diferentes qualidades e características decorativas, por forma a dar resposta a diferentes mercados. A definição de uma cronologia requer, portanto, o estudo de um *corpus* material mais alargado, que confronte os resultados alcançados pela presente abordagem com a identificação exaustiva das iconografias.

Ressalva-se que os resultados obtidos são, naturalmente, preliminares. O agrupamento de objectos proposto teve como base as características identificadas no *corpus* material analisado e não invalidada a adição de novos métodos produtivos ou a transição de colchas para outros grupos futuramente estabelecidos.

No que concerne às questões em torno do consumo, a documentação analisada confirma a considerável presença dos têxteis indianos nos interiores da época e a integração das matérias-primas asiáticas em objetos de produção reinol. Contudo, cremos que a receção dos bordados indianos na sociedade portuguesa não se traduziu num consumo exponencial, que prevalecesse face às demais produções europeias, já que as últimas permanecem entre as peças têxteis mais inventariadas durante ambas a centúrias.

A documentação parece apontar também para um decréscimo na aquisição de colchas novas no final do século XVI, dado que são várias as referências a colchas “velhas” e “usadas”. O mesmo parece verificar-se para as colchas executadas com panos asiáticos. Cremos que um eventual decréscimo no consumo dos bordados indianos, em termos de quantidade, a partir dessa data não é de desconsiderar, pelos diversos motivos expostos: a crise que marcou o século XVII; a existência de

exemplares mais tardios ainda em uso; a circunstâncias sociais, políticas e mercantis que, na Ásia, tiveram consequências ao nível da oferta e do preço das matérias-primas e/ou produções locais; a própria evolução decorativa das colchas indianas, que pela sua profusão implicou seguramente o aumento do preço de mercado em peças de excepção, apenas acessível às classes mais abastadas (e por isso, talvez, menos representadas na documentação); e por fim, acima de tudo, o surgimento de uma nova produção portuguesa, que nela se inspirou, que com ela rivalizou, e passou a integrar os interiores portugueses.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes Impressas

Castanheda, Fernão Lopez de. 1833. *Historia Do Descobrimento, E Conqvista Da India Pelos Portvgveses*, Livro II. Lisboa: Rolland.

Freire, Anselmo Braamcamp. 1903. “Cartas de quitação del Rei D. Manuel” In *Archivo Historico Portuguez*, Vol. 1 (1903).

Freire, Anselmo Braamcamp. 1904. “Inventário da guarda-roupa de D. Manuel I” In *Archivo Historico Portuguez*, Vol. II, pp. 381-417.

Freire, Anselmo Braamcamp. 1914. “Inventário da Infanta D. Beatriz 1507”, In *Archivo Historico Portuguez*, Vol. 9 (1914), 64-110.

Leão, Duarte Nunes. 1610. *Descrição do Reino de Portugal*. Lisboa: Iorge Rodriguez.

Bibliografia

5.^a *Exposição temporária. Colchas bordadas dos séculos XVII e XVIII. Catálogo*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 1945.

Alegria, Maria Ferranda, et alli. “Cartografia e viagens.” In *História da Expansão Portuguesa - A Formação do Império (1415-1570)*, editado por Francisco Bethencourt e Kirti N. Chaudhuri, 26-61. Navarra, Espanha: Circulo de Leitores.

Barros, Amândio Jorge Morais. 2011. *Cartas da India: correspondência privada de Jorge de de Amaral e Vasconcelos (1649-1656)*. Porto: Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura Espaço e Memória.

Basto, Ana Carolina de Domenico de Avilez de. 2003. *A Vila do Torrão: segundo as Visitações de 1510 e 1534 da Ordem de Santiago*, Dissertação de mestrado apresentado à universidade do Porto.

Bastos, Celina. 2008. “Da utilidade do tapete: objecto e imagem” In *O tapete oriental em Portugal: tapete e pintura séculos XV-XVIII*, coord. Hallet, Jessica, Maria Heitor, Susana Serras Pereira, e Teresa Pacheco Pereira. Lisboa: Instituto Museus e Conservação.

Boyajian, James C. 2010. *Portuguese trade in Asia under the Habsburgs, 1580-1640*. Baltimore, Md. [u.a.]: Johns Hopkins University Press.

Braamcamp, Anselmo Freire e José Maria da Silva Pessanha. 1903. *Archivo historico portuguez*. Lisboa: [s.n.].

Braga, Isabel Maria Ribeiro Mendes Drumond. 2012. *Bens de hereges inquisição e cultura material, Portugal e Brasil (séculos XVII - XVIII)*. Coimbra: Imprensa da Universidade Coimbra.

Catalogo illustrado da Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Hespanhola celebrada em Lisboa em 1882 sob a proteção de sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I e a presença de sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando II. 1882. Lisboa: Imprensa Nacional.

Catalogo official da exposição internacional do Porto em 1865. 1865. Porto: Typographia do Commercio.

Cattaneo, Angelo. 2009. “Veneza, Florença e Lisboa. Rotas comerciais e redes de conhecimento, 1300-1550.” In *Encompassing the Globe. Portugal e o Mundo nos Séculos XVI e XVII*, cat. exp., 15-30. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga.

Collecção de noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas, que vivem nos dominios portuguezes, ou lhes sao visinhas. 1812. Tomo II, Nos. I e II. Lisboa: Typografia da mesma Academia.

Costa, João Paulo Oliveira e **Lacerda**, Teresa. 2007. *A Interculturalidade na Expansão Portuguesa (Séculos XV-XVIII)*. Lisboa: Alto Comissariado para a Emigração e as Minorias Étnicas.

Costa, João Paulo Oliveira e. 2007. *D. Manuel I, um príncipe do Renascimento*, Lisboa: Temas & Debates.

Costa, João Paulo Oliveira e. 2009. *Henrique, o Infante*. Lisboa: Esfera dos Livros.

Costa, João Paulo Oliveira e. 2010. "A fundação do Estado da Índia e os desafios europeus de D. Manuel I" In *O Estado da Índia e os Desafios Europeus. Actas do XII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*, editado por João Paulo Oliveira e Costa e Vitor Luís Gaspar Rodrigues, 39-49. Lisboa: CHAM, CEPCEP.

Costa, Manuela Pinto da. 2004. "Glossário de termos têxteis e afins" *Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património* III (1ª série): 137-161.

Costa, Manuela Pinto da. 2009. "Tecidos e Têxteis portugueses do século XVII ao século XVIII" In *Actas do IV Congresso Histórico de Guimarães*, 153-180. Guimarães: CEPESE.

Crespo, Hugo Miguel. 2012. "Trajar as Aparências, Vestir para Ser: o Testemunho da Pragmática de 1609" In *O Luxo na Região do Porto ao Tempo de Filipe II de Portugal (1610)*, coord. Gonçalo Vasconcelos e Sousa: 93-148. Porto, Universidade Católica Editora.

Crespo, Hugo Miguel. 2012. "O processo da Inquisição de Lisboa contra Duarte Gomes alias Salomão Usque: móveis, têxteis e livros na reconstituição da casa de um humanista (1542-1544). Em torno da guarda-roupa, mantearia e livraria do rei" *Cadernos de Estudos Sefarditas*, 10-11, 2011 (pub. 2012), pp. 587-688.

Crill, Rosemary, e John Guy. 1990. *Arts of India 1550 - 1900*. Londres: [s.n.].

Crill, Rosemary, Steven Cohen, e Ruth Barnes. 2002. *Court, temple and trade: Indian textiles from the Tapi collection. Mumbai: India Book House*.

Crill, Rosemary. 2004. "Angels and elephants: Rosemary Crill examines two remarkable embroidered Indian textiles at Hardwick Hall, Derbyshire, a Gujarati floorspread, probably dating from the early eighteenth century, and a rare Bengali quilt that may have been made in the late sixteenth century." *Apollo*, Nov. 2004.

Crill, Rosemary. 2006. *Textiles from India: the global trade: papers presented at a conference on the Indian textile trade*, Kolkata, 12-14 October 2003. Calcutá: Seagull Books.

Crill, Rosemary. 2014. "Asia in Europe: Textiles for the West" In *Encounters. The meeting of Asia and Europe 1500-1800*, editado por Anna Jackson e Amin Jaffer, 262-270. Londres: V&A Publications.

Cunha, Mário Raúl de Sousa. "(...) Visitando nós ora pessoalmente o dito meestrado de Santiago (...): As Igrejas da Ordem Militar de Santiago. Arquitectura e Materiais", (Volume I-II), Tese de Doutoramento em História da Arte Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património. Porto: 2012.

Dias, Pedro. 1999. *História da Arte Portuguesa no Mundo: O Espaço Índico (séculos XV-XIX)*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Domingues, Francisco Contente. 1998. "A prática de navegar. Da exploração do Atlântico à demanda do Oriente: caravelas, naus e galeões nas navegações portuguesas." In *História da Expansão Portuguesa - A Formação do Império (1415-1570)*, editado por Francisco Bethencourt e Kirti N. Chaudhuri, 63-87. Navarra, Espanha: Círculo de Leitores.

Ferreira, Ana Maria. 1983. *A importação e o comércio têxtil em Portugal no século XV (1385 a 1481)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Ferreira, Maria Emília de Oliveira. 2010. "Lisboa em Festa: A Exposição de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola, 1882. Antecedentes e materialização", Tese de doutoramento em História da Arte Contemporânea apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Ferreira, Maria João Pacheco. 2007. *As alfaias bordadas sinoportuguesas (séculos XVI a XVIII)*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.

Ferreira, Maria João. 2011. *Os têxteis chineses em Portugal nas opções decorativas sacras de aparato (séculos XVI-XVIII)*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Ferreira, Maria João. 2012. “Os “Panos da Índia” em Portugal: integração e consumo dos artigos têxteis asiáticos na sociedade portuguesa (séculos XVI-XVIII)” comunicação apresentada no “IV Congresso de História da Arte Portuguesa”, org. Associação Portuguesa de Historiadores da Arte (APHA) em homenagem ao Professor José-Augusto França, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 21-24 Novembro.

Ferreira, Maria João. 2016. “Os Limites no Gosto: Os Panos da Índia nas Pragmáticas de 1609 e 1677” In *O Gosto Português na Arte*, editado por Ana Duarte Rodrigues, 22-39. Lisboa: Scribe.

Gomes, João Augusto Marques, Joaquim de Vasconcelos, e Emílio Biel. 1883. *Exposição districtal de Aveiro em 1882: reliquias da arte nacional*. Aveiro: Grémio Moderno.

Gregório, Rute Dias. 2005. “Terra e fortuna nos primórdios da Ilha Terceira (1450-1550)”. Tese de Doutoramento defendida na Universidade dos Açores.

Guo, Mo. 2015. “A China em Portugal: a porcelana Blue Canton da Vista Alegre”, Tese de Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas apresentada à Universidade de Aveiro.

Hallett, Jessica, Maria Heitor, Susana Serras Pereira, e Teresa Pacheco Pereira. 2008. *O tapete oriental em Portugal: tapete e pintura séculos XV-XVIII*. Lisboa: Instituto Museus e Conservação.

Irwin, John, and Babette Hanish. 1970. *Notes on the use of the hook in Indian embroidery*. [New York, NY]: Needle and bobbin club.

Irwin, John, and Margaret Hall. 1973. *Indian embroideries*. Ahmedabad: Calico Museum of Textiles.

Irwin, John. 1949. “The Commercial Embroidery of Gujarat in the Seventeenth Century”, *Journal of the Indian Society of Oriental Art* (Calcutta), 17: 51-6.

Irwin, John. 1952. *Indo-portuguese Embroideries of Bengal*. London: Royal India, Ceylon and Pakistan Society.

Irwin, John. 1955. "Reflections on Indo-Portuguese Art." *The Burlington Magazine* 97, no. 633: 386-90.

Irwin, John. 1972. "Art and the East India trade", *Journal of the Royal Society of Arts* 120, no. 5191: 448-63.

Irwin, John. 1985. *The Master weavers: an introduction to handcrafted textiles of India*. [n.d]: HHEC.

Karl, Barbara. 2003. "O encanto da monocromia: Uma colcha da Fundação Medeiros e Almeida em Lisboa." *Oriente* 6, 56-66.

Karl, Barbara. 2004. "Venus and Mars à l'indienne: A Colcha from the Museu do Caramulo." *Oriente* 9, 3-16.

Karl, Barbara. 2006. "The Narrative Scheme of a Bengal Colcha dating from the Early 17th Century Commissioned by the Portuguese." In *Textile Narratives and Conversations, Symposium Proceedings Textile Society of America*, 438-448. Toronto: [s. n.].

Karl, Barbara. 2010. "The Use of Growing Architecture as Propaganda: The Bengal Colcha from the Isabella Stewart Gardener Museum." In *O Estado da Índia e os desafios europeus: Actas do seminário internacional de história indo-portuguesa*, 255-268. Lisboa: CHAM.

Karl, Barbara. 2011. "Marvellous Things are Made with Needles... Bengal Colchas in European Inventories, c. 1580-1630." *Journal of the History of Collections*, vol. 23, issue 2: 301-313.

Karl, Barbara. 2016. *Embroidered Histories. Indian Textiles for the Portuguese Market during the Sixteenth and Seventeenth Centuries*. Wien Köln Weimar: Böhlau Verlag.

Mattoso, José. 1998. “Antecedentes medievais da Expansão Portuguesa.” In *História da Expansão Portuguesa - A Formação do Império (1415-1570)*, editado por Francisco Bethencourt e Kirti N. Chaudhuri, 12-25. Navarra, Espanha: Circulo de Leitores.

Mendonça, Maria José de. 1951. “Alguns tipos de colchas indo-portuguesas na colecção do Museu de Arte Antiga”. *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, Vol. II, no. 1: 01-21.

Moreira, Rafael e **Curvelo**, Alexandra. 1998. “A circulação das formas. Artes portáteis, arquitectura e urbanismo.” In *Arte da Expansão Portuguesa*, Vol. II, Dir. F. Bettencourt e K. Chaudhuri, 532-570. Lisboa: Círculo de Leitores.

Osswald, Maria Cristina Trindade Guerreiro. 1996. “O Bom Pastor na Imaginária Indo-Portuguesa em Marfim”, Dissertação de mestrado em História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Pearson, Michael N..1991. “Mercados e Comunidades Mercantis no Oceano Indico: Situar os Portugueses” In *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, Vol. 1, Org. Vitorino Magalhães Godinho: 93-114. Lisboa: Editorial Presença.

Peck, Amelia, e Amy Elizabeth Bogansky. 2013. *Interwoven Globe: The Worldwide Textile Trade, 1500-1800*. New York: Metropolitan Museum of Art, 2013.

Pinto, Carla Alferes. 2014. “A Colecção de Arte Colonial do Patriarcado de Lisboa: Proposta de Estudo e Musealização.”, Tese de doutoramento em História da Arte, especialidade em Museologia e Património Artístico, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Riello, Giorgio, e Tirthankar Roy. 2013. *How India clothed the world: the world of South Asian textiles, 1500-1850*. Leiden: Brill.

Robinson, J. C. 1881. *Catalogue of the special loan exhibition of spanish and portuguese ornamental art, South Kensington Museum, 1881*. South Kensington Museum Art Handbooks. London: Chapman & Hall.

Santos, Reynaldo dos. 1962. "Goa e a Arte Indo-Portuguesa", *Colóquio: revista de artes e letras* 17 (Fev. 1962), 1-11. <http://coloquio.gulbenkian.pt/al/sirius.exe/artigo?442>

Sequeira, Joana. 2014. *O Pano da Terra: Produção Têxtil em Portugal nos finais da Idade Média*. Porto: U. Porto Edições.

Serrano, Maria do Carmo, Ana Carreira Lopes e Ana Isabel Seruya. 2008. "Plantas Tintureiras. Dye Plants". *Revista de Ciências Agrárias*. 31 (2): 3-21.

Serrano, Maria do Carmo. 2007. *Estudo da origem de bordados indianos e indo-portugueses dos sécs. XVI a XVIII a partir da caracterização de fibras, mordentes e corantes*, Tese de Doutoramento, Universidade da Beira Interior.

Serrão, Vitor. 2015. *Arte, religião e imagens em Évora no tempo do Arcebispo D. Teotónio de Bragança, 1578-1602*. Óbidos: Sinapsis.

Silva, Maria Madalena de Cagigal e. 1966. *A arte indo-portuguesa*. [Lisboa]: Edições Excelsior.

Simões, Catarina Santana. 2012. "Para uma análise do conceito de "exótico". O Interesse Japonês na Cultura Europeia (1549-1598).", Tese de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Sobral, Luís de Moura. 2010. "A Expansão das Artes: Transferências, Contaminações, Inovações." In *A expansão marítima portuguesa, 1400-1800*, editado por Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto, 403-468. Lisboa: Edições 70.

Sousa, Antonio Caetano de. 1739. *Provas da historia genealogica da casa real portugueza, tiradas dos instrumentos dos archivos da torre do Tombo ... por d. Antonio Caetano de Sousa*. Tomo III, Lisboa occidental: Na officina Sylviana da Academia real.

Sousa, Gonçalo de Vasconcelos e, ed. 2012. *O luxo na região do Porto ao tempo de Filipe II de Portugal (1610)*. Porto: Universidade Católica Portuguesa.

Souto, Maria Helena. 2011. *Portugal nas Exposições Universais 1851-1900*. Lisboa: Colibri.

Subrahmanyam, Sanjay. 1995. "Of Imarat and Tijarat: Asian Merchants and State Power in the Western Indian Ocean, 1400 to 1750." *Comparative Studies in Society and History* 37, no. 4: 750-80.

Subrahmanyam, Sanjay. 2017. *Europe's India: words, people, empires, 1500-1800*. England: Harvard University Press.

Thomaz, Luís Filipe. 1994. "A evolução da política expansionista portuguesa na primeira metade de Quatrocentos." In *De Ceuta a Timor*, 43-147. Lisboa: Difel.

Thomaz, Luís Filipe. 1994. "O projecto imperial joanino." In *De Ceuta a Timor*, 149-167. Lisboa: Difel.

Varadarajan, Lotika. 1985. "Indian Textiles in Portuguese Collections: A Problem of Provenance" In *Indo-Portuguese history: old issues, new questions*, 133-145. New Delhi: Concept Publ. Co.

Varadarajan, Lotika. 2005. "Indo-portuguese textiles: new orientations" In *Indo-Portuguese History: global trends, proceedings of XI International Seminar on Indo-Portuguese History*, 251-260. Goa: [s. n.].

Vicente, Filipa. 2004. "Exposições coloniais na Índia portuguesa e na Índia britânica: séculos XIX e XX / colonial exhibitions in portuguese India and british India: nineteenth and twentieth centuries." *Oriente*, no.8 (Abril): 70-89.

Viterbo, Sousa. 1883. *A Exposição de Arte Ornamental. Notas ao Catálogo*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Sítios na Internet

Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/>.

Enciclopédia Virtual da Expansão Portuguesa, Consultado a 13 de Setembro de 2017. <http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=744>.

MatrizNet, <http://www.matriznet.dgpc.pt/matriznet/home.aspx>

MatrizPix, <http://www.matrizpix.dgpc.pt/matrizpix/home.aspx>

ANEXO A – REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

- Arquivo Histórico da Casa de Bragança, Biblioteca D. Manuel II, Reservados, Manuscrito 18.
- Arquivo Histórico da Casa de Bragança, Biblioteca D. Manuel II, Reservados, Manuscrito 19.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Arquivo dos Condes de Alcáçovas, Caixa 5.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Arquivos Particulares, Casa de Santa Iria, Caixa 11, Doc. 13.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Cartório Jesuítico, Maço 17, Doc. 51.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Casa de Palmela, Caixa 32.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Casa de Povolide, Maço 29, Nº 5.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Corpo Cronológico, Parte I, Maço 11, Nº 127.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Corpo Cronológico, Parte I, Maço 104, Nº 109.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Corpo Cronológico, Parte I, Maço 10, Nº 10.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Corpo Cronológico, Parte I, Maço 107, Nº 28.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Corpo Cronológico, Parte I, Maço 10, Nº 116.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Corpo Cronológico, Parte II, Maço 88, Nº 30.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Corpo Cronológico, Parte II, Maço 36, Nº 10.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra A, Maço 3, Nº 10, Caixa 5.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra A, Maço 3, Nº 2, Caixa 4.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra B, Maço 39, Nº 10.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra S, Maço 21, Nº 15.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra S, Maço 21, Nº 16.

- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra B, Maço 36, Doc. 5.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra C, Maço 47, Doc. 2.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra B, Maço 36, Nº 13.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra B, Maço 39, Nº 10.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra B, Maço 39, Nº 11.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra B, Letra C, Maço 37, Nº 14.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra B, Maço 40, Doc. 11.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra A, Maço 172, Nº 18.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra B, Maço 40, Doc. 6.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra B, Maço 39, Doc. 6.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra B, Maço 40, Doc. 9 (2º Doc.).
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra C, Maço 47, Doc. 13.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra B, Maço 40, Doc. 17.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra B, Maço 40, Doc. 18.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra B, Maço 39, Doc. 21.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra C, Maço 52, Doc. 1.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra C, Maço 48, Doc. 7.

- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra B, Maço 39, Doc. 9.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra J, Maço 69, Doc. 1.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra D, Maço 43, Doc. 17.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra C, Maço 48, Doc. 7 (2º Doc.).
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra S, Maço 21, Nº 16.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra C, Maço 47, Nº 1.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra B, Maço 36, Doc. 5.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra B, Maço 39, Nº 10.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra J, Maço 332, Doc. 11.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra B, Maço 40, Doc. 6.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Feitos Findos, Inventários Pós-Mortem, Letra S, Maço 21, Nº 16.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Orfanológicos, Letra A, Maço 306, Nº 4.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Orfanológicos, Letra F, Maço 120(B), Nº 2.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Orfanológicos, Letra J, Maço 347, Nº 9.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo, Orfanológicos, Letra J, Maço 347, Nº 9.
- Biblioteca Nacional de Portugal, Viscondes de Botelho, Documentos Antigos, Caixa 8, Nº 18.

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Guarda-porta

Nº de Inventário: 112 Tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): Início XVII

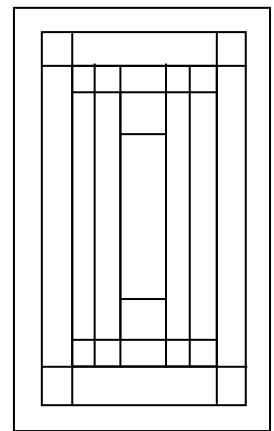
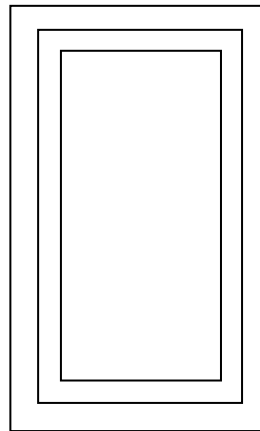
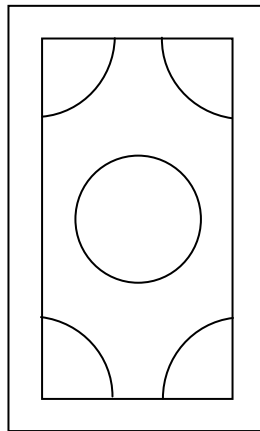
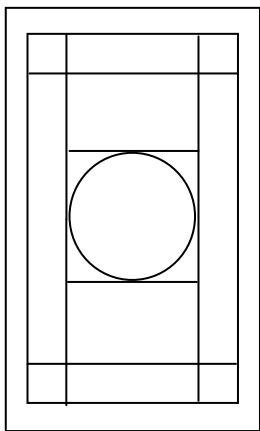
Centro de Produção (atrib.): Índia, Bengala (?)

Dimensões: A. 288 x L. 202 cm

Estado de Conservação: Bom

Localização: Exposição

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Campo formado por medalhão central, composto por dois círculos concêntricos, inscrito em quadrado. Ao centro, no registo principal, encontra-se representado um pelicano alimentando os filhos. Ao redor deste desenvolvem-se quatro motivos decorativos formados por uma mulher indígena ladeada de dois dragões, alternados por representação de folhagens e flores. Nos ângulos do quadrado, voltados para o centro, dispõem-se quatro mascarões de onde brotam folhagens e flores. A composição é rematada por dois rectângulos, no topo e em baixo, decorados com pavões ou aves do paraíso, mulheres indígenas entre flores e motivo central em forma de “I” composto por duas serpentes ou dragões.

Cercaduras

As cercaduras representam cenas de montaria, com homens a cavalo trajados ao modo europeu (portugueses). Entre as folhagens são visíveis pássaros, javalis e cervídeos.

Tarjas

As tarjas desenvolvem-se em três registos. A Faixa central apresenta motivos geométricos semelhantes ao desenho característico de cachemira. As faixas que a rematam representam motivos semelhantes a ondas. Ambas são delineadas por tarja de linhas corridas.

Outros elementos

Franja amarela, vermelha e branca.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☒

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	algodão	branco
INTERIOR	-	-
VERSO	algodão	branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá.

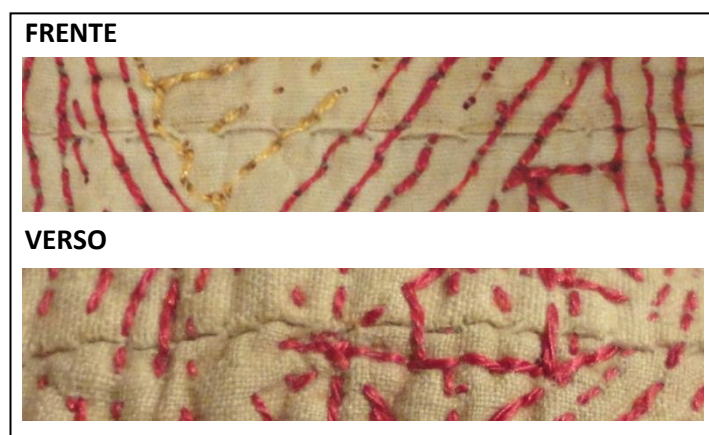
Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	55,5	27,5	54,5	56	-
OURELA	SIM (esquerda) SIM (direita)	CORT. (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	57	16	58	66	-
OURELA	IND. (esquerda) SIM (direita)	IND. (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) IND. (direita)	-

Obs.

Os panos da tela frontal encontram-se inteiros, não apresentando qualquer acréscimo. Telas muito finas de idêntica qualidade na frente e no verso.

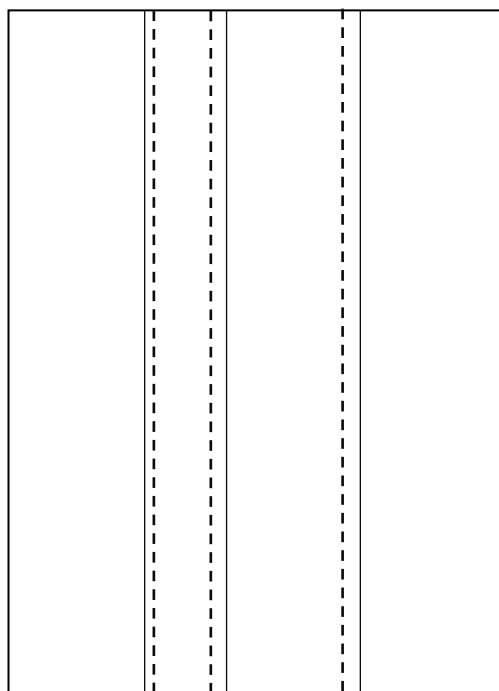
Tipo de costura



	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	-	-
SOBREPOSTAS	X	X
DOBRA	X	X
OURELA-OURELA	-	-

Observações

Os pontos que fecham as costuras são consistentes, assumindo quase sempre a mesma distância entre si. Salvo pequenas exceções, a maioria do bordado principal é executado sobre as costuras da tela, o que nos leva a pensar que o mesmo terá sido executado sobre um suporte previamente montado. Isto verifica-se para a frente e verso da peça.



Esquema de construção (aproximado)

Disposição dos panos:

Frente – INTERCALADA (ABAA)

Verso – INTERCALADA (ABAA)



Enchimento entre telas: SIM ☒ NÃO ☐

Observações

Fibra de algodão.

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	-	X	-	-	-	-
BORDADO CONTORNO	-	X	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	X	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRA
CAMPO	X	X	-	-	-	X	-
CERCADURA	X	X	-	-	-	X	-
TARJAS	X	X	-	-	-	X	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	<i>Bombix mori</i>	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	X
BORDADO CONTORNO	X	-	X
BORDADO DE FUNDO	X	-	X

Execução

O bordado foi executado sobre as costuras do suporte, não tendo sido observados quaisquer vestígios de bordado sob as mesmas; tal indica que os panos foram cosidos entre si antes da execução do bordado. A ordem de execução do bordado é também identificável através da sobreposição e cruzamento das linhas – a vermelha é sobreposta e cruzada tanto pela branca, como pela amarela, o que indica ter sido a primeira. Pese embora amarela e a branca raramente se cruzem, pois entre elas está a vermelho, foram encontrados em vários locais a sobreposição e cruzamento da linha branca na amarela. Assim, em primeiro foram executadas as costuras que unem as duas telas e os contornos das figuras (ambos a vermelho), em segundo lugar o preenchimento das formas (amarelo), e finalmente, o bordado de fundo (branco).

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☐ SIM ☒ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Resultados Doutora Maria do Carmo Serrano (2007)

Fibras

Seda *Bombyx mori* (bordado)

Corantes

Amarelo (campo): produtos de degradação

Amarelo (franja): produtos de degradação

Vermelho (campo): Laca indiana (*Kerria laca*, Kerr)

Vermelho (franja): Laca indiana (*Kerria laca*, Kerr)

Branco (campo): Luteolina

Branco (franja): Luteolina

Resultados Doutora Ana Claro (2013)

Fibras

Seda doméstica (*Bombyx mori*)

Corantes

Vermelho 1 - Laca indiana + Pau vermelho (sappan wood)

Vermelho 2 - Laca indiana

Amarelo 1 - Não identificado

Amarelo 2 - Não identificado

Branco - sem tingimento

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: 635 Tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): Século XVII

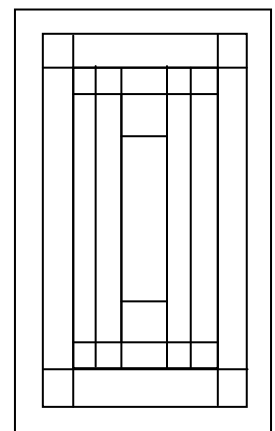
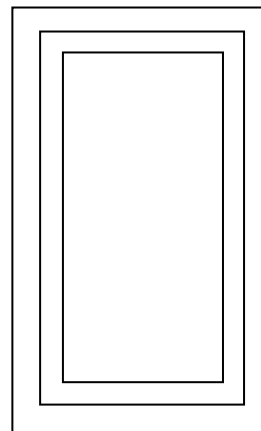
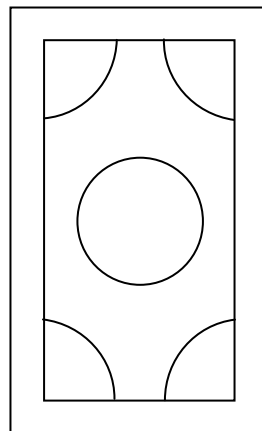
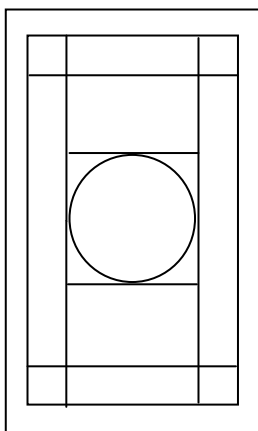
Centro de Produção (atrib.): Índia

Dimensões: A. 248 x L. 161

Estado de Conservação: Bom

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Colcha de medalhão central circular, inscrito em rectângulo com quartos de círculo aos cantos. Ao centro, o registo principal é preenchido por uma ave voltada para o sol (poderá tratar-se de uma representação de Garuda). Entre os dois registos que estruturam o medalhão, distribuem-se frutos (semelhantes a romãs) unidos por uma linha ondulante. O círculo maior exibe flores e folhagem (semelhantes a alcachofras), alternadas por quatro animais, dispostos segundo um eixo cruzado. Por cima e por baixo do medalhão surgem dois frutos, semelhantes a ananases. O restante campo é preenchido por ramagens floridas. Nos cantos dispõem-se igualmente motivos semelhantes a romãs, ladeados por animais, entre outras representações de folhagem e flores.

Cercaduras

As cercaduras representam, alternadamente, motivos de plantas e animais.

Tarjas

Tarjas formadas por três registos. O central apresenta motivo em onda corrido. Os registos que o delimitam exibem apenas linhas paralelas corridas.

Outros elementos

Franja em seda azul.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☒

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Linho	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Linho	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá.

Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	44,5	45	44	21	-
OURELA	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	IND. (esquerda) SIM (direita)	IND. (esquerda) IND. (direita)	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	72,5	75,5	12	-	-
OURELA	IND. (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) IND. (direita)	IND. (esquerda) IND. (direita)	-	-

Obs.

Pelo observado, a tela da frente deverá ter sido construída por panos inteiros, dispostos da esquerda para a direita, tendo sido o último cortado, certamente para cumprir a dimensão desejada. O mesmo acontece com a tela do verso. Tela do verso mais grosseira que a tela da frente.

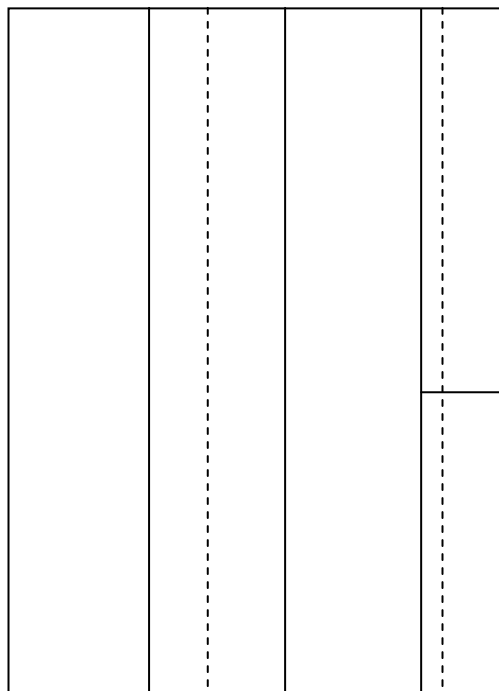
Tipo de costura



	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	-	-
SOBREPOSTAS	X	X
DOBRA	X	X
OURELA-OURELA	-	-

Observações

O pano do verso apresenta uma textura mais grosseira, motivo pelo qual as costuras são menos delicadas e cuidadas comparativamente às frontais.



Esquema de construção (aproximado)

Disposição dos panos:

Frente – SEQUENCIAL (AAABB)

Verso – SEQUENCIAL (AAB)



Enchimento entre telas: SIM ☒ NÃO ☐

Observações

Fibra de algodão.

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	-	X	-	-	-	-
BORDADO CONTORNO	-	X	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	X	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRA
CAMPO	X (2)	X	X (3)	-	-	X	Roxo
CERCADURA	X	X	X (2)	-	-	X	Laranja
TARJAS	-	X	-	-	-	-	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	<i>Bombyx mori</i>	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	X
BORDADO CONTORNO	X	-	X
BORDADO DE FUNDO	X	-	X

Execução

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☐ SIM ☒ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Peça amostrada e analisada pela primeira vez.

Resultados Doutora Ana Claro (2013)

Fibras

Bombyx mori (bordado) + Linho (suporte)

Corantes

Carmim: Laca indiana (*Kerria*)

Amarelo escuro: Taninos

Amarelo-claro: Não identificado

Laranja: Rubia (*Rubia peregrina* L.)

Azul-escuro: Índigo (*Indigofera* spp., *Isatis* spp., *Wrightia* spp.)

Azul-claro: Índigo (*Indigofera* spp., *Isatis* spp., *Wrightia* spp.)

Azul: Índigo (*Indigofera* spp., *Isatis* spp., *Wrightia* spp.)

Roxo: Pau vermelho ou Sappan wood (*Caesalpinia sappan* L.)

Verde: não identificado

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: 1750 tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): 1630 d.C. - 1660 d.C.

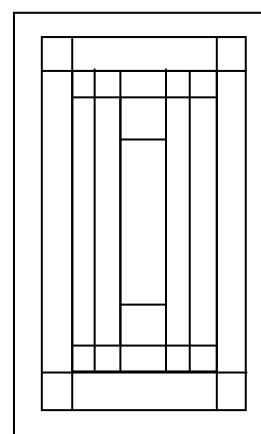
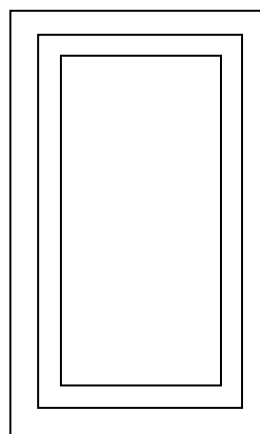
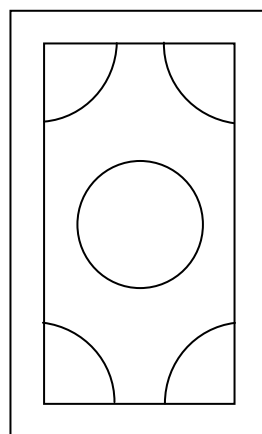
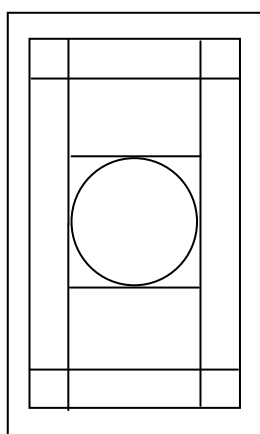
Centro de Produção (atrib.): Índia

Dimensões: A. 280 x L. 208 cm

Estado de Conservação: Bom

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Colcha de campo livre cuja decoração se distribui simetricamente no espaço de acordo com três eixos principais: um central vertical e dois diagonais. Entre a figuração de diversos mamíferos e aves, salienta-se a presença de cavaleiros, leões rompantes e figuras fantásticas semelhantes a dragões, com cauda rematada por flor. Nas zonas superior e inferior do campo exibem-se duas alabardas floridas e, nos lados esquerdo e direito, repetição de um motivo composto por um mamífero do qual brotam flores, numa representação semelhante à árvore da vida.

Cercaduras

Cercadura única com representação dos trabalhos do campo correspondentes aos meses do ano. Aos cantos, de forma quadrada, dispõem-se águias bicéfalas.

Tarjas

Tarjas com repetição de folhagens com quadrifólio ao centro.

Outros elementos

Franja de seda vermelha.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☒

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Linho	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Linho	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá.

Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	67	67	63	-	-
OURELA	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	-	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	55	61	60	65.5	-
OURELA	SIM (cima) SIM (baixo)	SIM (cima) SIM (baixo)	IND. (cima) IND. (baixo)	IND. (cima) IND. (baixo)	-

Obs.

Panos da frente dispostos na vertical sem interrupções. Panos do verso dispostos na horizontal.

As costuras do verso são pouco visíveis pois os fios do bordado preenchem quase a totalidade da superfície. Porém, para os casos em que as ourelas foram identificadas, tratavam-se de panos justapostos unidos pelas ourelas.

Telas finas de igual qualidade na frente e no verso.

Tipo de costura

FRENTE



VERSO

(Não foi possível fotografar)

	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	X	X
SOBREPOSTAS	-	-
DOBRA	-	-
OURELA-OURELA	X	X

Observações

Esquema de construção (aproximado)

Disposição dos panos:

Frente – SEQUENCIAL (AAA)

Verso – SEQUENCIAL (AAAA)

Enchimento entre telas: SIM ☐ NÃO ☒

Observações

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	X	-	X	-	-
BORDADO CONTORNO	-	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	X	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRA
CAMPO	X (2)	X	X	X (3)	X	X	PRETO
CERCADURA	X (2)	X	X	X (3)	X	X	-
TARJAS	-	X	-	X	-	-	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	<i>Bombyx mori</i>	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X		X
BORDADO CONTORNO	X		X
BORDADO DE FUNDO	X		X

Execução

Execução do bordado pouco minuciosa comparativamente aos exemplares indianos. Verso muito descuidado com remates dos fios do bordado visíveis. Cruzamento de fios do bordado e aproveitamento do mesmo fio para diferentes figuras.

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☒ SIM ☐ NÃO Obs. Corante castanho escuro. Parece ferroso.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Peça amostrada e analisada pela primeira vez.

Resultados Doutora Ana Claro (2013)

Fibras

Seda *bombyx mori* (bordado) + Linho (suporte).

Corantes

Preto: Taninos

Amarelo: Lírio-dos-tintureiros (*Reseda luteola* L.)

Amarelo-dourado: Pau vermelho ou Sappan wood (*Caesalpinia sappan* L.) + amarelo não identificado

Verde azeitona: Pau vermelho ou Sappan wood (*Caesalpinia sappan* L.) + Fustete (*Cotinus coggygria* Scop.)

Carmim: Cochinilha (*Porphyrophora* spp. ou *Dactylopius* spp.) + taninos

Verde: Lírio-dos-tintureiros (*Reseda luteola* L.) + Índigo (*Indigofera* spp., *Isatis* spp., *Wrightia* spp.)

Azul: Índigo (*Indigofera* spp., *Isatis* spp., *Wrightia* spp.)

Verde-escuro: Lírio-dos-tintureiros (*Reseda luteola* L.) + Índigo (*Indigofera* spp., *Isatis* spp., *Wrightia* spp.)

Castanho (pigmento do desenho subjacente): Taninos

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: 2137 Tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): Séculos XVII-XVIII

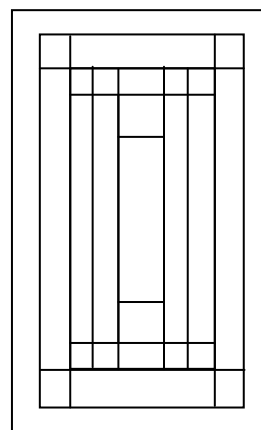
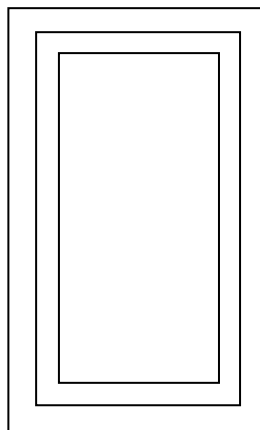
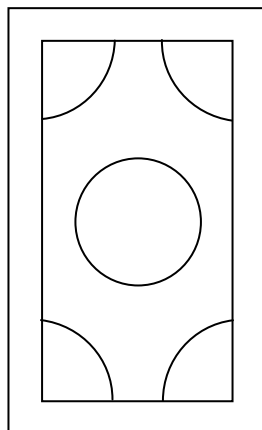
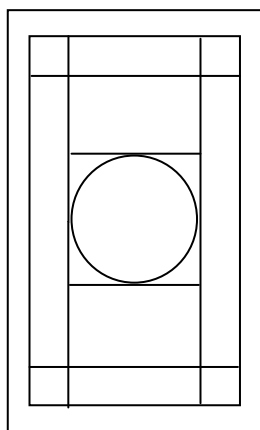
Centro de Produção (atrib.): Portugal

Dimensões: A. 307 x L. 194 cm

Estado de Conservação: Regular

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Colcha de campo livre e cercadura única, cuja decoração é simétrica em relação a um eixo central vertical. Ao centro, dispostos na vertical, desenvolvem-se três motivos circulares simulando flores brancas, de onde brotam flores azuis e brancas, ramagens e pássaros (semelhantes a papagaios) que unem os motivos entre si. A decoração é pontuada por pequenos motivos de quadrifólios amarelos.

Cercaduras

Repetição de motivo em flor estilizada, envolto em ramagem, a partir dos quais se desenvolvem flores afrontadas.

Tarjas

Tarjas formadas por três registos. O central, apresenta motivo de ramagem estilizado, em amarelo, com flores azuis, brancas e castanhas-claras. Os dois registos que o delimitam são formados por linha branca ondulada entre duas linhas corridas azuis.

Outros elementos

Franja de seda castanha-clara.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☒

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 1

	MATERIAL	COR
FRENTE	Linho	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	-	-

Construção do tecido (ponto): Tafetá

Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	58	60	58.5	-	-
OURELA	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	-	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-

Obs.

Telas finas de igual qualidade na frente e no verso.

Tipo de costura



	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	X	-
SOBREPOSTAS	-	-
DOBRA	-	-
OURELA-OURELA	X	-

Observações

--	--	--

Esquema de construção (aproximado)

Disposição dos panos:

Frente – SEQUENCIAL (AAA)

Enchimento entre telas: SIM ☐ NÃO ☒

Observações

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	X	-	X	-	-
BORDADO CONTORNO	-	-	-	-	-	
BORDADO DE FUNDO	-	-	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRA
CAMPO	X	-	X (claro)	X	X (2)	X	-
CERCADURA	X	-	X (claro)	X	X (claro)	X	-
TARJAS	X	-	X (claro)	-	X (claro)	X	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	<i>Bombyx mori</i>	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	X
BORDADO CONTORNO	X	-	X
BORDADO DE FUNDO	-	-	-

Execução

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

■ SIM □ NÃO Obs. Desenho com corante castanho-escuro. Aparenta ser ligeiramente ferroso.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Resultados Doutora Maria do Carmo Serrano (2007)

Fibras

Linho (suporte) + seda *bombyx mori* (bordado)

Corantes

Verde: Granza (*Rubia tinctorum* L.), índigo (*Indigofera tinctoria* L.) ou o pastel-dos-tintureiros (*Isatis tinctorum* L.)

Azul: Índigo (*Indigofera tinctoria* L.) ou o pastel-dos-tintureiros (*Isatis tinctorum* L.) e elagitaninos proveniente de uma fonte vegetal não identificada

Castanho: Lírio-dos-tintureiros (*Reseda luteola* L.)

Amarelo: Lírio-dos-tintureiros (*Reseda luteola* L.)

Bege 1: Granza (*Rubia tinctorum* L.) e luteolina

Bege 2: Granza (*Rubia tinctorum* L.) e luteolina

Bege 3: Produtos de degradação

Resultados Doutora Ana Claro (2013)

Fibras

Bombyx Mori (bordado) + Linho (suporte)

Corantes

Azul: Índigo (*Indigofera* spp., *Isatis* spp., *Wrightia* spp.)

Verde: Lírio-dos-tintureiros (*Reseda luteola* L.) + Índigo (*Indigofer*; *Strobilanthes*; *Isatis*; *Polygonum*)

Amarelo: Lírio-dos-tintureiros (*Reseda luteola* L.)

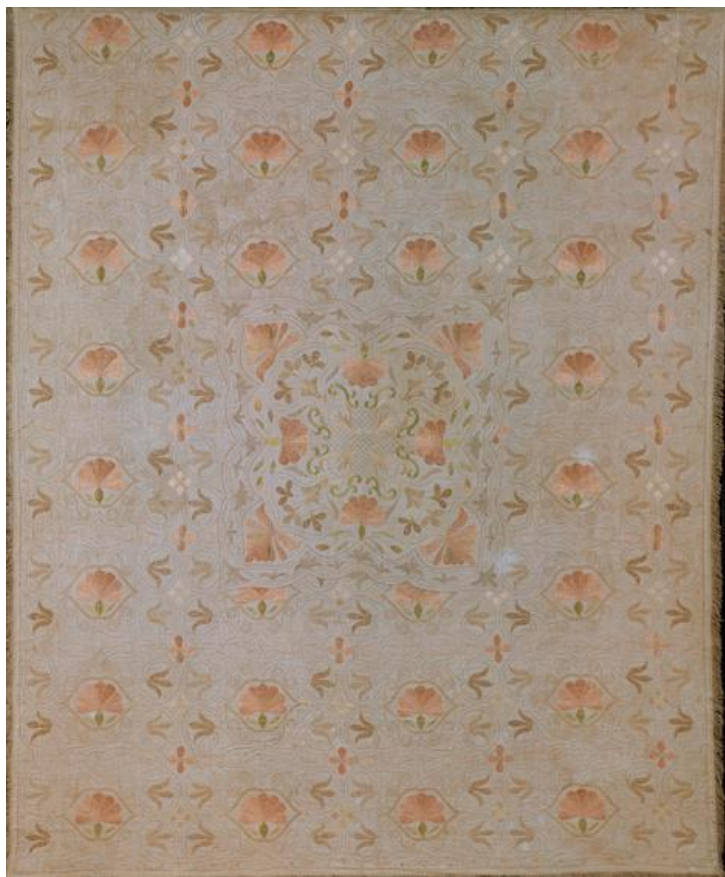
Salmão: Pau vermelho ou Sappan wood (*Caesalpinia sappan* L.)

Bege: Taninos

Bege/salmão: Pau vermelho ou Sappan wood (*Caesalpinia sappan* L.)

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: 2138 TEC

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): XVII- XVIII

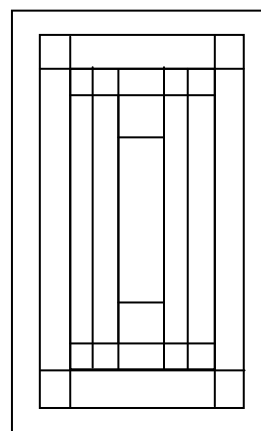
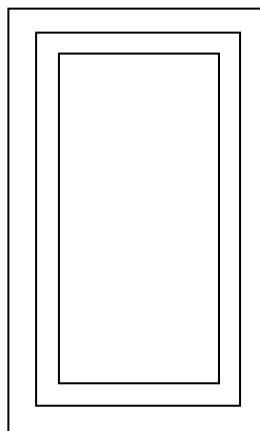
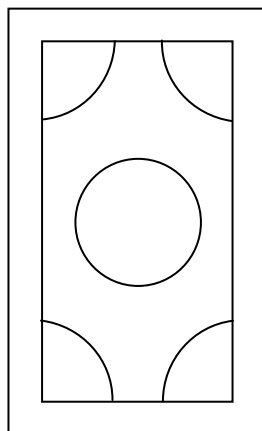
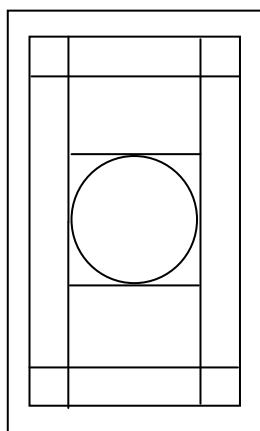
Centro de Produção (atrib.): Portugal

Dimensões: A. 226 x L.183 cm

Estado de Conservação: Bom

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Campo livre totalmente preenchido com motivos vegetalistas dispostos segundo um eixo vertical central, com florão ao centro. As flores principais, semelhantes a cravos, são cor-de-laranja com folhagem verde, e encontram-se inscritas em medalhão amendoado. Este motivo é repetido ao longo de todo o campo, alternado por um segundo motivo decorativo, de quadrifólio central rodeado por quatro brotos. O restante campo é preenchido com ramagens em cor castanha.

Cercaduras

Não aplicável.

Tarjas

Não aplicável.

Outros elementos

Franja castanha.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☒

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Linho	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Linho	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá


Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	93	87	-	-	-
OURELA	SIM (dir.) IND. (esq.)	SIM (esq.) IND. (dir.)	-	-	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	94	85	-	-	-
OURELA	SIM (dir.) IND. (esq.)	SIM (esq.) IND. (dir.)	-	-	-

Obs.

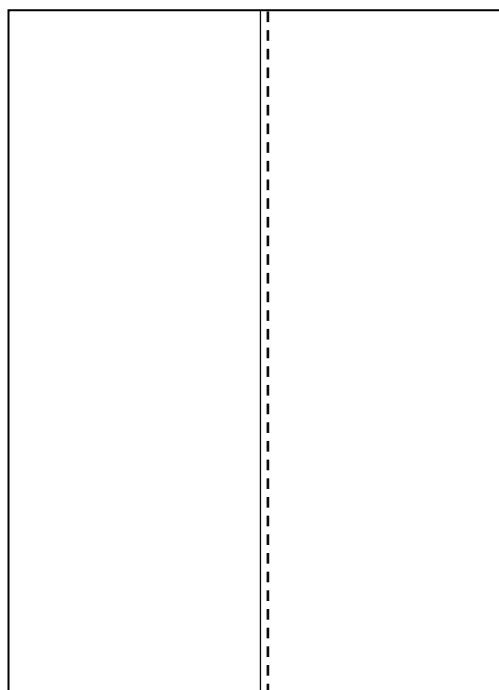
Apesar de algumas ourelas não terem sido identificadas, tratam-se muito provavelmente de panos inteiros, não apenas devido à coerência das dimensões dos panos da frente e do verso, mas também de acordo com o que se tem verificado para a maioria das peças portuguesas. Telas de idêntica qualidade na frente e no verso.

Tipo de costura

FRENTE
(Não foi possível fotografar)
VERSO


	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	X	X
SOBREPOSTAS	-	-
DOBRA	-	-
OURELA-OURELA	X	X

Observações



Esquema de construção (aproximado)

Disposição dos panos:

Frente – SEQUENCIAL (AA)

Verso – SEQUENCIAL (AA)



Enchimento entre telas: SIM ☐ NÃO ☒

Observações

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	X	-	X	-	-
BORDADO CONTORNO	-	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	X	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRA
CAMPO	-	-	-	X	X (2)	-	X (laranja)
CERCADURA	-	-	-	-	-	-	-
TARJAS	-	-	-	-	-	-	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	X
TIPO	<i>Bombyx mori</i>	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	X
BORDADO CONTORNO	X	-	X
BORDADO DE FUNDO	X	-	X

Execução

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☐ SIM ☒ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Peça amostrada e analisada pela primeira vez.

Resultados Doutora Ana Claro (2013)

Fibras

Linho (suporte) + seda *bombyx mori* (bordado)

Corantes

Salmão: Não identificado

Verde: Lírio-dos-tintureiros (*Reseda luteola* L.) + Índigo (*Indigofera* spp., *Isatis* spp., *Wrightia* spp.)

Bege: sintético

Castanho: Pau vermelho ou Sappan wood (*Caesalpinia sappan* L.)

Bege: Pau vermelho ou Sappan wood (*Caesalpinia sappan* L.)

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: 2164 Tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): Século XVII

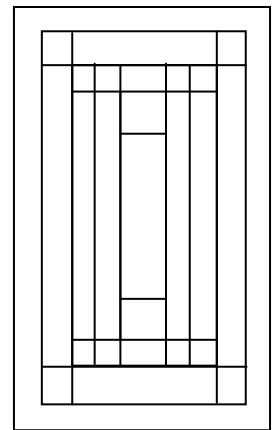
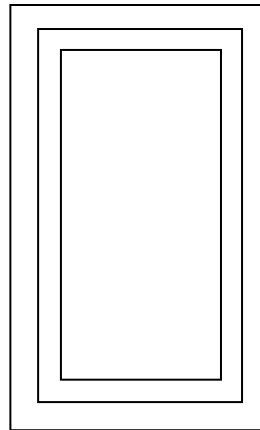
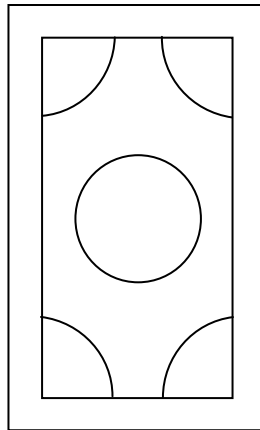
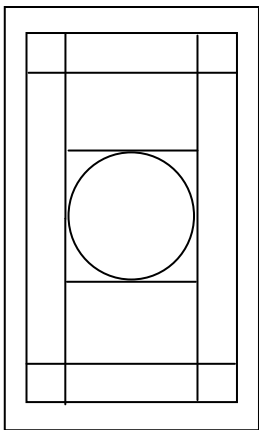
Centro de Produção (atrib.): Índia

Dimensões: A. 248 x L. 213 cm

Estado de Conservação: Bom

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Colcha formada por medalhão central rodeado de quartos de círculo nos ângulos do retângulo onde se inscreve. Ao centro do medalhão encontra-se representado um barco rodeado de monstros marinhos. Em volta deste, surge um registo com nagas afrontadas. O terceiro registo apresenta motivos em forma de pétala. Por fim, a rematar o campo, uma tarja idêntica àquela que contorna toda a peça. No fundo do campo dispõem-se motivos vegetalistas, os mesmos que decoram o restante fundo da peça, por entre cavaleiros e animais. Nos cantos do campo, representação de pétalas, najas e peixes. Fundo totalmente bordado com motivo de escamas.

Cercaduras

Motivos vegetalistas com “espinhos”. Aos cantos, círculos com a representação de figura híbrida, tocando instrumento musical de sopro. As cercaduras apresentam motivos mais densos e largos, contrastando com a delicadeza das formas vegetalistas do campo. Fundo bordado com motivo de escamas.

Tarjas

Tarjas formadas por dois registos: os superior e inferior são lisos e formados por três linhas paralelas; o central, por flor e caule. As tarjas nesta peça são mais largas que o habitual, parecendo formar como que cercaduras.

Outros elementos

Franja amarela e azul.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☒

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Linho	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Linho	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá.

Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	30	49	48	48	31
OURELA	SIM (esquerda) CORT. (direita)	IND. (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) N.D. (direita)	N.D. (esquerda) SIM (direita)
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	27	49	47	48	27
OURELA	N.D. (esquerda) N.D (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	N.D. (direita) SIM (esquerda)	SIM (esquerda) SIM (direita)	CORT. (direita) SIM (esquerda)

Obs.

A observação das orelhas dos panos frontais foi feita pela frente, através de lacunas e lacerações provocadas pelo desgaste da peça. Alguns dos panos do verso contêm tramas (horizontal) em cor-de-rosa, o que poderá indicar que seriam aproveitados materiais na produção das telas.

Salientamos o esquema de construção da peça, que parece ter partido do interior para o exterior (campo para cercaduras): Pano 1 e Pano 4 coincidem com o início da cercadura; Pano 2 e 3 coincidem com os limites do campo. A união entre o campo e as cercaduras não é visível na tela frontal, pois estas foram disfarçadas em toda a sua extensão com o bordado das tarjas. Estas uniões apenas se verificam junto aos cantos.

Tela do verso mais grosseira.

Tipo de costura

FRENTE

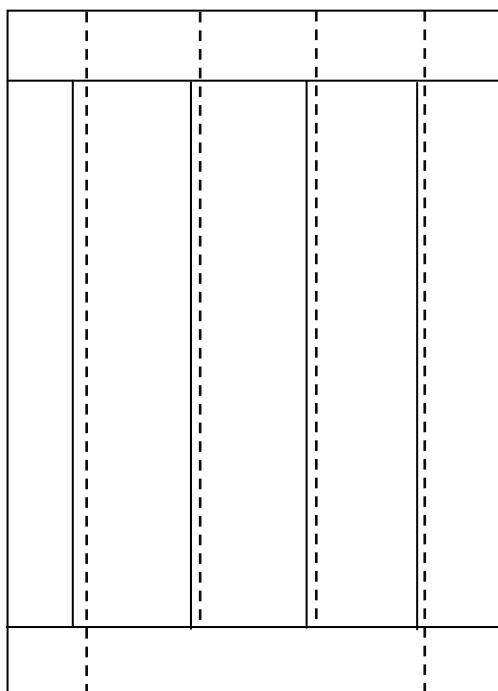
VERSO
(várias)

	FRENTE	VERSO (*)
JUSTAPOSTAS	X	X
SOBREPOSTAS	-	X
DOBRA	X	X
OURELA-OURELA	-	X

(*) - No verso, podemos encontrar diferentes soluções construtivas (costuras justapostas, sobrepostas, ourela-orela).

Observações

No verso, o campo e as cercaduras são unidos entre si por meio de costuras sobrepostas com dobra; as costuras justapostas (ourela-ourela) surgem na união dos diferentes panos que formam o campo. Neste sentido, podemos concluir que os recursos técnicos adoptados para a construção das telas e a construção da peça são distintos, muito certamente, devido à maior ou menor necessidade de reforço dos diferentes elementos (costuras justapostas – menor reforço; costuras justapostas – maior reforço).



Esquema de construção (aproximado)

Disposição dos panos:

Frente – INTERCALADO (BAAAB)

Verso – INTERCALADO (BAAAB)



Enchimento entre telas: SIM ☒ NÃO ☐

Observações

Fibras de algodão (?)

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	-	-	-	-
BORDADO CONTORNO	X	X (*)	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	X	-	-	-	-

(*) Apenas na zona do campo.

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRA
CAMPO	-	-	X	-	X	-	-
CERCADURA	-	-	X	-	X	-	-
TARJAS	-	-	X	-	X	-	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	<i>Bombyx mori</i>	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	-
BORDADO CONTORNO	X	-	X (*)
BORDADO DE FUNDO	X	-	X

(*) Apenas na zona do campo.

Execução

Pelo observado, o campo deverá ter sido executado separadamente das cercaduras. Para além da diferença na técnica de aplicação do bordado entre o campo e as cercaduras, a presença de costuras nos limites destes podem indicar que os mesmos se encontram unidos entre si. Junto a estas costuras, encontram-se várias tiras de tecido (não consideradas no quadro referente às dimensões dos panos), que podem ter construído uma solução para adaptar o campo à peça (por exemplo, alcançar uma largura superior, determinada pela encomenda). [Foto no final da folha]

A distribuição do bordado nas telas é igualmente distinta: na zona do campo, o contorno das formas (azul) prende a tela do verso, o que não acontece nas cercaduras.

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☐ SIM ☒ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Peça amostrada e analisada pela primeira vez.

Resultados Doutora Ana Claro (2013)

Fibras

Seda *bombyx mori* (bordado) + Linho (suporte).

Corantes

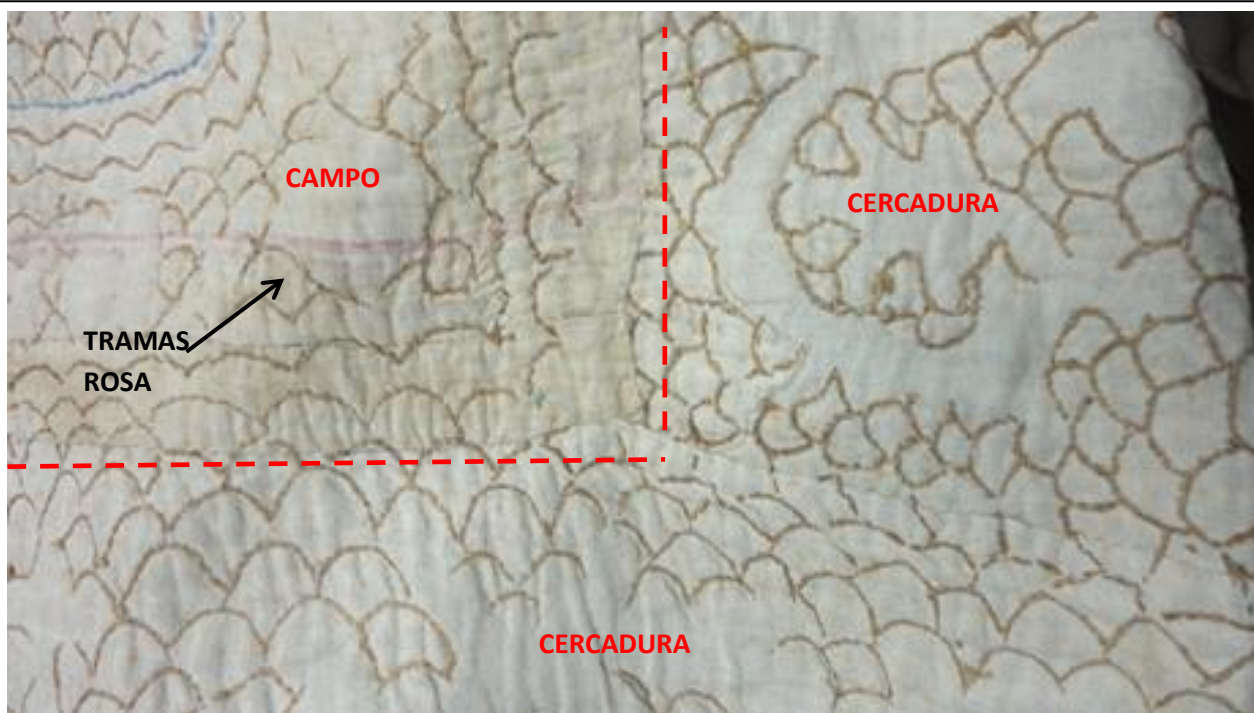
Castanho: sem resultados

Azul: Índigo (*Indigofera* spp., *Isatis* spp., *Wrightia* spp.)

Amarelo (franja): Lírio-dos-tintureiros (*Reseda luteola* L.) + Pau vermelho ou Sappan wood (*Caesalpinia sappan* L.)

Azul (campo): Henna (?) e Índigo (*Indigofera* spp., *Isatis* spp., *Wrightia* spp.)

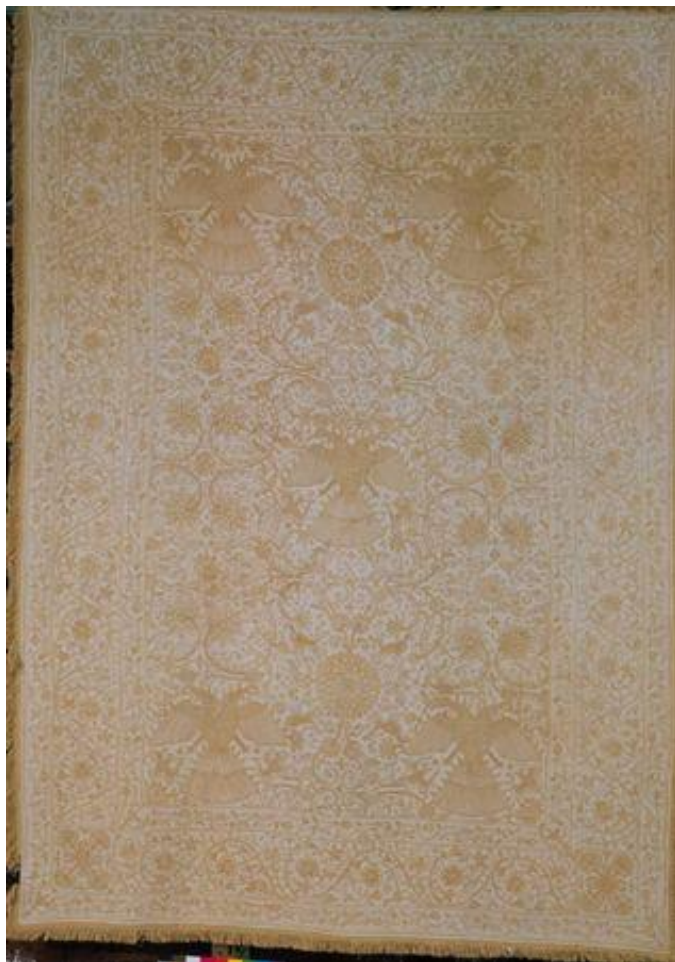
Observações



Observação das tramas cor-de-rosa com recurso a lupa.

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: 2225 Tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): Século XVII-XVIII

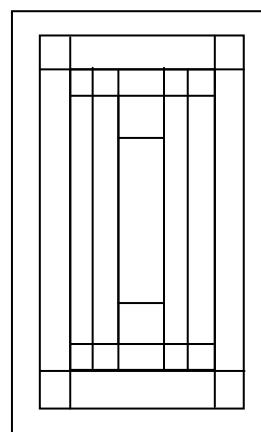
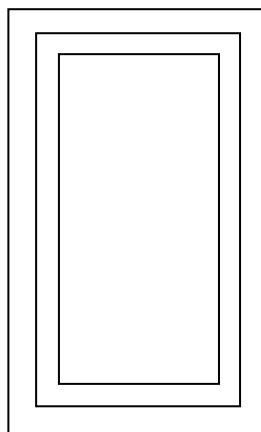
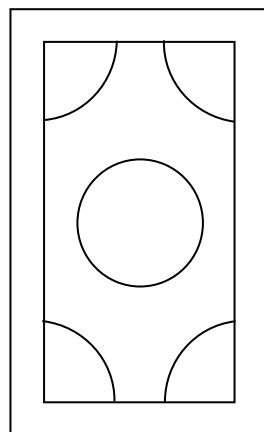
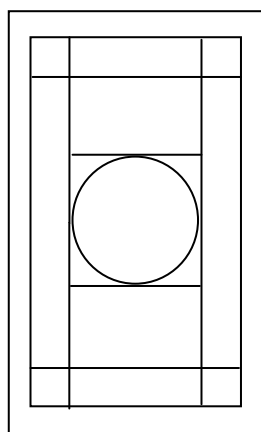
Centro de Produção (atrib.): Portugal

Dimensões: A. 274 x L. 196 cm

Estado de Conservação: Bom

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Colcha formada por campo simples, onde se dispõem cinco águia bicéfalas, duas no topo e duas em baixo, e uma ao centro. As águias encontram-se interligadas por motivos vegetalistas que preenchem todo o campo, simétricos em relação a dois eixos vertical e horizontal centrais. Nenhuma das figurações se encontra invertida como habitualmente acontece para as colchas indianas.

Cercaduras

Cercadura composta por enrolamentos de flores e folhas. Aos cantos, surgem quatro flores dispostas nas diagonais partindo de um motivo central.

Tarjas

Tarjas com enrolamentos de folhas e flores.

Outros elementos

Franja amarela/bege.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☒

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Linho	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Linho	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá.

Largura dos panos das telas (em centímetros)

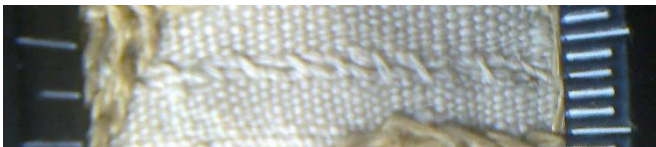
	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	52	53	52	26,5	-
OURELA	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	24	53	54	55	-
OURELA	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	-

Obs.

Ambas as telas apresentam tafetá de características semelhantes (cor, textura, densidade).

Foram encontradas duas dimensões de tear na mesma peça.

Tipo de costura

FRENTE

VERSO (não foi possível fotografar)

	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	X	X
SOBREPOSTAS	-	-
DOBRA	-	-
OURELA-OURELA	X	X

Observações

--	--	--	--	--

Esquema de construção

Disposição dos panos:

Frente – SEQUENCIAL (BAAA)

Verso – SEQUENCIAL (AAAB)

Enchimento entre telas: SIM ☐ NÃO ☒

Observações

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	X	-	X	-	-
BORDADO CONTORNO	X	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	-	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRA
CAMPO	X	-	-	-	-	-	-
CERCADURA	X	-	-	-	-	-	-
TARJAS	X	-	-	-	-	-	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	<i>Bombyx mori</i>	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	X
BORDADO CONTORNO	X	-	X
BORDADO DE FUNDO	-	-	-

Execução

Aproveitamento da mesma linha para figuras diferentes

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☐ SIM ☒ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Peça amostrada e analisada pela primeira vez.

Resultados Doutora Ana Claro (2013)

Fibras

Seda *bombyx mori* (bordado) + Linho (suporte).

Corantes

Cru: Lírio-dos-tintureiros (*Reseda luteola* L.)

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: 2226 tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): XVII

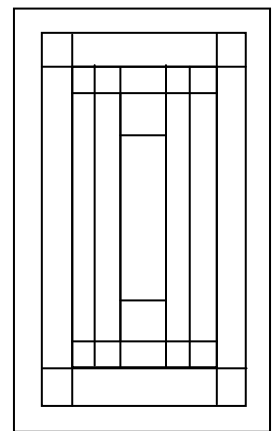
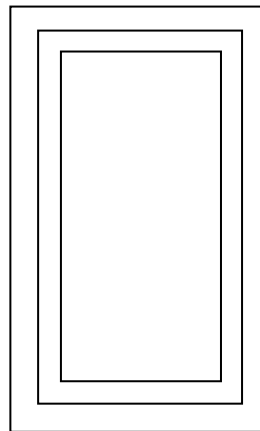
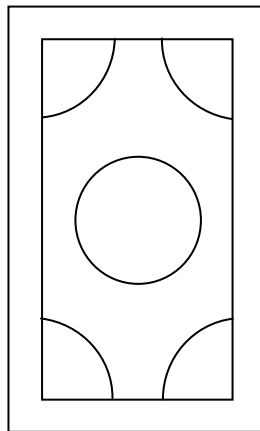
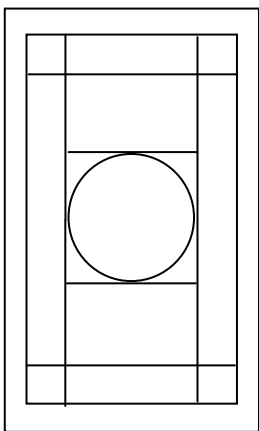
Centro de Produção (atrib.): Índia

Dimensões: A. 268 x L. 200 cm

Estado de Conservação: Bom

Localização: Exposição

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Campo totalmente preenchido por faixas onde se distribuem cenas de caça, cenas marítimas e outras figurações com personagens trajando à moda oriental. A composição organiza-se a partir centro, onde se dispõe um estreito rectângulo central, dividido em quatro segmentos, exibindo cenas de género (?). Ao seu redor, desenvolvem-se quatro faixas, sendo que: na primeira, são figuradas cenas de caça nas laterais e cavaleiros nos topos; na segunda, cenas marítimas com barcos e animais fantásticos a todo o redor; por fim, na terceira, desenvolvem-se enrolamentos vegetalistas entre os quais se exibem figuras humanas e aves. Nos quatro cantos, surge o mesmo motivo decorativo, semelhante a uma estrutura arquitectónica, com a figuração de três personagens.

Cercaduras

Cenas de caçadas, com cavaleiros ao centro e nos ângulos da cercadura.

Tarjas

Tarjas formadas por um dos motivos mais comuns nas peças em estudo: dois círculos concêntricos alternados por duas elipses. Entre os círculos dispõem-se diversos pontos corridos.

Outros elementos

Franja e borlas de seda amarela. A passamaria do canto inferior direito parece ser original. No lado oposto não se encontra nenhuma idêntica, embora as lacunas e rasgões existentes no suporte apontem para a sua existência.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☒

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Linho	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Linho	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá.

Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	64	66	65	-	-
OURELA	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) IND. (direita)	-	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	14	64	61	61	-
OURELA	CORT. (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) IND. (direita)	SIM (esquerda) IND. (direita)	-

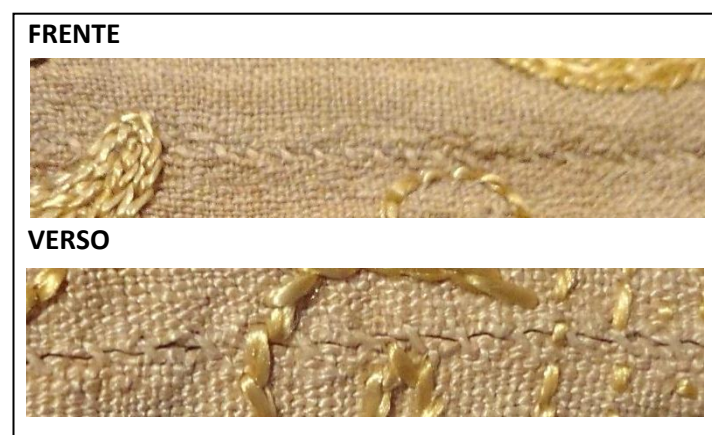
Obs.

Existe um retalho de forma triangular no canto inferior esquerdo, com 8 cm de altura e 50 cm de comprimento. Depois destes 8 cm de altura, começa o primeiro pano com 14 cm de largura. Os três panos frontais são formados por telas únicas, não sofrendo interrupções ao longo da altura. Não foi possível confirmar se o mesmo se verifica para os panos do verso, pois a peça encontrava-se exposta.

Existe um pequeno retalho na horizontal (lado inferior) em quase toda a largura da peça – é irregular (no tamanho e no acabamento da costura). Parece tratar-se do remate do pano, um reforço estrutural ou uma forma de acrescentar pano para terminar a peça ao tamanho pretendido.

Telas de idêntica qualidade na frente e no verso.

Tipo de costura



	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	X	X
SOBREPOSTAS	-	-
DOBRA	-	-
OURELA-OURELA	X	X

Observações

ESQUEMA DE CONSTRUÇÃO

Disposição dos panos:

Frente – SEQUENCIAL (AAA)

Verso – SEQUENCIAL (BAAA)

Enchimento entre telas: SIM ☐ NÃO ☒

Observações

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	X	X (TARJA)	-	-	-
BORDADO CONTORNO	-	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	X	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRA
CAMPO	X	-	-	-	-	-	-
CERCADURA	X	-	-	-	-	-	-
TARJAS	X	-	-	-	-	-	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	<i>Bombix mori</i>	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	X
BORDADO CONTORNO	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	X	-	X

Execução

As costuras dos panos são praticamente impercetíveis ao olhar. O bordado é de grande rigor e destreza técnica – por exemplo, as texturas e volumes das figuras são obtidos através do recurso a diferentes direções do bordado, fazendo um jogo de brilho e sombra. Os pontos são muito pequenos e encontram-se bastante apertados, motivo pelo qual a peça se encontra em tão bom estado de conservação.

O bordado é aplicado sobre todas as costuras, o que indica que terá sido executado sobre um suporte previamente montado.

O verso é bastante cuidado, não se verificando a continuação da mesma linha em figuras diferentes ou ainda o remate das mesmas, porque é bordado a gancho.

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☒ SIM ☐ NÃO Obs. Parece tratar-se de um pigmento azul escuro.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Resultados Doutora Maria do Carmo Serrano (2007)

Fibras

Seda *bombyx mori* (bordado)

Corantes

Amarelo: Lírio-dos-tintureiros (*Reseda luteola* L.)

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: 2237 Tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): XVI – XVII

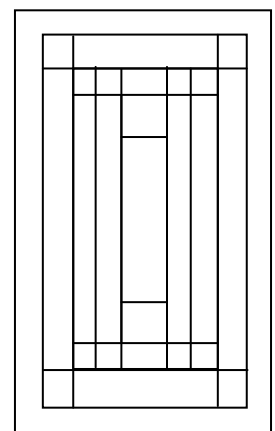
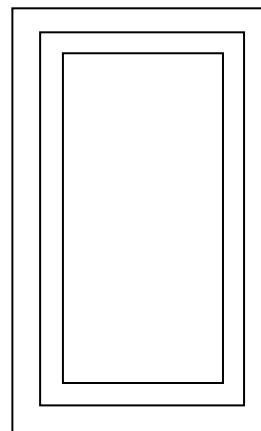
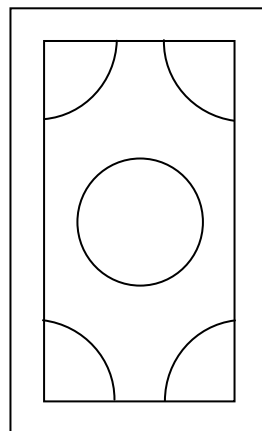
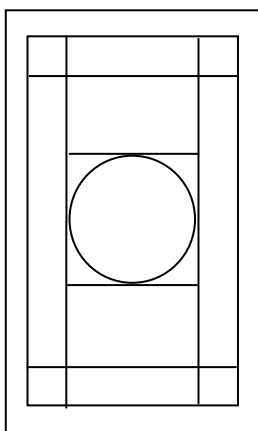
Centro de Produção (atrib.): Índia, Bengala

Dimensões: A. 335 x L. 260 cm

Estado de Conservação: Regular

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Composição em faixas que se desenvolvem em redor de um centro. Ao centro a Justiça de Salomão, e nos quatro cantos do centro as quatro Continentes. A primeira faixa exhibe a história de Arion; a segunda os trabalhos e outros episódios da História de Hércules; a terceira, aos cantos e no centro dos quatro lados, o Julgamento de Páris, Tisbe e Príamo, Hero e Leandro, Ulisse e Penélope (?), Acteon, Cupido e duas cenas não identificadas. A última faixa exhibe mascarões dos quais brotam ramagens e flores. A ladear esta representação, surgem duas figuras híbridas afrontadas segurando serpentes. Toda a composição é pontuada por aves. Aos cantos, surgem cenas não identificadas.

Cercaduras

A peça apresenta uma cercadura, que contorna toda a composição em faixas. Exhibe cenas de caça a cavalo e a pé com representação de aves e maníferos. Aos cantos, surgem águias bicéfalas coroadas envoltas em folhagem.

Tarjas

Tarja formada por círculos concêntricos de linha e pontos.

Outros elementos

Franja amarela.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☒

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Algodão	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Algodão	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá.

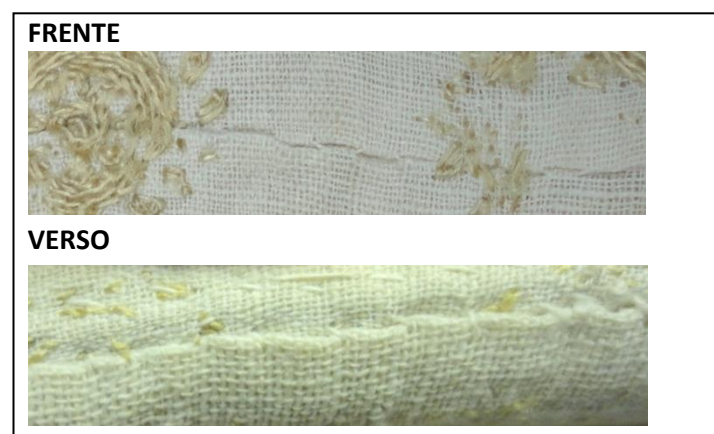
Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	76	36	73	71	-
OURELA	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) CORT. (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	73	72	72	44	9
OURELA	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	IND. (esquerda) IND. (direita)	IND. (esquerda) IND. (direita)

Obs.

A peça apresenta no verso alguns panos interrompidos por retalhos, o que revela o aproveitamento de materiais. Telas de idêntica qualidade na frente e no verso.

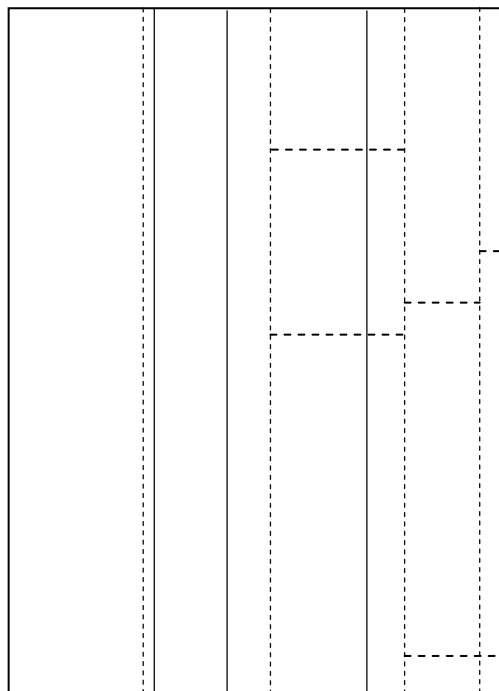
Tipo de costura



	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	-	-
SOBREPOSTAS	X	X
DOBRA	X	X
OURELA-OURELA	-	-

Observações

O tratamento das costuras varia de precisão, tanto na frente como no verso. Costuras pouco dissimuladas.



Esquema de construção (aproximado)

Disposição dos panos:

Frente – INTERCALADO (ABAA)

Verso – SEQUENCIAL (AAAB)



Enchimento entre telas: SIM ☐ NÃO ☒

Observações

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	X	-	-	-
BORDADO CONTORNO	-	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	-	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRA
CAMPO	X	-	-	-	-	-	-
CERCADURA	X	-	-	-	-	-	-
TARJAS	X	-	-	-	-	-	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	<i>Tussah</i>	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	OCASIONALMENTE
BORDADO CONTORNO	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	-	-

Execução

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☐ SIM ☒ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Resultados Doutora Maria do Carmo Serrano (2007)

Fibras

Seda *tussah* (bordado)

Seda *bombyx mori* (franja e borla)

Corantes

Amarelo (bordado): Granza (*Rubia tinctorum* L.) + luteolina

Amarelo (franjas e borlas): produtos de degradação

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: 2281 Tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): XVI – XVII

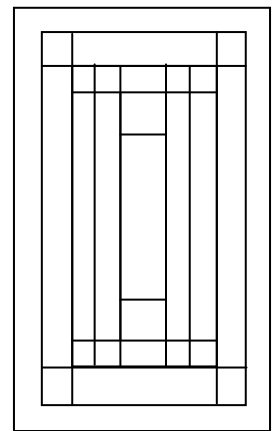
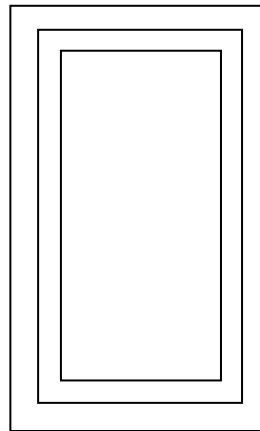
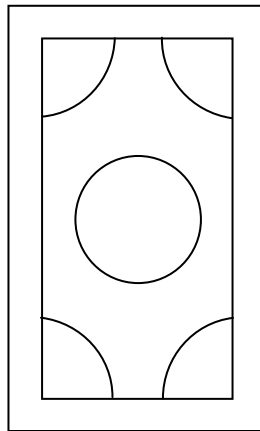
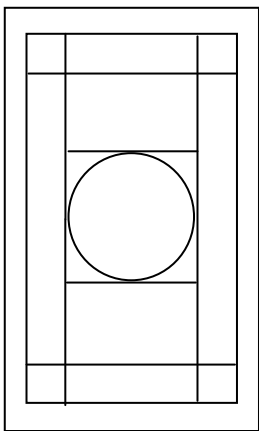
Centro de Produção (atrib.): Índia, Bengala

Dimensões: A. 328 x L. 267 cm

Estado de Conservação: Regular

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Colcha de medalhão central formado por três registros decorativos: o principal, mais ao centro, figura uma ave (águia?); em redor desde, desenvolve-se o segundo registro, que apresenta quatro soldados a cavalo (dois com lanças e dois com arcos, simétricos entre si segundo um eixo diagonal) alternados por quatro motivos de plantas, com paralelos às representações habitais na pintura e gravura mogol. O terceiro registro é decorado com quatro sequências de cinco cervídeos, alternados por um tigre ou pantera, num total de quatro. Todo o medalhão é rematado por repetição de motivo vegetalista semelhante a uma coroa de ananás.

Cercaduras

Colcha formada por três cercaduras, sendo que a cercadura principal (ao centro), mais larga, é rematada no topo e em baixo por cercaduras secundárias mais estreitas (interior e exterior). A cercadura secundária junto ao campo, mais interior, representa uma sequência de cervídeos ao centro de cada um dos quatro lados, e nos ângulos, uma figura humana segurando folhagens que brotam do seu corpo e se estendem até aos mesmos animais. A cercadura principal (central) apresenta repetição de motivo vegetalista, disposto de forma muito sinuosa no espaço. Nos ângulos, encontram-se figuras humanas inscritas em círculo, trajadas à oriental. Estão voltadas para o centro segundo um ângulo de 45º; as duas figuras no topo seguem exatamente a mesma disposição, pelo que se encontram invertidas.

Tarjas

Tarjas formadas por dois dos desenhos mais frequentes nas colchas indianas: o primeiro, consiste na repetição de motivo de vários círculos concêntricos alterados por linha e ponto. A sequência é rematada no topo e em baixo por duas faixas; O Segundo é formado pela repetição de padrão de “diamantes” com ponto ao centro, parecendo simular escamas. É rematado por faixas com sequência de pontos ao centro.

Outros elementos



Originais: SIM ☐ NÃO ☒ INDETERMINADO ☐

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Algodão	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Algodão	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá simples.

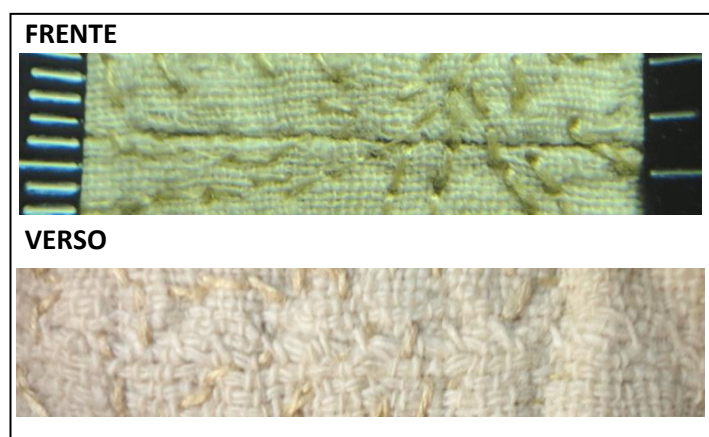
Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	46	72	74	70	
OURELA	IND. (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) IND. (direita)	
INTERIOR					
OURELA					
VERSO	87	91	85		
OURELA	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) IND. (direita)		

Obs.

À exceção do primeiro pano frontal, que apresenta um retalho na zona inferior, todos os panos são dispostos na vertical de forma contínua. Telas do verso ligeiramente mais grosseiras.

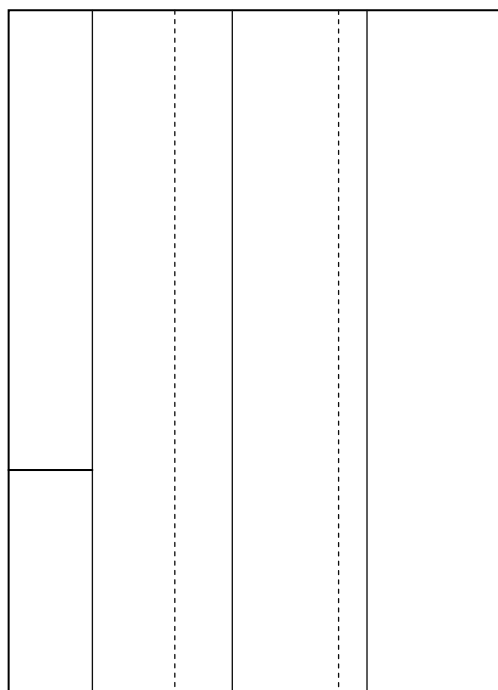
Tipo de costura



	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	X	X
SOBREPOSTAS	-	-
DOBRA	X	-
OURELA-OURELA	-	X

Observações

O tratamento das costuras frontais é bastante cuidado. O mesmo acontece no verso, não sendo praticamente visíveis os remates dos fios ou o aproveitamento do mesmo fio para o bordado de figuras diferentes.



Esquema de construção (aproximado)

Disposição dos panos:

Frente – SEQUENCIAL (BAAA)

Verso – SEQUENCIAL (AAA)



Enchimento entre telas: SIM ☒ NÃO ☐

Observações

Filaça muito fina de algodão.

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	X	-	-	-
BORDADO CONTORNO	-	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	X	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRA
CAMPO	X	-	-	-	-	-	-
CERCADURA	X	-	-	-	-	-	-
TARJAS	X	-	-	-	-	-	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	<i>Tussah</i>	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	OCASIONALMENTE
BORDADO CONTORNO	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	X	-	X

Execução

Os pontos do bordado principal que são visíveis no verso não obedecem a nenhum critério, o que nos leva a crer que poderão ser estruturais ou acidentais.

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☐ SIM ☒ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Resultados Doutora Maria do Carmo Serrano (2007)

Fibras

Seda *bombyx mori* (bordado)

Corantes

Pese embora não tenham sido identificados corantes amarelos, a presença de vestígios de produtos de degradação atestam que a seda foi tingida, apesar da sua cor amarela natural.

Resultados Doutora Ana Claro (2013)

Fibras

Tussah (bordado)

Corantes

Amarelo (bordado): sem tingimento

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha (fragmento)

Nº de Inventário: 3413 tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): 1580-1600

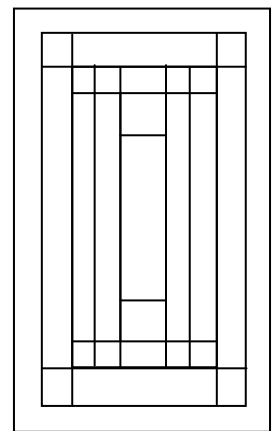
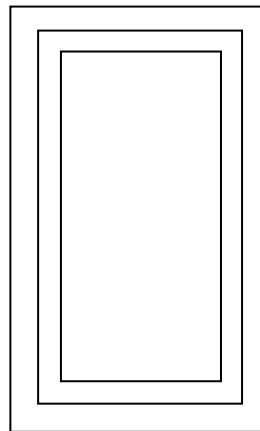
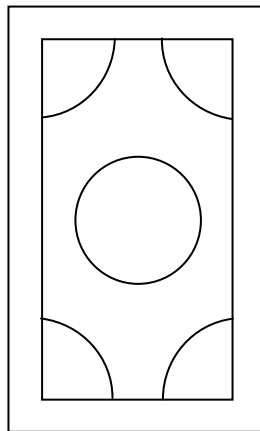
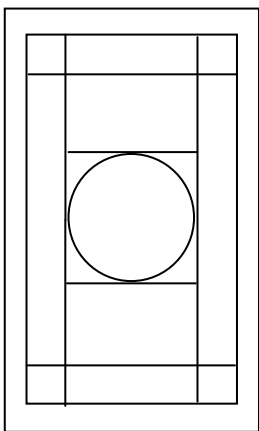
Centro de Produção (atrib.): Índia, Bengala

Dimensões: 1580-1600

Estado de Conservação: Bom

Localização: Exposição

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Fragmento constituído por mais de metade da colcha original. Peça com decoração de influência islâmica, marcada pelo abstracionismo e geometrização, formada por medalhão central octogonal recortado em chavetas, e inscrito em quadrado. O registo central do medalhão, de forma circular, encontra-se totalmente preenchido com motivos circulares interligados como que simulando escamas, sendo rematado por tarja com decoração vegetalista. O segundo registo apresenta esquema decorativo que consiste na repetição alternada de dois florões distintos, e o terceiro, exibe motivos geométricos e florais alternados por representação humana e animal. A rematar o medalhão, dispõe-se um rectângulo com figuração de dois elefantes afrontados rodeados por homens, com Árvore da Vida (?) ao centro. A composição é ladeada por dois quadrados de fundo axadrezado, cada um com sua estrela oitava de teor geométrico.

Cercaduras

Peça composta por três cercaduras de altura distinta. A primeira cercadura, mais estreita, separa o campo da cercadura principal. Ao longo desta, distribuem-se cenas de caça, sendo representados homens armados, a pé e a cavalo, perseguindo javalis, aves e cervídeos.

Tarjas

Tarjas formadas por repetição de motivo vermelho de diamante inscrito em círculo. Ao centro, dispõe-se um círculo mais pequeno de cor azul. O medalhão exibe uma tarja diferente, em azul e vermelho, simulando ondas.

Outros elementos

Originais: SIM ☐ NÃO ☒ INDETERMINADO ☐

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Algodão	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Algodão	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá.

Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	56,5	43	57,5	53,5	-
OURELA	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) IND. (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) CORT. (direita)	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	46	56	56	53	-
OURELA	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) CORT. (direita)	-

Obs.

Não foi possível determinar se os panos são contínuos, por se tratar de um fragmento. No entanto, tendo em conta a extrema qualidade da execução da peça, parece-nos provável que fossem. Telas da frente e do verso de qualidade idêntica.

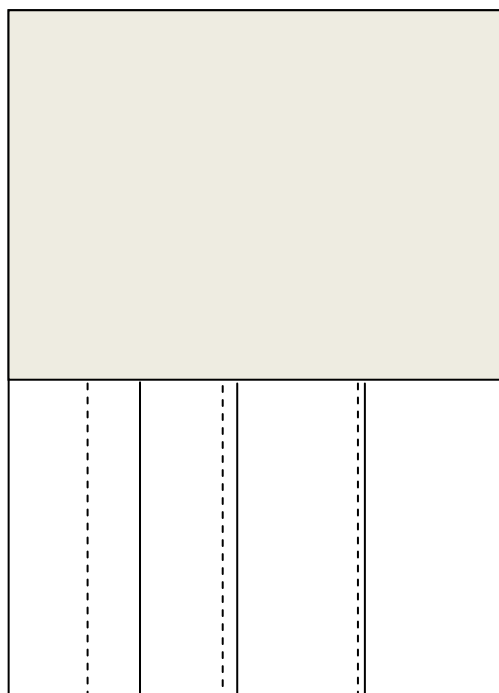
Tipo de costura



	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	X	X
SOBREPOSTAS	-	-
DOBRA	X	X
OURELA-OURELA	-	-

Observações

O tratamento das costuras é igual na frente e no verso. As costuras são executadas de forma muito minuciosa e são praticamente imperceptíveis ao olhar. Trata-se de uma das peças de maior rigor técnico dentro do *corpus* analisado.



ESQUEMA DE CONSTRUÇÃO

Disposição dos panos:

Frente – INTERCALADO (ABAA) (*)

Verso – SEQUENCIAL (BAAA) (*)

(*) Não foi possível determinar com exatidão se se tratam de panos contínuos dispostos na vertical.



Enchimento entre telas: SIM ☒ NÃO ☐

Observações

Filagem muito fina de algodão, quase imperceptível.

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	-	X	-	-	-	-
BORDADO CONTORNO	-	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	-	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRA
CAMPO	-	X	X	-	-	-	-
CERCADURA	-	X	X	-	-	-	-
TARJAS	-	X	X	-	-	-	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	-	-	-
TIPO	-	X	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	X
BORDADO CONTORNO	X	-	X
BORDADO DE FUNDO	X	-	X

Execução

Bordado de grande precisão e rigor técnico. O retrós muito torcido.

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☐ SIM ☒ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Resultados Doutora Maria do Carmo Serrano (2007)

Fibras

Algodão (bordado)

Corantes

Vermelho: Granza (*Rubia tinctorum* L.) e elagitaninos

Azul: Índigo (*Indigofera tinctoria* L.) e ácido elágico

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: 3418 Tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): Século XVII

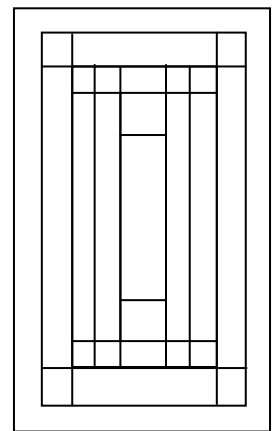
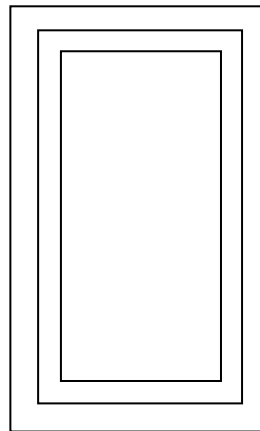
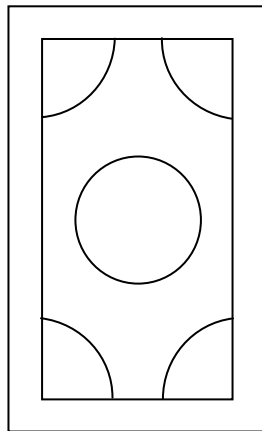
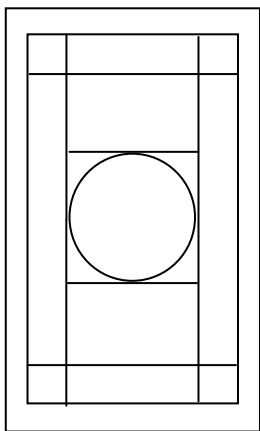
Centro de Produção (atrib.): Índia

Dimensões: A. 300 x L. 225 cm

Estado de Conservação: Bom

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Campo dedicado ao tema dos cinco sentidos, dispostos nos cantos e ao centro do campo, inscritos em círculos e identificados com legendas em português. No canto superior esquerdo, o Olfato é representado por um homem cheirando uma flor (legenda “CHEIRAY”); O Paladar, do lado direito, é representado por um homem segurando uma garrafa e um copo de vinho (legenda “GOSTAR”); Ao centro, o Tato é representado por um casal de mãos enlaçadas sobre uma flor ou árvore (Árvore da Vida?), com a legenda “APALPAR”; No canto inferior esquerdo, surge a Visão com a legenda “VER”, exibindo um homem com óculo de grande alcance; Por fim, no lado oposto, surge a “Audição” com a legenda “OUNIR” representado por um homem tocando um instrumento de cordas. O fundo do campo é totalmente decorado com animais selvagens e fantásticos entre folhagens e, com especial destaque, quatro cavaleiros, elefantes (dos quais brotam árvores do dorso), caranguejos, cervídeos e girafas (?), num total de vinte figuras, rodeiam o círculo central. Duas albarradas, uma no topo e outra em baixo, rematam o campo. A decoração é simétrica em relação a dois eixos, um vertical e um horizontal, com exceção das figuras dos cavaleiros e cervídeos que coincidem com o primeiro. Apenas existem figuras invertidas na cercadura superior.

Cercaduras

Cercadura principal formada por repetição de motivo composto por duas águias afrontadas com albarrada ao centro, separadas por florão estilizado. Aos cantos são figurados florões circulares também estilizados.

Tarjas

Tarjas decoradas com repetição de motivo de folha estilizada entrelaçada e unida por anel.

Outros elementos

Franja em seda amarela.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☒

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Linho	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Linho	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá.

Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	57	57,5	57	41	-
OURELA	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) IND. (direita)	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	36	54	55	70	-
OURELA	IND. (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) IND. (direita)	-

Obs.

O tratamento das costuras da frente e do verso é idêntico. Telas da frente e do verso de qualidade idêntica.

Tipo de costura



	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	X	X
SOBREPOSTAS	-	-
DOBRA	-	-
OURELA-OURELA	X	X

Observações

--	--	--	--	--

ESQUEMA DE CONSTRUÇÃO

Disposição dos panos:

Frente – SEQUENCIAL (AAAB)

Verso – SEQUENCIAL (BAAA)

Enchimento entre telas: SIM ☐ NÃO ☒

Observações

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	X	X	-	-
BORDADO CONTORNO	-	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	-	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	ROSA
CAMPO	X	-	-	-	-	-	X
CERCADURA	X	-	-	-	-	-	X
TARJAS	X	-	-	-	-	-	X

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	-	-	-
TIPO	<i>Bombyx mori</i>	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	X
BORDADO CONTORNO	X	-	X
BORDADO DE FUNDO	-	-	-

Execução

O bordado no verso apresenta-se cuidado, não sendo perceptíveis linhas de remate. Não existem linhas traçadas entre figuras, ou indícios de aproveitamento de panos.

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

■ SIM

□ NÃO

Obs. Corante com aspecto ferroso, habitual nas oficinas portuguesas do período.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Peça amostrada e analisada pela primeira vez.

Resultados Doutora Ana Claro (2013)

Fibras

Seda *bombyx mori* (bordado)

Corantes

Amarelo: Lírio-dos-tintureiros (*Reseda luteola* L.) + Pau vermelho ou Sappan wood (*Caesalpinia sappan* L.)

Salmão claro: Sappan wood

Amarelo (franja): Lírio-dos-tintureiros (*Reseda luteola* L.)

Pigmento do desenho: Lírio-dos-tintureiros (*Reseda luteola* L.)

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: 3692 Tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): Século XVI - XVII

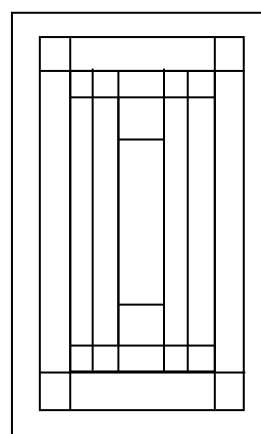
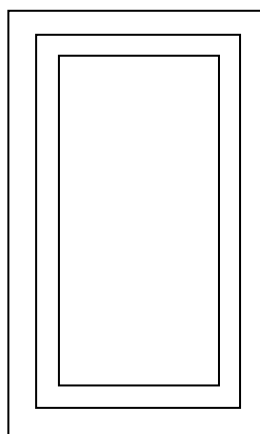
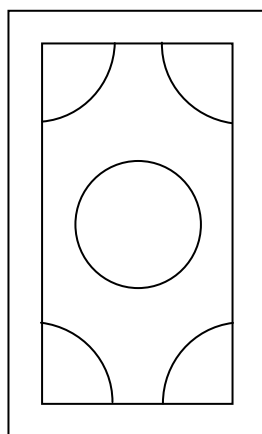
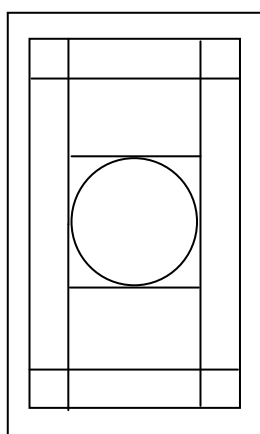
Centro de Produção (atrib.): Índia, Bengala

Dimensões: A. 330 x L. 280 cm

Estado de Conservação: Regular

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Colcha de campo rectangular central, a partir do qual se desenvolvem quatro faixas, em que a terceira é de maior dimensão. No rectângulo central que define o campo, surge representada a Justiça de Salomão, rodeada por uma faixa com enrolamentos e dragões aos cantos. A encimar esta composição, exibem-se três registos iconográficos: quatro figuras antropomórficas ladeando um grande coração trespassado, sucedidas por uma cabeça feminina envolta em folhas de acanto, e por fim, no topo, um Pelicano alimentando as crias. No fundo do campo, entre a cabeça feminina e o Pelicano, encontram-se figurados o Sol e a Lua, envoltos em estrelas e nuvens, adorados por quatro aves do paraíso (?). Em baixo, seguindo a mesma forma escalonada, encontra-se também três registos, com representação de motivos vegetalistas no primeiro, mulher ladeada por aves no segundo, e no terceiro, de forma semi-circular, o que aparenta ser um anjo. Tal como na zona superior, o fundo do campo é preenchido por mamíferos e aves, destacando-se as figurações de cupido (?) e da Hidra de Sete Cabeças. Nos cantos, inscritas em quartos de círculo, surgem quatro cenas da História de Judite.

Cercaduras

A primeira cercadura (interior) apresenta sucessão bustos humanos com enrolamentos vegetalistas brotando da cabeça alternados por dragão; nos cantos, leões passantes. Na segunda cercadura encontram-se figurações de barcos, ao centro de cada lado do rectângulo, a partir dos quais se desenvolvem representações de figuras humanas entre peixes e monstros marinhos; nos cantos, figuras femininas com instrumentos musicais. A terceira, por sua vez, exibe sucessão de figuras femininas híbridas, alternadas por águia bicéfala envolta em enrolamentos; ao centro de cada lado, dispõem-se representações da mitologia clássica (um Cupido, uma cena da História de Arion, uma figura tocando uma trombeta e montando uma ave e uma Fénix (?); aos cantos, Hero e Leandro, Hércules lutando com animal fantástico, figura híbrida com tronco de veado tocando instrumento de sopro e figura humana montando um golfinho. A última cercadura reproduz cenas de caça, como é habitual nas colchas desta tipologia, muitas vezes associadas à região de Bengala. Os cantos são decorados com leões rompantes.

Tarjas

As tarjas são idênticas em toda a peça, e formadas por repetição de motivo de círculos concêntricos, com contorno e linha e ponto, rematada por duas linhas contínuas.

Outros elementos

Franja em seda amarela.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☒

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Algodão	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Algodão	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá.

Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	79,5	70	75	61	-
OURELA	?	?	?	?	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	?	?	?	?	-
OURELA	?	?	?	?	-

Obs.

Telas de qualidade idêntica na frente e no verso.

Tipo de costura

FRENTE
Não foi possível fotografar.
VERSO
Não foi possível fotografar.

	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	-	-
SOBREPOSTAS	X	X
DOBRA	X	X
OURELA-OURELA	-	-

Observações

--	--	--	--

ESQUEMA DE CONSTRUÇÃO

Disposição dos panos:

Frente – SEQUENCIAL (AAAB)

Enchimento entre telas: SIM ☐ NÃO ☒

Observações

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	X	-	-	-
BORDADO CONTORNO	-	X	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	-	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	ROSA
CAMPO	X	-	-	-	-	-	X
CERCADURA	X	-	-	-	-	-	X
TARJAS	X	-	-	-	-	-	X

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	-	-	-
TIPO	<i>Tussah</i>	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	Ocasional
BORDADO CONTORNO	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	X	-	Sim

Execução

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE



SIM



NÃO

Obs. Corante com especto ferroso, habitual nas oficinas portuguesas do período.

CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Intervenções (anteriores)

Análises de corantes e materiais

Peça amostrada e analisada pela primeira vez. Análises de Ana Claro (2013).

FIBRAS

Seda *Tussah* (bordado) + algodão (suporte)

CORANTES

Amarelo: Provavelmente não tingido; cor natural

Amarelo (franja): Trovisco (*Daphne gnidium* L.) e pau-brasil (*Caesalpinia sappan*)

Suporte de algodão e seda *Tussah* parecem apontar para uma origem indiana.

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: 3703 Tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): Século XVII

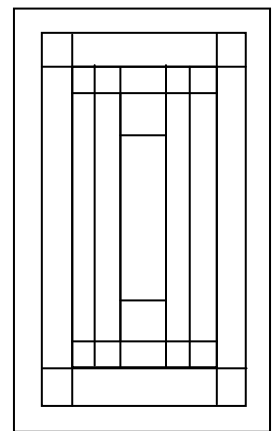
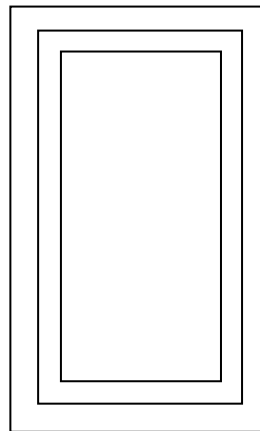
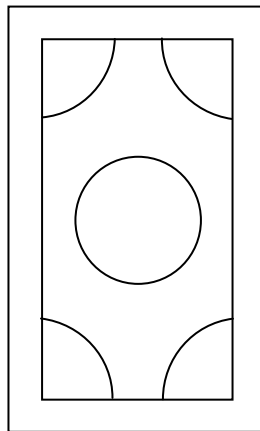
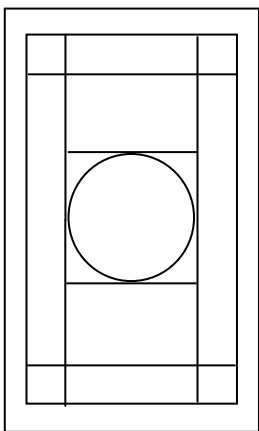
Centro de Produção (atrib.): Índia

Dimensões: A. 270 x L. 235 cm

Estado de Conservação: Mau

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Campo decorado com medalhão central e quartos de círculo aos cantos. O medalhão organiza-se segundo três registos: no central, exibe um escudo de armas com cinco estrelas; no segundo registo, motivos fitomórficos; no terceiro, mais exterior, decoração com flores estilizadas e também motivos fitomórficos. O fundo do campo apresenta cavaleiros e animais isolados, figurações de cenas de caça e ainda plantas. A fauna e flora parecem ser europeias. O fundo do campo é decorado em toda a sua extensão com grelha de losângulos. No ângulos, encontram-se representadas laçadas.

Cercaduras

Cercadura com figuração de animais terrestres e animais fantásticos, entre motivos fitomórficos e mascarões. Aos cantos encontram-se representados motivos fitomórficos formando um coração.

Tarjas

Motivo de dupla laçada alternado por flor de oito pétalas.

Outros elementos

Galão em redor da peça (quase sem franja); seda amarela.

Originais: SIM ☒ NÃO ☐ INDETERMINADO ☐

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Algodão	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Algodão	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá.

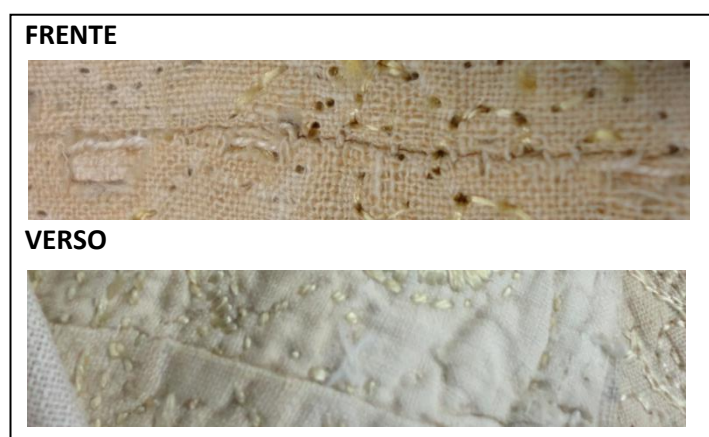
Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	45	90	92		-
OURELA	SIM (direita) CORT. (esquerda)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	-	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	42	90	95	.	-
OURELA	IND.	IND.	IND.	.	-

Obs.

Não foi possível observar as ourelas do verso da peça, uma vez que as costuras se encontram em muito bom estado de conservação, não apresentando aberturas que permitam a observação das mesmas. Telas muito finas e idênticas na frente e no verso.

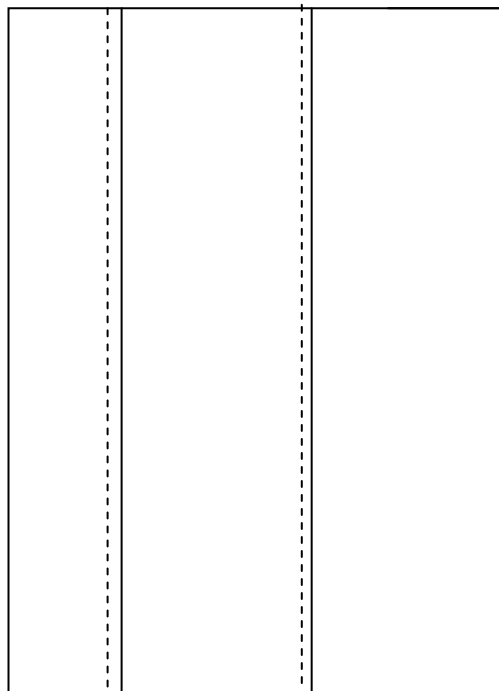
Tipo de costura



	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	-	-
SOBREPOSTAS	X	X
DOBRA	X	X
OURELA-OURELA	-	-

Observações

O tratamento das costuras frontais e do verso é distinto, sendo as últimas mais grosseiras.



ESQUEMA DE CONSTRUÇÃO

Disposição dos panos:

Frente – SEQUENCIAL (BAA)

Verso – SEQUENCIAL (BAA)



Enchimento entre telas: SIM ☒ NÃO ☐

Observações

Aparenta tratar-se de filança de algodão.

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	X	X	X	-	-
BORDADO CONTORNO	-	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	X	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	ROSA
CAMPO	X	-	-	-	-	-	X
CERCADURA	X	-	-	-	-	-	X
TARJAS	X	-	-	-	-	-	X

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	-	-	-
TIPO	<i>Bombyx mori</i>	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	X
BORDADO CONTORNO	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	X	-	X

Execução

Execução cuidada, com retrós fino e bordado de grande pormenor. O desenho do verso reproduz o bordado da frente.

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☐ SIM ☒ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Peça bastante intervencionada, sendo por vezes difícil distinguir o que se trata de bordado original e restauro.

Peça amostrada e analisada pela primeira vez.

Resultados Doutora Ana Claro (2013)

Fibras

Seda *bombyx mori* (bordado) + algodão (suporte).

Corantes

Amarelo escuro (bordado): Lírio-dos-tintureiros (*Reseda luteola* L.) + Tanino

Amarelo claro (bordado): Lírio-dos-tintureiros (*Reseda luteola* L.) + Tanino

Amarelo (franja): Lírio-dos-tintureiros (*Reseda luteola* L.) + Pau vermelho ou Sappan wood (*Caesalpinia sappan* L.)

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: 3704 Tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): Século XVII (início)

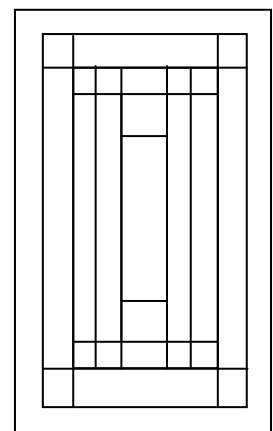
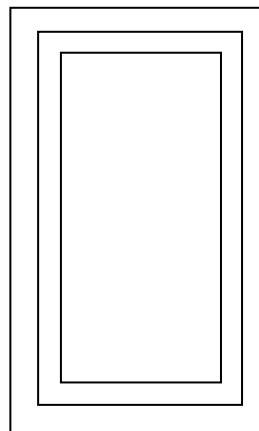
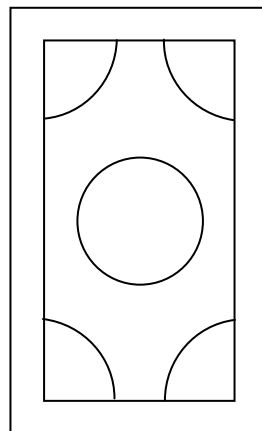
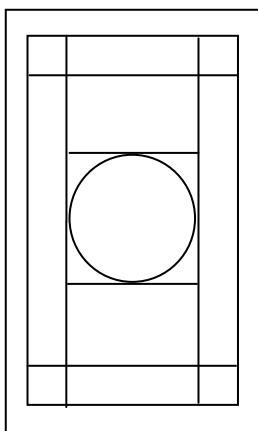
Centro de Produção (atrib.): Índia

Dimensões: A. 259 x L. 195 cm

Estado de Conservação: Bom

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Colcha amarela de bordado polícromo com figuração central de coração coroado ladeado por duas águias. O fundo é totalmente preenchido por flores de várias cores simetricamente dispostas em relação ao eixo central. Nos cantos surgem najas coroadas e com laços nas caudas, segurando os caules das flores que brotam em direcção ao centro do campo. As figuras são ladeadas por dois animais, os únicos na peça para além das águias ao centro. As najas da zona superior encontram-se invertidas.

Cercaduras

A cercadura segue a mesma opção decorativa do campo, exibindo flores entrelaçadas. Aos cantos exibem-se igualmente najas com laços nas caudas. As suas cromias encontram invertidas em relação às figuras do campo. Também aqui a decoração se multiplica segundo um eixo central. Também na cercadura as najas da zona superior se encontram invertidas.

Tarjas

As tarjas apresentam decoração contínua de flores.

Outros elementos

Galão em redor da peça (quase sem franja); seda amarela

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☒

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Seda (bombyx mori)	Amarela
INTERIOR	-	-
VERSO	Linho	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá.

Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	75	18	19	74	-
OURELA	IND.	IND.	IND.	IND.	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	75	18	19	74	-
OURELA	IND.	IND.	IND.	IND.	-

Obs.

As costuras da frente e do verso são coincidentes. Não foi possível observar as ourelas tanto na frente como no verso, devido à construção da colcha: contrariamente ao observado em outras peças, a tela da frente e do verso são trabalhadas em conjunto, sendo cada um dos panos de linho e seda sobrepostos, dobrados em conjunto e posteriormente cosidos. A peça apresentava também um forro não original, mas anterior à sua entrada no museu. Por estar em bom estado de conservação, não foi possível a sua abertura para observar as costuras do verso. Pelo observado, os remates dos fios do bordado, no verso da peça, não são cuidados. Tela do verso mais grosseira.

Tipo de costura

FRENTE



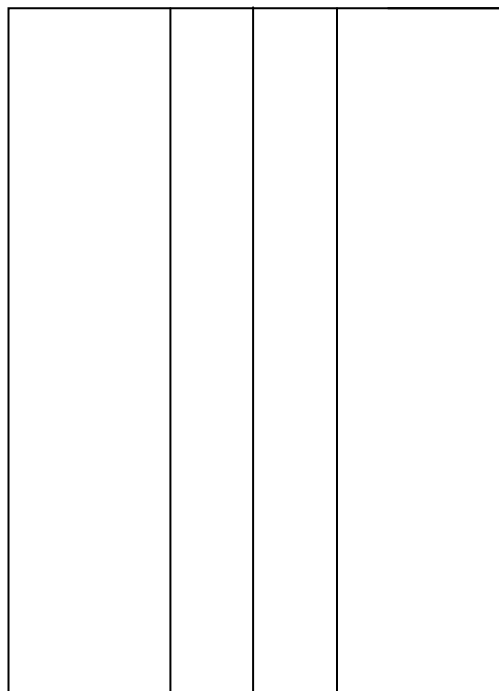
VERSO

(Não foi possível fotografar)

	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS		
SOBREPOSTAS	X	X
DOBRA	X	X
OURELA-OURELA		

Observações

Pelo que foi possível observar do verso da peça, parece-nos que o tratamento das costuras é menos cuidado comparativamente à frente.

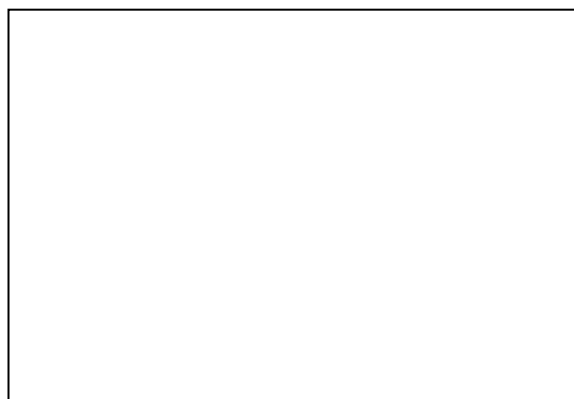


ESQUEMA DE CONSTRUÇÃO

Disposição dos panos:

Frente – INTERCALADO (ABBA)

Verso – INTERCALADO (ABBA)



Enchimento entre telas: SIM ☐ NÃO ☒

Observações

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	X	-	-	-	-
BORDADO CONTORNO	-	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	? (*)	? (*)	-	-	-	-

(*) Não foi possível observar o verso

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	LARANJA
CAMPO	X (2)	X (2)	X (1)	X	X	X	X
CERCADURA		-	-	-	-	-	
TARJAS		-	-	-	-	-	

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	<i>Bombyx mori</i>	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	?
BORDADO CONTORNO	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	-	-

Execução

A execução do bordado apresenta um pormenor que a distingue das restantes peças observadas: na tela da frente, as linhas que delimitam o contorno das cercaduras e tarjas são interrompidas junto à costura da união dos panos, sendo bordadas a vermelho ao invés da cor que apresentam no resto da colcha.



Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☐ SIM ☒ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Peça amostrada e analisada pela primeira vez. Análises de Ana Claro.

Fibras

Seda *bombyx mori* (bordado) + seda *bombyx mori* (tela frontal)

Corantes [campo]

Laranja: Cártamo (*Carthamus tinctorius* L.)

Salmão: Cártamo (*Carthamus tinctorius* L.)

Amarelo-claro: não identificado

Rosa escuro: Laca indiana (*Kerria lacca* Kerr)

Rosa claro: Cochinilha (*Porphyrophora* spp.; *Dactylopius* spp.)

Azul: Índigo (*Indigofera* spp.; *Isatis* spp.; *Wrightia* spp.)

Azul escuro: Índigo (*Indigofera* spp.; *Isatis* spp.; *Wrightia* spp.)

Azul médio: Índigo (*Indigofera* spp.; *Isatis* spp.; *Wrightia* spp.)

Verde-claro: Sofora (*Sophora japonica* L.) + Índigo (*Indigofera* spp.; *Isatis* spp.; *Wrightia* spp.)

+ Berbére-japonês (*Berberis thunbergii* DC.)

Verde-escuro: Berbére-japonês (*Berberis thunbergii* DC.) + Índigo (*Indigofera* spp.; *Isatis* spp.; *Wrightia* spp.)

Castanho (cercadura): Sappan wood (*Caesalpinia sappan* Linnaeus) + Berbére-japonês (*Berberis thunbergii* DC.) + amarelo não identificado

Corantes [franjas]

Vermelho (franja): Laca indiana (*Kerria lacca* Kerr)

Azul (franja): Índigo (*Indigofera* spp.; *Isatis* spp.; *Wrightia* spp.)

Verde (franja): Bagas amarelas chinesas (*Sophora japonica*) e Índigo (*Indigofera* spp.; *Isatis* spp.; *Wrightia* spp.)

Amarelo (franja): YellowTR27, 5min

Corantes [borlas]

Castanho (borla): Sappan wood (*Caesalpinia sappan* Linnaeus)

Amarelo (borla): Açafrão da Índia (*Curcuma longa* L.)

Azul (borla): Índigo (*Indigofera* spp.; *Isatis* spp.; *Wrightia* spp.)

Verde (borla): Índigo (*Indigofera*; *Strobilanthes*; *Isatis*; *Polygonum*) + Ácido flavoquermésico

Vermelho (borla): Laca indiana (*Kerria lacca* Kerr)

Corantes [forro]

Castanho (forro): Tanino + Garança (*Rubia peregrina* L.)

Vermelho (forro): Tanino + Garança (*Rubia peregrina* L.)

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: 3719 Tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): Século XVII- XVIII

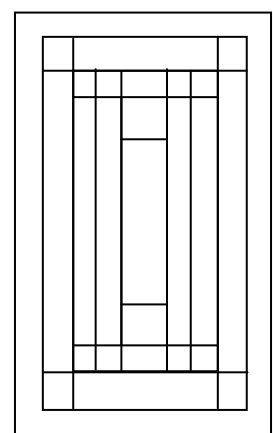
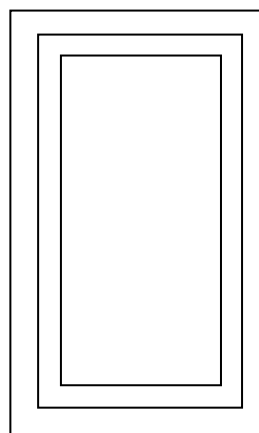
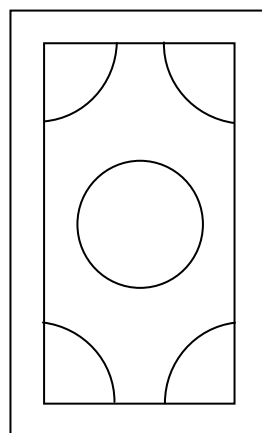
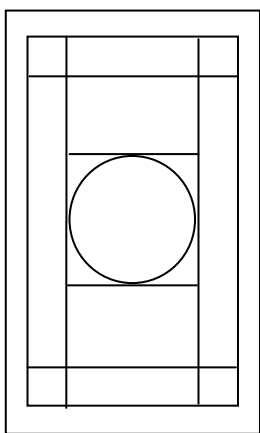
Centro de Produção (atrib.): Portugal (?)

Dimensões: A. 281 x L. 197

Estado de Conservação: Bom

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO



ICONOGRAFIA

Campo

Campo rectangular totalmente preenchido com motivos vegetalistas (flores e ramagem), que se desenvolvem simetricamente a partir do eixo central vertical. Ao centro, dispõe-se um florão rodeado por pequenos motivos de pétalas ou folhas.

Cercaduras

Os motivos decorativos da cercadura são idênticos aos do campo, mas com um motivo adicional: uma flor em ponteados semelhante a uma proteia, cuja decoração, com pontos de nó, se assemelham a outros exemplares do *corpus*.

Tarjas

Apresentam repetição de motivo simples, formado por botão de flor com três pétalas e folhagem.

Outros elementos

Franja de seda amarela.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☒

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Algodão	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Algodão	Branco

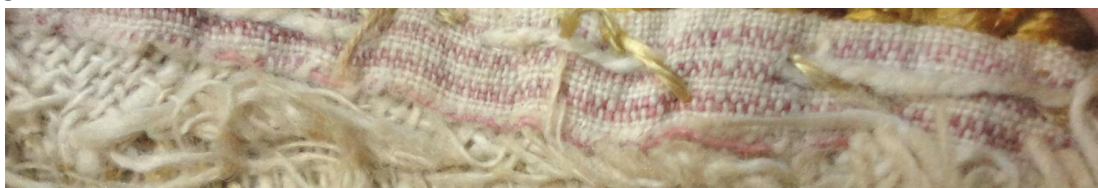
Construção do tecido (ponto): Tafetá.

Largura dos panos das telas (em centímetros)

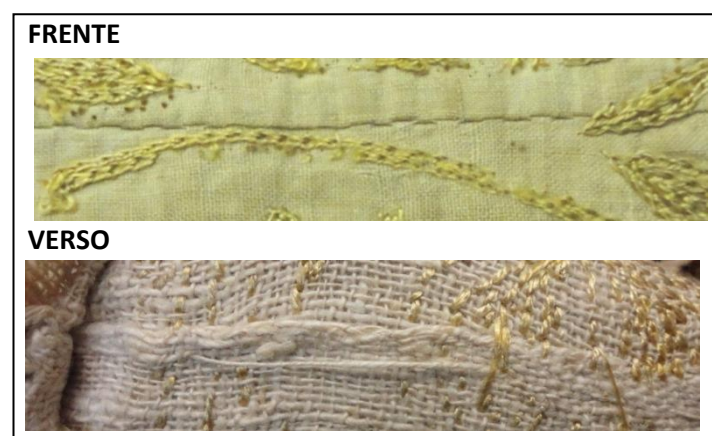
	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	76	40	78	-	-
OURELA	IND.	IND.	IND.	-	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	70,5	5	42	76	-
OURELA	IND.	IND.	IND.	IND.	-

Obs.

Tal como observado noutros exemplares, surgem tramas cor-de-rosa na tela frontal. Tela do verso mais grosseira.



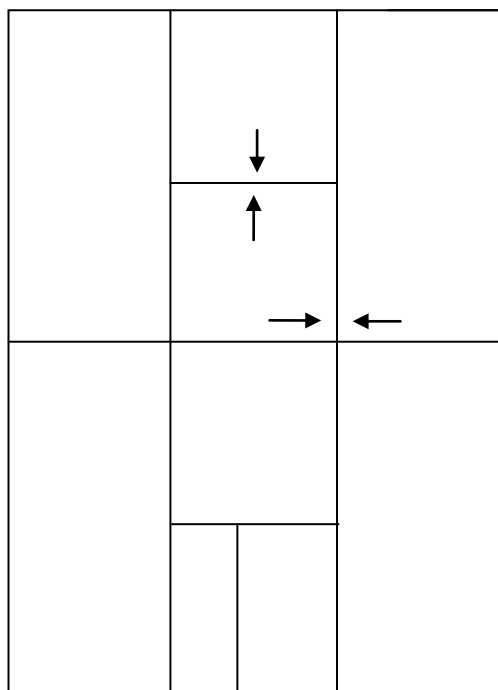
Tipo de costura



	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	-	-
SOBREPOSTAS	X	X
DOBRA	X	X
OURELA-OURELA	-	-

Observações

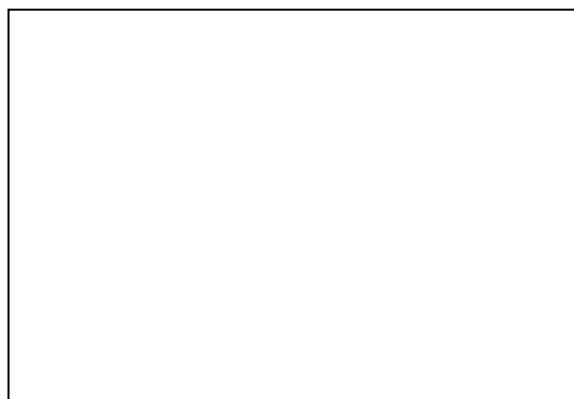
De entre as peças observadas, esta colcha é um dos exemplares que evidencia um tratamento menos cuidado no que respeita à construção e decoração. A tela frontal é fina, embora menos do que alguns dos exemplares de Bengala, mas é formada por diversos retalhos de panos. A tela do verso é bastante grosseira, com grande espaçamento entre teias e tramas, e a sua construção e decoração pouco cuidadas comparativamente à tela frontal.



ESQUEMA DE CONSTRUÇÃO

Disposição dos panos:

Não foram utilizados panos únicos dispostos na vertical na tela frontal. Foram encontradas diversas ourelas (assinaladas com seta), mas em panos distintos, o que não nos possibilitou averiguar com precisão a largura do tear em que os mesmos foram produzidos. Não nos foi também possível determinar a forma dos panos do verso; no entanto, as dimensões retiradas na zona inferior da colcha parecem apontar para um esquema irregular semelhante no verso.



Enchimento entre telas: SIM ☐ NÃO ☒

Observações

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	-	-	-	-
BORDADO CONTORNO	-	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	-	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRO
CAMPO	X	-	-	-	-	-	-
CERCADURA	X	-	-	-	-	-	-
TARJAS	X	-	-	-	-	-	-

Material do fio

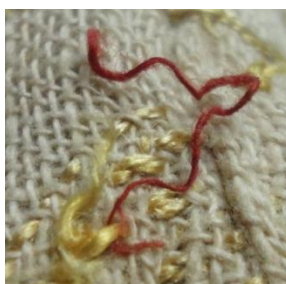
	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	<i>Bombyx mori</i>	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	X
BORDADO CONTORNO	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	-	-

Execução

Os fios do bordado têm por vezes continuidade entre diferentes desenhos, não sendo, portanto, rematados sempre que surge um novo motivo decorativo. Foram encontradas linhas vermelhas e azuis presas pelo bordado original, o que pode indicar que na mesma oficina se produziam colchas com essas cores.



Observações

O bordado deverá ter sido aplicado antes da união dos panos, atendendo que alguns desenhos estão cortados.

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☒ SIM ☐ NÃO Obs. Pigmento rosado.



ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Peça amostrada e analisada pela primeira vez.

Resultados Doutora Ana Claro (2013)

Fibras

Seda *bombyx mori* (bordado) + Algodão (suporte)

Corantes

Amarelo (franja): Sappan wood (*Caesalpinia sappan* Linnaeus) + Açafrão da Índia (*Curcuma longa* L.)

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Fragmento de colcha

Nº de Inventário: 3750 Tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): Século XVI- XVII

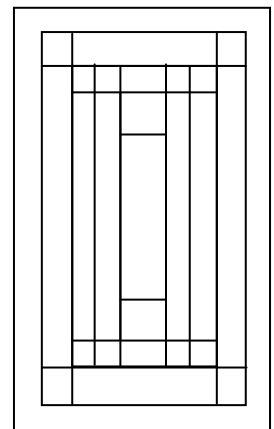
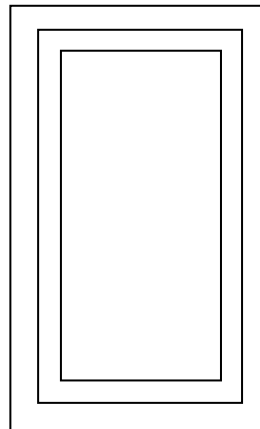
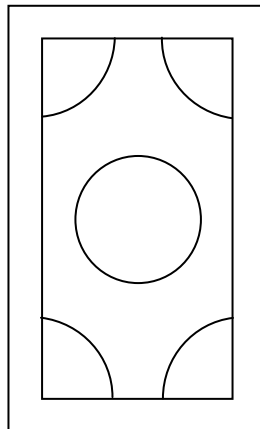
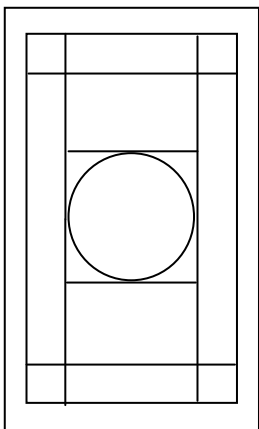
Centro de Produção (atrib.): Índia

Dimensões: A. 184 x L. 135 cm

Estado de Conservação: Bom

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Fragmento de peça constituído aproximadamente por um quarto da totalidade. Ao centro dispõe-se um escudo de armas episcopais (muito semelhante ao encontrado na peça de inventário nº 4574 Tec), com representação de árvore ladeada por dois leões.

Cercaduras

A colcha apresenta cinco faixas de cercaduras historiadas. A primeira, segunda e quarta exibem histórias do Antigo testamento identificadas com legendas em português, ladeadas por flores. Na terceira e quinta, surgem cenas de caça com homens trajados à europeia, armados com lanças e espingardas.

Tarjas

Todas as tarjas apresentam a mesma decoração: flor de oito pétalas alternadas por enrolamentos vegetalistas.

Outros elementos

Não existem borlas ou franjas.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☐

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Algodão	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Algodão	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá simples.

Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	18	84	32	-	-
OURELA	CORT. (esquerda) IND. (esquerda)	IND. (esquerda) IND. (direita)	IND. (esquerda) IND. (direita)	-	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	52	67	12	-	-
OURELA	SIM (esquerda) CORT. (direita)	IND. (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) IND. (direita)	-	-

Obs.

Não foi possível confirmar as ourelas dos panos da tela frontal, pois as costuras encontram-se em muito bom estado de conservação, não apresentando quaisquer aberturas. A observação das ourelas do verso não possibilitou a identificação da largura total de nenhum dos panos utilizados, não sendo assim possível reconstituir a dimensão do tear que os produziu. Tela frontal muito fina. Tela do verso mais grosseira.

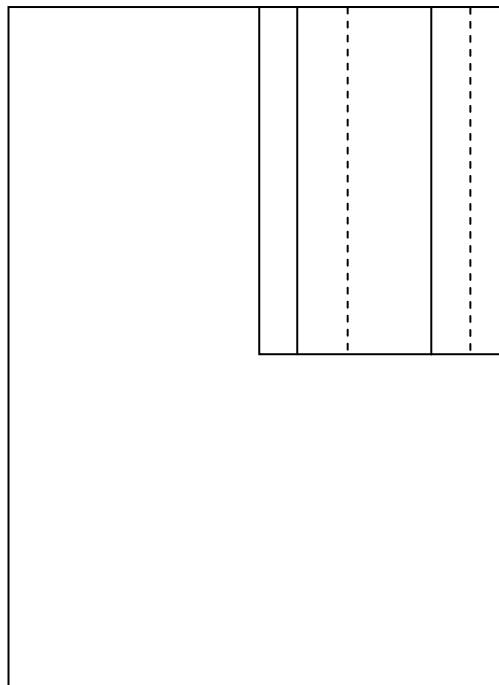
Tipo de costura



	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	-	-
SOBREPOSTAS	X	X
DOBRA	X	X
OURELA-OURELA	-	-

Observações

As costuras da tela frontal são bastante cuidadas e quase imperceptíveis, denunciando uma execução de grande qualidade. O verso não obedece aos mesmos critérios, apresentando costuras menos precisas.



ESQUEMA DE CONSTRUÇÃO

Disposição dos panos:

Frente – Indeterminado

Verso – Indeterminado



Enchimento entre telas: SIM ☒ NÃO ☐

Observações

Filagem de algodão.

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	-	-	-	-
BORDADO CONTORNO	X	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	X	-	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRO
CAMPO	X	-	X	-	-	-	-
CERCADURA	X	-	X	-	-	-	-
TARJAS	X	-	X	-	-	-	-

(*) Bordado de contorno a azul. Preenchimento e fundo bordados a amarelo.

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	<i>Tussah</i>	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	-
BORDADO CONTOURNO	X	-	OCASIONALMENTE ?
BORDADO DE FUNDO	X	-	X

Execução

Os pontos do bordado são muito pequenos e de grande precisão. Não se denota a utilização constante da mesma linha entre figuras distintas.

Observações

Foram encontradas linhas vermelhas e azuis presas pelo bordado original. Tal pode indicar que na mesma oficina se produziam colchas com estas cores.

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☐ SIM ☒ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Resultados Doutora Maria do Carmo Serrano (2007)

Fibras

Seda *Tussah*

Corantes

Azul: Índigo (*Indigofera tinctoria* L.) ou o pastel-dos-tintureiros (*Isatis tinctorium* L.)

Amarelo: Apesar de se tratar de seda tussah, foram encontrados produtos de degradação, o que atesta o recurso a corantes amarelos.

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: 4565 tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): Século XVII

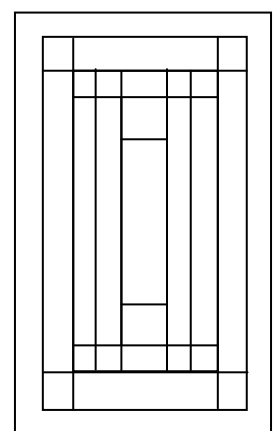
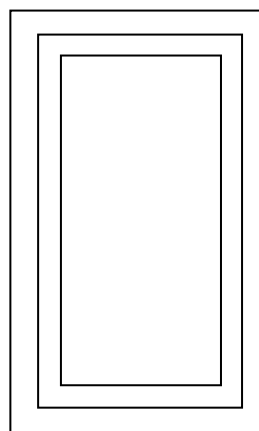
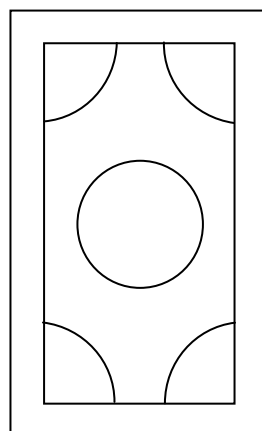
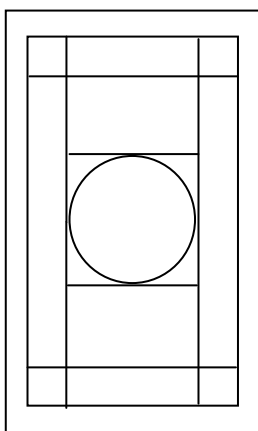
Centro de Produção (atrib.): Índia

Dimensões: Não registadas

Estado de Conservação: Bom

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO



ICONOGRAFIA

Campo

Campo de decoração geometrizzante. Campo rectangular com círculo ao centro, preenchido com outros motivos geométricos. Nos ângulos, motivo de quarto de círculo, de onde brotam três pétalas.

Cercaduras

Cercadura exterior com motivos de círculos alternados por motivos de triângulos e quadrados.

Tarjas

Simples, segundo três registros. Registos superior e inferior lisos, e central ornado com motivos geométricos.

Outros elementos

Não existem borlas ou franjas.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☐

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Algodão	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Algodão	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá.

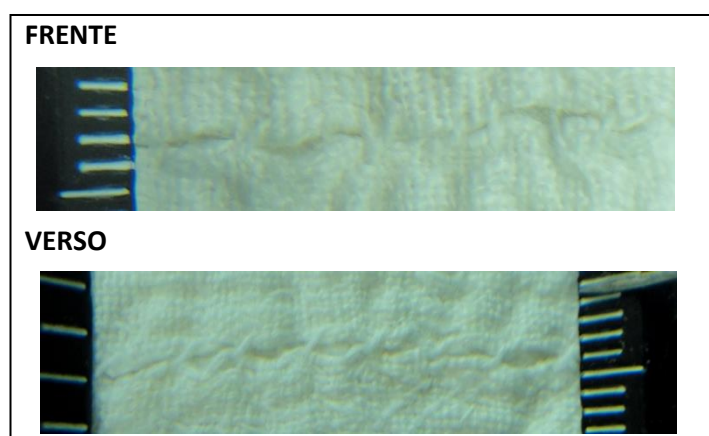
Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	28,5	47	47	47	29
OURELA	IND.	IND.	IND.	IND.	IND.
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	30,5	46	50	46	28
OURELA	SIM (direita) IND. (esquerda)	SIM (direita) IND. (esquerda)	SIM (direita) SIM (esquerda)	SIM (direita) SIM (esquerda)	IND. (direita) SIM (esquerda)

Obs.

Não foram encontradas ourelas nos panos da frente (inexistência de aberturas que possibilitassem a observação das mesmas). As costuras entre os Panos 1 e 2, e os Panos 4 e 5, separam exactamente o campo das cercaduras, pelo que poderão ter sido previamente bordados em separado. Porém, não foram observadas características técnicas ou formais os diferenciasssem. As características das telas da frente e do verso são idênticas, não havendo nenhum elemento que as diferencie (cor, textura, técnica, etc).

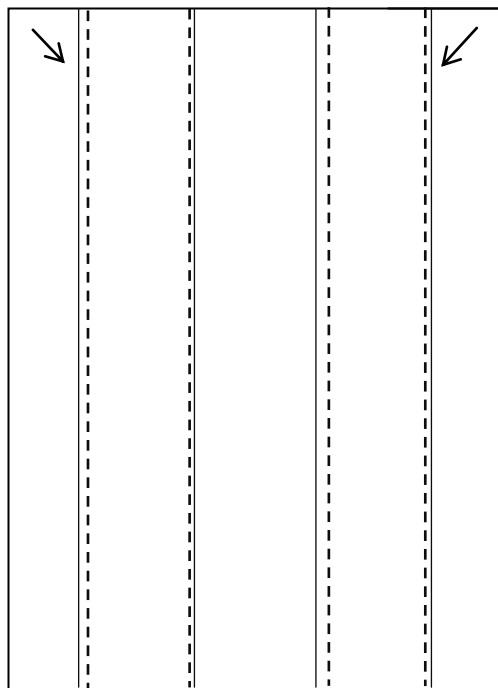
Tipo de costura



	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	X	X
SOBREPOSTAS	-	-
DOBRA	X	X
OURELA-OURELA	-	-

Observações

As costuras da tela frontal são bastante cuidadas e quase imperceptíveis, denunciando uma execução de grande qualidade. As costuras do verso são ligeiramente mais grosseiras e a linha mais evidente.



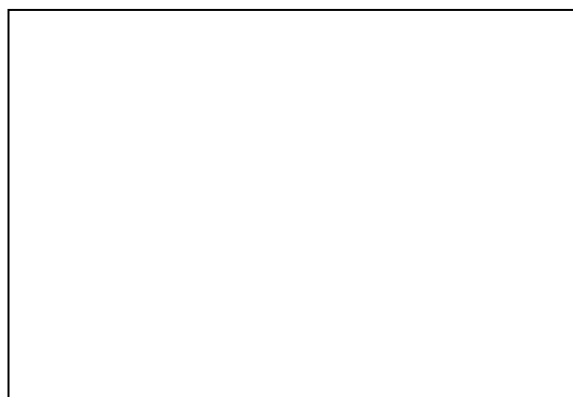
ESQUEMA DE CONSTRUÇÃO

Disposição dos panos:

Frente – INTERCALADO (BAAAB)

Verso – INTERCALADO (BAAAB)

Observações: As setas indicam as costuras que separam as cercaduras do campo.



Enchimento entre telas: SIM ☒ NÃO ☐

Observações

Filagem de algodão muito fina e apenas visível à lupa, pelo que não foi possível fotografar.

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	-	X	-	-	-	-
BORDADO CONTORNO	-	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	X	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRO
CAMPO	-	-	-	-	-	X	-
CERCADURA	-	-	-	-	-	X	-
TARJAS	-	-	-	-	-	X	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	-	X	-
TIPO	-	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	X
BORDADO CONTORNO	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	X	-	X

Execução

A execução do bordado faz sobressair o aspecto acolchoado da peça.

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☐ SIM ☒ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Peça amostrada e analisada pela primeira vez. Análises de Ana Claro.

Fibras

Algodão (bordado) + Algodão (suporte)

Corantes

Inexistentes.

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Pano de Armar / Colcha

Nº de Inventário: 4574 Tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): Século XVI – XVII

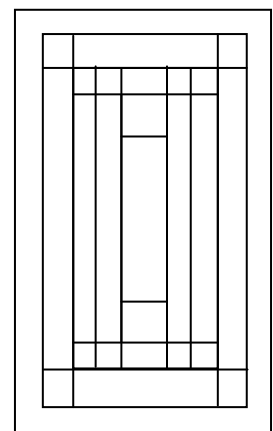
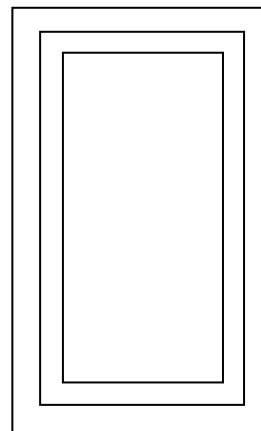
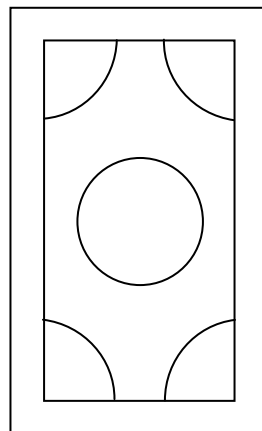
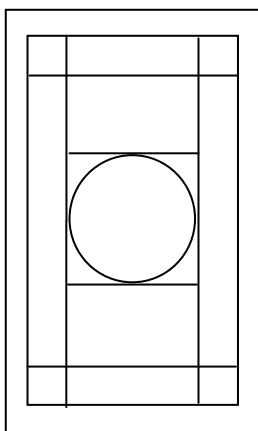
Centro de Produção (atrib.): Índia

Dimensões: A. 328 x L. 281 cm

Estado de Conservação: Bom

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO



ICONOGRAFIA

Campo

Campo formado por rectângulo, onde se exhibe um escudo de armas episcopal com figuração de leões entre árvores. O escudo encontra-se rodeado por quatro qaurtos de círculo e dois semi-círculos com cenas historiadas e é encimado por um busto.

Cercaduras

Peça formada por quatro cercaduras, com iconografias de natureza distinta. Partindo do centro, a primeira e terceira cercaduras exibem cenas bíblicas identificadas por legendas em português, separadas entre si por retângulo, de menor dimensão, com cenas de género. A segunda e quarta cercaduras são decoradas com cenas de caça e do quotidiano.

Tarjas

Tal como surge para a colcha nº 3750 Tec, também aqui podemos encontrar dois tipos de tarjas: o primeiro é formado somente por flor de oito pétalas redondas, enquanto o segundo exhibe flor de oito pétalas pontiagudas, envolto em folhagens.

Outros elementos

Franja e borlas em seda amarela.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☒

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Algodão	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Algodão	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá.


Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	32,5	78	81,5	79	-
OURELA	IND.	IND.	IND.	IND.	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	13	66	63	68	63
OURELA	IND.	IND.	IND.	IND.	IND.

Obs.

Não foi possível determinar a existência de ourelas uma vez que as costuras são muito pequenas, quase imperceptíveis, e se encontram em muito bom estado de conservação. Não existiam aberturas no verso que possibilitassem a identificação das ourelas. As telas muito finas, de igual qualidade na frente e no verso.

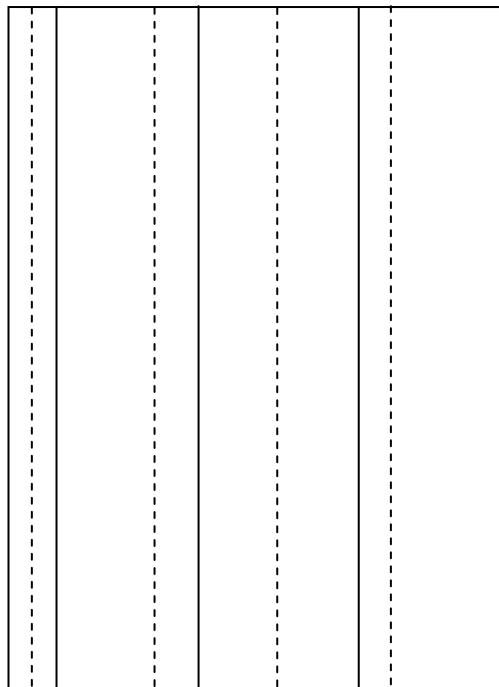
Tipo de costura

FRENTE (Não foi possível fotografar)
VERSO 

	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	-	-
SOBREPOSTAS	X	X
DOBRA	X	X
OURELA-OURELA	-	-

Observações

Costuras do verso menos cuidadas.



Esquema de construção (aproximado)

Disposição dos panos:

Frente – SEQUENCIAL (BAAA)

Verso – SEQUENCIAL (BAAAA)



Enchimento entre telas: SIM ☐ NÃO ☒

Observações

Não foi possível determinar a existência de material de enchimento pela ausência de aberturas, quer na frente, quer no verso da peça.

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	-	-	-	-
BORDADO CONTORNO	X	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	X	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRO
CAMPO	X	-	X	-	-	-	-
CERCADURA	-	-	-	-	-	-	-
TARJAS	-	-	-	-	-	-	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	<i>Tussah</i>	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	-
BORDADO CONTORNO	X	-	OCASIONALMENTE ?
BORDADO DE FUNDO	X	-	-

Execução

Execução do bordado muito rigorosa, tratando-se de um dos exemplares de melhor qualidade.

Alguns dos retroses azuis encontrados no verso correspondem a remates. Cremos tratar-se de retroses de restauros.

Os pontos são muito pequenos e a sua dimensão é constante.

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☐ SIM ☒ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Resultados Doutora Maria do Carmo Serrano (2007)

Corantes

Azul: Índigo (*Indigofera tinctoria* L.) ou o pastel-dos-tintureiros (*Isatis tinctorium* L.)

Resultados Doutora Ana Claro (2013)

Fibras

Seda *Tussah* (bordado) + Algodão (suporte)

Corantes

Amarelo: não tingido; cor natural.

Amarelo (franja): corante amarelo não identificado

Azul: Índigo (*Indigofera*; *Strobilanthes*; *Isatis*; *Polygonum*) [índigo asiático - mais indirubina do que indigotina]

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Pano de Armar

Nº de Inventário: 4575 Tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): Século XVII

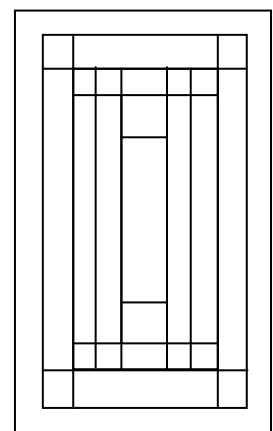
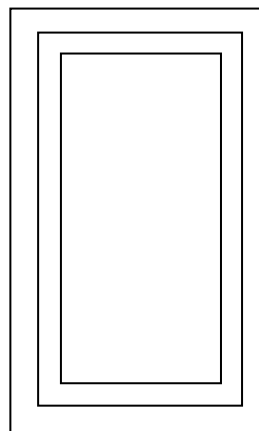
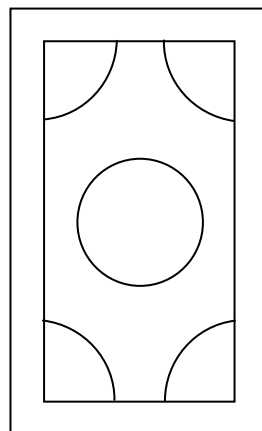
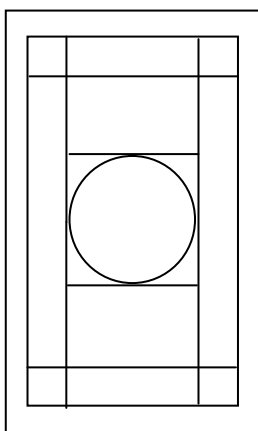
Centro de Produção (atrib.): Índia, Guzarate

Dimensões: A. 311 x L. 278 cm

Estado de Conservação: Regular

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Campo totalmente preenchido por cenas de batalhas, onde podem ser observadas espingardas e bocas de fogo. O recurso a diferentes cores para o tratamento dos rostos dos personagens parece indicar que os mesmos são de nacionalidades distintas. A decoração do lado esquerdo da peça é fortemente compartimentada segundo dez registos horizontais sobrepostos, e representa a caminhada ordenada dos soldados até à Batalha. A confrontação dos exércitos é representada a partir do centro da peça, e em direcção ao lado esquerdo da mesma, transformando-se numa representação livre que se difunde no espaço. Sobressaem especialmente duas representações, nos lados superior e inferior direitos, onde exibem, respectivamente, uma floresta e o que aparenta ser uma cidade fortificada.

Cercaduras

Cercadura única, rodeando toda a peça, com figuração de cenas de caça a pé e a cavalo. Homens trajados à europeia.

Tarjas

Tarja formada por repetição de flor de cinco pétalas, em forma de cálice, entre folhagens. A forma desta flor é distinta das habitualmente representadas nas colchas indianas, geralmente em forma de bonina.

Outros elementos

Não existem.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☐

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Seda	Azul
INTERIOR	-	-
VERSO	Algodão	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá.

Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	92	93	93		
OURELA	IND. (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) IIND. (direita)	SIM (esquerda) IIND. (direita)		
INTERIOR					
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	38	81	72	86	
OURELA	SIM (esquerda) CORT. (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	

Obs.

Foram encontradas tramas cor-de-rosa na tela do verso. Telas finas, de idêntica qualidade na frente e no verso.



Tipo de costura

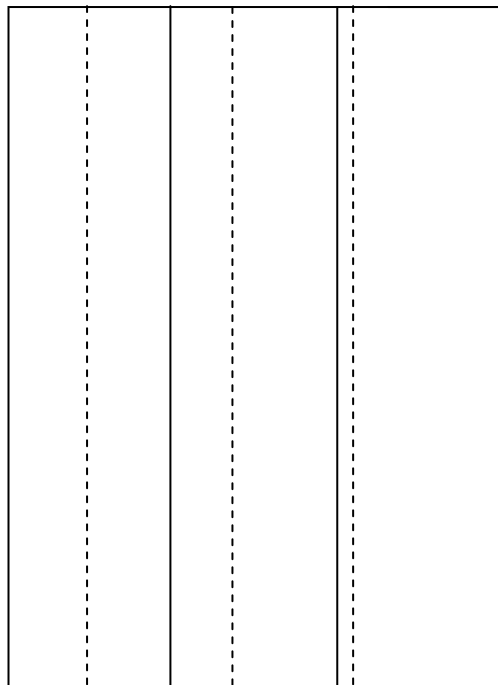


	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	-	-
SOBREPOSTAS	X	X
DOBRA	X	X (*)
OURELA-OURELA	-	-

(*) costuras sobrepostas mas sem dobra, em alguns casos

Observações

Cremos que algumas das costuras não foram executadas com dobra, para que ficassem mais dissimuladas sob a tela de seda.



Esquema de construção (aproximado)

Disposição dos panos:

Frente – SEQUENCIAL (AAA)

Verso – SEQUENCIAL (BAAA)



Enchimento entre telas: SIM ☐ NÃO ☒

Observações

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	-	-	-	-
BORDADO CONTORNO	X	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	-	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRO
CAMPO	X	X (2)	X (2)	-	-	X	rosa salmão bege púrpura
CERCADURA	X	X (2)	X (2)	-	-	X	rosa salmão bege púrpura
TARJAS	-	X	X	-	-	X	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	<i>Bombyx mori</i>	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	OCASIONALMENTE
BORDADO CONTORNO	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	-	-

Execução

Fio do bordado muito fino. Execução de grande qualidade, com pontos muito pequenos.

Observações

--

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☐ SIM ☒ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Resultados Doutora Maria do Carmo Serrano (2007)

Fibras

Seda *bombyx mori* (bordado)

Corantes

Azul: Índigo (*Indigofera tinctoria* L.) ou o pastel-dos-tintureiros (*Isactis tinctorium* L.)

Rosa: Laca (*Kerria laca*, Kerr)

Grená: Laca (*Kerria laca*, Kerr) e ácido elágico

Vermelho: Laca (*Kerria laca*, Kerr)

Salmão: Quermes (*Kerria laca*, Kerr) e granza (*Rubia tinctorum* L.)

Amarelo: Quermes (*Kerria laca*, Kerr) e granza (*Rubia tinctorum* L.)

Púrpura: laca (*Kerria laca*, Kerr) e índigo (*Indigofera tinctoria* L.) ou pastel-dos-tintureiros (*Isactis tinctorium* L.)

Bege: produtos de degradação

Branco: produtos de degradação

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Guarda-porta

Nº de Inventário: 4581 tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): Século XVII

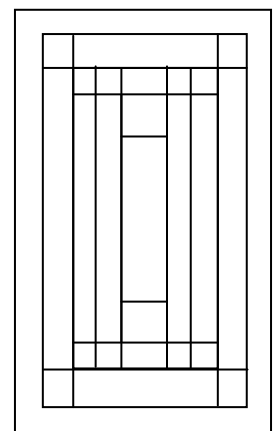
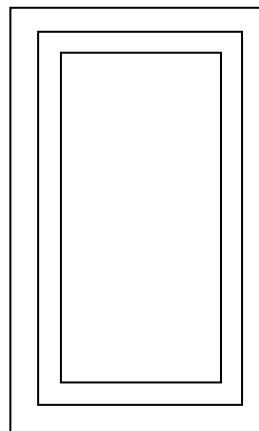
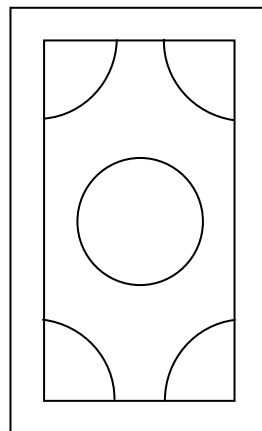
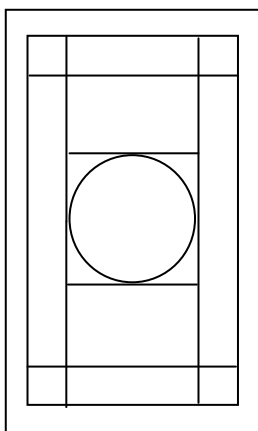
Centro de Produção (atrib.): Índia, Bengala

Dimensões: A. 255,5 x L. 311 cm

Estado de Conservação: Bom

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Campo composto por medalhão central de quatro círculos concêntricos, rodeado por quartos de círculo aos cantos. No centro do medalhão dispõe-se a "Justiça", representada por uma figura feminina segurando uma balança e uma espada, a partir da qual se desenvolvem os três círculos concêntricos, de decoração vegetalista. Os cantos do campo apresentam cenas da mitologia clássica legendadas: "Piramo Tisbe", "Acteon", "Diana Sireno" e "Palas Junus Venus". O fundo do campo é totalmente preenchido por pavões entre motivos vegetalistas.

Cercaduras

O campo é rodeado por três cercaduras. A primeira e terceira, mais estreitas, representam várias cenas entre caçadas, jogos de guerra (?), europeus a jogar xadrez e panteões hindus com seus fiéis trajados à indiana. Aos cantos, exibem figuras fantásticas: a primeira, uma sereia alada segurando cornucópias; a segunda, uma figura semelhante a Medusa ladeada por duas serpentes aladas. A cercadura do meio, mais larga, apresenta enrolamentos vegetalistas de cariz islâmico, pontuados por animais (elefantes, aves, cervídeos, entre outros). Aos cantos a composição é interrompida por medalhões com figuras masculinas, e ao centro, por medalhões com figuras femininas, todos trajados à moda europeia da época. As quatro masculinas encontram-se em posições diferentes, enquanto as femininas se encontram sempre dispostas na vertical de acordo com o sentido da decoração. As figuras do lado superior da peça encontram-se invertidas.

Tarjas

Simples, segundo três registos. Registos superior e inferior com sequência simples de pontos. Registo central, mais largo, com motivos geométricos em forma de diamante, como ponto ao centro (semelhante a efeito de escama).

Outros elementos

Não existem borlas ou franjas.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☐

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Algodão	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Algodão	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá simples.

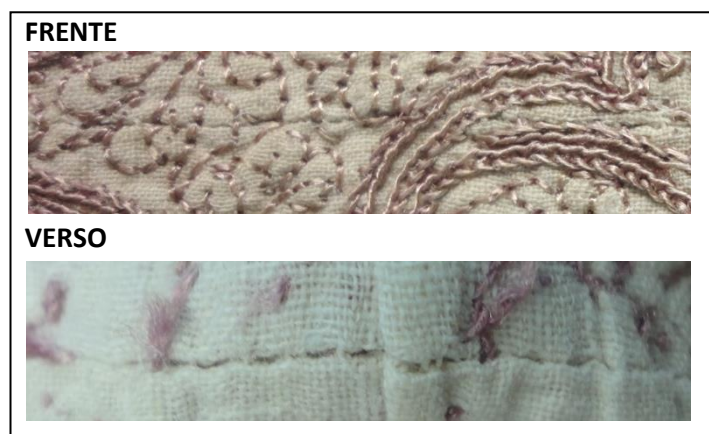
Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	70	35	73	72	-
OURELA	IND.	IND.	IND.	IND.	IND.
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	15	68	69	33	68
OURELA	IND.	IND.	IND.	IND.	IND.

Obs.

Não foi possível determinar a existência das ourelas dos panos, uma vez que tanto os panos como as costuras se encontram em muito bom estado de conservação, não apresentando quaisquer aberturas que permitissem a sua observação. Telas da frente e do verso muito finas e de idêntica qualidade.

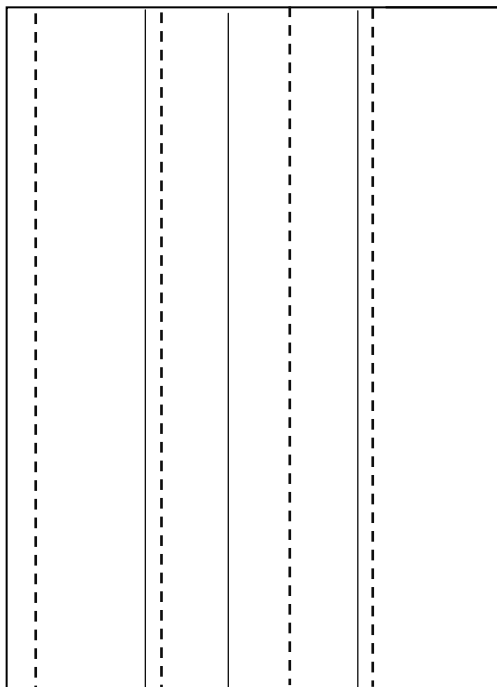
Tipo de costura



	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	X	X
SOBREPOSTAS	-	-
DOBRA	X	X
OURELA-OURELA	-	-

Observações

As costuras da tela frontal são bastante cuidadas e quase imperceptíveis, denunciando uma execução de grande qualidade. As costuras do verso são ligeiramente menos cuidadas, mas evidenciam igualmente grande qualidade na execução. Trata-se de uma das melhores peças do *corpus* analisado.

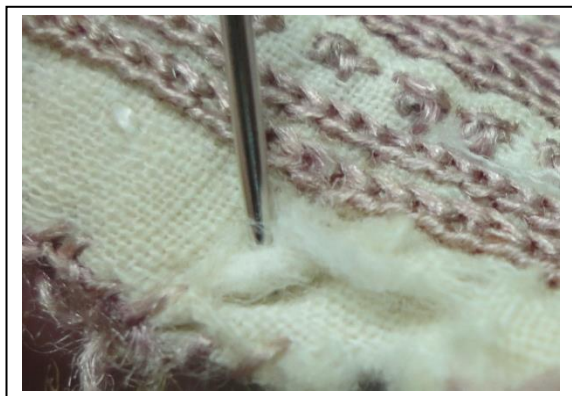


Esquema de construção (aproximado)

Disposição dos panos:

Frente – INTERCALADO (ABAA)

Verso – INTERCALADO (BAABA)



Enchimento entre telas: SIM ☒ NÃO ☐

Observações

Enchimento de filaça de algodão.

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	X	X	-	-	-
BORDADO CONTORNO	-	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	X	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRO
CAMPO	-	X	-	-	-	-	-
CERCADURA	-	X	-	-	-	-	-
TARJAS	-	X	-	-	-	-	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	<i>Tussah</i>	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	OCASIONALMENTE
BORDADO CONTORNO	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	X	-	X

Execução

Pontualmente surgem figuras preenchidas a ponto atrás. Nesses casos, tal como sucede para o bordado de fundo, o retrós do bordado prende também a tela do verso.

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☐ SIM ☒ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Resultados Doutora Maria do Carmo Serrano (2007)

Fibras

Seda *Tussah*

Corantes

Vermelho: Laca (*Kerria lacca*, Kerr)

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: 4582 tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): Século XVI-XVII

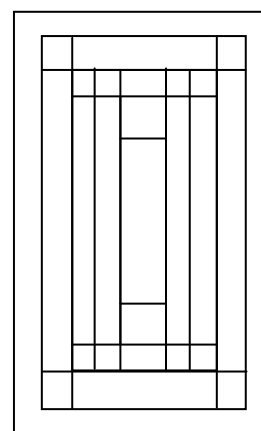
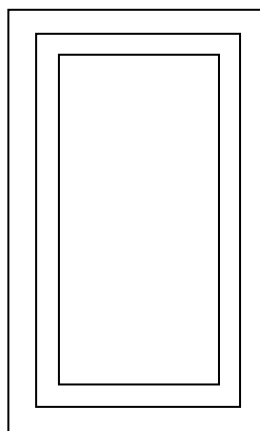
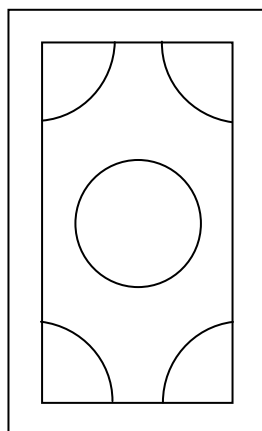
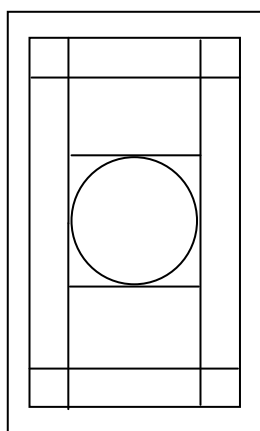
Centro de Produção (atrib.): Índia

Dimensões: A. 328 x L. 258 cm

Estado de Conservação: Regular

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Medalhão central de dois círculos concêntricos inscritos em quadrado. O primeiro registo apresenta uma águia ao centro, e o segundo, animais selvagens entre motivos vegetalistas. O medalhão é rematado ao redor por repetição de motivos semelhantes a ananases. No topo e em baixo do medalhão dispõem-se dois retângulos com figuração de duas cornucópias (?) entre animais e folhagens. Os motivos de ananases surgem novamente nesta composição, brotando do centro das cornucópias e rematando os retângulos. O fundo do campo apresenta quatro animais selvagens também entre folhagens.

Cercaduras

A peça é formada por quatro cercaduras. A primeira cercadura, que remata o medalhão, exhibe repetição de cena de confronto ou jogo de guerra entre dois homens a cavalo, armados de lanças, entre animais e folhagens; nos ângulos surgem quadrifólios. A segunda cercadura apresenta somente cenas marítimas, com figurações de barcos e seus marinheiros, entre animais, aves e monstros marinhos. A terceira é totalmente preenchida por repetição do mesmo motivo vegetalista abstratizante, sendo somente interrompida por medalhão ao centro de cada um dos lados, com representação de figura humana, e nos cantos, pela representação de sereias e peixes. A quarta cercadura, exterior, exhibe animais entre folhagens e representação humana nos ângulos.

Tarjas

Simples, segundo três registos. Registos superior e inferior com sequência simples de pontos. Registo central, mais largo, com motivos geométricos em forma de diamante, como ponto ao centro (semelhante a efeito de escama).

Outros elementos

Não existem borlas ou franjas.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☐

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Linho	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Linho	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá.

Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	74	76	75	61	-
OURELA	IND. (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) IND. (direita)	IND. (esquerda) IND. (direita)	N.D (esquerda) N.D (direita)	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	80	84	84	39	-
OURELA	IND. (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) IND. (direita)	IND. (esquerda) IND. (direita)	-

Obs.

Nos cantos superior e inferior direitos, encontram-se duas costuras dispostas na horizontal. A costura do canto inferior direito encontra-se a c.60 cm de altura, enquanto a costura do lado direito surge a 41 cm de altura. Ambas terminam no cruzamento com a costura principal vertical. Uma vez que as costuras não muito minuciosas e apresentam poucas aberturas, foram identificadas apenas algumas das ourelas. Tela frontal fina e tela do verso mais grosseira.

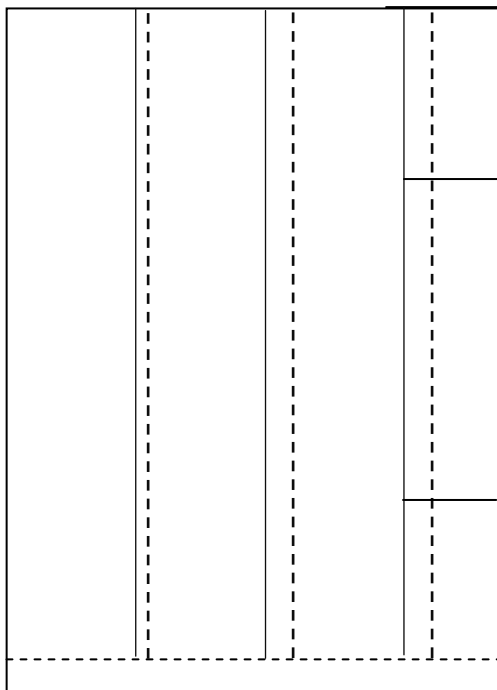
Tipo de costura



	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	-	X
SOBREPOSTAS	X	-
DOBRA	X	X
OURELA-OURELA	-	-

Observações

As costuras da frente e do verso, por norma, executadas através da sobreposição dos panos, são unidas em algumas zonas por justaposição de ourelas. cremos que tal se deve ao facto das dobras serem muito pequenas, e terem-se soltado antes de cosidas. As costuras do verso são menos cuidadas comparativamente às da frente (quase imperceptíveis).



Esquema de construção (aproximado)

Disposição dos panos:

Frente – SEQUENCIAL (AAAB)

Verso – SEQUENCIAL (AAAB)



Enchimento entre telas: SIM ☐ NÃO ☒

Observações

Não foi observado qualquer indício de filaça.

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	X	X	-	-	-
BORDADO CONTORNO	-	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	X	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRO
CAMPO	X	-	-	-	-	-	-
CERCADURA	X	-	-	-	-	-	-
TARJAS	X	-	-	-	-	-	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	<i>Tussah</i>	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	OCASIONALMENTE
BORDADO CONTORNO	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	X	-	X

Execução

O bordado principal surge ocasionalmente na tela do verso para as situações em que, tal como o bordado de fundo, é utilizado o ponto atrás ou o ponto nó, como é o caso das formas circulares das tarjas. Pese embora o tratamento do verso seja menos cuidado, o remate do bordado no verso é relativamente cuidado: não se denotam linhas de remate ou o aproveitamento do mesmo retrós para figuras diferentes.

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☐ SIM ☒ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Resultados Doutora Maria do Carmo Serrano (2007)

Fibras

Seda *Tussah* (bordado) + Linho (suporte)

Corantes

Segundo a autora, não foram encontrados vestígios da utilização de corantes.

Resultados Doutora Ana Claro (2013)

Fibras

Seda *Tussah* (bordado)

Corantes

Amarelo: amarelo semelhante ao cártamo (*Carthamus tinctorius* L.) + corante desconhecido

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: 4583 tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): Século XVIII

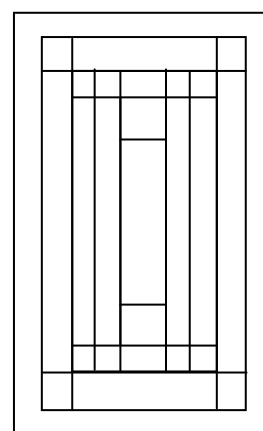
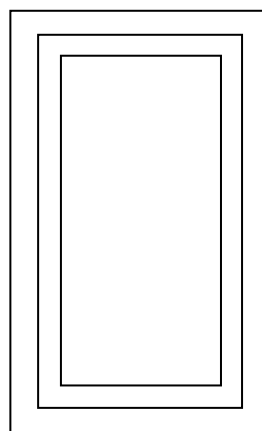
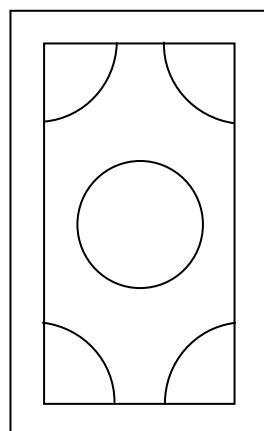
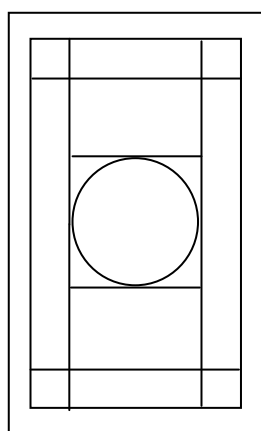
Centro de Produção (atrib.): Índia

Dimensões: A. 323 x L. 202 cm

Estado de Conservação: Regular

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Colcha bordada a amarelo, de campo amplo, subdividido segundo formas ogivais formadas por entrelaçados de motivos vegetalistas, dentro das quais se encontram inscritas personificações dos cinco sentidos, identificados por legendas em português: “APALPAR”, “CHEIRAR”, “GOSTAR”, “OUVIR”, “VER”. As restantes ogivas encontram-se preenchidas por figurações da “Fama”, representada por quatro cavaleiros, e de leões passantes. Esta peça destaca-se entre o corpus analisado por apresentar dois pequenos apontamentos a vermelho. Apresenta muitas semelhanças com a colcha de Inv. 3418 Tec.

Cercaduras

As cercaduras apresentam em todo o redor figuração de duas águias afrontadas com albarrada florida ao centro, entre motivos de flores. As figuras do topo da colcha encontram-se invertidas.

Tarjas

As tarjas apresentam sequência de motivo de quadrifólio rodeado por folhas e alternado com motivo de quadrifólio alongado ou cruz.

Outros elementos

Não existem borlas ou franjas.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☐

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Linho	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Linho	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá.

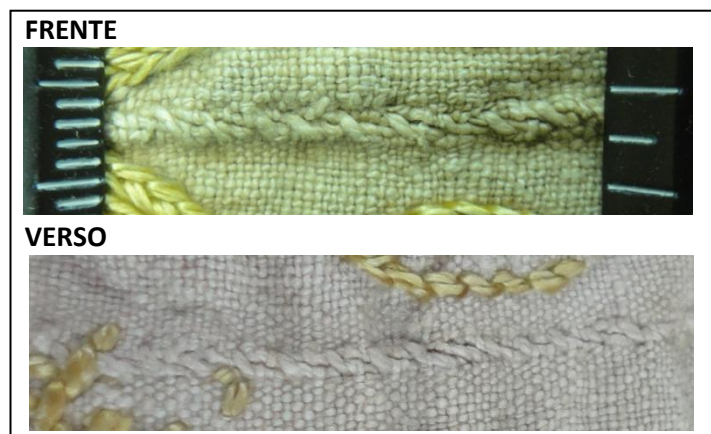
Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	49	49,5	50	48	-
OURELA	IND. (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) IND. (direita)	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	25	49,5	50	23	-
OURELA	IND. (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) IND. (direita)	-

Obs.

As costuras dos panos são muito cuidadas. Telas finas e de idêntica qualidade na frente e no verso.

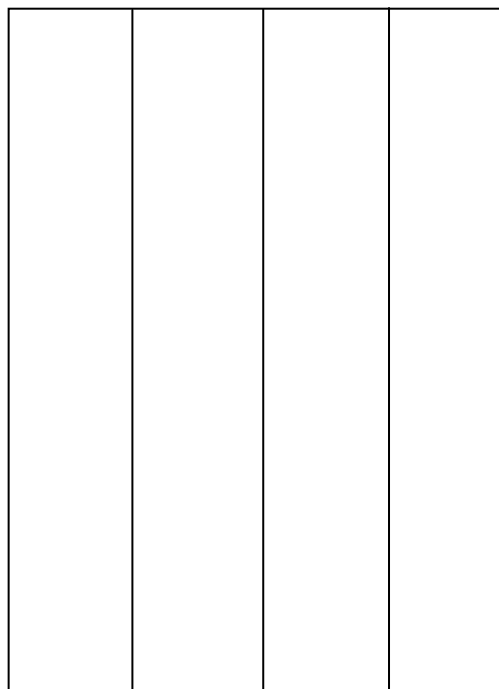
Tipo de costura



	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	X	X
SOBREPOSTAS	-	-
DOBRA	-	-
OURELA-OURELA	X	X

Observações

Não se observam muitos remates dos fios no verso da peça.



Esquema de construção (aproximado)

Disposição dos panos:

Frente – INTERCALADO (AAAA)

Verso – SEQUENCIAL (BAAB)



Enchimento entre telas: SIM ☐ NÃO ☒

Observações

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	-	X	-	-
BORDADO CONTORNO	-	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	-	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRO
CAMPO	X	X	-	-	-	-	-
CERCADURA	X	-	-	-	-	-	-
TARJAS	X	-	-	-	-	-	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	<i>Bombyx mori</i>	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	X
BORDADO CONTORNO	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	-	-

Execução

Tratamento cuidado do verso, reproduzindo totalmente o desenho visível na frente. Não é observado o aproveitamento do mesmo fio para o bordado de figuras diferentes. O bordado das telas da frente e do verso é executado sobre as costuras, o que nos leva a concluir que a peça foi previamente construída e posteriormente bordada.

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

■ SIM

□ NÃO

Obs. É visível desenho de cor ferrosa sob alguns dos bordados que se encontram danificados.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Resultados Doutora Maria do Carmo Serrano (2007)

Fibras

Seda *Bombyx mori* (bordado)

Corantes

Amarelo: Lírio-dos-tintureiros (*Reseda Luteola* L.)

Resultados Doutora Ana Claro (2013)

Fibras

Seda *bombyx mori* (bordado) + Linho (suporte)

Corantes

Amarelo: Lírio-dos-tintureiros (*Reseda Luteola* L.)

Vermelho: Cochinilha (*Porphyrophora* spp., *Dactylopius* spp.) + Pau Vermelho ou Sappan wood + Tanino

Amarelo escuro: Lírio-dos-tintureiros (*Reseda Luteola* L.)

Amarelo claro: Lírio-dos-tintureiros (*Reseda Luteola* L.)

Amarelo (franja): Lírio-dos-tintureiros (*Reseda Luteola* L.)

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Fragmento de colcha

Nº de Inventário: 4588 Tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): Século XVII

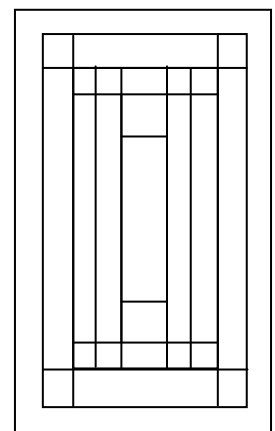
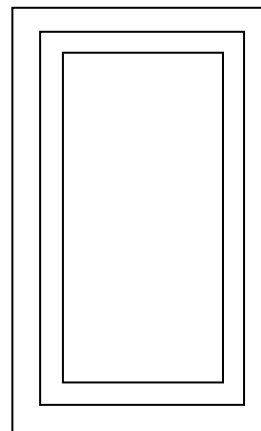
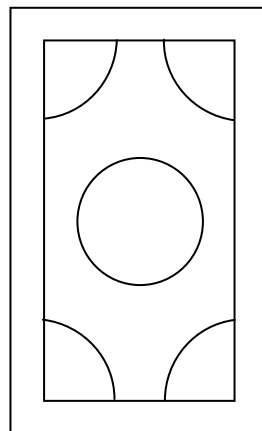
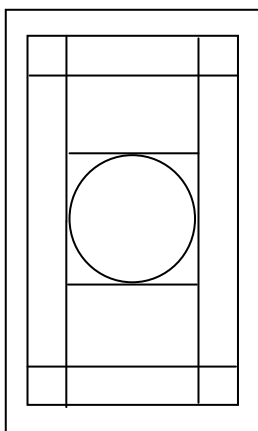
Centro de Produção (atrib.): Índia

Dimensões: A. 243 x L. 185 cm

Estado de Conservação:

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO



ICONOGRAFIA

Campo

Fragmento correspondendo a cerca de metade de uma peça, com representações da História de Arion e de Hércules. As cenas encontram-se devidamente identificadas por tarjas em português.

Cercaduras

Cercadura com cenas de caça, com figuração de homens a pé e a cavalo, mamíferos e aves.

Tarjas

Na sua maioria, as tarjas constituem as legendas dos episódios figurados, embora pontualmente exibam motivos de círculos concêntricos formados por ponto e linha.

Outros elementos

Franjas e borlas.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☒

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Algodão	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Algodão	Branco

Construção do tecido (ponto): Tela frontal fina.

Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	76	78	77	-	-
OURELA	N.D (esquerda) N.D (direita)	N.D (esquerda) N.D (direita)	N.D (esquerda) N.D (direita)	-	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	61	35	69	69	
OURELA	N.D (esquerda) N.D (direita)	N.D (esquerda) SIM (direita)	N.D (esquerda) N.D (direita)	N.D (esquerda) N.D (direita)	-

Obs.

Não foi possível observar ourelas na maioria dos panos uma vez que as costuras da peça se encontram em bom estado de conservação, não apresentando aberturas que facilitassem a sua observação. Tela do verso mais grosseira e de menor qualidade.

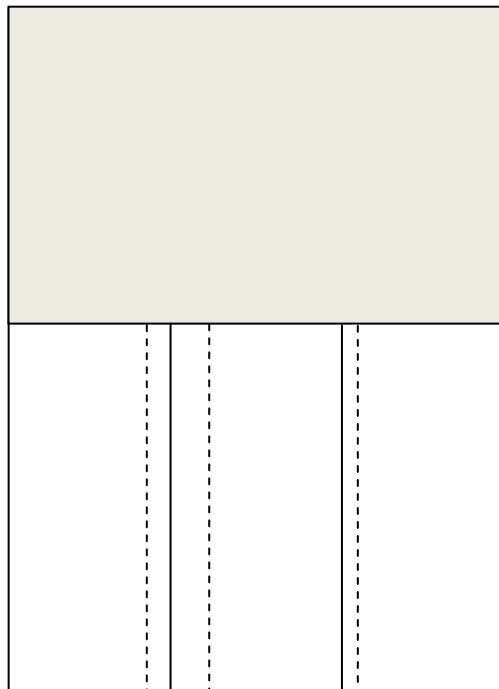
Tipo de costura



	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	-	-
SOBREPOSTAS	X	X
DOBRA	X	X
OURELA-OURELA	-	-

Observações

As costuras da frente são muito cuidadas, sendo praticamente imperceptíveis ao olhar e ao toque.



Esquema de construção (aproximado)

Disposição dos panos:

Frente – SEQUENCIAL (AAA)

Verso – INTERCALADO (ABBAA)



Enchimento entre telas: SIM ☐ NÃO ☒

Observações

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	X	X	-	-	-
BORDADO CONTORNO	-	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	X	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRO
CAMPO	X	-	-	-	-	-	-
CERCADURA	X	-	-	-	-	-	-
TARJAS	X	-	-	-	-	-	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	<i>Tussah</i>	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	OCASIONALMENTE
BORDADO CONTORNO	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	X	-	X

Execução

Para além dos pontos ocasionais visíveis no verso, podem-se observar os ponto-atrás do bordado principal (rostos das figuras). O tratamento do verso é menos cuidado comparativamente à frente. Existência de aproveitamento do mesmo fio para figuras diferentes. Conseguimos observar a existência de fio amarelo sob as costuras das telas, o que pode indicar que as mesmas foram bordadas antes de unidas.



Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☐ SIM ☒ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Peça amostrada e analisada pela primeira vez.

Resultados Doutora Ana Claro (2013)

Fibras

Seda *Tussah*

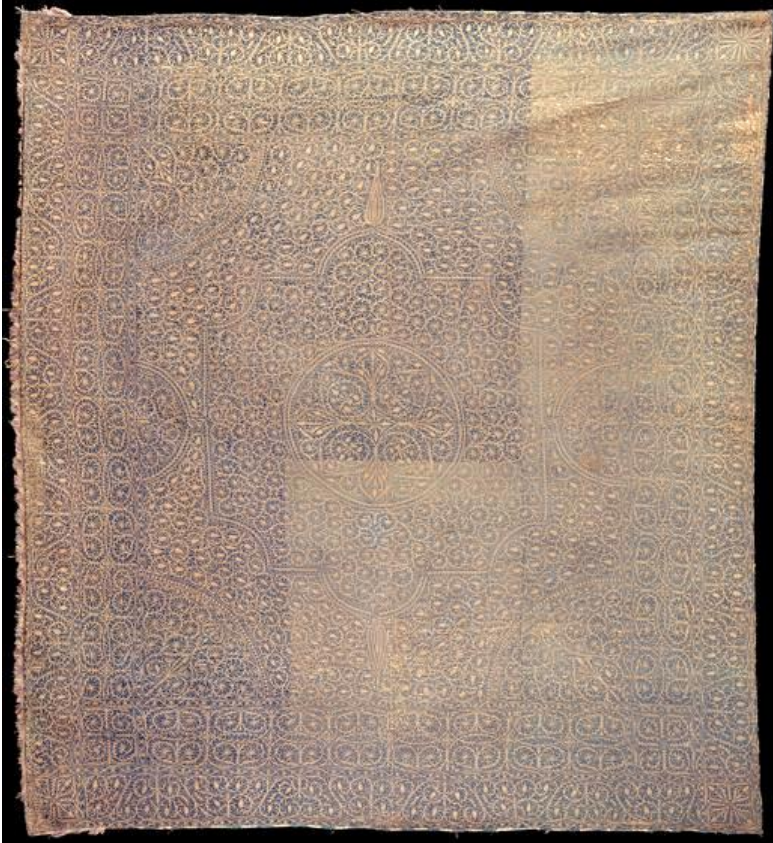
Corantes

Amarelo: corante amarelo (e comportamento da seda tussah)

Amarelo (franja): corante amarelo (e comportamento da seda tussah) + Tanino

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: 4593 tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): 1ª metade século XVII

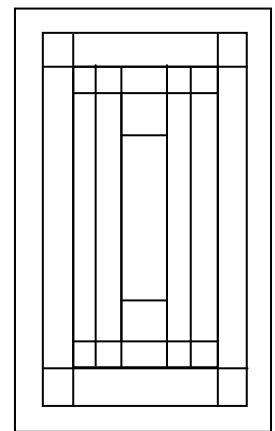
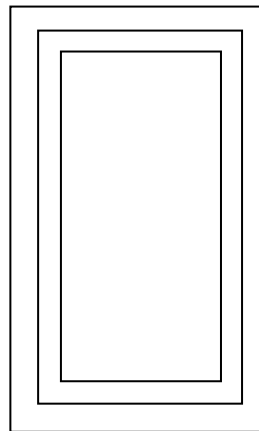
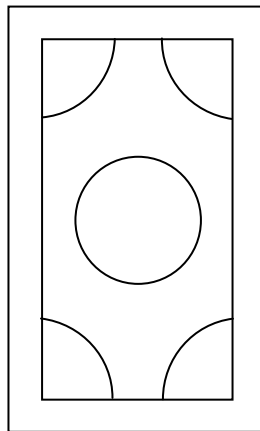
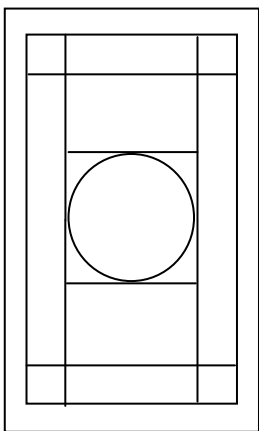
Centro de Produção (atrib.): Índia (Nordeste)

Dimensões: A. 265 x L. 235,5 cm

Estado de Conservação: Deficiente

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Campo formado por círculo com quadrifólio ao centro, inscrito em medalhão central de doze arestas e dois pendentes. A decoração, de influência islâmica, é de cariz geometrizante e compreende a repetição em toda a peça de diversos padrões de enrolamentos de folhagens estilizadas.

Cercaduras

À semelhança do campo, também as cercaduras apresentam decoração geometrizante e os mesmos enrolamentos de folhagens.

Tarjas

Enrolamentos de folhagens simples.

Outros elementos

Franja amarela (?) e azul.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☒

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Seda (tussah)	Azul
INTERIOR	-	-
VERSO	Algodão	Branco

Construção do tecido (ponto): Tela frontal: tafetá de seda; tela verso: tafetá.

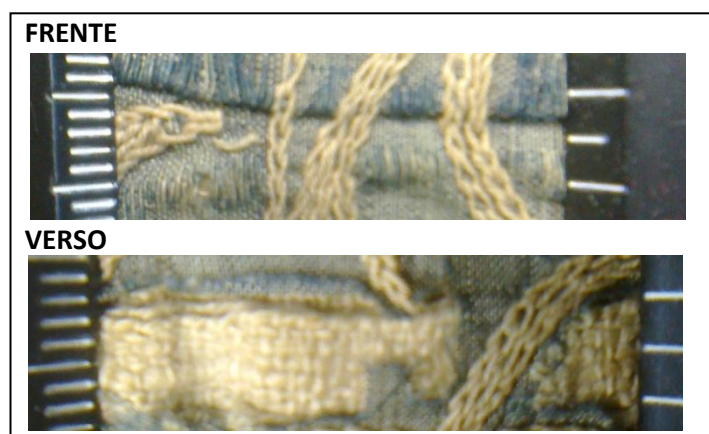
Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	85	75	77	-	-
OURELA	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	-	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	60	59	58	61	-
OURELA	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	-

Obs.

Panos frontais inteiros: Pano 1 e Pano 2. A existência de ourelas em ambos os lados dos panos com c.85cm e c.61cm indica que os mesmos poderão ter sido produzidos em teares distintos. Telas do verso grosseiras.

Tipo de costura

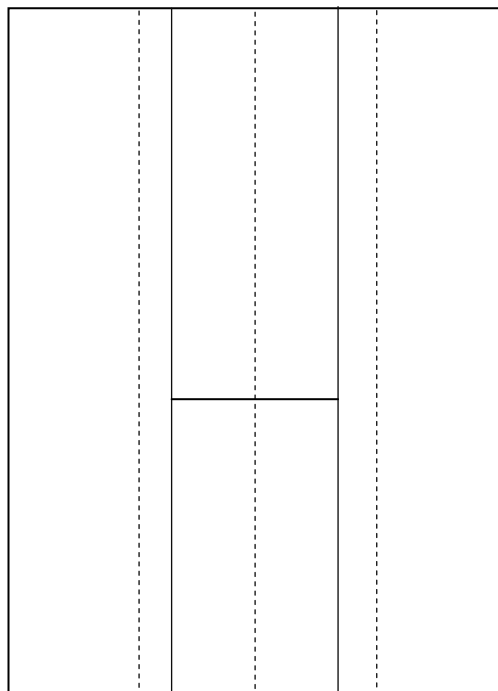


	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	-	
SOBREPOSTAS	X	X
DOBRA	X	X (*)
OURELA-OURELA	-	-

(*) Algumas sem dobra

Observações

Foram encontrados indícios de que a execução das costuras não deverá ter obedecido a critérios definidos, atendendo às diferenças das costuras do verso.

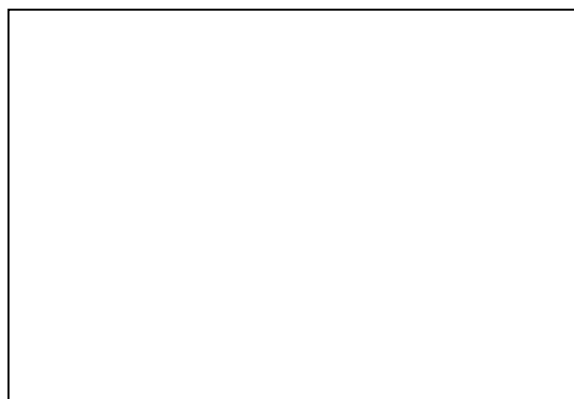


Esquema de construção (aproximado)

Disposição dos panos:

Frente – SEQUENCIAL (AAA)

Verso – SEQUENCIAL (AAAA)



Enchimento entre telas: SIM ☐ NÃO ☒

Observações

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	-	-	-	-
BORDADO CONTORNO	-	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	-	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	BEGE
CAMPO	-	-	-	-	-	-	X
CERCADURA	-	-	-	-	-	-	X
TARJAS	-	-	-	-	-	-	X

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	-	X	-
TIPO	Algodão	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	OCASIONALMENTE
BORDADO CONTORNO	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	-	-

Execução

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☒ SIM ☐ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Peça amostrada e analisada pela primeira vez.

Resultados Doutora Ana Claro (2013)

Fibras

Algodão (bordado) + Algodão e seda selvagem (suporte)

Corantes

Azul (suporte): Índigo (*Indigofer*; *Strobilanthes*; *Isatis*; *Polygonum*) (índigo europeu)

Amarelo (suporte): sem tingimento

Bege: sem tingimento

Azul (franja): sintético

Amarelo (franja): sintético

Rosa (franja): sintético

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: 4597 Tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): Século XVII

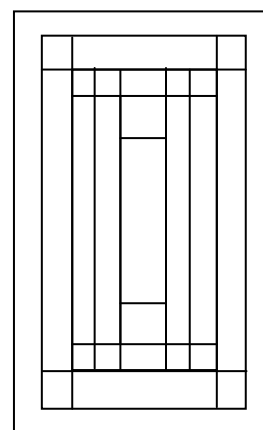
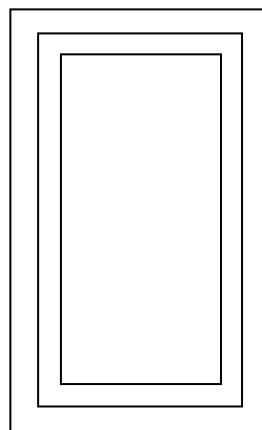
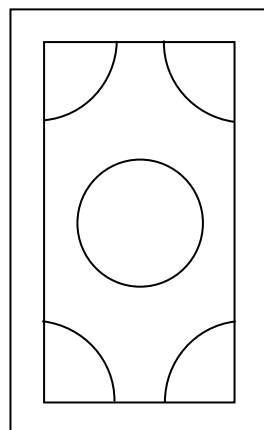
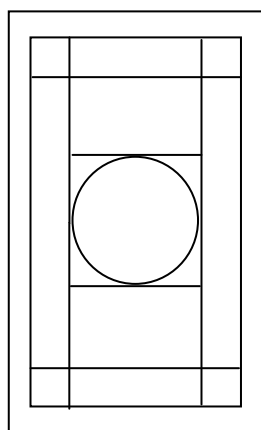
Centro de Produção (atrib.): Índia

Dimensões: A. 254,5 x L. 175

Estado de Conservação: Bom

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Medalhão central com representação de pelicano alimentando os filhos. Ao redor deste, desenvolve-se uma moldura de folhagens e flores. Nas zonas superior e inferior do campo, rematando o medalhão, dispõem-se duas águias bicéfalas ladeadas por pavões afrontados.

Cercaduras

Cercadura principal com figurações de animais (cervídeos, javalis, pássaros, mamíferos) entre folhagens e flores, todas diferentes entre si (não existe repetição de motivos decorativos). Entre estes, salientamos uma cena de luta entre um tigre e um touro, bastante comum na arte islâmica. Nos cantos da cercadura surgem águias bicéfalas coroadas.

Tarjas

Tarjas formadas por três registos: o principal, ao centro, com representação de flores alternadas por ramagens, e dois registos secundários, rematando o principal, com figuração de estrelas.

Outros elementos

Inexistentes.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☒

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Algodão	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Algodão	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá.

Largura dos panos das telas (em centímetros)

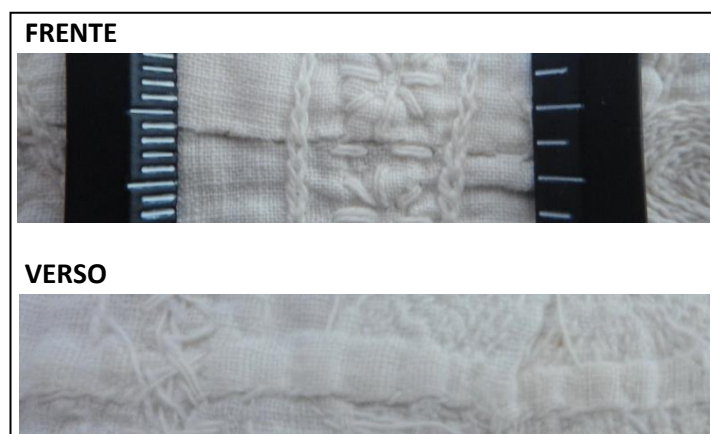
	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	50	50	24	50	-
OURELA	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	IND. (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	25	25	74	50	-
OURELA	IND. (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	IND. (esquerda) SIM (direita)	CORT. (esquerda) SIM (direita)	-

Obs.

Existência de ourelas delimitando panos com dimensões distintas (c.50cm / c.25cm), revela que os mesmos terão sido produzidos em diferentes teares. Uma vez que não foram encontradas quaisquer diferenças materiais entre os panos (qualidade, textura, cromia, etc), cremos que estes terão sido tecidos na mesma oficina. Telas muito finas de igual qualidade na frente e no verso. Costuras muito finas e quase impercetíveis.

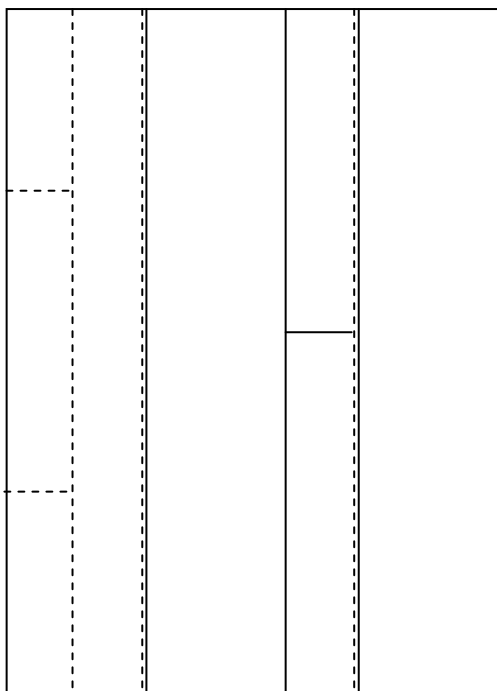


Tipo de costura



	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	-	-
SOBREPOSTAS	X	X
DOBRA	X	X
OURELA-OURELA	-	-

Observações



Esquema de construção (aproximado)

Disposição dos panos:

Frente – INTERCALADO (AABA)

Verso – SEQUENCIAL (BBAA)

Nota: consideraram-se os esquemas acima mencionados apesar dos panos de menor dimensão não apresentarem cortes (panos inteiros). Neste sentido, a interpretação do esquema de construção deverá ser atendida com reserva.

Enchimento entre telas: SIM ☐ NÃO ☒

Observações

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	-	-	-	-
BORDADO CONTORNO	-	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	-	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRA
CAMPO	-	-	-	-	-	X	-
CERCADURA	-	-	-	-	-	X	-
TARJAS	-	-	-	-	-	X	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	-	X	-
TIPO	-	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	X
BORDADO CONTORNO	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	-	-

Execução

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☐ SIM ☒ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Peça amostrada e analisada pela primeira vez.

Resultados Doutora Ana Claro (2013)

Fibras

Algodão (bordado) + Algodão (suporte)

Corantes

Inexistentes, fibras não tingidas.

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: 4621 Tec

Instituição: Museu Nacional de Arte Antiga

Datação (atrib.): Século XVII

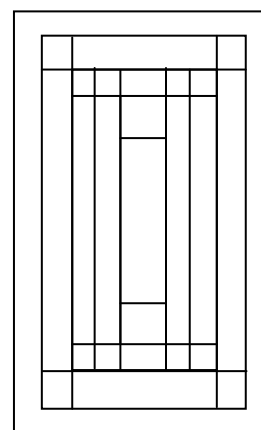
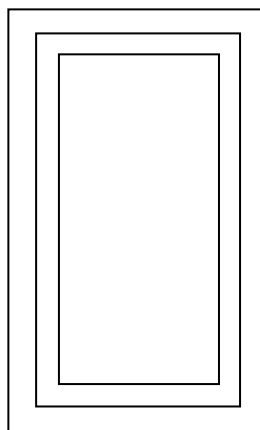
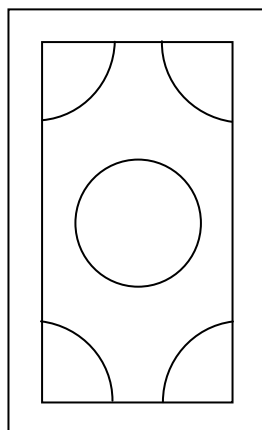
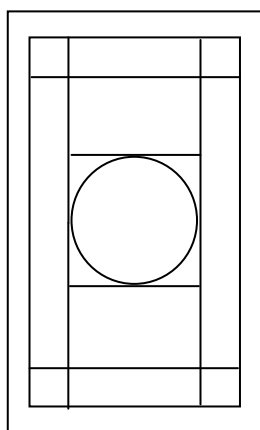
Centro de Produção (atrib.): Índia

Dimensões: A. 293 x L. 221 cm

Estado de Conservação: Regular

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Medalhão central circular decorado por florão simulando uma corda. Ao centro surge uma água bicéfala, que se encontra rodeada, até ao limite do medalhão, por cervídeos, felinos e aves. A composição é rematada em todo o redor por motivo semelhante a coroa de ananás. O fundo do campo é preenchido por dois motivos vegetalistas dispostos na vertical (no topo e em baixo do medalhão) e por cervídeos. A delimitar os cantos do campo surgem duas serpentes unidas pelas caudas. Em três deles, são figurados um casal segurando uma flor (lado superior e inferior esquerdo) e dois guerreiros (canto inferior direito).

Cercaduras

A cercadura interior é decorada com enrolamentos de folhagens, exibindo quatro medalhões aos cantos com três figuras masculinas (lado superior e inferior esquerdo) e figura feminina segurando brotos de plantas (canto inferior direito). A cercadura exterior apresenta figuração de cervídeos e, aos cantos, um motivo vegetalista formado por três flores, encimado por felino.

Tarjas

A peça apresenta duas tarjas distintas: a primeira é composta por repetição de círculos concêntricos formados de linha e ponto; a segunda apresenta motivos de diamantes ou escamas com ponto ao centro, surgindo apenas junto à cercadura exterior.

Outros elementos

Franja em seda amarela.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☒

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Algodão (?)	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Algodão (?)	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá.

Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	82	84	45,5	-	-
OURELA	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	IND.	-	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	60	79	72	-	-
OURELA	IND. (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) IND. (direita)	-	-

Obs.

Frente: foram encontradas costuras horizontais nos panos frontal e posterior do lado esquerdo, a cerca de 151cm e 16cm de altura, respetivamente, e no pano frontal do lado direito, aos 108cm de altura.

As costuras verticais e horizontais não coincidem com o limite do campo. O bordado é executado diretamente sobre as costuras, o que nos leva a crer que as telas terão sido previamente fixadas entre si.

Tela do verso de qualidade inferior.

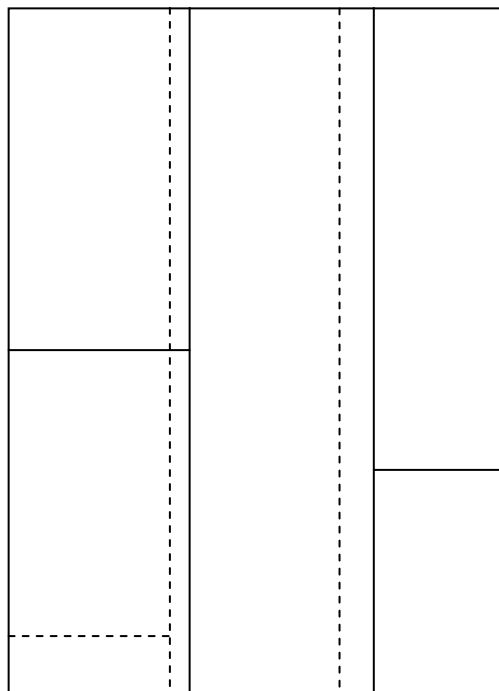
Tipo de costura



	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	X	X
SOBREPOSTAS	-	-
DOBRA	X	-
OURELA-OURELA	-	X

Observações

O tela do verso tratada com menor rigor; costuras menos cuidadas.



Esquema de construção (aproximado)

Disposição dos panos:

Frente – SEQUENCIAL (AAABB)

Verso – SEQUENCIAL (AAB)



Enchimento entre telas: SIM ☒ NÃO ☐

Observações

Filaça de algodão.

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	X	X	-	-	-
BORDADO CONTORNO	-	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	X	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRA
CAMPO	X	-	-	-	-	-	-
CERCADURA	X	-	-	-	-	-	-
TARJAS	X	-	-	-	-	-	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	<i>Tussah?</i>	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	OCASIONALMENTE
BORDADO CONTORNO	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	X	-	X

Execução

Não foram encontrados indícios da utilização do mesmo fio para bordar figuras distintas (cruzamento de fios no verso).

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☐ SIM ☒ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Não foi possível amostrar e analisar este exemplar.

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: FMA 1363

Instituição: Fundação Medeiros e Almeida

Centro de Produção (atrib.): Bengala

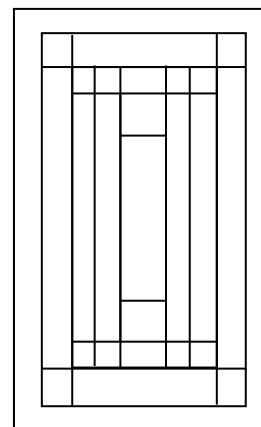
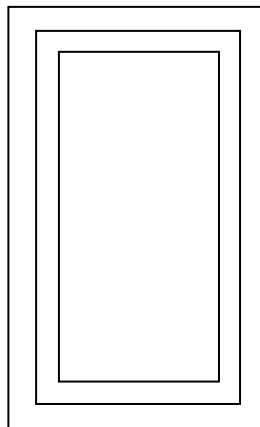
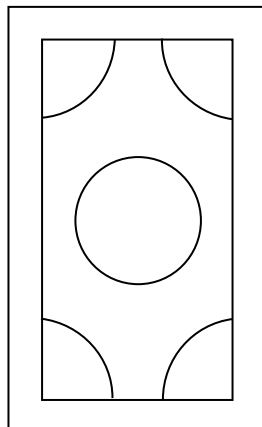
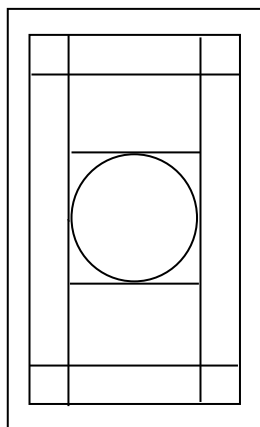
Datação: XVI-XVII

Dimensões: A. 326 x L.280 cm

Estado de Conservação: Bom

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Campo definido por rectângulo central com quartos de círculo nos ângulos, conforme habitual nas colchas de “padrão de faixas”. Ao centro, inscrito num escudo encimado de elmo, surge uma representação do julgamento do Rei Salomão. Sentado num trono coberto de dossel, o Rei apoia os seus pés esquerdo e direito sobre uma coroa e um globo, respectivamente. Ao redor do escudo, dispõem-se músicos e dançarinos entre motivos vegetalistas. No topo, é representado um retrato de mulher ladeado pelas cenas do julgamento de Paris (direita) e da histórica de Actaeon (esquerda). Na zona inferior do campo, simétrica segundo um eixo horizontal central face à superior, surge uma cobra alada inscrita em medalhão, ladeada pelas figuras de Hércules (esquerda) e da Hidra (direita), numa alusão a uma das cenas mais representadas da vida desde herói da mitologia grega. Nos semi-círculos do campo são representadas cenas da vida de Judite.

Cercaduras

Na cercadura interior, que rodeia o campo, surgem cenas marinhas, com figuração de naus ao centro. A cercadura interior é decorada através da repetição de um motivo decorativo formado por mascarão central, do qual brotam folhagens, ladeado por duas figuras fantásticas afrontadas, exibindo igualmente, nos ângulos e no centro das faixas, representações de Júpiter, Píramo e Tisbe, Titã, Marte, Saturno, Lua, Vénus e Mercúrio. A faixa exterior é totalmente decorada com cenas de caça, apresentado nos ângulos águias bicéfalas coroadas segurando um ramo nas garras.

Tarjas

Tarja geométrica formada pela repetição de círculos concêntricos.

Outros elementos

Franja amarela.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☒

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Algodão	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Algodão	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá.

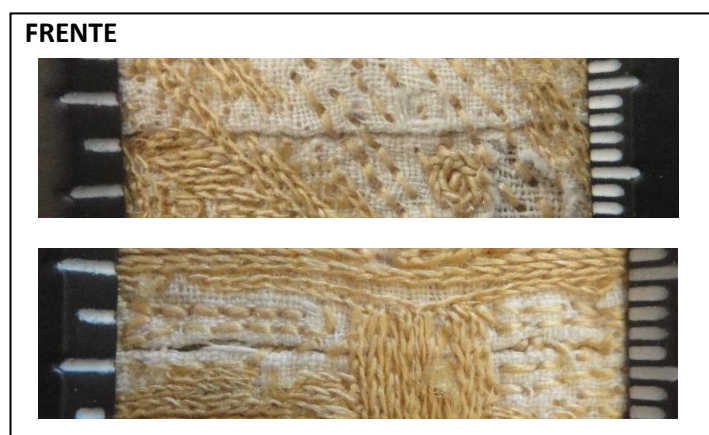
Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	43	77	76	78	
OURELA	IND. (esquerda) IND. (direita)	IND. (esquerda) IND. (direita)	IND. (esquerda) IND. (direita)	IND. (esquerda) IND. (direita)	
INTERIOR					
OURELA					
VERSO	75	51	69	81	
OURELA	IND. (esquerda) IND. (direita)	IND. (esquerda) IND. (direita)	IND. (esquerda) IND. (direita)	IND. (esquerda) IND. (direita)	

Obs.

A análise às costuras do suporte foi inconclusiva. As costuras encontram-se totalmente fechadas e muito bem conservadas (ausência de lacunas) impossibilitando, assim, a confirmação da existência de ourelas. O primeiro pano frontal (lado esquerdo) coincide com o início da terceira cercadura, decorada com cenas marítimas. Telas da frente e do verso de idêntica qualidade.

Tipo de costura



	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	X	X
SOBREPOSTAS	X	X (*)
DOBRA	X	X
OURELA-OURELA	-	-

(*) Ocasionalmente.

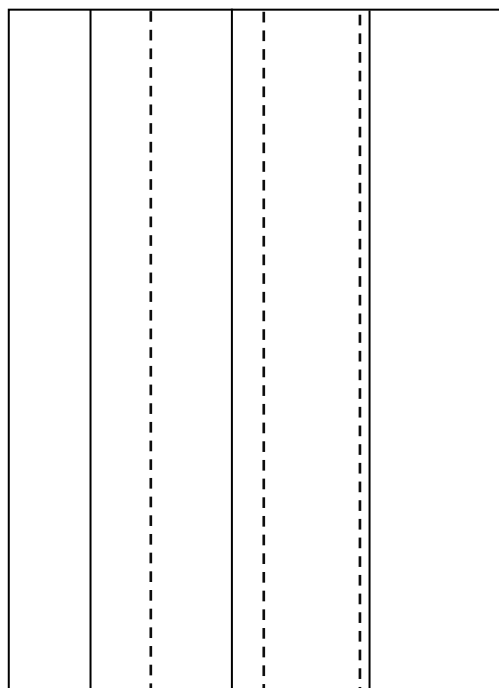
Tipo de costura

VERSO



Observações

Costuras executadas com grande minúcia e qualidade, o que impossibilitou a confirmação da existência de ourelas. Foi identificada a utilização de um retalho de pano no verso (zona inferior) (A. 19,5 x L. 51 cm), no entanto, salvo esta exceção, as costuras do verso são contínuas em toda a sua extensão, indicando que o suporte da peça foi executado a partir de quatro panos dispostos na vertical. Os panos frontais são igualmente peças únicas dispostas na vertical.



Esquema de construção (aproximado)

Disposição dos panos:

Frente – SEQUENCIAL (BAAA)

Verso – INTERCALADO (ABBA ou ABAA)



Enchimento entre telas: SIM ☒ NÃO ☐

Observações

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	X	-	-	-
BORDADO CONTORNO	-	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	X	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRO
CAMPO	X	-	-	-	-	-	-
CERCADURA	X	-	-	-	-	-	-
TARJAS	X	-	-	-	-	-	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	<i>Tussah ?</i>	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	OCASIONALMENTE
BORDADO CONTORNO	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	X	-	X

Execução

Bordado de grande qualidade, composto por pontos muito pequenos dispostos de forma bastante concisa e cuidada (dimensão do nó de cadeia: c. 1mm). Retrós muito fino.

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☐ SIM ☒ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Não foram amostrados e analisados corantes e fibras.

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: Inv. 88

Instituição: MADP - FRESS

Datação (atrib.): XVIII (atrib.)

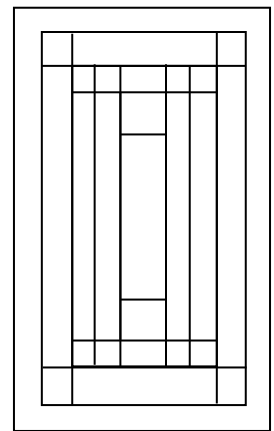
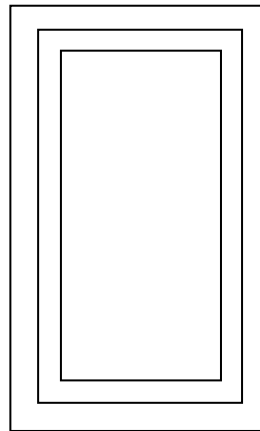
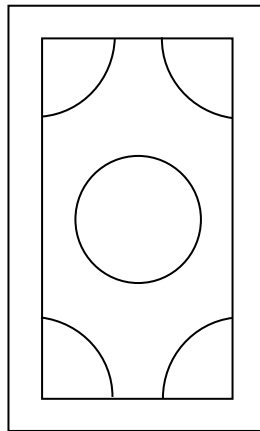
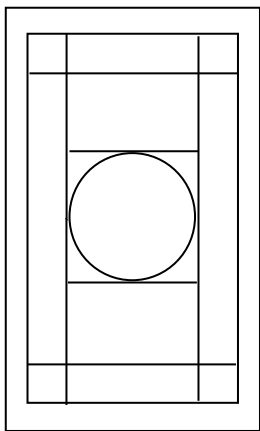
Centro de Produção (atrib.): Índia

Dimensões: A. 220 x L. 307 cm

Estado de Conservação: Bom

Localização: Exposição

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Colcha de medalhão central inscrito rectângulo. No centro do medalhão encontram-se representadas duas águias afrontadas, assentes em ramagens, com coração ao centro e coroa no topo rematando a composição. O campo retangular apresenta quatro albarradas nos ângulos, simétricas segundo dois eixos (vertical e horizontal), das quais brotam folhagens e flores, igualmente simétricas, embora com ligeiras diferenças entre si. As flores e as albarradas apresentam um motivo decorativo encontrado em outras peças, que consiste na simulação de um pontilhado.

Cercaduras

A cercadura principal (exterior) apresenta uma solução decorativa semelhante ao campo, composta por quatro albarradas nos ângulos, simétricas segundo dois eixos (vertical e horizontal), das quais brotam folhagens e flores. A cercadura secundária (interior) é formada pela repetição de um motivo decorativo composto por ramagem sinuante, com duas folhas “duplas” e flor.

Tarjas

As tarjam desenvolvem-se em três registos: o superior e o inferior composto por linha simples, e o central por ramagem sinuante com folhas simples e comprida, fazendo lembrar malaguetas.

Outros elementos

Franja e maçanetas vermelhas.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☒

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Seda	Verde (embora se encontre quase branco)
INTERIOR	-	-
VERSO	Algodão	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá (frente e verso).

Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	73	74	72	-	-
OURELA	SIM (esq.) SIM (dir.)	SIM (esq.) SIM (dir.)	SIM (esq.) SIM (dir.)	-	-
INTERIOR				-	-
OURELA				-	-
VERSO	68	11,5	76	73	-
OURELA	SIM (esq.) IND. (dir.)	IND. (esq.) CORTADO (dir.)	SIM (esq.) SIM (dir.)	CORTADO (esq.) SIM (dir.)	-

Obs.

Verificou-se através da análise do verso da peça que, embora a tela frontal de seda aparente ser branca, na realidade, é azul ou verde-clara. Atendendo que o verso não deverá ter sido exposto à luz (o que poderia justificar diferenças cromáticas significativas), acredita-se que a cor original deveria ser semelhante àquela encontrada. Foi identificado um carácter chinês no interior da mesma, na dobra de remate situada no lado inferior, próximo do centro. No que respeita à construção da peça, salientamos que foram encontrados alinhavos de fio laranja, no sentido vertical, com cerca de 25cm de distância entre si. Estes alinhavos surgem, por vezes, sobre a tela frontal de seda. Uma vez que o bordado é executado directamente sobre ambas as telas, acreditamos que estes alinhavos não deverão ter sido aplicados com o intuito de reforçar a união das mesmas (tanto que apresentam a cor laranja, difícil de dissimular na frente). cremos que o recurso a este alinhavo deveu-se, eventualmente, a um dos seguintes motivos: ou reforçar a estrutura da peça (especialmente se fosse destinada a ser exposta suspensa), ou a servir como guia para o desenho do bordado (embora a primeira hipótese nos pareça mais provável, atendendo que, em algumas partes da peça, o alinhavo surge sobre os fios do bordado). Verificou-se que os pontos laranja surgem na frente coincidindo com o alinhavo do verso, embora não tenha sido possível confirmar (uma vez que peça estava em exposição) se estes são aleatórios ou dispostos de forma intencional e organizada. Os remates laterais e inferior da peça (não foi possível verificar o superior), são executados através da dobra simultânea das duas telas, com costura comum por cima. Salienta-se que os panos de seda apresentam, junto à ourela, duas linhas contínuas vermelhas paralelas. O tratamento do verso é menos cuidado, estando vários fios soltos e por rematar. É utilizado o mesmo fio para figuras diferentes. Tela do verso mais grosseira.

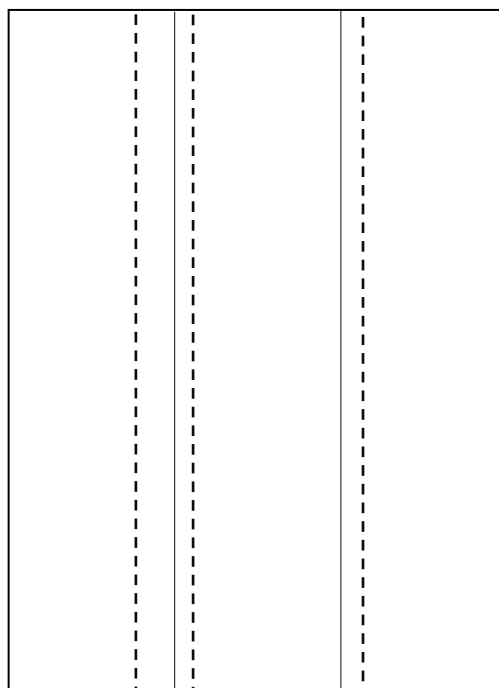
Tipo de costura



	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS		
SOBREPOSTAS	X	X
DOBRA	X	X
OURELA-OURELA		X

Observações

As costuras do verso são menos cuidadas comparativamente às frontais.



Esquema de construção (aproximado)

Disposição dos panos:

Frente – SEQUENCIAL (AAA)

Verso – SEQUENCIAL (ABAA)

NOTA: Salienta-se o facto de, devido à peça estar exposta, não ter sido possível verificar se os panos são contínuos até ao topo.



Enchimento entre telas: SIM ☐ NÃO ☒

Observações

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	-	-	-	-
BORDADO CONTORNO	X	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	-	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRO
CAMPO	-	X	-	-	-	-	-
CERCADURA	-	X	-	-	-	-	-
TARJAS	-	X	-	-	-	-	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	X	-
TIPO	Desconhecido	X	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	X
BORDADO CONTORNO	X	-	X
BORDADO DE FUNDO	X	-	X

Execução

O bordado é executado sobre as costuras, o que atesta que a peça foi bordada sobre um suporte previamente preparado. O bordado é executado sobre ambas as telas, pelo que o desenho do verso é uma inversão do desenho da frente. Utilização do mesmo retrós para o bordado de figuras diferentes. O remate dos retroses é visível no verso, sendo estes deixados soltos.

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☐ SIM ☒ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Não foi possível analisar os corantes e as fibras desta peça no âmbito do nosso estudo. Desconhecem-se estudos químicos anteriores para este objecto.



FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: inv. 130/3

Instituição: Museu de Artes Decorativas FRESS

Datação (atrib.): Século XVII

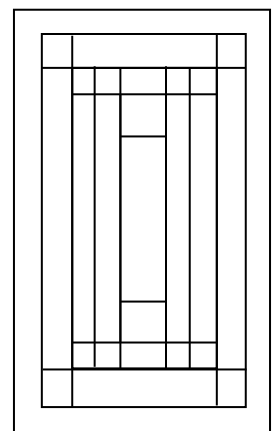
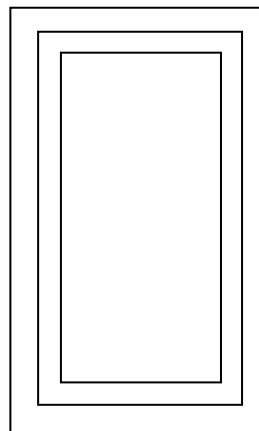
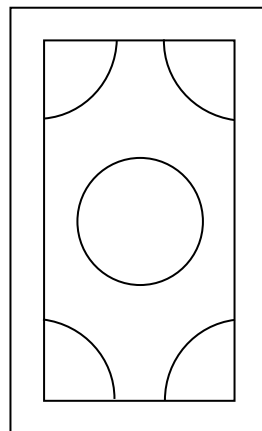
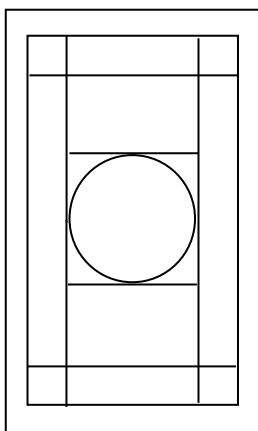
Centro de Produção (atrib.): Indo-portuguesa

Dimensões: A. 286 x L. 224

Estado de Conservação: Mau

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Colcha com a representação dos cinco sentidos. O campo é totalmente preenchido por medalhões de inspiração islâmica (bordados a amarelo), entre ramagens (verdes) e flores (amarelas e vermelhas). Os cinco sentidos encontram-se devidamente identificados (“gostar”, “ouvir”, “cheirar”, “ver”, “apalpar”). Entre estes, são representados cavaleiros, animais e cenas de caça, também inscritos em medalhão, alguns deles, unidos por florão.

Cercaduras

Cercaduras formadas por repetição de motivo composto por duas águias (?) com florão ao centro. As cercaduras secundárias apresentam um esquema semelhante, embora as aves e os florões sejam diferentes e em menor escala.

Tarjas

Tarjas simples formadas por duas linhas, superior e inferior, com pontos corridos ao centro.

Outros elementos

Não.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☐

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Linho (?)	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Linho (?)	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá..

Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	67	42	24,5	66	20
OURELA	SIM (direita) SIM (esquerda)	IND. (direita) SIM (esquerda)	SIM (direita) SIM (esquerda)	SIM (direita) SIM (esquerda)	IND. (direita) SIM (esquerda)
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-

Obs.

Apesar de composta por tuas telas – nunca identificado em peças idênticas que integrem o nosso *corpus* material – não foi possível verificar a localização e as orelas das costuras do verso, uma vez que a peça se encontra muito debilitada e, por questões de conservação, foi cosida a um suporte de algodão, o que apenas permitiu identificar algumas características do verso. Não foi possível perceber se a orela direita do 2º pano está danificada ou se o pano foi originalmente cortado e unido, apesar disso, de forma justaposta tal como as restantes costuras (o pano encontra-se desfiado). As duas telas apresentam espessura e qualidade idêntica

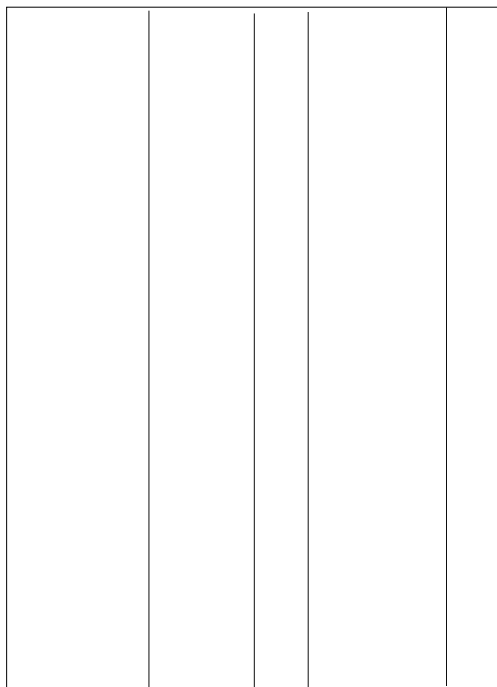
Tipo de costura



	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	X	-
SOBREPOSTAS	-	-
DOBRA	-	-
OURELA-OURELA	X	-

Observações

Costuras frontais muito finas e bem dissimuladas. Uma das costuras coincide com o eixo central da peça.



Esquema de construção (aproximado)

Disposição dos panos:

Frente – INTERCALADO (ABAAB)

Verso – Não foi possível observar.



Enchimento entre telas: SIM ☐ NÃO ☒

Observações

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	X	-	X	-	-
BORDADO CONTORNO	X	X	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	-	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	LARANJA
CAMPO	X	-	X	X	X	-	X
CERCADURA	X	-	X	X	X	-	X
TARJAS	X	-	X	X	X	-	X

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	Desconhecido	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	X
BORDADO CONTORNO	X	-	X
BORDADO DE FUNDO	-	-	-

Execução

A execução desta peça permite-nos perceber o ponto de partida da aplicação do bordado, uma vez que algumas das figuras encontram-se cortadas por falta de espaço. De acordo com o observado, terá sido aplicado em dois sentidos: da esquerda para a direita, e de cima para baixo (ver imagens em “observações”). Este acerto do desenho apenas foi identificado nas cercaduras, o que nos leva a crer que o campo terá sido bordado primeiro.

Observações



Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☒ SIM ☐ NÃO Obs. Desenho subjacente de cor ferrosa.



ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Não foi possível analisar os corantes e as fibras desta peça no âmbito do nosso estudo. Desconhecem-se estudos químicos anteriores para este objecto.

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: Inv. 978

Instituição: Museu de Artes Decorativas FRESS

Datação (atrib.): XVI?

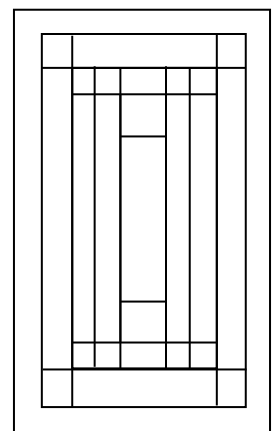
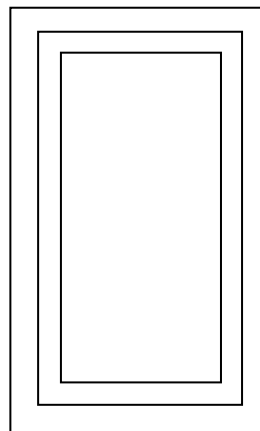
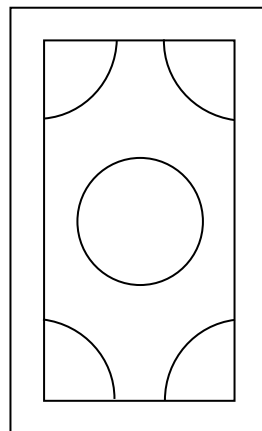
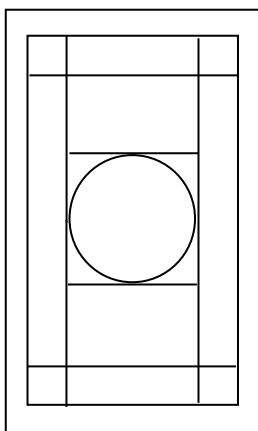
Centro de Produção (atrib.): Índia

Dimensões: A. 235 x L. 162 cm

Estado de Conservação: Regular

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Campo composto por medalhão central com representação de águia bicéfala coroada. Ao redor, desenvolvem-se dois registos, bordados a flores (margaridas, cravos?) e ramagens, rematados por tarjas decoradas com motivo ondulante. Nos ângulos, surgem aves do paraíso afrontadas, com albarrada ao centro, entre pássaros, flores e ramagens.

Cercaduras

As cercaduras exibem representações de lebres e pássaros entre flores e ramagens idênticas àquelas bordadas no campo. Os motivos são bordados de forma livre, não obedecendo a um esquema simétrico ou repetitivo. Nos ângulos são bordadas albarradas floridas.

Tarjas

As tarjas desenvolvem-se em três registos, exibindo, ao centro, ramagens e flores, e nas laterais, motivo geométrico ondulante contínuo.

Outros elementos

Franja.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☒

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Algodão	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Algodão	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá.

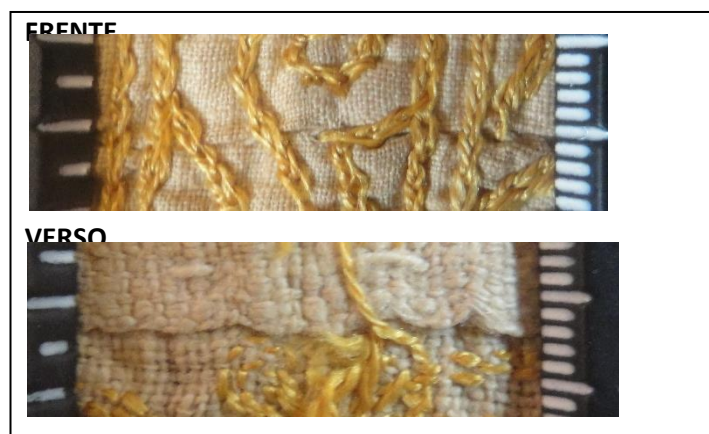
Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	80	80	-	-	-
OURELA	IND.	IND.	-	-	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	35	45	24	46	
OURELA	SIM (direita) CORT. (esquerda)	SIM (direita) SIM (esquerda)	IND. (direita) SIM (esquerda)	SIM (direita) SIM (esquerda)	

Obs.

As costuras da frente são quase imperceptíveis, enquanto as do verso são menos minuciosas. As costuras do verso são alinhavadas a branco. Foram encontrados retalhos dispostos na vertical entre o Pano 2 e o Pano 3 (c. 5 cm) e a rematar, à esquerda, o Pano 4 (c. 7,5 cm). O tratamento do verso é menos cuidado do que a frente. A tela do verso é mais grosseira.

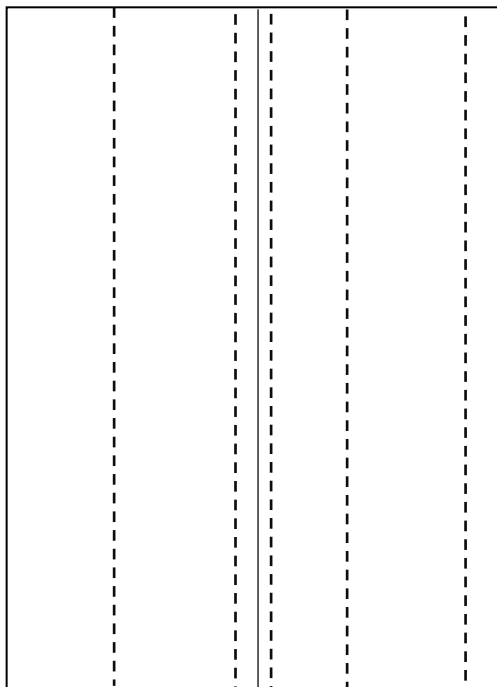
Tipo de costura



	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS		
SOBREPOSTAS	X	X
DOBRA	X	
OURELA-OURELA		X

Observações

As costuras do verso encontram-se sobrepostas sem dobra. Portanto, as orelhas dos panos são sobrepostas e posteriormente cosidas.



Esquema de construção (aproximado)

Disposição dos panos:

Frente – SEQUENCIAL (AA)

Verso – INTERCALADO (BABA)



Enchimento entre telas: SIM ☐ NÃO ☒

Observações

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	-	-	-	-
BORDADO CONTORNO	X	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	-	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRO
CAMPO	X	-	-	-	-	-	-
CERCADURA	X	-	-	-	-	-	-
TARJAS	X	-	-	-	-	-	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	<i>Tussah (?)</i>	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	X
BORDADO CONTORNO	X	-	X
BORDADO DE FUNDO	-	-	-

Execução

O bordado surge sempre na tela do verso. Aproveitamento do mesmo retrós para bordar figuras distintas e remate pouco cuidados dos retroses no verso. Encontrados vestígios de retroses (azuis e vermelhos) e forro azul no verso. Foram encontrados vestígios de restauro no bordado (retroses de amarelo mais escuro).

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☐ SIM ☒ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Não foi possível analisar os corantes e as fibras desta peça no âmbito do nosso estudo. Desconhecem-se estudos químicos anteriores para este objecto.

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: Inv. 56787

Instituição: Palácio Nacional da Ajuda

Datação (atrib.): Século XVII - XVIII

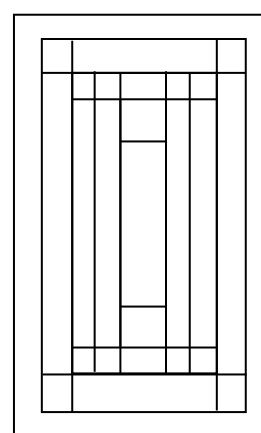
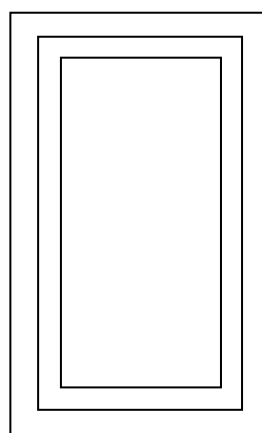
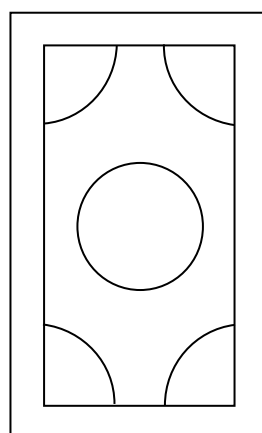
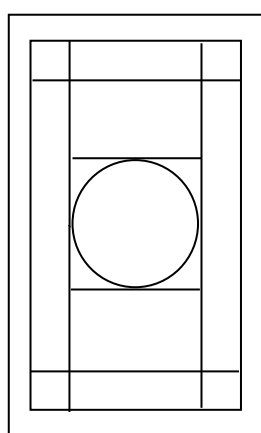
Centro de Produção (atrib.): Índia (?)

Dimensões: A. 324 x L. 197

Estado de Conservação: Bom

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Campo com representação de cenas de caça entre animais e folhagem dispostos segundo um eixo central e dois laterais. Ente os animais, destacam-se alguns fantásticos (elefantes sobre os quais brotam árvores da vida (?)) e leões rompantes. Ao longo do eixo central vertical da composição, surgem um homem coroado a cavalo, um gamo e uma albarrada florida.

Cercaduras

Cercaduras com representação de aves afrontadas com albarradas ao centro, de onde brota uma planta semelhante a um ananás. Este padrão surge intercalado por motivo vegetalista com flores. Nos cantos, figuração de ave bicéfala.

Tarjas

Tarjas geométricas formadas pela repetição de três triângulos verticais de cor rosa/salmão, azul e amarelo.

Outros elementos

Franja e borla vermelha e amarela.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☒

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Linho (?)	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Linho (?)	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá.

Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	62	63	62	-	-
OURELA	SIM (direita) SIM (esquerda)	SIM (direita) SIM (esquerda)	SIM (direita) SIM (esquerda)	-	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	63	65	61,5	-	-
OURELA	SIM (ND) SIM (esquerda)	SIM (direita) SIM (esquerda)	SIM (direita) SIM (ND)	-	-

Obs.

Panos inteiros dispostos na vertical, na frente e no verso. As dobras de remate dos panos laterais não permitiram a confirmação de ourelas. Telas de idêntica qualidade na frente e no verso.

Tipo de costura



	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	X	X
SOBREPOSTAS	-	-
DOBRA	-	-
OURELA-OURELA	X	X

Observações

Esquema de construção (aproximado)

Disposição dos panos:

Frente – SEQUENCIAL

Verso – SEQUENCIAL

Enchimento entre telas: SIM ☐ NÃO ☒

Observações

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	-	X	-	-
BORDADO CONTORNO	-	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	-	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	ROSA
CAMPO	X	X (2)?	X (3)	X	X	-	X
CERCADURA	-	-	-	-	-	-	-
TARJAS	-	-	-	-	-	-	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	Desconhecido	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	X
BORDADO CONTORNO	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	-	-

Execução

Não existem retroses soltos no verso. Verso cuidado. Embora as figuras sejam idênticas, são decoradas com cores distintas, parecendo apontar para uma execução mais livre.

Observações

A composição desenvolve-se a partir do eixo central. Tal verifica-se nas cercaduras, onde o bordado termina subitamente junto aos limites exteriores. Do mesmo modo, o desenho das cercaduras verticais inicia-se na zona inferior, terminando incompleto no topo. Atendendo à qualidade verificada, poderá indicar uma produção em maior escala, em que o desenho não é adaptado à peça de acordo com a sua dimensão. O modelo poderá ser o mesmo para colchas de diferentes dimensões.

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☒ SIM ☐ NÃO Obs. Desenho subjacente de cor ferrosa.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Não foi possível analisar a peça.

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: T 542

Instituição: Museu Nacional Machado de Castro

Datação (atrib.): Séculos XVI-XVII

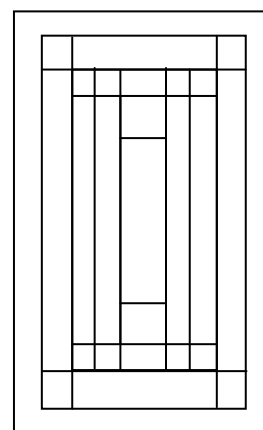
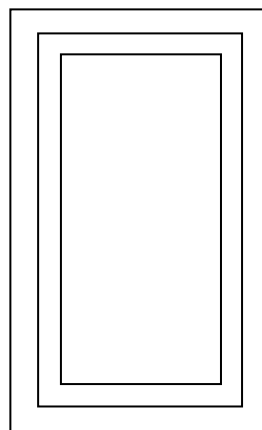
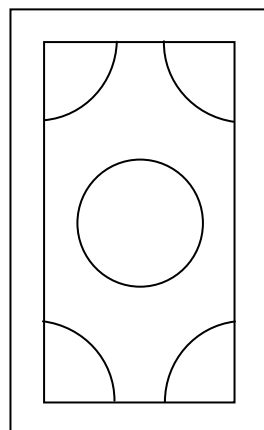
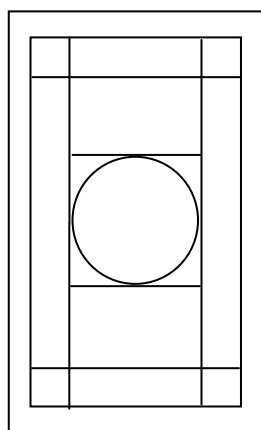
Centro de Produção (atrib.): Índia, Bengala

Dimensões: A. 320 x L. 272 cm

Estado de Conservação: Regular

Localização: Exposição

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Ao centro, surge uma representação do Rei Salomão rodeado de servos. Na primeira faixa inferior, encontra-se figurada a guarda do Rei, e na superior é representado um busto ladeado pelo sol e pela lua, entre animais e flores. Rematando este centro, dispõem-se faixas com águias bicéfalas entre enrolamentos de folhagens. A composição é seguida de três faixas: a interior apresenta cenas marinhas (caravelas, marinheiros, animais marinhos fantásticos); a segunda, exhibe motivos fitomórficos com busto ao centro e pássaro no topo; por fim, a faixa exterior representa cenas de caça. Nos cantos, são figurados os quatro continentes.

Cercaduras



Tarjas

Tarjas formadas por círculos concêntricos.

Outros elementos

Franja amarela.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☒

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Algodão	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Algodão	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá.

Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	67	48	68	72,6	-
OURELA	IND.	IND.	IND.	IND.	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	69,5	63	72	71	-
OURELA	IND.	IND.	IND.	IND.	-

Obs.

A estrutura da peça apresenta poucos panos inteiros, sendo na sua maioria formada por retalhos. Nos dois lados superiores e no lado inferior esquerdo existe um acréscimo de forma triangular. Na zona central e inferior do Pano 2 (frontal), é possível encontrar, respectivamente, acréscimos em forma rectangular, trapezoidal e triangular. Neste sentido, a peça poderá ter assumido outra função (que justifique o retalho nos ângulos), ou consistir num aproveitamento de panos pré-existentes. A peça encontra-se muito debilitada, motivo pelo qual não foi possível observar das ourelas. Tela do verso mais grosseira do que a tela frontal.

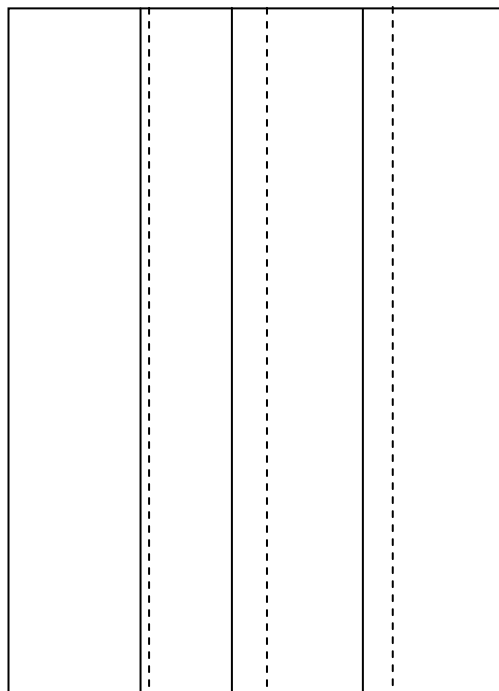
Tipo de costura



	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	X	X
SOBREPOSTAS	-	-
DOBRA	X	-
OURELA-OURELA	-	X

Observações

Costuras frontais mais cuidadas relativamente às do verso.



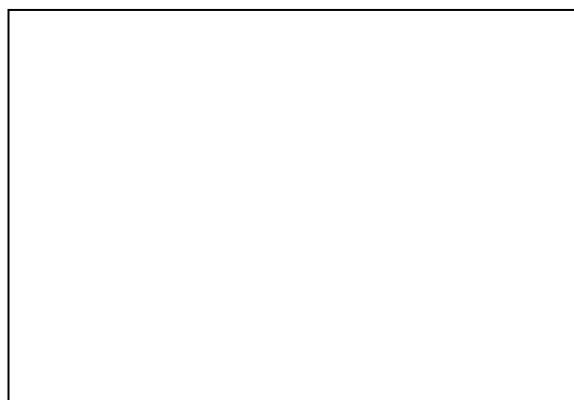
Esquema de construção (aproximado)

Disposição dos panos:

Frente – SEQUENCIAL (AAABB)

Verso – SEQUENCIAL (AAB)

Obs: Atendendo que não foi possível retirar a peça do suporte expositivo de forma a verificar com rigor o esquema de construção, e que o mesmo é bastante complexo, optámos por registar somente o sentido dos panos principais, embora os mesmos não sejam, na realidade, panos inteiros.



Enchimento entre telas: SIM ☐ NÃO ☒

Observações

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	X	-	-	-
BORDADO CONTORNO	-	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	X	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRA
CAMPO	X	-		-	-	-	-
CERCADURA	X	-		-	-	-	-
TARJAS	X	-	-	-	-	-	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	Não analisada	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	OCASIONALMENTE
BORDADO CONTORNO	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	X	-	X

Execução

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☒ SIM ☐ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Peça não analisada.

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação: Colcha

Nº de Inventário: T 548

Instituição: Museu Nacional Machado de Castro

Datação (atrib.): Século XVII

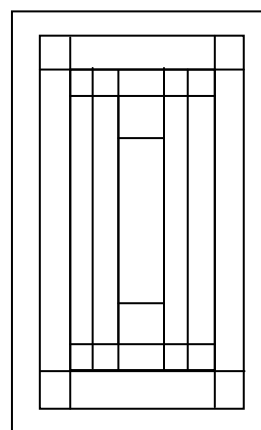
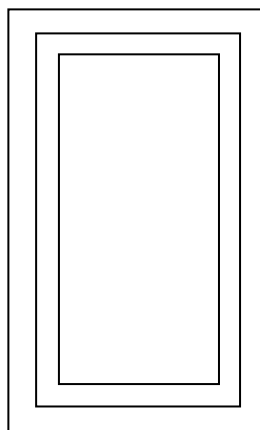
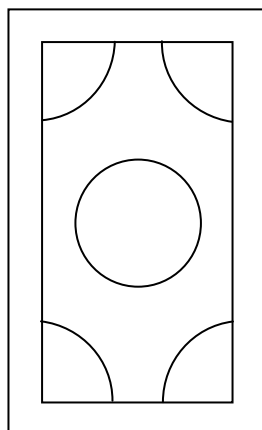
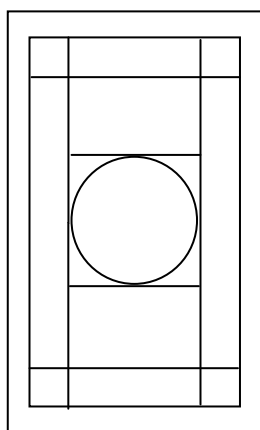
Centro de Produção (atrib.): Índia, Bengala

Dimensões: A. 297 x L. 223 cm

Estado de Conservação: Bom

Localização: Exposição

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

Campo totalmente preenchido por decoração padronizada e de teor geometrizar, cujo motivo principal consiste num medalhão formado por florão central, rodeado de formas fitomórficas e inscrito em elipse. O medalhão surge rodeado de motivos fitomórficos de influência italianizante, em forma de chaveta, e encontra-se alternado por padrão de flor envolta em folhagem. Ao centro do campo, inscrita em medalhão circular, surge uma águia bicéfala coroada segurando flores nas garras.

Cercaduras

A única cercadura que a peça possuiu exibe a repetição de motivo decorativo formado por diamante, com flor ao centro, rodeado de aves, ramagens e flores.

Tarjas

Foram identificadas duas tarjas na peça: uma de maior dimensão, que apresenta quadrifólios envoltos em folhagens, e uma segunda, mais estreita, com repetição de dois peixes afrontados e quadrifólio entre ambos.

Outros elementos

Franja amarela e vermelha.

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☒

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 2

	MATERIAL	COR
FRENTE	Algodão	Branco
INTERIOR	-	-
VERSO	Algodão	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá.

Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	24	48,5	48	48,5	48
OURELA	IND.	IND.	IND.	IND.	-
INTERIOR	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
VERSO	14,5	69	70	-	-
OURELA	IND.	IND.	IND.	-	-

Obs.

Não foram identificadas ourelas, uma vez que a peça não possuía qualquer abertura que possibilitasse a sua identificação. Denota-se que a frente é tratada com mais cuidado que o verso, muito irregular. Porém, esta peça está entre as menos minuciosas do corpus analisado. À direita: diferença da qualidade das telas (pormenor). A tela do verso é mais grosseira e de inferior qualidade.



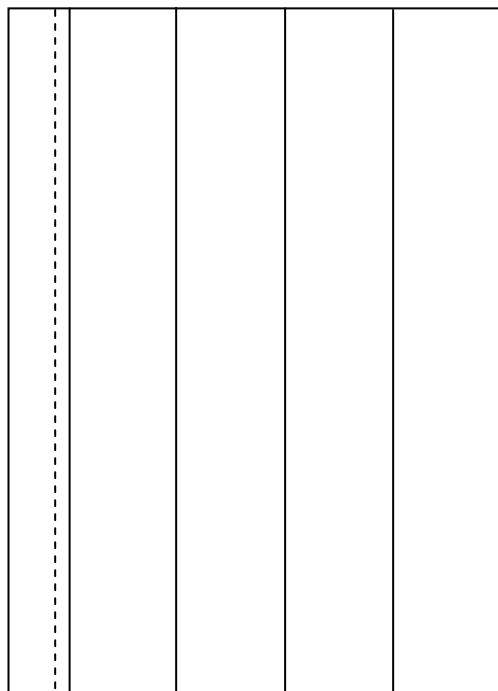
Tipo de costura



	FRENTE	VERSO
JUSTAPOSTAS	-	X
SOBREPOSTAS	X	X
DOBRA	X	-
OURELA-OURELA	-	X

Observações

Costuras do verso pouco cuidadas comparativamente às frontais.



Esquema de construção (aproximado)

Disposição dos panos:

Frente – SEQUENCIAL (BAAAA)

Verso – SEQUENCIAL (BAA)

Obs: Atendendo que não foi possível retirar a peça do suporte expositivo de forma a verificar com rigor o esquema de construção, optámos por registar somente o sentido dos panos principais.



Enchimento entre telas: SIM ☒ NÃO ☐

Observações

Filaça de algodão.

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	-	X	-	-	-	-
BORDADO CONTORNO	-	X	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	X	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRA
CAMPO	X	X	-	-	-	-	-
CERCADURA	X	X	-	-	-	-	-
TARJAS	X	X	-	-	-	-	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	Não analisada	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	X
BORDADO CONTORNO	X	-	X
BORDADO DE FUNDO	-	-	-

Execução

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☐ SIM ☒ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Foram analisadas as fibras do suporte por Raquel Santos, Bolseira de Doutoramento do Centro de História de Além-Mar, no âmbito do projecto que desenvolve no *Textile Museum Conservation Department*, em Washington D.C..

Fibras: Algodão

FICHA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO



Designação Colcha

Nº de Inventário: MCGG -TEX-095

Instituição: Museu Condes de Castro Guimarães

Datação (atrib.): XVII

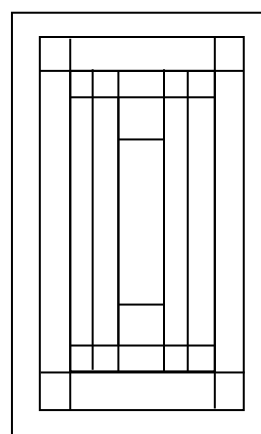
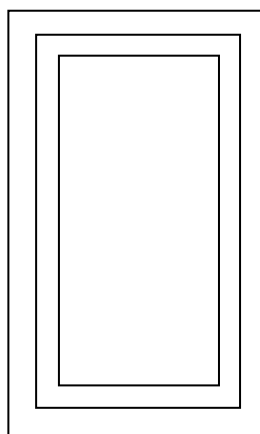
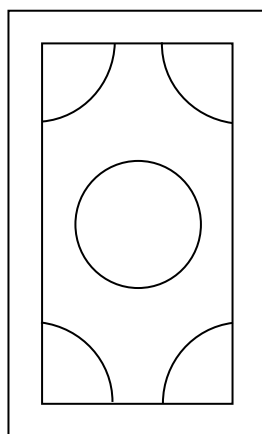
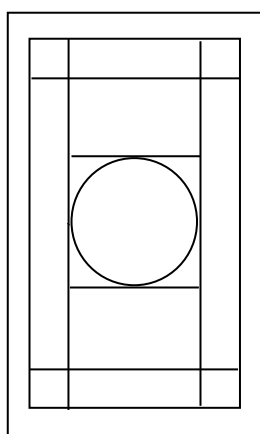
Centro de Produção (atrib.): Índia

Dimensões: A. 260 x L. 200

Estado de Conservação: Regular

Localização: Reservas

ESQUEMA DE COMPOSIÇÃO [aproximado]



ICONOGRAFIA

Campo

O campo é formado por medalhão central com a representação do Tacto (figura feminina que faz festas a um animal que segura ao colo). Ao redor desta composição, o medalhão desenvolve-se segundo três tarjas decoradas com motivos vegetalistas, sendo a central mais larga e decorada igualmente com flores (cravos, margaridas, peónias, entre outras) e pássaros. Nos ângulos do campo são representadas aves do paraíso entre flores e folhagem, com águias bicéfalas ao centro, coincidentes com o eixo central vertical da composição.

Cercaduras

Peça composta por uma única cercadura principal com representação de pássaros, flores e motivos vegetalistas em tudo idênticos à decoração ao campo. Nos ângulos, surgem representações dos quatro sentidos (Olfato: mulher cheirando flor; Audição: mulher tocando instrumento de cordas; Visão: mulher olhando-se ao espelho; Paladar: mulher comendo um fruto). As cercaduras secundárias são decoradas com motivos vegetalistas e flores em botão. Nas suas intersecções, dispõe-se motivo de flor (margarida) rodeada de folhagem.

Tarjas

Tarjas decoradas com motivo ondulante em toda a sua extensão. Nas intersecções é bordado um quadrifólio.

Outros elementos

Originais: SIM ☐ NÃO ☐ INDETERMINADO ☐

ANÁLISE MATERIAL E TÉCNICA

SUPORTE

Número de telas: 3

	MATERIAL	COR
FRENTE	Seda	Vermelha
INTERIOR	Seda	Azul
VERSO	Linho (?)	Branco

Construção do tecido (ponto): Tafetá .

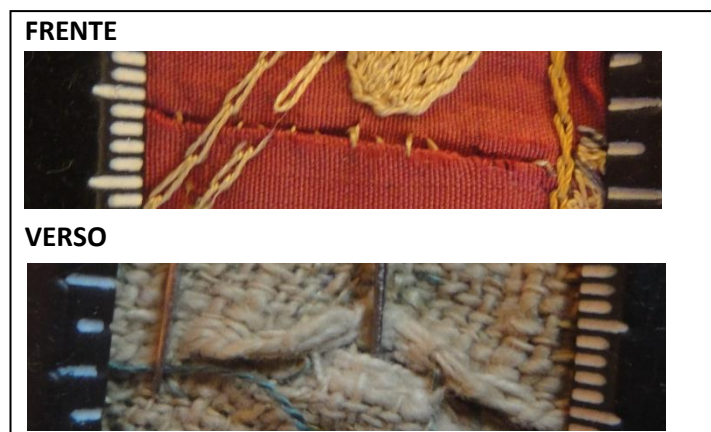
Largura dos panos das telas (em centímetros)

	Pano 1	Pano 2	Pano 3	Pano 4	Pano 5
FRENTE	-	-	-	-	-
OURELA	-	-	-	-	-
INTERIOR	48	44	59	46	-
OURELA	IND	IND	IND	IND	-
VERSO	41	40,5	40	19,5	39
OURELA	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)	SIM (esquerda) IND. (direita)	SIM (esquerda) SIM (direita)

Obs.

Peça composta por três telas, duas de seda e uma de linho (?). A sua construção é complexa e incomum dentro do grupo das ditas “índo-portuguesas”: de acordo com o observado, cremos que, primeiramente, foram unidas as telas do verso (linho?) e interior (seda azul) através de alinhavo. A tela frontal (seda vermelha) foi posteriormente sobreposta e o seu remate executado através da dobra para dentro e costura sobre as restantes telas. As figuras principais não são bordadas sobre a tela frontal (vermelha), como habitual, mas sim, sobre a tela interior (azul). Ou seja, para o caso das figuras principais, a tela frontal é recortada e rematada com bordado de contorno, deixando antever a tela interior. Por este motivo, não foi possível determinar com exactidão a localização e disposição dos panos da tela frontal. São utilizados retalhos muito estreitos dispostos verticalmente, e de forma intercalada, na tela do verso (com 5, 3.5 e 7 cm) que parecem perfazer a medida necessária à largura da colcha (c. 200 cm). Tela do verso mais grosseira.

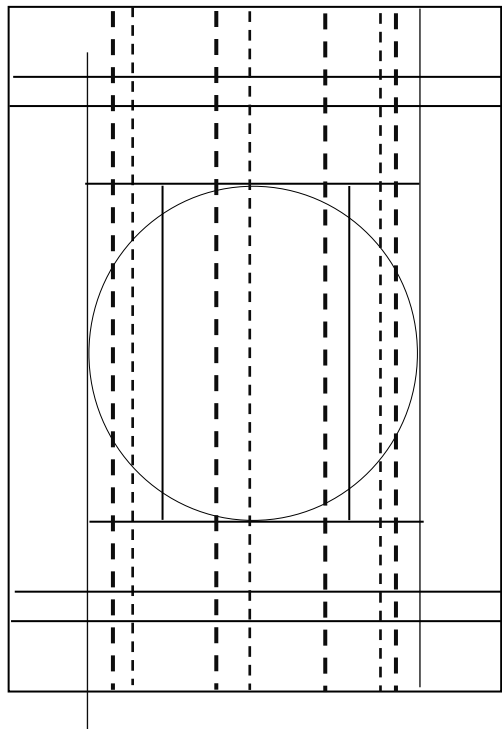
Tipo de costura



	FRENTE	INT.	VERSO
JUSTAPOSTAS			
SOBREPOSTAS	X	X	X
DOBRA	X	X	
OURELA-OURELA			X

Observações

Não foi possível observar ourelas de mais panos (frente, interior e verso) devido às costuras se encontrarem em bom estado de conservação, impossibilitando assim a sua abertura. Os limites dos panos que compõem a tela da frente coincidem com os limites das cercaduras, tarjas e campo



Esquema de construção (aproximado)

Disposição dos panos:

Frente - Não aplicável. Tela formada por vários retalhos.

Interior – SEQUENCIAL (AAAA)

Obs.: (não foi possível averiguar a existência de ourelas para o pano interior de maior dimensão (3ª pano). No entanto, tendo os restantes panos uma medida média entre 44 e 48 cm, consideramos ser possível que o 3º pano (59 cm) tenha sido tecido no mesmo tear.

Verso (tracejado bold) – INTERCALADO (AAABA)



Enchimento entre telas: SIM ☐ NÃO ☒

Observações

BORDADO

Técnica (tipo de ponto)

	CADEIA	ATRÁS	NÓ	CHEIO	PÉ-DE-FLOR	OUTRO
BORDADO PRINCIPAL	X	-	-	-	-	-
BORDADO CONTORNO	-	-	-	-	-	-
BORDADO DE FUNDO	-	-	-	-	-	-

	AMARELO	VERMELHO	AZUL	VERDE	CASTANHO	BRANCO	OUTRO
CAMPO	X (2)	X (2)	X (3)	X	X	-	-
CERCADURA	X (2)	X (2)	X (3)	X	X	-	-
TARJAS	X (2)	X (2)	X (3)	X	X	-	-

Material do fio

	SEDA	ALGODÃO	LINHO
FIBRA	X	-	-
TIPO	desconhecido	-	-

Aplicação do fio

	FRENTE	INTERIOR	VERSO
BORDADO PRINCIPAL	X	X	X
BORDADO CONTORNO	X	X	X
BORDADO DE FUNDO	-	-	-

Execução

Como referido anteriormente, a tela frontal (seda vermelha) é recortada com a forma das figuras principais. Este recorte é rematado por bordado de contorno contínuo, ao redor de todas as figuras. Os retroses do bordado de contorno, bem como dos elementos bordados sobre a tela frontal, encontram-se no verso da peça. O bordado das figuras principais é executado sobre a tela interior (azul) e posterior, surgindo igualmente no verso. Identificou-se a utilização do mesmo retrós para o bordado de elementos distintos mas próximos (ex: olhos das figuras).

Observações

Enchimento do bordado: SIM ☐ NÃO ☒ Obs. _____

DESENHO SUBJACENTE

☐ SIM ☒ NÃO Obs.

ANÁLISES A CORANTES E FIBRAS

Não foi possível analisar os corantes e as fibras desta peça no âmbito do nosso estudo. Desconhecem-se estudos químicos anteriores para este objecto.

ANEXO B - RESULTADOS OBTIDOS (resumo)

	112 tec	635 tec	1750 tec	2137 tec	2138 tec	2164 tec
Esquema de composição	medalhão e faixas	medalhão e quarto-círc.	campo aberto	campo aberto	campo aberto	medalhão e quarto-círc.
Número telas	2	2	2	1	2	2
Material	algodão	linho	linho	linho	linho	linho
Cromia do suporte	branco	branco	branco	branco	branco	branco
Construção do tecido	tafetá	tafetá	tafetá	tafetá	tafetá	tafetá
Largura dos panos das telas (inteiros)	54-66	44-76	55-67	58-60	85-97	48-49
Tipo costura (frente/verso)	F: S/D V: S/D	F: S/D V: S/D	F: J/O V: J/O	F: J/O	F: J/O V: J/O	F: J/D V: todas
Esquema de construção	intercalado F: ABAA V: ABAA	sequencial F: AAABB V: AAB	sequencial F: AAA V: AAAA	sequencial F: AAA	sequencial F: AA V: AA	intercalado F: BAAAB V: BAAAB
Enchimento (telas)	sim	sim	não	não	não	sim
Técnica (tipo de ponto)	atrás	atrás	cadeia atrás cheio	cadeia atrás cheio	cadeia atrás cheio	cadeia atrás
Cromia	amarelo vermelho branco	amarelo (2) vermelho azul (2) branco Rosa Laranja	amarelo (2) vermelho azul verde (3) castanho Branco Preto	amarelo azul verde castanho (2) branco	verde castanho (2) laranja	azul castanho
Material do fio	<i>Bombix mori</i>	<i>Bombix mori</i>	<i>Bombix mori</i>	<i>Bombix mori</i>	<i>Bombix mori</i>	<i>Bombix mori</i>
Aplicação do fio	Prin.: F/V Cont.: F/V Fund.: F/V	Prin.: F/V Cont.: F/V Fund.: F/V	Prin.: F/V Cont.: F/V Fund.: F/V	Prin.: F/V Cont.: -/- Fund.: F/V	Prin.: F/V Cont.: F/V Fund.: F/V	Prin.: F/- Cont.: F/V Fund.: F/V
Desenho subjacente	não	não	sim	sim	não	não

	2225 tec	2226 tec	2237 tec	2281 tec	3413 tec	3418 tec
Esquema de composição	campo aberto	faixas	faixas	medalhão e faixas	medalhão e faixas	campo aberto
Número telas	2	2	2	2	2	2
Material	linho	linho	algodão	algodão	algodão	linho
Cromia suporte	branco	branco	branco	branco	branco	branco
Construção do tecido	tafetá	tafetá	tafetá	tafetá	tafetá	tafetá
Largura dos panos das telas (inteiros)	26-55	64-66	71-76	72-91	46-57	54-57
Tipo de costura (frente e verso)	F: J/O V: J/O	F: J/O V: J/O	F: S/D V: S/D	F: J/D V: J/O	F: J/D V: J/D	F: J/O V: J/O
Esquema de construção	sequencial F: BAAA V: AAAB	sequencial F: AAA V: BAAA	intercalado sequencial F: ABAA V: AAAB	sequencial F: BAAA V: AAA	intercalado sequencial F: ABAA V: BAAA	sequencial F: AAAB V: BAAA
Enchimento (telas)	não	não	não	sim	sim	não
Técnica (tipo de ponto)	cadeia atrás cheio	cadeia atrás nó	cadeia nó	cadeia atrás nó	atrás	cadeia nó cheio
Cromia	amarelo	amarelo	amarelo	amarelo	vermelho azul	amarelo rosa
Material do fio	<i>Bombix mori</i>	<i>Bombix mori</i>	<i>tussah</i>	<i>tussah</i>	algodão	<i>Bombix mori</i>
Aplicação do fio	Prin.: F/V Cont.: F/V Fund.: -/-	Prin.: F/V Cont.: -/- Fund.: F/V	Prin.: F/V(o) Cont.: -/- Fund.: -/-	Prin.: F/V(o) Cont.: -/- Fund.: F/V	Prin.: F/V Cont.: F/V Fund.: F/V	Prin.: F/V Cont.: F/V Fund.: -/-
Desenho subjacente	não	sim	não	não	não	sim

	3692 tec	3703 tec	3704 tec	3719 tec	3750 tec	4565 tec
Esquema de composição	faixas	medalhão e quarto-círc.	campo aberto	campo aberto	faixas	medalhão e quarto-círc.
Número telas	2	2	2	2	2	2
Material	algodão	algodão	seda linho	algodão	algodão	algodão
Cromia suporte	branco	branco	amarelo (s) branco (l)	branco	branco	branco
Construção do tecido	tafetá	tafetá	tafetá	tafetá	tafetá	tafetá
Largura dos panos das telas (inteiros)	70-80	90-92	74-75	70-76	12-84	46-50
Tipo de costura (frente e verso)	F: S/D V: S/D	F: S/D V: S/D	F: S/D V: S/D	F: S/D V: S/D	F: S/D V: S/D	F: J/D V: J/D
Esquema de construção	sequencial F: AAAB V: n.d.	sequencial F: BAA V: BAA	intercalado F: ABBA V: ABBA	irregular	Indeter.	intercalado F: BAAAB V: BAAAB
Enchimento (telas)	não	sim	não	não	sim	sim
Técnica (tipo de ponto)	cadeia atrás nó	cadeia atrás nó cheio	cadeia atrás	cadeia	cadeia	atrás
Cromia	amarelo	amarelo rosa	amarelo (2) vermel. (2) azul verde castanho branco laranja	amarelo	amarelo azul	branco
Material do fio	Seda <i>tussah?</i>	<i>Bombix mori</i>	<i>Bombix mori</i>	<i>Bombix mori</i>	<i>tussah</i>	algodão
Aplicação do fio	Prin.: F/ V(o) Cont.: -/- Fund.: F/V	Prin.: F/V Cont.: -/- Fund.: F/V	Prin.: F/? Cont.: -/- Fund.: -/-	Prin.: F/V Cont.: -/- Fund.: -/-	Prin.: F/- Cont.: F/V(o) ? Fund.: F/V	Prin.: F/V Cont.: -/- Fund.: F/V
Desenho subjacente	sim	não	não	sim	não	não

	4574 tec	4575 tec	4581 tec	4582 tec	4583 tec	4588 tec
Esquema de composição	faixas	campo aberto	medalhão e quarto-círc.	medalhão e faixas	campo aberto	faixas
Número telas	2	2	2	2	2	2
Material	algodão	seda algodão	algodão	linho	linho	linho
Cromia suporte	branco	azul (s) branco (a)	branco	branco	branco	branco
Construção do tecido	tafetá	tafetá cetim	tafetá	tafetá	tafetá	tafetá
Largura dos panos das telas (inteiros)	63-82	72-93	68-73	61-84	48-50	35-78
Tipo de costura (frente e verso)	F: S/D V: S/D	F: S/D V: S/D (i)	F: J/D V: J/D	F: S/D V: J/D	F: J/O V: J/O	F: S/D V: S/D
Esquema de construção	sequencial F: BAAA V: BAAAA	sequencial F: AAA V: BAAA	intercalado F: ABAA V: BAABA	sequencial F: AAAB V: AAAB	sequencial F: AAAA V: AAAA	Sequencial intercalado F: AAA V: ABBA
Enchimento (telas)	não	não	sim	não	não	não
Técnica (tipo de ponto)	cadeia atrás	cadeia	cadeia atrás nó	cadeia atrás nó	cadeia cheio	cadeia atrás nó
Cromia	amarelo azul	amarelo vermel (2) azul (2) branco rosa, bege salmão, púrpura	vermelho	amarelo	amarelo vermelho	amarelo
Material do fio	<i>tussah</i>	<i>Bombix mori</i>	<i>tussah</i>	<i>tussah</i>	<i>Bombix mori</i>	<i>tussah</i>
Aplicação do fio	Prin.: F/- Cont: F/V(o) ? Fund.: F/-	Prin: F/ V(o) Cont: -/- Fund.: -/-	Prin: F/ V(o) Cont: -/- Fund.: F/V	Prin: F/ V(o) Cont: -/- Fund.: F/V	Prin: F/ V Cont: -/- Fund.: -/-	Prin: F/ V(o) Cont: -/- Fund.: F/V
Desenho subjacente	não	não	não	não	sim	não

	4593 tec	4597 tec	4621 tec	TEX-095	Inv. 978	Inv. 130/3
Esquema de composição	medalhão e quarto-círc.	medalhão e faixas	medalhão e quarto-círc.	medalhão e faixas	medalhão e faixas	campo aberto
Número telas	2	2	2	3	2	2
Material	seda selvag. algodão	algodão	algodão	seda linho	algodão	linho?
Cromia suporte	azul (s) branco (l)	branco	branco	vermel.(s) azul (s) branco (l)	branco	branco
Construção do tecido	seda	tafetá	tafetá	tafetá	tafetá	tafetá
Largura dos panos das telas (inteiros)	59-85	25-50	79-82	39-41	45-80	24,5-67
Tipo de costura (frente e verso)	F: S/D V: J/S	F: S/D V: S/D	F: J/D V: J/O	F: S/D l: S/D V: S/O	F: S/D V: S/O	F: J/O V: J/O
Esquema de construção	sequencial F: AAA V: AAAA	Intercalado sequencial F: AABA V: BBAA	sequencial F: AAABB V: AAB	sequencial intercalado F: AAAA V: AAABA	sequencial intercalado F: AA V: BABA	intercalado F: ABAAB V: n.d.
Enchimento (telas)	não	não	sim	não	não	não
Técnica (tipo de ponto)	cadeia	cadeia	cadeia atrás nó	cadeia	cadeia	cadeia atrás cheio
Cromia	bege	branco	amarelo	amarelo (2) vermel. (2) azul (3) verde castanho	amarelo	azul verde castanho laranja amarelo
Material do fio	<i>tussah</i>	algodão	<i>tussah</i>	-	<i>tussah?</i>	-
Aplicação do fio	Prin: F/ V(o) Cont: -/- Fund.: -/-	Prin: F/ V Cont: -/- Fund.: -/-	Prin: F/ V(o) Cont: -/- Fund.: F/V	Prin: F/l/V Cont: F/l/V Fund.: -/-	Prin: F/V Cont: F/V Fund.: -/-	Prin: F/V Cont: F/V Fund.: -/-
Desenho subjacente	sim	não	não	não	não	sim

	Inv. 88	FMA 1363	T 542	T 548	Inv. 56787	
Esquema de composição	medalhão e quarto-círc..	faixas	faixas	medalhão e faixas	campo aberto	
Número telas	2	2	2	2	2	
Material	seda algodão	algodão	algodão	algodão	linho?	
Cromia suporte	verde. (s) branco (a)	branco	branco	branco	branco	
Construção do tecido	tafetá	tafetá	tafetá	tafetá	tafetá	
Largura dos panos das telas (inteiros)	72-76	43-81	48-73	48-70	62-63	
Tipo de costura (frente e verso)	F: S/D V: S/D/O	F: J/S/D V: J/S/D	F: J/D V: J/O	F: S/D V: J/S/O	F: J/O V: J/O	
Esquema de construção	sequencial F: AAA V: ABAA	Sequencial intercalado F: BAAA V: ABBA ou ABAA	sequencial F: AAABB V: AAB	sequencial F: BAAAA V: BAA	sequencial F: V:	
Enchimento (telas)	não	sim	não	sim	não	
Técnica (tipo de ponto)	cadeia	cadeia atrás nó	cadeia atrás nó	atrás	cadeia cheio	
Cromia	vermelho	amarelo	amarelo	amarelo vermelho	amarelo vermelho azul verde castanho rosa	
Material do fio	-	<i>Tussah</i>	-	-	-	
Aplicação do fio	Prin: F/V Cont: F/V Fund.: F/V	Prin: F/V(o) Cont: -/- Fund.: F/V	Prin: F/ V(o) Cont: -/- Fund.: F/V	Prin: F/V Cont: F/V Fund.: -/-	Prin: F/V Cont: -/- Fund.: -/-	
Desenho subjacente	não	não	sim	não	sim	

Relatório das colchas Indo-Portuguesas analisadas

1. Análise dos corantes

Analisaram-se 95 amostras de um total de 19 colchas Indo-Portuguesas pertencentes à colecção do Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA). Todas as análises foram realizadas por Cromatografia líquida de alta resolução com um detector de díodos acoplado (HPLC-PDA). O método usado para extrair a cor das fibras foi um método suave, com ácido oxálico. Todos os compostos dos corantes detectados foram quimicamente identificados tanto quanto possível, comparando com os tempos de retenção e espectros UV-VIS de amostras de referência. Os compostos estão todos identificados com códigos na tabela 1. A relação entre o nome comum e botânico das origens biológicas apresentam-se na tabela 2.

Para cada uma das colchas analisadas, os resultados analíticos estão em apresentados numa tabela. Na primeira coluna encontra-se a referência da amostra; na segunda coluna a cor da amostra; na terceira coluna apresenta-se o resultado analítico, expresso em percentagem (calculada através da integração das áreas obtidas aquando do comprimento de onda –cdo-seleccionado e colocado entre parêntesis). Nalguns casos, a selecção dos compostos foi reconsiderada e a sua composição foi recalculada usando um cdo diferente; um método muito útil para compostos presentes de leitura quase impossível no cdo de integração mais usado (254nm), mas que são mais fáceis de detectar noutro cdo, como 288nm no caso dos Indigóides, por exemplo; a quarta coluna apresenta a interpretação da possível fonte biológica que terá sido usada para tingir a amostra.

Tabela 1 – Compostos identificados, e respectivos códigos, tempo de retenção e possíveis origens biológicas.

Composto	Código	Tempo de retenção (min)	Origem (nomes comuns)
Berberina (afim) presente apenas no <i>Berberis julianae</i>	ber-b	3.8	Chinese barberry
Berberina	ber	4.1	Amur cork tree, outros
Ácido lacaico E	lacE	4.5	Laca indiana
Composto solúvel das espécies do « pau vermelho » (afim)	srw'	8.1	Sappan wood
Ácido lacaico C	lacC	8.6	Laca indiana
Amarelo de cártamo 1	sY1	8.7	Cártamo
Luteolina-3',7-di-O-glucósido	lu-3',7-di-O-glu	9.4	Lírio dos tintureiros
dcII	dcII	10.8	Cochinilha
Ácido carmínico	ca	11.3	Cochinilha
Luteolina-7-O- glucósido	lu-7-O-gluc	11.9	Lírio dos tintureiros
Amarelo de cártamo 2	sY2	12.5	Cártamo
Rutina	rut	12.9	Sofora

Composto solúvel das espécies de »pau vermelho «	srw	13.7	Sappan wood
Ácido elágico	ea	13.9	Tanino
Apigenina-7 - glucósido	ap-7-gluc	14.3	Lírio dos tintureiros
Luteolina-4'-O-glucósido	lu-4'-O-glu	14.4	Lírio dos tintureiros
Amarelo de cártamo 3	sY3	14.4	Cártamo
Amarelo de cártamo 4	sY4	15.4	Cártamo
Apigenina-7 –O- glucósido	ap-7-O-gluc	15.5	Lírio dos tintureiros
Fisetina	fis	15.7	Fustete
Ct1	Ct1	16.6	Cártamo
Apigenina (afim)	ap-7-O-glu	17.1	Lírio dos tintureiros
Ct2	Ct2	17.9	Cártamo
Sulfuretina	sul	18.3	Fustete
Ct3	Ct3	18.9	Cártamo
Quercetina	qu	19.0	Sofora; outros
Luteolina-3'-O-glucósido	lu-3'-O-glu	19.5	Lírio dos tintureiros
Ct4	Ct4	20	Cártamo
Luteolina	lu	20.1	Lírio dos tintureiros
Ácido lacaico A	lacA	21.5	Laca indiana
Ácido lacaico B	lacB	21.7	Laca indiana
Apigenina	ap	22.5	Lírio dos tintureiros
Desmetoxicurcumina	cur-des	23.8	Açafrão da Índia
Alizarina	al	24.6	Garança
Ácido flavoquermésico	fk	24.7	Cochinilha, Quermes
Indigotina	in	26.0	Índigo
Curcumina	cur	27.5	Açafrão da Índia
Xantopurpurina	xp	28.6	Garança
Purpurina	pu	29.2	Garança
Bis-desmetoxicurcumina	cur-bis	29.5	Açafrão da Índia
Indirubina	lr	30.1	Índigo
Laranja de cártamo	safo	33.6	Cártamo
Munjistina	mu	48.8	Garança (Indiana)
Pseudopurpurina	pp	50.3	Garança

Tabela 2 – Nomes comuns e científicos das origens biológicas.

Origem possível (nome comum)	Origem possível (nome científico - geral)	Origem possível (nome científico - específico)
Cochinilha (1)	<i>Porphyrophora</i> spp. <i>Dactylopius</i> spp.	
Pau vermelho (2)	<i>Caesalpinia</i> spp.	<i>Caesalpinia sappan</i> L.
Cártamo (3)		<i>Carthamus tinctorius</i> L.

Amur cork-tree	Origem alcalóide (4)	<i>Phellodendron amurense</i> Rupr.
Chinese barberry	Origem alcalóide (4)	<i>Berberis thunbergii</i> DC.
Fustete	<i>Cotinus</i>	<i>Cotinus coggyria</i> Scop.
Tanino	Sem atribuição possível	
Laca	<i>Kerria</i> spp.	<i>Kerria lacca</i> Kerr
Garança	<i>Rubia</i> spp.	<i>Rubia peregrina</i> L. (5)
Índigo	<i>Indigofera</i> spp. <i>Isatis</i> spp. <i>Wrightia</i> spp.	Sem atribuição possível (6)
Sofora		<i>Sophora japonica</i> L.
Lírio dos tintureiros		<i>Reseda luteola</i> L.
Açafrão da Índia (ou açafrão da terra ou turmerico)		<i>Curcuma longa</i> L.

(1) Cochinilha: a espécie de cochinilha mais conhecida é a mexicana (*Dactylopius coccus*), introduzida na Europa após na 1ª metade do século XVI e posteriormente nos outros continentes. Outro género de cochinilha – *Porphyrophora* – era já usada na Europa e na Ásia. O que permite distinguir as diferentes cochinilhas é a proporção de quatro dos seus constituintes: dcII, ácido carmínico, ácido quermésico e o ácido flavoquermésico. No entanto quando se tratam de amostras históricas essa caracterização não é tão fácil devido à possível degradação e por isso diminuição de alguns destes constituintes presentes na amostra.

(2) O pau vermelho identificado com o composto srw é internacionalmente designado por *Redwood* e abrange as árvores da família *Caesalpinia*. Estas árvores podem ser encontradas na Ásia (*Caesalpinia sappan* L.) ou no Brasil (*Caesalpinia echinata* Lamarck). Neste relatório assumiu-se que seria a espécie asiática a considerar, devido à influência indiana. No entanto, dado que o Brasil foi descoberto pelos portugueses antes da produção das peças têxteis em estudo, não invalida que a *Caesalpinia echinata* Lamarck possa ter sido usada, principalmente quando se questiona se é portuguesa.

(3) O cártamo (*Carthamus tinctorius* L.) é composto pelos corantes amarelo (compostos sY), laranja (compostos sO) e vermelho (car, cartamina); para além destes compostos, existem também uns incolores (Ct1, Ct2, Ct3, Ct4) que indicam o uso de cártamo, mesmo quando a cor se perdeu; o primeiro extracto aquoso de cártamo contém quase exclusivamente muitos dos compostos amarelos, para além de vestígios de Cts e cartamina; a extracção com ácido oxálico da cor vermelha de uma seda tingida contém predominantemente Cts e cartamina, e pouca quantidade de compostos amarelos; é necessário considerar que durante o envelhecimento, a contribuição dos compostos amarelos e da cartamina decaem, mas que os Cts ainda permanecem. (Wouters et al. *Studies in Conservation* 55(2010)186-203).

(4) Corante alcaloide: berberina (e também palmartina e jatrorrizina) aparecem nas espécies *Phellodendron amurense*, *Coptis chinensis* e *Berberis*; até agora não foi possível distinguir a diferença entre estas fontes, quando só é detectada a berberina; no entanto, até agora, em conjunto com o alcaloide ber-b, só foi identificado na *Berberis thunbergii*, considerando o contexto geográfico e histórico das colchas, a *Berberis thunbergii* (Chinese barberry) deverá ser considerada como a fonte mais provável.

(5) As garanças, geralmente, são consideradas *Rubia tinctorum* L., excepto se a quantidade de purpurina for maior que a de alizarina e o ácido ruberítrico estiver ausente, será a *Rubia peregrina* L.; ou então se a quantidade de munjistina for superior à de alizarina, nesse caso será a *Rubia cordifolia* L. .

(6) Até agora, a identificação de qualquer planta produtora de indigo é impossível; os únicos compostos que permitem o seu diagnóstico são a indigotina e a indirubina, o último tem sido encontrado numa quantidade relativamente superior em têxteis históricos indianos e asiáticos, comparando como os europeus.



Figura 1. Colchas 112Tec, 635Tec e 1750Tec

Tabela 3. Resultados analíticos da colcha inv. 112 Tec

Amostra	Cor	Resultado (nm)	Interpretação
112_1	Amarelo		Não identificado
112_2	Vermelho	4lacC, 54srw, 24 lacA, 13lacB, 2fk, 3ΣLac' (254)	Laca indiana + sappan wood
112_3	Amarelo		Não identificado mas semelhante a 112_1
112_4	Vermelho	4lacC, 44 lacA, 31lacB, 1fk, 20ΣLac' (254)	Laca indiana
112_5	Branco	-	Sem tingimento

Tabela 4. Resultados analíticos da colcha inv. 635Tec

Amostra	Cor	Resultado (nm)	Interpretação
635_1	Carmim	3lacE, 4lacC, 48 lacA, 28lacB, 1fk, 16 Σ Lac' (254)	Laca indiana
635_2	Amarelo claro		?
635_3	Amarelo escuro	100 ea	Tanino
635_4	Laranja	5ea, 2ag, 23 al, 1 xp, 52pu, 3mu, 14pp (254)	Rubia peregrina L.
635_5	Azul escuro	26in, 74ir (288)	Índigo
635_6	Azul claro	37in, 63ir (288)	Índigo
635_7	Azul	54in, 46ir (288)	Índigo
635_8r	Roxo	100 srw	Sappan wood
635_8v	Verde		?

Tabela 5. Resultados analíticos da colcha inv. 1750Tec

Amostra	Cor	Resultado (nm)	Interpretação
1750_1	Preto	100ea (254)	Tanino
1750_2	Amarelo	13 Σ ap-glu, 6lw, 38lu-7-glu, 1ea, 6ap-7-glu, 27lu, 7ap, 2lu-glu (254)	Lírio dos tintureiros
1750_3	Amarelo dourado	83srw, 4 Σ srw', 2fis, 6 sul, 13 Σ unknown Y (254)	Sappan wood + amarelo não identificado
1750_4	Verde azeitona escuro	83srw, 4 Σ srw', 2fis, 6 sul, 13 Σ unknownY(254)	Sappan wood + Fustete
1750_5A	Carmim	2 Σ dc', 1 Σ ea', 1fk', 27ca, 68ea, 1fk (254)	Cochinilha + Tanino
1750_6	Verde	11 Σ ap-glu, 55lu-7-glu, 6ap-7-glu, 2ap-7-o-glu, 22lu, 3ap, <1in, <1ir (254) 61in, 39ir (288)	Lírio dos tintureiros + Índigo
1750_7A	Azul	70in, 30ir (288)	Índigo
1750_8	Castanho (tinta)	100ea (254)	Tanino
1750_9	Verde escuro	11 Σ ap-glu, 51lu-7-glu, 7ap-7-glu, 2ap-7-o-glu, 22lu, 5ap, <1in, <1ir (254)	Lírio dos tintureiros + Índigo

		61in, 39ir (288)	
1750_10	Bege	-	Sem tingimento
1750_11	Amarelo dourado	33 Σ ap-glu, 20lu-7-glu, 14srw, 16ap-7-glu, 9lu, 8ap (254)	Lírio dos tintureiros + Sappan wood
1750_14	Vermelho (franja)	2 Σ dc', 1 Σ ea', 1dcII, 32ca, 63ea, <1fk (254)	Cochinilha + Tanino



Figura 2. Colchas 2137Tec, 2138Tec e 2164Tec

Tabela 6. Resultados analíticos da colcha inv. 2137Tec

Amostra	Cor	Resultado (nm)	Interpretação
2137_1	Azul	48in, 52ir (288)	Índigo
2137_2	Verde	11 Σ ap-glu, 53lu-7-glu, 7ap-7-glu, 24lu, 5ap, <1in, <<1ir (254) 72in, 28ir (288)	Lírio dos tintureiros + Índigo
2137_3	Amarelo	2 Σ lu-glu, 11 Σ ap-glu, 42lu-7-glu, 6ap-7-glu, 30lu, 10ap (254)	Lírio dos tintureiros
2137_4	Salmão	100srw (254)	Sappan wood
2137_5	Bege	100ea (254)	Tanino
2137_6	Bege/salmão	100srw (254)	Sappan wood

Tabela 7. Resultados analíticos da colcha inv. 2138Tec

Amostra	Cor	Resultado (nm)	Interpretação
2138_1	Salmão	62 Σ Y, 38 Σ R (254)	Não identificado
2138_2	Verde	36 Σ lu-glu, 6 Σ ap-glu, 2lu-7-glu, 3ap-7-glu, 35lu, 8ap, 2in, <1ir, 6cur' (254) 76in, 24ir (288)	Lírio dos tintureiros + Índigo
2138_3	Bege	-	Sintético
2138_4	Castanho	100srw (254)	Sappan wood
2138_5	Bege	100srw (254)	Sappan wood

Tabela 8. Resultados analíticos da colcha inv. 2164Tec

Amostra	Cor	Resultado (nm)	Interpretação
2164_1	Castanho	-	-
2164_2	Azul	82in, 18ir (288)	Índigo
2164_3	Amarelo (franja)	8ap-glu, 27 Σ Y, 24lu-7-glu, 8srw, 11ap-7-glu, 11lu, 11ap (254)	Lírio dos tintureiros + Sappan wood
2164_4	Azul (fundo)	34 Σ Y, 13lw, 22ap, 18in, 7ir (254) 50in, 50ir (288)	Hena (?) + Índigo



Figura 3. Colchas 2225Tec e 2281Tec

Tabela 9. Resultados analíticos da colcha inv. 2225Tec

Amostra	Cor	Resultado (nm)	Interpretação
2225_1	Cru	29ap-glu, 20lu-7-glu, 40ap-7-glu, 5lu, 6ap (254)	Lírio dos tintureiros

Tabela 10. Resultados analíticos da colcha inv. 2281Tec

Amostra	Cor	Resultado (nm)	Interpretação
2281_1	Amarelo	TR=38.6min Y(254)	Sem tingimento
2281_2	Amarelo (borla franjada)	TR=38.6min Y (254)	???

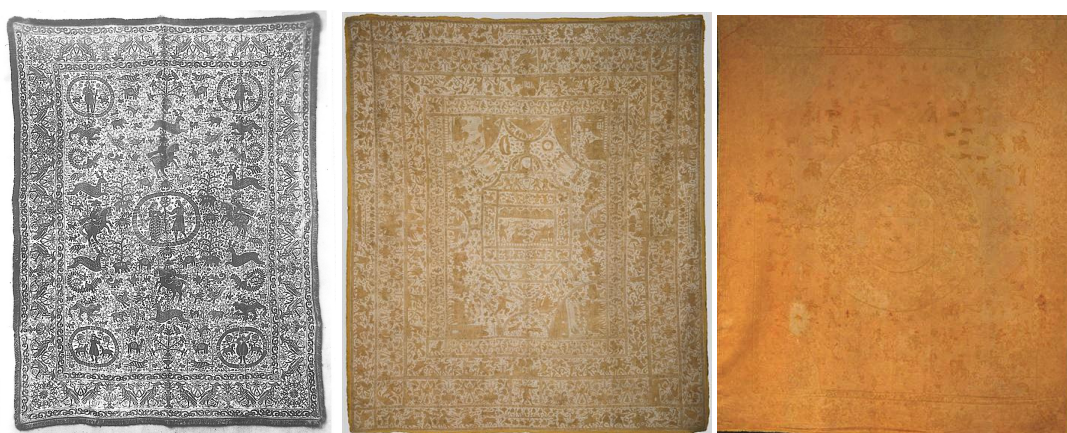


Figura 4. Colchas 3418Tec, 3692Tec e 3703Tec

Tabela 11. Resultados analíticos da colcha inv. 3418Tec

Amostra	Cor	Resultado (nm)	Interpretação
3418_1	Amarelo	8 Σ ap-glu, 38lu-7-glu, <1srw, 6ap-7-glu, 3ap- 7-o-glu, 33lu, 7ap, 3lu- glu (254)	Lírio dos tintureiros + Sappan wood
3418_2	Salmão claro	100srw (254)	Sappan wood
3418_3	Amarelo (franja)	13 Σ ap-glu, 42lu-7-glu, 6ap-7-glu, 3ap-7-o-glu, 25lu, 2 Σ lu-glu, 5ap (254)	Lírio dos tintureiros
3418_4	Castanho (tinta)	OA/60lu-glu, 40 lu (254)	Lírio dos tintureiros

Tabela 12. Resultados analíticos da colcha inv. 3692Tec

Amostra	Cor	Resultado (nm)	Interpretação
3692_1	Amarelo	TR=38.4min (254)	Sem tingimento
3692_2	Amarelo (franja)	13 Σ ap-glu, 31lu-7-glu, 13lu-glu, 3srw, 6ap-7- glu, 3ap-7-o-glu, 22lu, 10ap (254)	Lírio dos tintureiros + Sappan wood

Tabela 13. Resultados analíticos da colcha inv. 3703Tec

Amostra	Cor	Resultado (nm)	Interpretação
3703_1	Amarelo escuro	74lu-7-glu, 7ea, 13lu, 6 Σ lu-glu (254)	Lírio dos tintureiros + Tanino
3703_2	Amarelo (franja)	6 Σ ap-glu, 68lu-7-glu, 2srw, 9ap-7-glu, 12lu, 2ap (254)	Lírio dos tintureiros + Sappan wood
3703_4	Amarelo claro	64lu-7-glu, 10ea, 5ap-7-glu, 14lu, 7lu-glu, (254)	Lírio dos tintureiros + Tanino



Figura 5. Colchas 3704Tec, 4574Tec e 3719Tec

Tabela 14. Resultados analíticos da colcha inv. 3704Tec

Amostra	Cor	Resultado (nm)	Interpretação
3704_1	Vermelho (franja)	2lacE, 9lacC, 2 Σ lac', 5 Σ fk', 42lacA, 33lacB, 3fk (254)	Laca indiana
3704_2	Azul (franja)	15indi', 6in, 1R, 78 ir (254)	Índigo
3704_3	Castanho (borla franjada)	23 Σ srw', 75srw (254)	Sappan wood
3704_4	Amarelo (borla franjada)	5Yflav, 33Y, 62cur (254)	Açafrão da Índia
3704_5	Azul (borla franjada)	17indi', 26Y, 18in, 5ir (254) 61in, 39ir (288)	Índigo
3704_6	Verde (borla franjada)	15indi', 18Y, 7in, 60ir (254) 7in, 93ir (288)	Flav + Índigo

3704_7	Vermelho (borla franjada)	2lacC, 8 Σ lac', 7 Σ fk', 38lacA, 43lacB, 2fk (254)	Laca Indiana
3704_8	Verde (franja)	43ru, 16qu, 2indi', 4in, 35ir (254) 7in, 93ir (288)	Sofora + Índigo
3704_9	Amarelo (franja)	100Y anthraq(254)	YellowTR27,5min
3704_10	Laranja	35 Σ safY, 10lu-4'-O-glu, 1Ct1, 5Ct2, 17Ct3, 13Ct4, 6ap, 3safO, 10car (254)	Cártamo
3704_11	Azul	85in, 15ir (288)	Índigo
3704_12	Rosa escuro	4lac E, 7lacC, 6 Σ lac', 1 Σ fk', 46lacA, 32lacB, 2fk, 1Yanthraq, 1O (254)	Laca Indiana
3704_13	Verde claro	6ber', 75ber, 6ru, 2qu, 2indi', 1in, 8ir (254) 3in, 97ir (288)	Chinese barberry + Sofora + Índigo
3704_14	Azul escuro	45in, 55ir (288)	Índigo
3704_15	Azul médio	52in, 48ir (288)	Índigo
3704_16	Rosa claro	2dcII, 90ca, 4 Σ dc', 1dcIV, 1dcVII, 2fk (254)	Cochinilha
3704_17	Castanho (forro)	78 ea, 4rub, 9al, 9pu (254)	Tanino + Garança
3704_18	Vermelho (forro)	32 ea, 3rub, 46al, 12pu, 4mu, 3pp (254)	Tanino + Garança
3704_19	Verde escuro	9ber', 86ber, 1indi', 1in, 3ir (254) 3in, 97ir (288)	Chinese barberry + Índigo
3704_20	Salmão	15 Σ safY, 6lu-4-O'-glu, 2Ct1, 12Ct2, 31Ct3, 20Ct4, 10ap, 2safO, 2car (254)	Cártamo
3704_21	Amarelo claro	?	Corante amarelo não identificado
3704_22	Castanho (borda)	13ber, 7srw', 71srw, 8 Σ Y, 1R (254)	Sappan wood + Chinese barberry + Amarelo não identificado
3704_23	Amarelo (fundo)	24lu-7-glu, 56R, 20 Σ Y (254)	???

Tabela 15. Resultados analíticos da colcha inv. 3719Tec

Amostra	Cor	Resultado (nm)	Interpretação
3719_1	Amarelo (franja)	84srw, 1cur-des, 14cur, 1cur-bis (254)	Sappan wood + Açafrão da Índia

Tabela 16. Resultados analíticos da colcha inv. 4574Tec

Amostra	Cor	Resultado (nm)	Interpretação
4574_1	Amarelo	TR=38.4min* (254)	Sem tingimento
4574_2	Azul escuro	TR=38.4min* (254) 43in, 57ir (288)	Índigo
4574_3	Amarelo (franja)	23ea, ?(254)	? + Corante amarelo

* compost da seda tussah



Figura 6. Colchas 4582Tec e 4583Tec

Tabela 17. Resultados analíticos da colcha inv. 4582Tec

Amostra	Cor	Resultado (nm)	Interpretação
4582_1	Amarelo	TR=38.4min*, safY like (254)	Amarelo semelhante ao cártamo + ?

* compost da seda tussah

Tabela 18. Resultados analíticos da colcha inv. 4583Tec

Amostra	Cor	Resultado (nm)	Interpretação
4583_1	Amarelo	8Σap-glu like, 42lu-7- glu, 6ap-7-glu, 2ap-7- O-glu, 31lu, 8ap, 3lu- glu like (254)	Lírio dos tintureiros
4583_2	Vermelho	1dcII, 56ca, 6srw,	Cochinilha + Sappan

		32ea, 3dcIV, 1dcVII, 1fk (254) 43in, 57ir (288)	wood + Tanino
4583_3	Amarelo escuro	9 Σ ap-glu like, 39lu-7-glu, 5ap-7-glu, 3ap-7-O-glu, 36lu, 8ap (254)	Lírio dos tintureiros
4583_4	Amarelo claro	12 Σ ap-glu like, 36lu-7-glu, 6ap-7-glu, 3ap-7-O-glu, 31lu, 10ap, 2lu-glu like (254)	Lírio dos tintureiros
4583_6	Amarelo (franja)	12ap-glu like, 47lu-7-glu, 11ap-7-glu, 4ap-7-O-glu, 18lu, 8ap (254)	Lírio dos tintureiros



Figura 7. Colchas 4588Tec, 4593Tec e 4620Tec

Tabela 19. Resultados analíticos da colcha inv. 4588Tec

Amostra	Cor	Resultado (nm)	Interpretação
4588_2	Amarelo (franja)	4ea, 1ap-7-glu, 1lu, 76 Σ Y', 16Y (254)	Corante amarelo + Tanino*
4588_3	Amarelo	70 Σ Y', 16Y (254)	Corante amarelo*

* E composto TR=38.4 min (da seda tussah)

Tabela 20. Resultados analíticos da colcha inv. 4593Tec

Amostra	Cor	Resultado (nm)	Interpretação
4593_1	Azul (fundo)	69in, 31ir (288)	Índigo
4593_2	Cru	-	Sem tingimento
4593_4	Azul (franja)		Sintético
4593_5	Amarela (franja)		Sintético
4593_6	Rosa (franja)		Sintético
4593_7	Amarelo (fundo)	-	Sem tingimento

Tabela 21. Resultados analíticos da colcha inv. 4620Tec

Amostra	Cor	Resultado (nm)	Interpretação
4620_1	Amarelo	TR=38.4min* (254)	Sem tingimento

* compost da seda tussah

2. Análise das fibras

Análise das fibras foi realizada através de microscopia óptica, analisaram-se as fibras longitudinalmente e em casos pontuais fizeram-se cortes transversais, usando resina e endurecedor Specifix-40 Kit (Specifix resin + during agent) da Struers, para realizar os cortes.

Assim verificou-se que:

- 1) A seda doméstica (*Bombyx mori*) foi usada nos bordados das colchas 112, 635, 1750, 2137, 2138, 2164, 3418, 3703, 3704, 3719 e 4583. Foi também identificada no tecido de fundo das colchas 2225 e 3704.
- 2) A seda selvagem (tussah) foi usada nos bordados das colchas 2281, 3692, 4574, 4582, 4588 e 4620
- 3) Identificou-se algodão no tecido de fundo das colchas 3692, 3703, 3719, 4565 e 4597. Também foi detectada no bordado das colchas 4565, 4593 e 4597
- 4) O linho foi identificado no tecido de fundo das colchas 1759, 2137, 2138, 2164 e 4583. No bordado da colcha 2225 também foi usado o linho.

3. Conclusões

Comparando os dois tipos de análise, aos corantes e às fibras, pode concluir-se para cada uma das peças têxteis que:

112 – Nesta colcha usou-se seda doméstica e corantes asiáticos (laca indiana e sappan wood)- Materiais asiáticos e por determinar pelo que **poderá ser Indiana**.

635 – Usou-se seda doméstica e corantes asiáticos (laca indiana e índigo com maior quantidade de indirubina que indigotina) e europeu (garança - *Rubia Peregrina* L., mais comum nos países mediterrânicos) – Materiais asiáticos, excepto um corante mediterrânico e comparando com outras colchas **parece ser uma peça portuguesa**.

1750 – Foi usada seda doméstica no bordado e linho no tecido de fundo. Corantes europeus (lírio dos tintureiros e índigo com mais indigotina que indirubina) e sul-americanos (*Cochinilha*) – **provavelmente uma colcha portuguesa** em que se usaram diferentes produtos comercializados.

2137 – Foi usada seda doméstica no bordado e linho no tecido de fundo. Corantes europeus (lírio dos tintureiros e índigo com mais indigotina que indirubina) e asiático (Sappan wood) – **provavelmente uma colcha Portuguesa** usando diferentes produtos comercializados.

2138 – Foi usada seda doméstica no bordado e linho no tecido de fundo. Corantes europeus (lírio dos tintureiros e índigo com mais indigotina que indirubina) e asiático (Sappan wood) – **provavelmente uma colcha Portuguesa** usando diferentes produtos comercializados.

2164 – Foi usada seda doméstica no bordado e linho no tecido de fundo. Corantes europeus (lírio dos tintureiros e índigo com mais indigotina que indirubina) e asiático (Sappan wood) – **provavelmente um bordado feito em Portugal** usando diferentes produtos comercializados sobre um **tecido indiano**.

2225 – Bordado feito em linho e tecido do fundo em seda doméstica. Corante europeu (lírio dos tintureiros) – **provavelmente uma colcha portuguesa**.

2281 – Bordado feito com seda selvagem e naturalmente amarela. Corante do tecido de fundo não identificado – **provavelmente uma colcha indiana**.

3418 – Bordado em seda doméstica. Corantes europeu (lírio dos tintureiros) e asiático (sappan wood) – **provavelmente uma colcha Portuguesa**.

3692 – Bordado feito com seda selvagem e naturalmente amarela e tecido de fundo em algodão. Corante europeu usado (lírio dos tintureiros) usado na franja – **provavelmente uma colcha indiana com franja portuguesa**.

3703 – Foi usada seda doméstica no bordado e algodão no tecido de fundo. Corantes europeu e asiático (lírio dos tintureiros, sappan wood) – **provavelmente uma colcha portuguesa** usando diferentes produtos comercializados.

3704 – Foi usada seda doméstica no bordado e no tecido de fundo. Corantes asiáticos (indianos e chineses: Açafraão da Índia, Laca indiana, Cártamo, *chinese barberry*, e índigo com mais indirubina que indigotina) – **tanto pode ser uma produção asiática ou portuguesa usando seda tingida na Ásia**.

3719 – Foi usada seda doméstica no bordado e algodão no tecido de fundo. Corantes asiáticos (Açafraão da Índia, sappan wood) – **pode ser uma colcha portuguesa ou indiana** usando diferentes produtos comercializados.

4565 – Foi usado algodão no bordado e no tecido de fundo; linho na franja (foi a única peça analisada com linho na franja, todas as outras são em seda doméstica). **Tanto pode ser uma colcha portuguesa ou indiana**.

4574 – Bordado feito com seda selvagem e naturalmente amarela. Corante amarelo da franja não identificado e índigo (mais indirubina que indigotina) – **provavelmente uma colcha indiana**.

4582 – Bordado feito com seda selvagem naturalmente amarela e tingido com um corante amarelo não identificado – **provavelmente uma colcha indiana**.

4583 – Foi usada seda doméstica no bordado e linho no tecido de fundo. Corantes europeus e (lírio dos tintureiros e índigo com mais indigotina que indirubina) e sul-americano (cochinilha) – **provavelmente uma colcha portuguesa** usando diferentes produtos comercializados.

4588 – Bordado feito com seda selvagem naturalmente amarela. Corante amarelo não identificado na franja – **provavelmente uma colcha indiana**.

4593 – Foi usado algodão no bordado e seda selvagem e algodão no tecido de fundo. Corante europeu (índigo com mais indigotina que indirubina) ou também sintético (como os outros corantes presentes nesta colcha) – **atribuição indeterminada**.

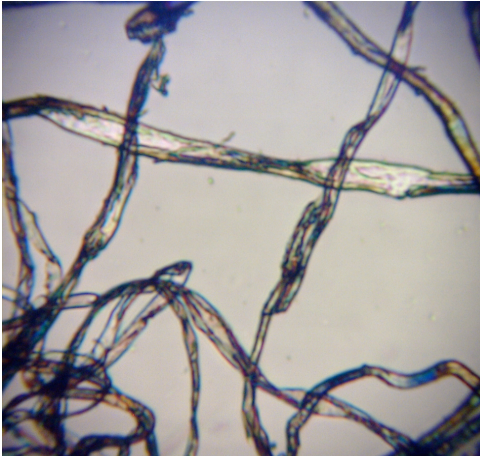
4597 – Foi usado algodão tanto no bordado como no tecido de fundo. As fibras não estão tingidas. – **pode ser uma colcha portuguesa ou indiana**.

4620 – Bordado feito com seda selvagem naturalmente amarela.- **provavelmente uma colcha indiana**.

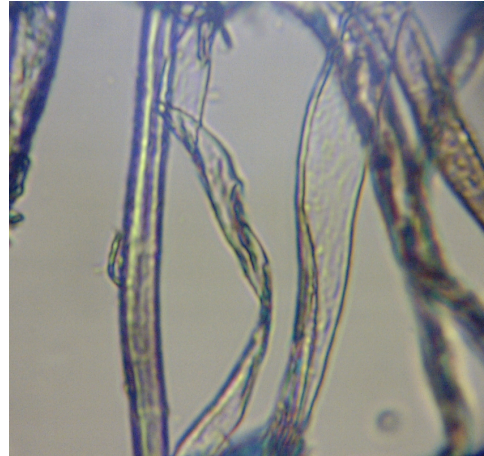
TEXTILE MUSEUM CONSERVATION DEPARTMENT
FIBER ID FORM

OBJECT: BED SPREAD
ACCESSION NUMBER: T 548
DATE OF REQUEST: 2012. 08. 08

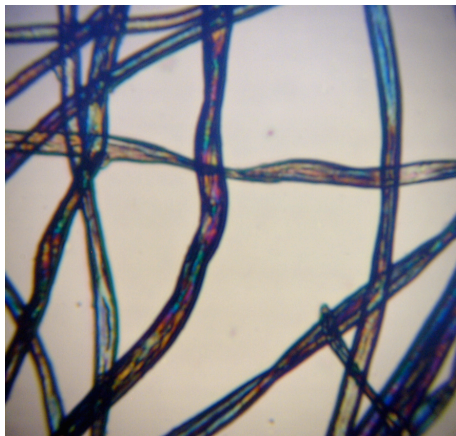
PROVENANCE: MUSEU NACIONAL MACHADO DE CASTRO
REQUESTED BY: Inês Cristovão
DATE OF ID: 2012. 12. 03



Magnification: About 200x
Location: Warps from Backing
Observations: Photomicrograph taken using the dino capture, polarized light microscope
ID: Cotton



Magnification: About 260x
Location: Warps from Backing
Observations: Photomicrograph taken using the dino capture, polarized light microscope
ID: Cotton



Magnification: About 200x
Location: Warps from ground
Observations: Photomicrograph taken using the dino capture, polarized light microscope
ID: Cotton



Magnification: 260x
Location: Warps from ground
Observations: Photomicrograph taken using the dino capture, polarized light microscope
ID: Cotton